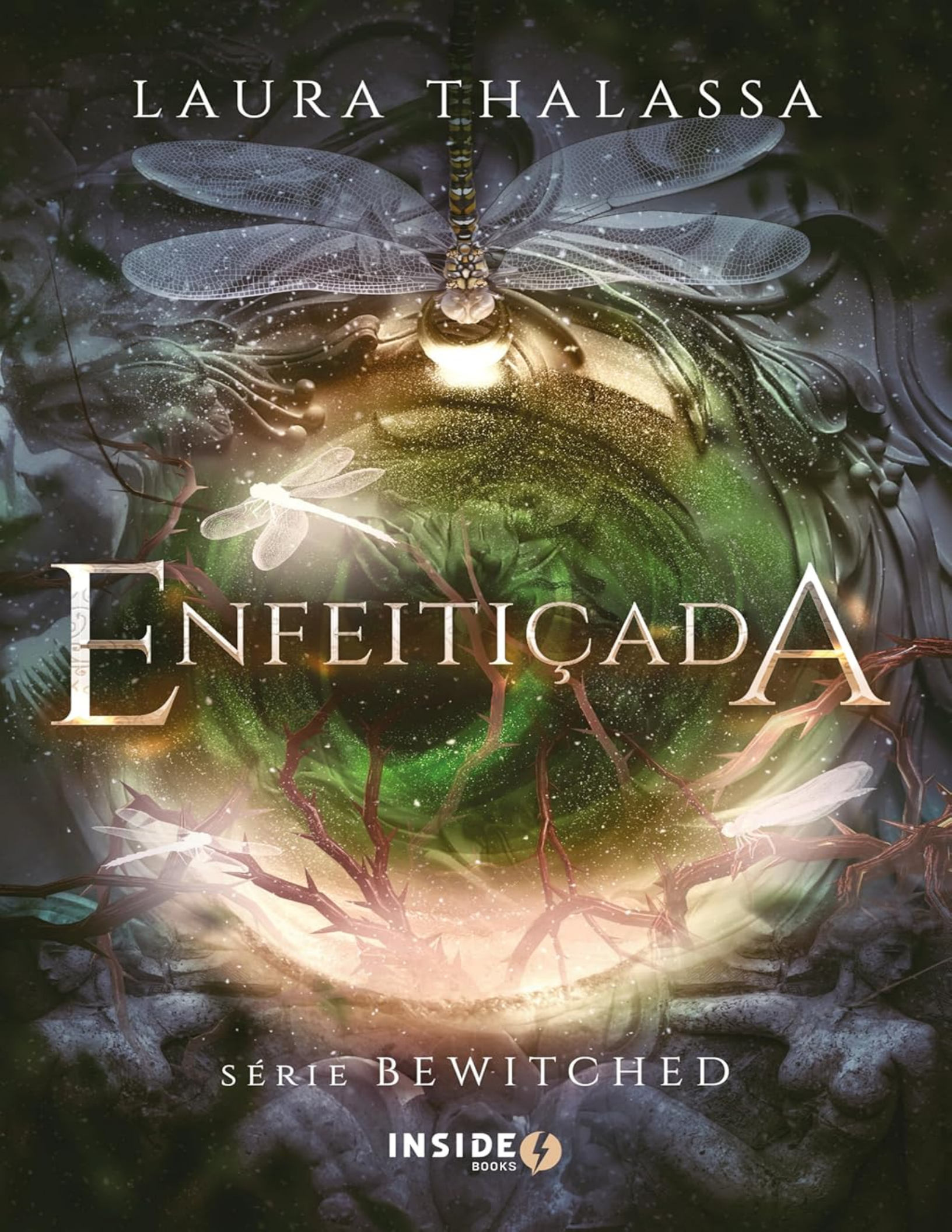
LAURA THALASSA
ENFEITIÇADA
SÉRIE BEWITCHED
INSIDE BOOKS

ENFEITIÇADA

Copyright © 2025 BESPELLED by Laura Thalassa
Tradução © 2025 by Book One
Todos os direitos de tradução reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Coordenadora editorial	*Francine C. Silva*
Produtora editorial	*Caroline David*
Tradução	*Leticia Zumaeta*
Preparação	*Daniela Toledo*
Revisão	*Talita Grass e Tássia Carvalho*
Adaptação de capa	*Francine C. Silva*
Capa original	*Sourcebooks e Story Wrappers, by K.D. Ritchie*
Projeto gráfico e diagramação	*Bárbara Rodrigues*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

T342e Thalassa, Laura
Enfeitiçada [livro eletrônico] / Laura Thalassa ; tradução

de Leticia Zumaeta. — São Paulo : Inside Books, 2025.
448 p. (Coleção Bewitched ; vol. 2)

ISBN 978-65-85086-70-7 (e-book)
Título original: *Bespelled*

1. Ficção norte-americana 2. Literatura fantástica I. Título II. Zumaeta, Leticia III. Série

25-2672 CDD 813

LAURA THALASSA

ENFEITIÇADA

SÉRIE BEWITCHED
VOLUME DOIS

São Paulo
2025

INSIDE BOOKS

Para Ali, Lembrai, lembrai…

UM BREVE RESUMO DE COISAS QUE EU NÃO POSSO ESQUECER (NA POSSIBILIDADE REMOTA DAQUELE ESCROTO DO MEMNON MEXER COM MINHA MEMÓRIA DE NOVO)

Meu nome é Selene Bowers. Tenho vinte anos. Sou filha de Olivia e Benjamin Bowers. Minha melhor amiga é Sybil Andalucia. Eu participo do Coven Meimendro (finalmente!). Apesar da relutância inicial do coven (elas não gostaram que a minha magia come minhas lembranças), fui aceita depois que elas descobriram que eu usei minha magia para pousar um avião no meio da Floresta Amazônica. É uma longa história. As únicas partes realmente importantes são: 1) enquanto estava lá, encontrei meu familiar, Nero — é a pantera mal-humorada que fica me seguindo feito uma sombra. Pois é, essa é a personalidade dele de verdade. Não o leve a mal. Lá no fundo, ele é muito bonzinho. E 2) eu… despertei um cara.

Tá, então, ele não é só um cara aleatório. É um escroto arrombado do caralho. Memnon, o Amaldiçoado, é um feiticeiro de dois mil anos de idade que acredita que eu sou a esposa dele, que morreu há muito tempo e que o enfiou numa tumba bolorenta e o forçou a um sono eterno dois milênios atrás. A reviravolta que ninguém estava esperando é que eu sou mesmo a esposa morta dele. (Só lamento se você estiver redescobrindo isso agora. Minhas condolências.)

Eu e Memnon — se prepara — somos almas gêmeas, destinados a ficarmos juntos porque o destino estava bêbado no dia em que tomou essa decisão. Antes mesmo de você sequer cogitar que essa situação é romântica, por favor, tenha em mente que Memnon é terrível, impiedoso e me odeia. Ele tacou fogo nos meus diários, que continham todas as minhas lembranças.

Esse feiticeiro também me incriminou numa série de assassinatos. As vítimas eram bruxas — algumas delas, irmãs de coven. Eu conhecia uma, Charlotte Evensen. (Eu e Nero tivemos o azar de encontrar o cadáver dela.) Sou inocente, mas a Politia, a força policial sobrenatural, agora acredita que eu sou uma assassina em série. Apesar das aparências, Memnon também não é o assassino. O verdadeiro culpado ainda está solto por aí, e

os corpos das vítimas estavam dilacerados e cobertos por magia das trevas. Seja lá quem ou o que fez isso, é maligno de verdade.

Os metamorfos da Alcateia Marin me consideram uma amiga da matilha e estão dispostos a ajudar a provar minha inocência. (Se) QUANDO eu limpar meu nome, preciso me reunir com a alcateia para falar de outro assunto que tenho que resolver: um círculo mágico que deu muito errado.

Duas semanas atrás, no dia 14 de outubro, na noite de lua nova, eu participei de um círculo mágico nos túneis de fuga abaixo do dormitório Campina do Corvo (também conhecido como minha casa) porque eu estava falida e precisava de grana.

Pois é, péssima ideia. A sacerdotisa tentou forçar um enlaço numa garota metamorfa chamada Cara, que estava extremamente intoxicada. Eu quebrei o círculo antes de o feitiço ser completo, e consegui tirar a garota de lá, mas rolou uma batalha mágica violenta, e agora há pelo menos uma bruxa desaparecida: Kasey. As outras que participaram do círculo mágico estavam todas de máscara, então não sei quem eram, mas é muito possível que algumas morem na minha casa. Ou seja, posso estar comendo e dormindo ao lado de minhas inimigas.

Memnon tem me ajudado a lidar com as consequências do círculo mágico, e sinceramente, por um momento, cheguei a pensar que poderia relevar suas muitas, muitas questões. Ele tem lá suas qualidades:

1. *Jeitão de bad boy*
2. *Músculos e tatuagens*
3. *Venera o chão que eu piso, isto é, quando não está no seu modo vingativo*
4. *Lindo de doer*
5. *Me trata muito bem no quesito… deixa pra lá*

Infelizmente, ele quase asfixiou um salão inteiro cheio de gente sobrenatural e forçou que eu me lembrasse do meu passado, sendo que eu disse a ele explicitamente que não queria isso. Então, ele é péssimo.

Ah, e agora eu estou noiva dele. É um juramento inquebrável, então… foi mal.

Boa sorte.
Beijinhos, Selene

Capítulo 1

Porra, que noite de merda.

Estou sentada no chão de concreto de uma das celas mal iluminadas da Politia, com os braços pendurados sobre os joelhos, o vestido do Baile de Samhain esparramado ao meu redor.

Olho distraída para o chão. Minha mão ainda arde do corte que fiz mais cedo para desfazer minha *maldição*. E nem é a única coisa que dói.

Uma enxaqueca como nenhuma outra está destruindo meu crânio, graças ao uso excessivo da minha magia hoje. Mas essa nem é a parte mais dolorida do meu corpo no momento.

Mal consigo respirar devido à dor no peito e às lembranças que agora inundam minha cabeça.

Quando acordei pela manhã, eu era Selene Bowers, uma bruxa de vinte anos com perda de memória causada por magia. E estou terminando a noite como Selene Bowers, uma bruxa de vinte anos que tem duas memórias completas — uma desta vida e uma de outra.

Uma onda de náusea me atinge, em parte por causa da enxaqueca, em parte por causa da quantidade de lembranças que foram enfiadas de volta no meu cérebro. Todas elas exigem minha atenção, mas especialmente as lembranças mais estranhas, esquisitas, *antigas*.

Agora, me concentro nessa outra vida, a de Roxilana.

Quer dizer, a *minha* vida. Minha primeira vida.

Ela se desenrola diante dos meus olhos como um filme ruim. As batalhas, as mortes, o desespero para sobreviver.

A parte mais doce e linda daquela vida foi Memnon, aquele escroto insuportável. Odeio que logo hoje, logo após uma das piores noites da minha vida, quando eu deveria detestar o feiticeiro mais do que nunca, minha cabeça está cheia de lembranças de seus toques, suas promessas sussurradas de amor eterno e seu puro *magnetismo*. Isso me atraía nele todas as vezes, quando eu era Roxilana, e puta merda, isso me atrai até agora.

Naquela vida antiga, ele lutou por mim e me amou com ferocidade. Atravessou a Europa para me encontrar e depois fez de mim sua rainha. E ainda se tornou um dos homens mais poderosos e monstruosos da Antiguidade para realizar meus desejos. A gente tinha aquele tipo de amor que é tão maravilhoso que beira a dor.

Até, é claro, o momento em que tudo desmoronou.

E tudo desmoronou tão espetacularmente quanto começou.

Ao longe, uma porta de metal se abre, o som bagunça meus pensamentos.

Levanto a cabeça, me perguntando se é agora que vou ser interrogada. Minha exaustão aumenta com a ideia. Acho que já não tenho a energia para alegar minha inocência direito, mesmo que agora tenha as lembranças para provar.

Ouço o tom baixo de um oficial falando com o homem de plantão. Então, dois conjuntos de passos se aproximam da minha cela. Um deles eu reconheceria em qualquer lugar, o som determinado e pesado daquela passada provoca arrepios. Um momento depois, um sopro de magia índigo serpenteia na direção das barras da cela.

Memnon.

A dor em mim se aprofunda. No entanto, depois de tudo o que ele fez hoje, sinto raiva na mesma medida que sofrimento. Está enterrada sob a dor da minha enxaqueca, mas como queima.

A magia de Memnon atinge as barras de ferro da minha cela, mas, em vez de passar, seu poder atinge uma sentinela, e a fina fumaça azul recua com o contato.

— São celas neutralizantes — explica uma voz masculina. — Nenhuma magia entra ou sai. São enfeitiçadas para impedir os prisioneiros de usarem seu poder.

Prisioneiros como eu, ele quer dizer.

— Você sujeitou minha *noiva* a isso? — Memnon diz, com ameaça escorrendo de sua voz. Meu estômago embrulha com essa palavra. *Noiva*. Acho que prefiro *prisioneira*.

— Garanto que havia um mandado de prisão contra ela…

— Ela foi presa e detida sob falsas acusações — Memnon interrompe, com tom afiado como lâmina. — Espero que o seu departamento compense isso.

Que *audácia* desse homem em exigir qualquer coisa da Politia, sendo que, na real, foi ele mesmo quem me colocou aqui.

Seus passos pesados e ameaçadores param bem na frente da minha cela. Mesmo com o feitiço suprimindo minha magia, dá para sentir o latejar da presença do feiticeiro, seu poder transborda de seu corpo.

Foi esse poder impressionante que me colocou nesta confusão para começo de conversa. A magia de um feiticeiro consome sua consciência, então quanto mais poderosos, mais insensíveis. E minha alma gêmea é muito, muito poderosa e muito, muito insensível.

— *Est amage*.

Eu não reajo. Estou exausta demais *para* reagir.

O policial destranca a cela, cuja porta faz barulho ao abrir.

— Srta. Bowers, parece que o departamento cometeu um erro com a sua prisão — ele diz, sem qualquer emoção. — Por favor, aceite nossas desculpas. A senhorita está liberada. — Ele se afasta e abre espaço para mim.

Solto um suspiro longo e derrotada. Não gostei de ficar nesta cela fria e úmida, onde meu poder é silenciado, mas estou ainda menos ansiosa para correr para os braços de minha alma gêmea vingativa.

— Fazer beicinho não combina com você, noiva.

Essa maldita palavra. Faz minhas têmporas latejarem com mais força.

Levanto a cabeça e olho para a parede de concreto à minha frente.

— Não quero ir embora com ele — digo ao policial.

Sinto o homem olhando entre mim e Memnon.

— Senhorita — ele finalmente diz. — Você não… — Suas palavras são interrompidas de repente.

— Ei! — outro oficial de plantão grita. — O que você pensa…? — Sua voz também é interrompida de repente e, um momento depois, ouço o baque surdo de seu corpo atingindo o chão em algum lugar distante.

Finalmente, olho para trás e vejo minha alma gêmea agarrando o primeiro oficial pela nuca. As pálpebras do homem tremem, e sei com uma clareza de revirar o estômago que Memnon está alterando mais uma mente agora. Ele já fez isso num salão cheio de meus colegas mais cedo, logo depois de quase matar todos eles.

Quando Memnon enfim solta o policial, o homem volta com calma por onde veio. Ele nem se dá ao trabalho de olhar para qualquer um de nós,

tampouco de verificar o outro policial de plantão aqui.

E agora estou sozinha com o feiticeiro.

Ainda assim, evito seu olhar.

— Eu não vou com você — digo.

— Não estou te dando escolha — ele responde.

Ele dá um passo ameaçador para dentro da cela, depois outro e mais outro. Antes que eu consiga raciocinar, fico de pé. A ação desperta todas as minhas dores, e quase desmaio sob o peso de todas elas.

Xingando, Memnon se aproxima e segura meu corpo vacilante.

E agora, embalada em seus braços, finalmente olho para minha alma gêmea.

Admiro sua pele bronzeada, seu cabelo preto e ondulado e aqueles olhos hipnotizantes, que são castanho-escuros nas bordas e claros como uísque perto da pupila. Faz apenas algumas horas que o vi pela última vez, mas meu olhar percorre seu nariz levemente aquilino e seus lábios carnudos e curvos, suas maçãs do rosto salientes e seu queixo bem definido. Por fim, me prendo na cicatriz que vai do queixo até a orelha esquerda e depois corta o canto do olho esquerdo.

É como ver um fantasma e, por um momento, velhas lembranças eclipsam as novas. Estendo a mão, meus dedos roçam sua bochecha.

A expressão de Memnon suaviza ao toque, e é o que basta para que o resto do nosso passado ultrapasse minha mente confusa.

— *Est xsaya. Est Memnon* — sussurro. — *Vak watam singasavak.*

Meu soberano. Meu Memnon. Você sobreviveu.

Alguma emoção aterrorizante surge em mim. Parece uma faca serrilhada, me cortando de dentro para fora. Não consigo identificar o que sinto ou por que sinto isso, mas sei que se Memnon já não estivesse me segurando, minhas pernas iriam ceder.

Tão perto de mim, vejo suas pupilas dilatarem e ele fica imóvel.

— Você se lembra — Memnon diz, quase desesperadamente.

— Claro que lembro. Você me forçou a isso.

E agora toda aquela raiva volta a crescer dentro de mim. Fecho os olhos com força e tento debilmente me afastar dele, mesmo com a cabeça latejando e o estômago embrulhando.

— Ah, não, bruxinha — ele diz suave, *gentilmente*. — Eu não vou te soltar agora. — Ele me levanta nos braços e marcha para fora da sala.

No momento em que cruzamos aquele limiar mágico que separa as celas neutralizantes do corredor, meu poder inunda meu corpo, a sensação é tão repentina e aguda que me faz engulhar.

No mesmo instante, a magia de Memnon me invade, deslizando pela minha boca e descendo pela garganta, acalmando minha náusea.

Solto um suspiro trêmulo e me inclino, cansada, para o peito do feiticeiro. Percebo distraidamente que ele tirou o terno, trocando-o por uma camisa de manga longa preta e justa, calça jeans preta e coturnos.

— Mais alguma coisa dói? — ele pergunta, com tom gentil. Gentil até demais.

Todo o resto dói: minha cabeça, minhas articulações, minha própria pele. Mas acima de tudo, meu coração.

— Não está na hora de você se gabar? — provoco em vez de responder, enquanto sou carregada pelo bloco de celas vazio. — Você me derrotou de todas as maneiras.

A magia de Memnon se estica adiante e abre a porta de metal pesada à nossa frente.

— Vou me gabar quando minha futura esposa estiver se sentindo melhor.

Futura esposa.

Faço cara feia para a expressão, e então uma careta quando sinto uma pontada forte na cabeça. Caralho, como eu *odeio* juramentos inquebráveis e essa palhaçada de noivado.

Junto à porta de saída, tem um policial estatelado no chão, com os olhos fechados e o peito subindo e descendo sem parar. Memnon faz uma pausa para se agachar ao lado dele, me equilibra em um dos braços e usa o outro para tocar a testa do homem.

— *Você bebeu demais e pegou no sono durante o plantão* — ele murmura. — *Agora está envergonhado e não vai contar para ninguém*.

Memnon se levanta, me embalando nos braços mais uma vez. Se eu estivesse me sentindo melhor, teria feito alguns comentários ácidos sobre o que ele acabou de fazer. Mas, sinceramente, estou cansada e com dores demais para isso.

— Onde é que dói mais? — Memnon pergunta quando saímos do bloco de celas, como se tivesse lido meus pensamentos.

— Minha cabeça. — Não tem nem por que mentir. Parece que tem uma britadeira no meu crânio.

Assim que falo, Memnon reajusta o braço em volta das minhas costas, de modo que sua mão segura minha testa.

— *Alivie a dor* — ele murmura em sármata.

A magia sai dele, parte deslizando pelas minhas narinas e parte afundando bem na minha pele.

A enxaqueca desaparece na hora, cada pulso de dor menos intenso que o anterior, até desaparecer por completo.

Solto um suspiro, me aconchegando nos braços de Memnon por um instante…

Não. Peraí. Ele ainda é o inimigo. Não vou aproveitar esse colo, ele acabou de arruinar a minha vida.

— Eu consigo andar — insisto, enquanto Memnon me carrega pelo corredor vazio da Politia.

Na verdade, não tenho certeza quanto a isso, mas nem fodendo que vou deixar Memnon continuar me arrastando por aí como se eu fosse indefesa.

— Tudo bem então, bruxinha — ele diz, quase indulgentemente, como se eu estivesse sendo fofa e bobinha.

Pela deusa, como eu adoraria esfaquear este homem com uma faquinha de manteiga.

Ele se curva, deixando meus pés tocarem o chão de linóleo e me mantendo estável enquanto fico de pé. Ainda estou usando os saltos que peguei emprestados de Sybil hoje para o Baile do Samhain, e assim que Memnon me solta, minhas pernas tremem como se eu fosse um filhote recém-nascido. Por um segundo, tenho certeza de que vou cair de cara, mas então encontro o equilíbrio.

Memnon se aproxima de mim e se ajoelha aos meus pés. Franzo a testa para ele.

— O que você…?

Ele pega uma das minhas pernas e a levanta, colocando meu pé em sua coxa. Eu pulo um pouquinho antes de descansar os braços em seus ombros e apoiar o peso nele.

Penso em dar um chute na boca dele quando ele tira o salto agulha de Sybil do meu pé. Franzo a testa para ele.

— O que você está fazendo? — exijo saber.

— Tirando esses sapatos ridículos para você poder andar — ele responde, massageando a planta do meu pé.

Minha carranca se aprofunda.

O feiticeiro dá um beijo no meu tornozelo e depois coloca meu pé no chão.

Meu coração palpita e, ai, não, não estou gostando disso.

Neste exato momento, coloquei Memnon numa categoria que gosto de chamar de *Monstros Malignos do Caralho*. É uma boa categoria, uma categoria bem *precisa*.

Se ele começar a ser legal, meu vínculo e minhas lembranças da vida passada podem se unir para recatalogá-lo em alguma outra categoria muito menos adequada para ele.

Memnon tira meu outro sapato e depois recolhe os dois saltos. Ele se levanta, forçando minhas mãos a deslizarem de seus ombros. De repente, todos os quase um metro e noventa daquele homão pairam sobre mim.

— Melhor? — ele pergunta.

— Não precisava da sua ajuda para tirar os sapatos. — Olho feio para ele, só para deixar claro.

Memnon sorri um pouco, com os olhos brilhando. Ele não está nem aí para a minha raiva.

Deveria ter chutado ele quando tive a chance.

— Venha, bruxinha — ele diz, colocando a mão possessiva na curvinha das minhas costas. — Vamos terminar de te liberar e sair daqui.

Capítulo 2

Saio para o ar frio da noite, a porta da delegacia da Politia se fecha atrás de mim. Meu cabelo está sujo, minha pele, pegajosa de suor e sangue, e o vestido preto está rasgado em alguns lugares.

Estou só a derrota.

Memnon se aproxima de mim, passando a mão pelas minhas costas. Se eu sou a derrota, então ele é uma vitória em sua forma mais pura.

— E aí, quais são seus planos para mim agora? — pergunto.

Sem dúvida existem planos. Afinal, a noite é dele. Estou só de acompanhante.

Um fio de fumaça azul envolve minha barriga como um abraço fantasma, e ouço sua voz dentro de mim, cruelmente íntima.

Eu e você vamos para casa.

Eu apostaria todo o dinheiro que tenho que ele não se refere à *minha* casa. O que significa… que finalmente vou conhecer a casa dele.

Um arrepio percorre meu corpo. Não quero ir para lá, mas também estou curiosíssima para ver onde ele está morando.

— Contanto que tenha uma cama… — Faço um gesto na minha frente. — Mostre o caminho.

Vou bolar algum plano de vingança amanhã. Neste momento, porém, esta é uma rendição total.

O asfalto áspero machuca as solas dos meus pés, enquanto Memnon me guia pelo estacionamento em direção a um carro esporte.

— *Esse* é o seu carro? — Minha voz é de completo choque. Eu sabia que o homem tinha conseguido algum dinheiro, mas não tanto. — Quantas mentes você andou vasculhando?

Ele deve estar extorquindo dinheiro das pessoas a torto e a direito.

Seus dedos pressionam minhas costas.

— Minha parceira sempre pensa o pior de mim.

— É que assim eu me decepciono menos.

Bem, quase. Os critérios é que vão ficando *cada vez* mais baixos.

Espero sentir o calor da raiva de Memnon através do nosso vínculo. Em vez disso, ele solta uma gargalhada alta e divertida.

— *Est amage*, o mundo pode girar e os tempos podem mudar, mas graças aos deuses, algumas coisas permanecem as mesmas.

Faço careta para ele. Não vou abordar isso.

Olho para o carro.

— Você ao menos *sabe* dirigir?

Há um brilho conspiratório em seus olhos.

— Eu falo a sua língua e visto as suas roupas modernas. Tenho um carro, e uma casa, e uma conta bancária cheia de dinheiro. O que você acha, imperatriz?

— Acho que você roubou o carro junto de uma ou duas lembranças de como dirigi-lo.

— Aqueles que detêm o poder ditam as regras — ele me lembra, tal qual o senhor da guerra cruel que é.

Foi isso que fez Memnon percorrer o mundo antigo com tanta facilidade. Ele não era apenas inteligente, forte e inescrupuloso; sua capacidade de obter conhecimento de outras pessoas lhe permitiu aprender muito rápido.

Eu só não tinha percebido o quanto… até agora.

Ele abre a porta do carro para mim. Dentro do veículo, uma sombra se move, seus olhos dourado-esverdeados brilham na escuridão.

— *Nero*! — Eu praticamente me jogo em meu familiar, meu corpo debruçado sobre o assento de couro para que eu possa alcançar melhor a pantera. Só faz algumas horas que nos separamos, mas eu estava preocupada com o meu carinha peludo.

Ele também deve ter ficado preocupado comigo, porque me dá uma cabeçada e se esfrega em mim com muita intensidade para uma pantera que se orgulha em ser arredia.

Enquanto estou de dengo com meu familiar, Memnon cuidadosamente coloca minhas pernas dentro do carro e fecha a porta.

Quando o feiticeiro abre sua própria porta, ele inspira fundo.

— *Nero* — ele rosna.

Me afasto da minha pantera, e só agora me dou conta do que minha alma gêmea viu.

Nero destroçou o interior do carro. Os bancos traseiros estão em frangalhos, e o interior de espuma está espalhado pelo que sobrou deles. Ele

arranhou a parte de trás dos bancos dianteiros, o couro está pendurado em tiras. Até o painel central em que estou apoiada foi arruinado.

Não sei o quanto minha pantera entende sobre a situação entre mim e Memnon, mas isso parece um grande *vai se foder* felino, e eu sou super a favor.

— Você é um familiar tão bom — digo baixinho, acariciando Nero pelo flanco enquanto ele esfrega a cabeça em mim. — Desculpa por ter deixado você daquele jeito — sussurro, me referindo tanto a esta noite quanto a outra noite fatídica há um tempo, quando meu familiar e eu fomos forçados a nos separar.

O gatão continua a se esfregar em mim, seu humor excepcionalmente complacente.

Ouço Memnon suspirar enquanto sua magia inunda o interior do carro, engrossando o ar até que eu não consiga ver quase nada. Quando ela se dissipa, o interior do carro está impecável mais uma vez.

Então o feiticeiro entra, dobrando o corpo maciço no banco do motorista. De repente, o espaço parece muito, muito pequeno.

Solto Nero, deixando-o se acomodar no banco de trás enquanto coloco o cinto de segurança. O motor ruge e Memnon manobra muito bem o carro luxuoso para fora do estacionamento e para a rua.

Parece que o feiticeiro sabe dirigir mesmo.

Apoio a cabeça na janela e olho cansada para a noite escura, observando as luzes da rua e a folhagem sombria passarem.

— Quando você vai se casar comigo? — eu pergunto em voz baixa.

Não posso deixar de perguntar. Pouco antes de eu ser presa, Memnon disse que nos casaríamos de imediato. Já se passaram horas desde que fizemos aquele juramento inquebrável, e me sinto como um peixe preso no anzol, esperando para ser puxado para a morte.

Memnon se aproxima e segura minha mão machucada, virando-a de forma que minha palma cortada fique voltada para cima.

— Hoje não, *est amage*. Você ainda carrega as marcas da nossa batalha.

Solto um suspiro trêmulo.

Hoje não.

Que alívio.

Olho para o ferimento de antes, quando cortei a palma com sua lâmina, fiz os juramentos e quebrei a maldição. A ferida começou a formar uma

casquinha, embora a carne ao redor esteja vermelha e irritada.

— Então quando? — insisto.

Os dedos de Memnon roçam o corte, seu toque suave. Um sopro de sua magia se espalha, acariciando-o. Quase instantaneamente, a carne se recompõe e sela até que a costura da ferida desapareça.

— Olhe para mim, Selene. — É uma ordem, mas tudo o que ouço é um apelo. Memnon quer conexão, segurança. Afinal, esse era o seu grande plano. Ele não pode ressuscitar o passado, mas pode pelo menos extrair minhas lembranças dele. Suponho que, no centro de toda a vingança do feiticeiro, ele simplesmente queria se sentir menos solitário. Meu olhar relutante encontra o dele. Ele desviou brevemente sua atenção da estrada à nossa frente. — Não importa quando vamos nos casar, bruxinha. — Ele aperta minha mão recém-curada. — Nem a magia nem o tempo podem nos separar. — Seus olhos são luminosos. — Somos como as estrelas. Eternos.

Pretendo ficar acordada. Tenho toda a intenção de observar as ruas que levam à casa de Memnon, e depois cada detalhe da própria casa. Mas as estradas sinuosas que cortam as montanhas ao norte de São Francisco vão me ninando, o relógio diz que já passa das três da manhã, e meu cansaço está me dominando. Pode até ser que, apesar do meu ódio por Memnon, algo profundo em mim se sinta extremamente reconfortado por estar no carro com ele e meu familiar.

Seja qual for o caso, percorro cerca de cinco quilômetros antes que minhas pálpebras comecem a se fechar e mais um quilômetro antes de fechá-las de vez.

Me mexo mais duas vezes — uma vez para sentir meu corpo sendo carregado em braços fortes e quentes, e outra quando sou colocada num colchão macio e aconchegante.

A voz de Memnon ecoa dentro de mim quando adormeço.

Fique tranquila, minha brava rainha. Não precisa mais lutar. Está segura comigo.

Capítulo 3

Pisco, grogue, e me espreguiço, aproveitando a sensação da luz do sol em minha pele e o cheiro masculino grudado nos lençóis.

Estendo a mão à procura do dono daquele cheiro, mas não acho nada além de cobertores.

Franzo a testa e me sento, reprimindo um bocejo. Por um instante, fico confusa, porque nunca pus os olhos no quarto enorme e envidraçado em que estou agora, e não faço ideia de como cheguei aqui. Lembro muito bem da noite passada, não graças ao feiticeiro, mas minha memória dá um apagão depois que entrei no carro com ele.

Memnon deve ter me carregado no colo e me colocado na cama. A cama *dele*. Isso me faz endireitar a coluna e focar o olhar. Devo estar na casa dele, embora o homem não esteja em lugar nenhum.

Meu olhar percorre avidamente a sala. A primeira coisa que noto é o espaço. Aqui, no norte da Califórnia, só sendo podre de rico para conseguir pagar por algo maior que uma lata de sardinha.

Memnon com certeza é podre de rico.

A suíte é enorme e ainda mais cavernosa pela falta de mobília. Tem a cama, uma estante na parede à esquerda e uma poltrona ao lado. Além disso, não há nada, exceto as janelas panorâmicas que ocupam a maior parte de três paredes da sala. Pelas janelas em frente à cama, dá para ver as colinas costeiras e, pelas que estão à minha direita, vejo várias árvores perenes que ladeiam a casa. Para além delas, a floresta surge, escura e solitária. Não sei a que distância estamos do Coven Meimendro, mas a vegetação é parecida.

Ao longo da parede direita há também um banheiro enorme, e à minha esquerda fica a porta de saída.

— Memnon? — chamo.

A casa permanece em silêncio. Um minuto depois, porém, Nero entra no quarto, com a pelagem especialmente brilhante sob a luz suave. Ele caminha até a cama e sobe. Estendo a mão e o acaricio.

— Eu já te disse que você é o melhor familiar do mundo todinho?

Ele me lança um olhar desconfortável, mexendo um pouco as orelhas. Imagino que essa seja a expressão que os adolescentes dão aos pais. Acho que ele usou todo o seu estoque de sentimentalismo ontem à noite durante o nosso reencontro. Passo a mão em seu pescoço.

— Memnon? — chamo novamente.

Cadê esse feiticeiro, caramba? Cá estou eu, em sua cama, onde ele aparentemente estava tentando me jogar esse tempo todo, mas agora é ele quem está faltando.

Jogo os lençóis de lado, reprimindo um palavrão quando me dou conta de que estou vestindo uma camisa grande demais — a camisa *dele* — e a mesma calcinha de antes.

Ele tirou a minha roupa. Mas é claro.

Desgraçado.

Uma parte pequena e razoável de mim está disposta a dar uma colher de chá para o cara — ele provavelmente só queria que eu dormisse à vontade. Mas foda-se ele e o fato de que ele viu meus peitos enquanto eu ainda estava com raiva. Fervo só de pensar nisso.

Memnon, quase rosno através de nosso vínculo.

A primeira coisa que sinto é seu sorriso.

Você está acordada, noiva. Dormiu bem?

Faço careta com essa palavra. Noiva. Juro que ele continua falando assim só para me irritar.

É melhor você ter fechado os olhos quando tirou a minha roupa, digo.

Tudo o que sinto é aquele sorriso persistente do lado dele do vínculo, maldito seja.

E cadê você?, exijo saber.

Alguém está chateada porque eu não estava na cama com ela quando acordou?

Cerro os dentes. Ele é tão arrogante e *brincalhão*.

Quando você volta?, pergunto.

Sinto a alegria dele. *Já está com saudades?*

Se for pra evitar a destruição do seu ego frágil, então com certeza. Estou com tanta saudade que posso até morrer se não te ver de novo.

Do outro lado da nossa conexão, silêncio. Finalmente, Memnon diz: *Fale comigo assim de novo e eu te darei tudo o que seu coração mais deseja.*

Meu coração deseja se livrar de você. Se puder me dar isso, claro, posso sussurrar clichês vazios no seu ouvido.

Do outro lado do vínculo, o humor de Memnon já não é mais tão alegre. Na verdade, posso jurar que sinto uma pontada de mágoa. Quase rio com a ideia. Pode ser que ele não tenha me derrotado ainda.

Volto para casa em breve, ele muda de assunto.

Breve? Breve? Como assim, porra? Quinze minutos? Duas horas? Preciso saber quanto tempo tenho.

Mas para ele, apenas digo: *Ah, que bom, então vou afiar as facas para o seu retorno.*

Sua diversão retorna. *Imperatriz, você está falando minha linguagem do amor.*

Com esse pensamento final e perturbador, ele se afasta da conexão.

Como ele sabe sobre o conceito de "linguagens do amor"? Deixa pra lá. Não importa. Preciso dar o fora daqui.

Olho para a camisa preta enorme que estou usando.

Bem, primeiro trocar de roupa, depois fugir.

Vou até o closet ao lado do banheiro. No meio do caminho, um pedaço de renda pendurada chama minha atenção.

Meu estômago embrulha e, por um instante, fico com medo de que alguma outra mulher tenha estado aqui com Memnon.

Não, não pode ser. Pode?

Odeio me importar. Ele e suas péssimas escolhas que tomem no cu.

Ainda assim, ouço meu coração bater forte dentro do peito enquanto corro na direção do armário, atraída por um fascínio horrorizado pelo que posso encontrar lá dentro.

Roupas femininas? Armas? Corpos? Só a deusa sabe.

O closet é quase tão grande quanto todo o meu quarto no coven. *Ele é* tão *podre de rico*. Apesar do espaço, não há muita coisa lá dentro no que diz respeito às roupas de Memnon. Vejo um punhado de ternos pendurados, bem como algumas camisas e calças dobradas nas prateleiras.

Não que eu esteja prestando muita atenção a isso.

Meus olhos estão presos naquele único pedaço de renda, que agora, vendo mais de perto, parece um vestido justo. Estendo a mão para pegá-lo, meu estômago embrulha ao pensar em outra pessoa usando isso perto de Memnon, até que me dou conta de que ainda está com a etiqueta.

Solto o ar, com a respiração instável. Tá bom, então não é de uma mulher misteriosa. Que alívio. Para ela, é claro. É melhor não chegar perto desse cara.

Deixo esse vestido para lá e puxo outro. Esse também ainda está com a etiqueta.

Todas as roupas femininas parecem ter etiquetas.

Elas também são mais ou menos do meu tamanho.

A ficha cai. *Isto aqui é para mim.*

Isso realmente não deveria me surpreender — afinal de contas, Memnon pretende se casar comigo. Ainda assim, é… demais para a minha cabeça.

Um sentimento antigo, que pertence a Roxilana, surge.

Isso a teria conquistado. Facilmente.

Antes de Memnon levá-la embora e se casar com ela, ela não tinha um tostão furado. Mesmo para mim, por mais independente que seja, ser mimada assim é bem legal.

É dinheiro sujo, Selene. E o preço é deixar aquele cuzão fazer o que quer.

Mas nem fodendo que isso vai rolar.

Olho para as roupas por mais um momento. Tenho mesmo que me vestir, admito. Examino as peças até encontrar uma calça jeans e uma camiseta branca simples.

Deusa, me perdoe por roubar do diabo.

Em uma sapateira abaixo, há três pares diferentes de sapatos do meu tamanho, um dos quais por acaso é um Doc Martens.

Pego os coturnos.

Me perdoe, deusa, por pegar isto também. E por ficar com eles.

Quero dizer, não é todo dia que se ganha Doc Martens novinhos em folha.

Pego os itens, vou até o banheiro e visto as roupas às pressas, com a agitação aumentando. Não sei onde Memnon está, mas devo ter pouco tempo antes de ele voltar.

Quando me endireito, noto que há uma foto encaixada na moldura do espelho. Uma foto *minha*.

Nela, estou brindando uma taça de champanhe com algumas pessoas que estão fora do enquadramento. Lembro que ela foi tirada na última véspera de Ano Novo, quando Sybil, eu e algumas irmãs de coven estávamos numa

festa em um apartamento. É uma foto espontânea, na qual estou genuinamente sorrindo e meus olhos captam a câmera por acaso.

Meu coração faz uma coisa esquisita ao encontrar essa foto no banheiro vazio de Memnon, sabendo que ele deve tê-la tirado de um dos meus álbuns de fotos e colocado aqui, onde a vê todos os dias, ao lado de seu próprio rosto.

Saio do banheiro e pego meu celular, que está em uma das mesas de cabeceira. Ele se apega a apenas cinco por cento de bateria.

Coloco-o no bolso de trás e examino o ambiente mais uma vez.

Não há muito para ver neste quarto, assim como também não havia muito no banheiro e no closet. Por alguma razão, presumi que haveria. Memnon é bom em jogar o jogo dos governantes e, no mundo moderno, grande parte disso significa possuir muitas coisas caras. Mas até agora, não há nada que indique isso.

Acho que meu ex-senhor da guerra é um pouco rústico demais para dar a mínima para conforto. Ou ele ainda está acumulando riqueza, uma vítima de cada vez.

Preciso sair daqui, agora.

No entanto, minha atenção se volta para o único lugar onde Memnon acumulou itens: sua estante. Sem querer, meus pés me levam até lá.

Ele tem livros de Plínio, o Velho, escritos em latim original, junto das versões gregas da Ilíada, da Odisseia e dos escritos de Heródoto, e algumas poesias antigas. Há uma biografia de Nero, bem como algumas histórias da Europa, Ásia, África e Américas, que abrangem o período em que Memnon e Roxilana viveram.

Meus olhos descem para as prateleiras inferiores, onde se prendem nas lombadas familiares dos meus cadernos.

Perco o ar.

Não é possível. Memnon os queimou. Eu o *vi* queimá-los.

Caio de joelhos, com a descrença e a esperança — uma esperança dolorosa e terrível — tomando conta de mim, e retiro um caderno. Este está coberto por constelações de folha de ouro. Abro e um sonzinho escapa pelos meus lábios quando vejo meu nome e a data escrita na minha caligrafia. Na página seguinte, há anotações sobre como chegar ao restaurante onde eu trabalhava na época. Ao lado, rabisquei um feitiço para tirar amassados das roupas.

Folheio mais algumas páginas, cheias de polaroides, notas adesivas, listas de afazeres, orientações de trajetos, feitiços que achei que valiam a pena lembrar e desenhos esboçados.

Meu polegar percorre um desses esboços, este de um grifo sármata. Engulo a estranha onda de emoções que isso traz à tona antes de passar pelo resto do caderno.

É meu mesmo, sem dúvida alguma. De alguma forma, está inteiro mais uma vez.

É um truque. Só pode ser. Eu vi esses cadernos queimarem, toquei seus restos carbonizados. Lembro do cheiro acre da fumaça que impregnava o quarto depois que eles foram reduzidos a cinzas.

Pego outro diário e o folheio. Depois outro.

Fecho os olhos com força, a garganta apertada de emoção. Apesar dos meus esforços, uma lágrima rebelde escorre.

Não sei como Memnon conseguiu surrupiá-los do meu quarto ou fingir seu fim violento, mas *eles ainda existem*. Ele os salvou.

Por uma fração de segundo, sinto uma onda de ternura pelo feiticeiro. Aí, lembro que ele me manipulou e me coagiu. E ainda me incriminou por assassinato e me forçou a desfazer aquela maldição contra minha vontade.

Então foda-se ele e suas pequenas gentilezas.

Voltando para o closet, procuro qualquer coisa onde eu possa guardar meus cadernos. Escondida num canto distante, encontro uma bolsa de viagem preta com uma faca, uma corda e algumas abraçadeiras.

Nem um pouco suspeito.

Esvazio a bolsa, levo-a até a estante e despejo todos os meus cadernos nela. São tantos que não consigo nem fechar. Em vez disso, coloco o trambolho no ombro, com um sorrisinho por conta do peso. De repente, me sinto mais eu mesma, tendo meus cadernos por perto.

Pego o celular e, ignorando a série de mensagens e notificações, peço um carro para Nero e para mim.

— Nero — chamo a pantera, que ainda está esparramada na cama do nosso inimigo. — Hora de ir.

Não o espero me seguir. Meu corpo está tremendo de nervosismo e determinação. Peguei meus cadernos de volta. Agora preciso voltar para o coven e botar uma porrada de sentinelas no meu quarto para que feiticeiros mandões não possam se aproximar de mim.

Saio do quarto, com Nero em meu encalço. Nós dois passamos por vários cômodos que se ramificam no corredor da casa, bem como por uma ampla sala. Lamento o fato de ter que sair daqui. Estou mesmo curiosa para ver o resto da casa de Memnon.

A porta da frente é uma monstruosidade de bronze. Pego a maçaneta, mas quando vou abri-la, ela não se move. É então que noto a sentinela brilhando tanto na fechadura quanto na superfície da maçaneta da porta.

Olho para Nero, que parou ao meu lado.

— Memnon tem o péssimo hábito de trancafiar a gente enquanto estou inconsciente.

O gatão pisca para mim, claramente entediado.

Coloco a palma da mão na porta e simplesmente espero. Depois de alguns segundos, uma fumaça índigo começa a sair da maçaneta e se enrolar pelos meus dedos. Como da última vez que fiz isso, a magia de Memnon não consegue evitar se aproximar. Ela envolve meu pulso como se estivesse desesperada para me tocar e, ao fazer isso, a estrutura do feitiço deforma e derrete até que a coisa toda escorrega pela porta e sobe pelo meu antebraço.

Ela permanece na minha pele por vários segundos, e depois se dissipa.

Quando tento usar a maçaneta novamente, ela cede, e a luz do sol penetra pela abertura. Sucesso!

No meu bolso, o celular vibra e sei, sem olhar, que meu carro está chegando. O momento não poderia ter sido mais perfeito.

Meu olhar cai sobre Nero e passo os dentes pelo lábio inferior. Ele vai ser um problema para quem vier nos buscar.

Coloco a mão na cabeça do gatão, fazendo-o abaixar as orelhas.

— *Do ulibad povekomsa pesagus diveksu kuppu mi'kanutgusa buvekatasava.*

Esconda este grande gato do olhar de todos, menos do meu.

Meu poder, que ainda está se recuperando da noite passada, vai saindo devagar do meu corpo e escorre pelo de Nero. Com o feitiço, não vem nenhum formigamento ou aquela pontada habitual na minha cabeça pela qual eu esperava, que indicava que eu estava perdendo lembranças.

Minha perda de memória realmente não existe mais.

Ao lembrar, sinto mais uma vez o ardor da traição.

Ontem pode ter sido o dia de Memnon, mas hoje não, caralho.

Olho de volta para o hall de entrada e para a sala. É mesmo uma casa muito bonita. Que pena.

Fecho os olhos, me concentro no pouco de magia que resta. Não é muito, mas só preciso de uma faísca.

Memnon errou feio ao me deixar com minha ira em seu santuário.

Estendo o braço com a palma para cima e meus olhos se abrem.

— *Elementos antigos, minha fúria inflama. Façam esta casa arder em chamas.*

Minha magia desce pelo meu braço e se acumula até que um fio de fumaça laranja pálida sobe da minha mão estendida, se enrolando e se transformando em chama.

Jogo a bola de fogo na sala, onde ela cai sobre um tapete com franjas. Em questão de segundos, o fogo arde e depois cresce, consumindo o que pode do tapete e de qualquer outra coisa que esteja por perto.

— Bora, Nero — digo. — Bora dar o fora daqui.

Capítulo 4

Quando eu e Nero voltamos ao coven, o Sol já desapareceu atrás de uma espessa camada de nuvens, e me sinto como se tivesse levado uma porrada.

Os feitiços analgésicos de Memnon já devem ter dissipado, e meu corpo está sentindo todas as dores da noite passada, bem como a exaustão mais profunda que vem do uso excessivo da minha magia.

Assim que entro em casa, vou em direção ao salão de jantar, atraída pelo cheiro de sopa e pão fresco. No meio do caminho, sinto um arrepio na nuca. Olho ao redor e noto algumas bruxas me encarando. E quando entro no salão, uma bruxa que estava tocando rabeca para de repente, e os sons de conversa se aquietam, enquanto minhas irmãs de coven olham para mim.

Acabei me distraindo com meu noivo malvadão, mas para essas mulheres, minha prisão deve ter sido o drama da noite — ainda mais porque Memnon as enfeitiçou para esquecerem suas próprias experiências de quase morte.

Ignorando os olhares, pego uma tigela pintada com vinhas da pilha na fila do bufê e a encho de sopa fumegante. Pego um pãozinho de uma cesta próxima e bato em retirada da sala, com Nero ao meu lado.

Só quero me enfiar na cama e maratonar alguma coisa no meu computador, mas não falo com minha melhor amiga, Sybil, desde ontem à noite, e aconteceu tanta coisa desde que nos separamos que parece errado me esconder sem pelo menos passar pelo quarto dela primeiro.

Não me dou ao trabalho de bater quando chego lá, simplesmente entro, seguida por Nero, e coloco o pão e a sopa na mesa dela.

Sybil está de costas para mim, cuidando de seu jardim vertical, sua magia lilás se espalha pela sala. Ela está perdida no seu próprio mundo, cantarolando algo baixinho, no ritmo do qual as folhas balançam. Merlin, seu familiar coruja, descansa em um poleiro sobre a cama, com os olhos fixos em Nero.

— Sybil — chamo.

Minha amiga toma um susto, quase deixando cair o regador.

— Puta que pariu — ela xinga, se virando. Assim que me vê, ela ofega. — Selene! — Ela joga o regador de lado, fazendo Merlin bater as asas quando a água espirra nele e em seu poleiro. Ela atravessa o quarto e se joga em cima de mim. — Fiquei *tão* preocupada. — Ela me abraça com força. — Soube que você foi presa, mas quando liguei para a delegacia, me disseram que você já tinha sido liberada. Mas aí você não me atendia e não dava as caras por aqui. — Ela faz uma pausa para inspirar. — Onde você estava?

— Estava com o Memnon — digo, cansada. Tiro a bolsa de viagem pesada que estou carregando no ombro, quase dando uma cacetada em Nero. Meu familiar me dá o que só pode ser descrito como um olhar feio. — Foi mal, amigão.

Ele mexe as orelhas com o termo. É, não dá mesmo para agradar todo mundo.

— *Memnon*? — Sybil pergunta, fazendo careta. — Que eu saiba, a gente odiava esse cara.

— A gente ainda odeia — confirmo.

— Ah, que bom. Digo, que horror. — Sua testa franze. — Mas ontem à noite, quando vocês estavam indo embora do baile, pareciam ter resolvido as coisas. O que aconteceu?

Solto uma risada exausta que termina em um soluço.

Puta merda, por onde começar?

Me sento na beira da cama, Nero se enrola aos meus pés.

— Se você tiver tempo, eu te conto tudo.

Ela faz que sim com a cabeça, puxando a cadeira da mesinha do computador para se sentar.

— Sou toda ouvidos.

Então eu conto a verdade, sórdida e com todos os detalhes, desde Memnon ter asfixiado o salão cheio de seres sobrenaturais e alterado suas mentes, até me incriminado pelos assassinatos e me forçado a concordar com suas exigências de merda.

Sybil fica dizendo vez por outra um “puta merda”, com os olhos grudados em mim.

Assim que termino, ela solta uma risadinha histérica.

— Então, deixa eu ver se entendi: você não é mais suspeita… — faço que sim com a cabeça — … mas está noiva de um psicopata… — outro

aceno. — …e agora consegue se lembrar do seu passado?

Dou um sorriso triste.

— Pois é, é bem assim que estou.

— Não acredito — ela admite, me encarando com atenção.

No lugar dela, é provável que eu também não acreditaria.

— Me pergunte sobre uma lembrança que você sabe que esqueci.

Sybil se recosta na cadeira.

— Hum… tá bom. — Ela tamborila os dedos no apoio de braço. — O que a gente fez na noite da nossa formatura do ensino médio?

Essa é fácil.

— Enchemos a cara de bebida barata e nadamos peladas no mar da Irlanda. Estava um frio de rachar, aliás.

Sybil fica boquiaberta.

— Santa meia-noite. Você lembra mesmo — ela diz, baixinho. As luzes do quarto piscam, pontuando a afirmação. — E sua magia não vai mais consumir lembranças na próxima vez que você lançar um feitiço?

Faço que não com a cabeça.

— Não.

Os olhos de Sybil se enchem de lágrimas enquanto percorrem meu rosto.

— Como *você* se sente quanto a isso?

Suspiro e me levanto, pegando meu pãozinho antes de voltar para a cama dela. Pão vai ajudar, né?

— Péssima. Com raiva. Um pouco esperançosa, e depois culpada por sentir esperança. — Rasgo o pãozinho no meio e dou uma mordida. — Sei lá. Estou tão em conflito.

Sybil se aproxima de mim na cama e faz carinho nas minhas costas.

— Sinto muito — ela diz, a voz suave. — Agora não deve ser uma boa hora para te contar o que está rolando por aqui.

Olho para ela, franzindo a testa.

— Como assim?

— Outra bruxa foi assassinada.

É a minha vez de lançar um olhar incrédulo para ela.

— O quê? *Quando*?

— Acho que alguém descobriu o corpo no meio da noite, na Sempreviva.

Um arrepio percorre meu corpo quando me dou conta de que isso deve ter sido obra de Memnon. Ele tinha levado os outros corpos para a floresta

quando estava me incriminando pelos assassinatos. Durante aquelas horas que passei na prisão, ele deve ter me "des-incriminado". Afinal, ele não planejou se casar comigo para acabar me deixando atrás das grades. Ainda mais depois de ter enchido o closet de roupas para mim.

De repente, o medo inunda meu peito, e fica difícil respirar. Coloco a mão sobre o coração, engasgando um pouco com a sensação. Não consigo entender por que essa reação tão extrema do nada…

SELENE! Memnon vocifera através de nosso vínculo.

Falando no diabo…

O pânico continua a tomar conta de mim, e percebo que são as emoções *dele* que estou sentindo, não as minhas.

Responda se puder! O tom dele é desesperado. *Me diga que você está bem.*

— Tá tudo bem? — Sybil pergunta, repetindo as palavras do feiticeiro. Sua testa enruga quando ela me olha.

Faço que sim com a cabeça. *Estou bem*, respondo brevemente pelo vínculo, só para conter o terror que vem de Memnon. Então, cai a ficha. *Você achou o incêndio.*

Sinto que a ficha também cai para ele.

Foi obra sua?

Sinto alívio se espalhando pelo nosso vínculo, e é como um bálsamo para seu medo anterior. Ele começa a rir. Os pelos dos meus braços se arrepiam com o som.

Que mulher inteligente e cruel. Eu já deveria saber que você teria uma vingança igual à minha.

Só ele para achar um incêndio criminoso engraçado.

— Selene? — Sybil estala os dedos na frente do meu rosto. — O que está rolando? Você deu uma viajada.

— Memnon encontrou o fogo — digo, distraída.

— Que fogo?

— Que eu botei na casa dele.

— Você começou um incêndio? — ela grita.

Faço que sim com a cabeça.

Onde você está agora?, pergunta Memnon.

Em casa.

Não vejo você, ele diz.

Minha *casa*, esclareço.

— Você tá de sacanagem, né? — Sybil continua. — Você não pode simplesmente botar fogo nas casas das pessoas.

— Posso sim, se for uma escrota.

— Selene. — Sybil me lança um olhar condescendente.

Me dê um bom motivo para eu não ir aí agora mesmo e trazer você de volta para cá, Memnon diz.

Vou tacar fogo na sua casa de novo, respondo. *Supondo que alguma coisa ainda esteja de pé*.

Quando esse homem vai aprender a não mexer com bruxas?

Como você está?, Memnon pergunta, mudando de assunto. *Já está desconfortável desde que fizemos aquele juramento?*

Por que eu ficaria desconfortável?

Há uma centelha de diversão. *Você descobrirá em breve. Quando for impossível de ignorar, alma gêmea, pode vir me encontrar.*

Mas nem fodendo, digo. *Enquanto isso, divirta-se resolvendo onde vai dormir hoje.*

Então, me afasto da conexão e olho para Sybil.

— Bom, vou voltar para o meu quarto. Tenho que comer o resto do jantar e guardar os cadernos.

— Peraí, peraí, você não pode simplesmente ir embora depois de ter mencionado casualmente que *tacou fogo na casa de um cara*.

— Não é um cara qualquer — digo, pegando minha sopa, que já esfriou faz tempo. — Minha alma gêmea malvada. Te conto mais sobre isso depois.

Coloco a bolsa de viagem aberta com os cadernos no ombro, e Nero começa a se levantar.

— Vou cobrar, hein? — ela diz atrás de mim enquanto saio de seu quarto.

Eu e Nero subimos até o terceiro andar e passamos por um morcego aleatório voando pelo corredor.

A porta do meu quarto está entreaberta — ninguém se preocupou em fechá-la ontem à noite, depois que fui levada embora. Meu coração fica inquieto com isso.

Termino de abri-la e entro. O espaço ainda está coberto de notas adesivas, e meu mais novo diário está aberto na escrivaninha. É uma cápsula do tempo da minha vida antes de a minha memória ser restaurada. Aquela versão de mim — aquela que elaborou a vida meticulosamente para lidar

com a perda de memória —, sinto como se a tivesse perdido quando ganhei estas lembranças.

E mesmo que haja uma leveza em mim onde a maldição uma vez se abateu, me sinto um pouco como um navio sem leme, forçada a vagar sem rumo.

Nero vem andando até minha cama e pula nela, todo indiferente ao fato de eu estar tendo uma crise existencial.

Ele estica as patas dianteiras e depois se deita de lado, fechando os olhos.

— É, você está mesmo super arrasado por causa da noite passada — murmuro, deixando cair a mochila com meus cadernos. Alguns deles se espalham.

Vou até mesa, olhando a página aberta do meu diário mais recente. Passo os dedos por uma das últimas anotações que deixei para mim mesma:

Não confie em Memnon, o Amaldiçoado.

Ainda me lembro da raiva e do pânico que senti naquele momento. É estranho olhar para ele desta perspectiva. Meus olhos se desviam do aviso para a nota adesiva colada no centro da página. Passo a mão sobre ela antes de me dar conta de que a caligrafia não é minha.

Estreitando os olhos, retiro a nota da página.

Você pode ter esquecido o que aconteceu no círculo mágico, mas nós não.

Deixo a nota adesiva em cima do teclado, encarando-a antes de olhar primeiro para a janela, e depois para a porta antes aberta. As sentinelas que fiz ainda estão no lugar, seus fios de aranha ainda brilham de leve no ar.

Solto o ar. Quem escreveu isso passou pelas sentinelas. Um arrepio percorre minha espinha. Como? Alguém que me deseja o mal não deveria ter conseguido, não sem destruir os feitiços.

Olho de volta para a nota. Estão cientes da minha perda de memória, mas não de que a magia que a causou foi desfeita.

E vão continuar sem saber, decido.

Algo antigo e enterrado se agita dentro de mim. Meus inimigos acabaram comigo uma vez, há muito tempo. Não aguentei isso para ser manipulada mais uma vez.

Puxo a cadeira e me sento, abrindo o caderno em uma nova página. Pode ser que eu não precise deste diário para lembrar de minhas tarefas, mas posso usá-lo para outras coisas.

Pego uma caneta, anoto os eventos perturbadores que aconteceram no campus desde o início do ano letivo:

Bruxas assassinadas
Círculo mágico mensal com feitiços de enlaço ilegais

E me envolvi nos dois eventos. Até agora, eu estava ocupada demais tentando ficar um passo à frente da tempestade de merda para realmente resolver qualquer um deles. Mas agora eu posso. Volto a olhar para a nota adesiva.

Eu *preciso*.

Voltando a atenção para o caderno, bato a ponta da caneta no papel. Muitas das bruxas assassinadas frequentavam o Coven Meimendro.

Tenho muitas perguntas sobre esses assassinatos, começando pelo envolvimento de Memnon, mas antes que eu possa me distrair demais com isso, me forço a examinar o outro incidente listado. O círculo mágico acontece toda lua nova, e a julgar pela experiência que tive, o evento gira em torno de vincular à força um ser sobrenatural relutante — no meu caso, era uma metamorfa — à sacerdotisa que lidera o círculo.

De acordo com a nota adesiva, ela e as outras bruxas não esqueceram que eu estraguei o feitiço delas e, que azar para mim, não sei quem elas são. Todas usavam máscaras. Mas sei que elas conseguiram passar pelas minhas sentinelas e entrar no meu quarto.

Um pouco daquele meu espírito antigo e com punho de ferro surge em mim outra vez.

Se eu quiser viver em paz, terei que lidar com essas bruxas inimigas antes que elas acabem comigo. Remover qualquer ameaça que elas representem para mim é mais importante até do que os estudos.

Me apresso em anotar as informações, e só na metade de rabiscar meus planos é que me dou conta de que são desnecessárias. Eu não vou esquecer.

No entanto, vou precisar de ajuda.

Bato a ponta da caneta no papel de novo.

No passado, Memnon estava tão interessado em descobrir essas bruxas quanto eu. Não creio que o interesse dele tenha algo a ver com vingança. Mesmo então, no auge da sua raiva, acredito que ele ainda tentou me proteger. Tenho quase certeza de que ele estaria disposto a sujar as mãos em meu nome mais uma vez.

Mas ele também pode só usar esse pedido como vantagem para arrancar mais alguma coisa de mim. A ideia me dá calafrios.

Não, isso não vai acontecer. Eu não vou deixar.

Minha mente volta para a última das minhas memórias antigas, as verdadeiramente dolorosas, e pressiono os lábios. Eu tenho minha própria vantagem.

Memnon, chamo através de nosso vínculo.

Sinto o calor vindo da outra ponta do cordão mágico. Tenho certeza de que ele acha que estou finalmente cedendo aos seus desejos.

Antes que ele tenha a chance de falar, eu digo:

Me encontra na Campina da Donzela Morta em uma hora. Eu… Fecho os olhos, forçando a próxima parte a sair. *Eu preciso da sua ajuda.*

Capítulo 5

A dor nos meus ossos está piorando.

Mais cedo, presumi que fosse a exaustão e as consequências de ter esgotado meu poder. Presumi que os feitiços que Memnon lançou para aliviar minha dor haviam passado. Presumi, presumi, presumi.

Mas eu estava errada.

Era isso que Memnon insinuava quando quis que eu fosse até ele.

Estou começando a sentir os efeitos do juramento inquebrável.

Solto um suspiro enquanto caminho entre as enormes árvores perenes, o pavor se acumula em meu estômago. Eu sabia que haveria consequências em não cumprir um juramento mágico. Só não me dei conta de que elas fariam eu me sentir uma merda.

Não sei por quanto tempo vou poder ignorar o juramento antes de acabar implorando ao feiticeiro que se case comigo, só para aliviar a dor.

Entre os galhos das árvores à minha frente, avisto a Campina da Donzela Morta. Da última vez que vim aqui, ainda não participava do coven. O campo parece mais lindo agora, à luz do fim do dia, com o pôr do sol pintando a grama morta de dourada.

E ali, no meio da campina, minha alma gêmea espera, de costas para mim.

Memnon é o som do couro esticado. Ele tem cheiro de suor de cavalo, grama e homem. Ele tem a pele aquecida pelo sol e o cabelo desgrenhado pelo vento. Ele é parte de mim tanto quanto Roxilana, e nenhuma magia ou raiva pode mudar isso.

Como se sentisse meu olhar sobre si, ele se vira, com os olhos se iluminando quando encontram os meus.

Memnon me beija ferozmente ao se afundar em mim. Só existe eu, ele, as pastagens infinitas ao nosso redor e os céus acima de nós.

— Eu sou seu para sempre — ele suspira junto aos meus lábios. Ele se afasta para perscrutar meu olhar, suas feições banhadas pelo suave brilho laranja da minha magia. — Para sempre.

Será que ele pode sentir isso? O passado invadindo como se tivesse presença própria? Será que isso fecha a garganta dele como faz com a minha? Ou sou a única que se afoga nessas lembranças?

— Bruxinha — ele diz, me observando enquanto eu me aproximo. — Você me chamou, cá estou.

Um arrepio percorre minhas costas ao som baixo e doce de sua voz.

— A gente precisa conversar — digo, mudando para o sármata. Aqui, nesta floresta, estamos mais isolados do que no dormitório, mas qualquer um pode estar ouvindo.

Deixo que a magia emane de meu corpo. O brilho laranja-claro nos envolve como um cobertor, formando uma barreira mágica para bloquear o som. Eu não entoo o feitiço, mas ele está lá, mesmo assim, entrelaçado na minha magia apenas através da minha intenção.

Memnon estende a mão, acariciando meu poder como se fosse um gato.

— Sou todo ouvidos — ele diz, seus olhos passam da minha magia para mim.

— Quando desfizemos a maldição, você viu meu passado? — pergunto.

O feiticeiro franze a testa. Seja lá o que ele tenha pensado que eu fosse dizer, não era isso.

— Eu vi suas memórias recuperadas desta vida — ele responde devagar. — Mas assim que a maldição passou para sua primeira vida e você começou a chorar, perdi a conexão.

Ele estava enxugando minhas lágrimas e me garantindo que eu estava bem. Eu quase esqueci esses detalhes.

— Então você não viu como aquela vida acabou — digo, só para ter certeza.

Seu olhar alterna entre meus olhos e minha boca.

— Não, não vi.

— O que você acha que aconteceu?

A expressão de Memnon fica sombria.

— Eu não tenho a menor ideia. É isso que ainda desejo saber. Por que você me amaldiçoou ao sono eterno e o que fez depois disso.

Posso ouvir outras perguntas mais pessoais que ele não expressa, mas que ainda assim ecoam em nosso vínculo.

Você se arrependeu de ter me enterrado vivo? Você me traiu com outro? Você se apaixonou por outra pessoa? Você estava feliz?

— Como foi que eu te traí? — sondo. — Me diga exatamente quais foram os passos que você acha que eu tomei para te sepultar.

Os olhos de Memnon se estreitam quando ele olha para mim, um músculo em sua bochecha fica saltando.

— Selene, se isso for um truque…

— Ah, tem um truque sim, mas nada a ver *comigo*.

Ele ergue as sobrancelhas, pego de surpresa pela minha resposta.

— Me fala — insisto. — Como eu fodi sua vida? Quero saber todos os detalhes que você acha que eu realizei para te botar naquele sarcófago.

A mandíbula do feiticeiro se contrai de indignação.

— Estamos falando da minha vida, que você arruinou…

— Não — interrompo, com o tom de voz cruel. — É a *minha* vida, que *você* arruinou. Dois mil anos atrás, às margens do rio Amazonas, eu *morri* para te salvar de um destino horrível! Não tinha nenhum "grande plano". Não tinha isso de *vida depois de você*. Eu te protegi, e o que você fez quando acordou? Você me culpou. Você me atacou. *Você me* traiu e tudo o que já fomos com a sua vingança.

Memnon faz uma cara como se eu tivesse batido nele.

Pela deusa, como meus ossos doem, como é difícil respirar. Ao nosso redor, minha magia se contorce com minhas emoções agitadas.

— O quê? — Memnon pergunta por fim, com a voz baixa.

— Quer entender melhor o passado e meus motivos? — Pego suas mãos e as coloco em cada lado da minha cabeça. — Veja você mesmo.

Memnon flexiona as mãos junto à minha pele, fios de sua magia saem de suas palmas como se ele não conseguisse conter as emoções. Em nosso vínculo, sinto os primeiros tentáculos de seu medo crescente.

Não acho que ele queira acreditar em mim, nem acho que queira ler minha mente. Não agora que ele sabe que pode não gostar do que encontrar.

— *Vamos* — insisto, ainda segurando e balançando um pouco suas mãos. Meus olhos estão ardendo, e eu não queria ter ficado tão mexida com isso. Eu só queria a ajuda dele, mas é assim que a consigo sem dever nada para ele. É assim que o feiticeiro entende que é ele que me deve. A verdade sobre nosso passado — e a nossa primeira morte — torna tudo o que ele fez comigo mil vezes pior.

Memnon contrai o maxilar, sua cicatriz repuxa um pouco com o gesto. Seus olhos âmbar sustentam meu olhar por vários segundos.

Por fim, ele inclina a cabeça e assente, flexionando os dedos outra vez.

— Tudo bem, imperatriz. Como desejar. — Ele ajusta as mãos. — Repita comigo: *Pes datapzaka kubiwapsasava vi'savva ziwatunutasa vak mi'tavekasavak ozakos detgap.*

Eu desnudo as últimas lembranças da minha primeira vida diante de ti.

Recito a encantação, segurando suas mãos com força, com o coração batendo rápido enquanto me preparo para reviver aquela lembrança em particular.

A magia de Memnon escapa de suas mãos, seus fios azuis deslizam pela minha boca e sobem pelas minhas narinas. Arqueio as costas enquanto a magia vai para minha cabeça, minhas mãos apertam as dele.

E então, aquele dia final e fatídico da minha última vida se desenrola bem diante dos meus olhos.

Capítulo 6
Roxilana

59 DC, Bósforo, Crimeia

Roxi…

Meus olhos se abrem e fico olhando para o teto escuro do quarto do palácio, com a voz de Memnon ressoando em meus ouvidos. Uma sensação profunda e inexplicável de pavor se alojou em minha medula. Foi um pesadelo? Ou outra coisa?

Respiro fundo várias vezes, tentando me orientar, e então estendo a mão à procura de Memnon. O outro lado da cama, onde minha alma gêmea deveria estar, está vazio.

Memnon?, chamo pelo nosso vínculo.

Só tenho o silêncio como resposta.

Ele tinha me acordado, disso eu tenho certeza, então onde ele está?

— Memnon? — chamo baixinho, pensando que talvez ele esteja em algum lugar deste quarto escuro. Mas o espaço parece vazio e ninguém me responde.

Será que ele ficou acordado até tarde, planejando batalhas futuras com seus irmãos de sangue e outros oficiais de alto escalão? Não seria a primeira vez.

Mas se ele *estivesse* acordado, me responderia. Mas ele não responde.

Tento de novo.

Memnon?

Nada.

Meu coração começa a galopar, e a sensação de inquietação com a qual acordei se amplifica.

Talvez meu marido tenha adormecido em outro lugar. Ele não costuma fazer isso, mas é bem plausível. Ele vem trabalhando demais e dormindo de menos, com a mente consumida pela guerra.

Ao pé da cama, Ferox, meu familiar, ergue a cabeça escura, sua forma não passa de uma sombra mais profunda entre o resto do quarto. Minha ansiedade deve estar gritando, a ponto de despertá-lo do sono. Quero dizer à minha pantera para ficar tranquila, mas não posso — não quando ainda estou tentando descobrir o que me deixou nervosa.

Pela janela do palácio, ouço um estorninho enquanto estabilizo a respiração. Até o canto dos pássaros faz minha pele pinicar. Maldito desconforto implacável.

Jogo o lençol de lado, vou até a janela e apoio as mãos no peitoril de pedra, inspirando fundo o ar salgado. Contemplo o porto real e a orla enluarada do Mar Negro.

Outro canto de estorninho se junta ao primeiro. Se eu tivesse acordado menos agitada ou ainda estivesse dormindo, nem teria escutado.

Os estorninhos vêm no inverno, não no ápice do verão. E vêm em enxames de milhões, não em pares solitários.

O gemido e o rangido da madeira me fazem olhar para os navios atracados em nossas docas.

Franzo a testa, e meu desconforto aumenta.

Esses navios estavam lá hoje cedo? Está escuro demais para ter certeza.

Forço os olhos na escuridão, distinguindo algumas figuras naquelas docas. Quanto mais olho, mais silhuetas se acumulam, todas silenciosas como um túmulo.

Tem alguma coisa errada.

Muito, muito errada.

Memnon? Por que você não responde?, suplico, mais para mim mesma do que para ele.

Será que ele sabe de algo acontecendo? Será que aconteceu alguma coisa com ele?

Não. Recuso-me a acreditar nisso. Eu o sinto do outro lado do vínculo, mesmo que o lado dele esteja silencioso. Ele ainda está vivo.

Afasto-me da janela, vou até a cômoda ao pé da cama. Abro e, me guiando pelo tato, pego uma camisa e calça. Não me atrevo a iluminar o quarto enquanto me visto, caso meus piores medos se concretizem.

Temos inimigos. Sempre tivemos inimigos. Agora mais do que nunca. Memnon sempre fez questão de estar um passo à frente deles, mas não acredito que ele tenha previsto isso.

Quando termino de calçar as botas, ouço uma batida suave perto do reposteiro, a cortina que cobre o acesso ao meu quarto.

— Roxilana! — uma voz masculina sussurra com urgência. Demoro um momento para reconhecer que pertence a Zosines, o irmão de sangue mais próximo e mais feroz de Memnon. Outra batida insistente. — Roxilana! Acorde!

Estou atravessando o cômodo para abrir as cortinas quando ouço Ferox rosnar baixinho. Fico imóvel.

Muito devagar, olho para minha pantera, sentindo aquela inquietação no estômago. Posso ver pouco além da silhueta do meu familiar, mas enquanto olho para ele, percebo que os olhos de Ferox estão fixos na cortina.

Sigo seu olhar. As sentinelas que se prendem ao portal cortinado, como teias de aranha, agora brilham fracamente na escuridão, como se tivessem sido ativadas. Zosines deve estar tentando entrar — e não consegue. Esse portal é protegido contra intenções malévolas.

Calafrios percorrem minha espinha.

Olho de volta para Ferox, meu corpo ainda está impregnado de inquietação.

— Roxilana! — Zosines chama novamente. Sua voz está mais alta, mais em pânico e insistente.

Meu familiar solta outro rosnado baixo, depois pula silenciosamente no chão, sorrateiro como se estivesse preparando um bote, com a barriga encostada no piso. Acesso nosso vínculo e entro na cabeça de Ferox, curiosa para saber o que o está alarmando.

Não estou nem totalmente acomodada em sua mente quando, antes de qualquer coisa, sinto o cheiro de sangue. Tanto sangue. O ferroso forte o suficiente a ponto de sentir o gosto.

— Roxilana! — Zosines implora. — Estamos prestes a ser atacados! Precisamos tirar você daqui agora!

Toco de leve as cortinas fechadas entre nós, imaginando o guerreiro alto em minha mente. Zosines e Memnon são grandes amigos desde crianças; os dois são ligados por um juramento de sangue e por muitas, muitas batalhas. Meu parceiro confia a vida a ele.

Mas minha intuição e a observação estão me dizendo algo completamente diferente.

— *Sufoque* — sussurro.

Não vejo minha magia esvoaçar em torno da garganta de Zosines, mas ouço seus engasgos surpresos e depois o barulho de algo pesado caindo no chão, seguido pelo baque de seu corpo. Quando ele está imobilizado o suficiente, só então ouso afastar a cortina.

Do outro lado, Zosines agarra a garganta, tentando inutilmente arrancar meu poder dali. Aqueles que não exercem magia não conseguem impedi-la. Ao lado dele, está uma adaga medonha, que ele devia estar empunhando quando me chamou.

Sem palavras, ordeno à minha magia que traga a lâmina para mim. A arma chacoalha no chão por um momento antes de atravessar o espaço e cair na minha mão.

Me aproximo de Zosines, ajoelho ao lado dele e indolentemente pressiono a adaga em sua garganta.

Ele arregala seus olhos escuros para mim.

— O que você está fazendo? — ele ofega.

Sinceramente, não faço a menor ideia, mas o pânico ainda envolve meu sangue e minha intuição nunca me deixou na mão.

Liberto mais do meu poder para que o envolva, prendendo-o no lugar. A última coisa que quero é que Zosines fuja, agora que está numa posição vulnerável.

— Onde está meu marido? — exijo saber. Ferox vem para o meu lado, com o olhar infalivelmente fixo no guerreiro.

— Não consigo respirar. — Os olhos de Zosines estão começando a ficar esbugalhados. Eu alivio o feitiço.

— Onde? — insisto.

Zosines respira fundo algumas vezes.

— *Seguro* — ele sibila. — Mas você não está. O palácio está prestes a ser invadido, minha rainha. Não há muito tempo. Precisamos sair daqui.

A angústia é contagiosa, e quero concordar, realmente quero.

O leve cheiro de sangue penetra em minhas narinas, e me lembro de como, mesmo isolado em nosso quarto, Ferox podia sentir o amargor do ferro. Zosines disse que o palácio estava prestes a ser invadido, mas a violência já aconteceu aqui.

Meu olhar percorre sua figura, e percebo então as manchas de sangue fresco em suas roupas. Violência da qual ele deve ter participado.

Ergo os olhos. O resto do corredor está estranhamente silencioso, exceto pelo suave silvo das tochas em suas arandelas. Ao longe, posso ouvir outra coisa. Vozes?

Volto o foco para Zosines, reúno a magia e a forço garganta abaixo do guerreiro.

— *Só a verdade passará pelos seus lábios* — encanto. Zosines se contorce e se agita contra a magia que o mantém no lugar. Ele já viu o suficiente do meu poder para temê-lo. — O que está acontecendo? — exijo saber. Ao perguntar, retiro minha magia completamente de sua garganta.

Ele aperta os lábios.

— Fale. — Minha magia recai sobre ele. — *Agora*.

— Um golpe, sua piranha — ele solta entredentes.

Meu sangue gela. *Um golpe.*

— Onde está Memnon? — A questão é mais urgente do que nunca, agora que sei que há uma recompensa pela cabeça dele.

Zosines ri.

— Sabe-se lá para onde aquela vadia maluca da Eislyn o levou.

Eislyn… o levou? Durante um golpe? Para escondê-lo? Ele não teria permitido isso. Não quando a sua família e amigos mais próximos estão aqui no palácio sob ataque. Mas, pensando bem, não tive notícias dele desde que acordei.

— Ele está vivo? — pergunto.

Zosines dá uma risadinha e eu me concentro nessa reação insensível.

— Duvido que por muito tempo.

Não consigo respirar. Estou me afogando em pânico.

Mais tarde. Posso ficar triste mais tarde. Parece que ele está vivo por enquanto. Com Eislyn. Provavelmente naquela terra além da terra.

Meus dedos se contraem um pouco enquanto luto contra a vontade de caçar minha alma gêmea.

— Por que isso está acontecendo? — exijo saber.

— Os romanos dominaram este território durante um século antes de Memnon o tomar. Eles querem de volta.

Há muitas pistas espalhadas por aí.

— Quem fez um acordo com eles?

Vejo o pomo de Adão de Zosines subir e descer enquanto ele luta contra as palavras. Ele se debate inutilmente contra a magia que o prende no lugar.

— Os planos de Memnon teriam matado todos nós. Eu queria o que era melhor para o nosso povo.

— A quem os romanos fizeram uma oferta? — insisto. Algo foi prometido a alguém.

— A *mim*. — As palavras rasgam sua garganta. — Eles vieram até *mim*. Eislyn intermediou o acordo.

Não achei que fosse possível me sentir pior com a situação, mas é como me sinto. Eislyn também se voltou contra Memnon. Inacreditável. Sempre presumi que, se ela fosse foder alguém, seria a mim.

Ao fundo, posso ouvir mais vozes. Elas soam mais altas, mais ousadas. Qualquer que seja o tempo precioso que eu ainda tenha, está escapando pelos meus dedos.

— Me conte o resto da trama.

Zosines solta uma risada fraca.

— Não é possível que você tenha esperanças de nos passar a perna.

Afasto a adaga do guerreiro de sua garganta. Há um lampejo de curiosidade em seus olhos, talvez um pouco de vitória, como se a futilidade da minha situação estivesse finalmente sendo percebida.

Eu o analiso, encontrando aqueles olhos escuros e tortuosos. Agora, não estou enganada: o triunfo brilha neles. Infelizmente para ele, não pode ver as grossas plumas da minha magia nos envolvendo.

Ajusto a mão em torno de sua adaga e enfio a lâmina na lateral de seu corpo.

Ele começa a gritar, mas não adianta muito. Meu poder engole o som.

— Pare de brincar comigo e me conte toda a trama — ordeno —, e quem sabe eu cure essa ferida.

Ele arqueja, mas uma exultação profana dança em seus olhos.

— Você pagará por isso mais tarde, minha rainha — ele promete, cuspindo meu título como se fosse um juramento.

Giro a faca e Zosines grita entre os dentes cerrados.

— *Responda*.

— Metade dos melhores guerreiros de Memnon estavam envolvidos nisso. Itaxes, Rakas, Tasios, Palakos, Thiabo, Dzoure… e outros — ele ofega. — Vocês dois seriam drogados no jantar. Quando estivessem sedados, o plano era que Eislyn levasse Memnon embora. Ela tinha planos muito específicos para ele. Você viria comigo. Mas você saiu mais cedo do

jantar, então cá estamos. Há quinhentos soldados e mercenários romanos prontos para atacar o palácio, se é que ainda não o fizeram. Outros mil mercenários, principalmente cimérios, estão a postos, caso algo não corra bem.

Tento não me sentir tão desesperada quanto Zosines está fazendo a situação parecer. Memnon derrotou probabilidades piores sozinho. Ainda não acabou.

— O que mais? — pergunto.

Suor começa a formar gotas em sua testa, e sua respiração está ficando curta e superficial.

— A família real e todos os leais a ela deveriam ser mortos. Não podemos arriscar ninguém vingando o rei caído e causando agitação.

O terror percorre meu corpo. Tamara e Katiari, mãe e irmã de Memnon, certamente estão no topo da lista.

— O que você ganha com isso? — pergunto.

Os cantos da boca de Zosines se contraem e têm espasmos enquanto ele tenta conter um sorriso exultante.

— Eu seria rei.

Ah, aí está. Ele traiu seu amigo mais querido pelo poder.

Sua boca continua a se contorcer.

— Algo mais? — incito.

Por fim, ele acrescenta:

— Você. Eu ganharia você como prêmio de guerra.

Levanto as sobrancelhas. Eu? É uma ideia tão absurda.

— Por quê? — pergunto enfim.

A expressão em seu rosto, tornando-se… "cobiçosa" é a melhor palavra para descrevê-la. Eu já vi esse olhar vindo dele antes. Só que nunca prestei muita atenção. O homem tem seis esposas — ele nem sequer deve saber o que fazer com tantas mulheres. *Se tudo sair como ele quer, eu seria a sétima.*

Sou inundada por uma onda de repulsa. Ele claramente não pensou nisso direito. Eu o amaldiçoaria até a morte antes que ele pudesse encostar um dedo em mim.

Os sons distantes de comoção ficam mais altos. Acho… acho que ouço as enormes portas do palácio se abrindo com um gemido. Merda.

— Além de você — digo —, mais alguém vem atrás de mim?

Zosines ri.

— *Todo mundo* está vindo atrás de você. Memnon e seus aliados estão mortos. Aqueles que queriam segui-lo pereceram. Alguns ainda estão sentados naquele salão, os cadáveres estão apodrecendo nas cadeiras. Seus corpos ficarão insepultos, sua carne deixada para apodrecer. Mas se você vier comigo, posso salvá-la. Posso fazer de você rainha mais uma vez.

Rainha? É essa a pretensão dele? Se não fosse pelo feitiço da verdade, eu duvidaria de suas palavras, ainda mais depois que enterrei uma adaga em seu corpo.

Ele deve me querer pelo meu poder. Deve pensar que sua benevolência ao me poupar da morte certa hoje fará com que eu me sinta em dívida com ele. Esses são os costumes dos guerreiros sármatas. Só que não são os *meus*.

— Esta é a sua única chance de viver — Zosines acrescenta.

Suas palavras são pontuadas por gritos de guerra distantes. Os soldados estão dentro do palácio. Perscruto seus olhos.

— Você acha que tenho medo dos romanos? Da morte? Ou que eu me agarraria ao meu trono se Memnon não se sentasse ao meu lado? — Balanço minha cabeça. — Eu o seguiria até os confins da terra. Eu o seguiria até a morte. Mas acho que você deve ir primeiro.

Com um movimento do meu pulso, o poder que nos rodeava agora corre para sua cabeça.

Crec.

Seu pescoço se quebra e minha magia o liberta, derrubando seu corpo mole no chão.

Olho para cima ao ouvir sons de móveis se quebrando e madeira se partindo. Os soldados devem estar invadindo o andar inferior do castelo. Os gritos da legião invasora estão ficando mais altos.

Eu me endireito. Preciso sair daqui se quiser impedir Eislyn antes que seja tarde demais, mas primeiro…

Olho para o corredor onde fica o quarto de Tamara e Katiari. As cortinas do portal foram parcialmente arrancadas. Meu coração bate cada vez mais rápido. Não há mais tempo, mas preciso ter certeza.

Ferox se aproxima, com a cabeça cutucando minha mão para que minha palma repouse sobre ela.

O gesto parece dizer: *estou aqui com você*. Respiro fundo e vou em direção ao quarto delas. No meio do caminho, posso ouvir o gotejar lento de

alguma coisa.

Nem cheguei ao portal ainda quando vejo o corpo de Tamara nas sombras de seu quarto, o torso caído contra a parede, uma ferida sangrenta e aberta no centro do peito, onde alguém a atravessou com uma espada.

Meus joelhos quase cedem, e tenho que tropeçar o resto do caminho até Tamara para não cair. Passo pelas sentinelas ainda intactas que protegem o quarto e caio ao lado dela, embalando seu corpo frio no meu. Sua cabeça cai apaticamente no meu ombro e, embora os gritos e berros estejam se aproximando, por um momento não consigo me preocupar com eles.

Esta é uma rainha *sármata*, uma mulher que liderou exércitos em batalha e tomou decisões de vida ou morte em nome dos seus povos nômades durante anos antes de Memnon assumir o poder. Ela merecia mais do que a lâmina de um traidor no peito.

Continuo segurando o corpo dela junto ao meu, mesmo quando ouço botas na escada de pedra. Meus olhos examinam o quarto, procurando por Katiari, a irmã mais nova de Memnon, com o pavor embrulhando meu estômago. Tenho que lançar um feitiço de iluminação para ver o resto do cômodo.

Sob o suave brilho laranja, vejo o corpo caído de Katiari. Ela está deitada de costas, quatro flechas projetam-se de seu peito, uma poça de sangue abaixo dela.

Com cuidado, solto Tamara, vou para o lado de minha cunhada e toco sua pele de leve. Tem o mesmo frio mortal que o de Tamara. A princesa sármata também se foi.

Um suspiro trêmulo e incrédulo sai de mim. Ela não era apenas uma irmã por casamento, mas também por amor e escolha.

Sou uma criança de novo. Soldados invadiram minha casa, mataram minha família. Meus soluços se transformam em um choro angustiado.

Os simpatizantes romanos fizeram isso. Roma, mais uma vez, *tirou tudo* de mim.

Posso ouvi-los ao final do corredor, derrubando braseiros e rasgando as tapeçarias penduradas.

Uma raiva venenosa cresce em minhas veias, devorando minha dor e transformando-a em algo mais sombrio e mortal.

Estou revivendo uma dor antiga, mas não sou mais uma criança, e esses homens sofrerão.

Outro grito sai da minha garganta, mas este parece selvagem, *colérico*.

Ponho-me de pé, Ferox ao meu lado. Coloco a mão na cabeça dele.

Sussurro um feitiço direcionado ao meu familiar.

— *Armadura impenetrável para o seu corpo* — encanto.

Minha magia se espalha sobre o grande felino, cobrindo-o com uma barreira protetora. Sem prestar atenção no pouco tempo que me resta, uso o mesmo feitiço em mim mesma, meu poder desce pela minha silhueta e me prepara para a batalha. Não vão durar para sempre, feitiços nunca duram, mas por enquanto ele nos protegerá.

Há uma dúzia ou mais de pés vindo em direção ao final do corredor onde estamos, provavelmente atraídos pelo meu grito.

Às pressas, coloco uma maldição nos corpos da minha sogra e da minha cunhada.

— *Pele como a morte, liquefaça as entranhas de qualquer um que ouse tocar nesses cadáveres.* — Minha voz falha na palavra final. Minha mente sabe que essas mulheres se foram; mas meu coração não consegue conceber isso.

Lanço aos corpos um último olhar sombrio. Os soldados tentarão profanar os seus restos mortais. Sorrio malévola ao pensar na morte dolorosa que aguarda esses tolos.

Meu poder se acumula sob a pele, meus músculos e articulações latejam. A raiva faz até mesmo essa dor parecer boa. Olho para o meu familiar.

— Prepare-se, Ferox. Todos além deste quarto são inimigos. Mate tudo o que puder.

Saio do cômodo quando o primeiro soldado romano se aproxima de mim. É um homem jovem com pele dourada e pernas finas e ágeis.

Seus olhos se arregalam um pouco quando me vê, e ele diminui a velocidade um pouco. Atrás dele estão mais de uma dúzia de outros. Levanto a mão, minha magia vai se reunindo.

— *Aniquile*.

BUM! O castelo inteiro treme quando o poder explode de mim, destruindo os soldados à minha frente. Membros ensanguentados voam, atingindo outros soldados mais atrás, derrubando-os.

Tudo o que resta daquele homem de pele dourada é uma marca de sangue no chão.

Avanço enquanto mais soldados vêm das escadas para o corredor.

Esperei tempo demais para sair do lugar, mas pouco importa agora. Minha raiva queima dentro de mim, escaldando minha magia.

Marcho pelo corredor enquanto Ferox arranca a garganta de um soldado, que luta para empurrar o torso mutilado de um camarada caído.

Mais magia se reúne.

— *Aniquile!*

Outra explosão. Mais corpos espalhados. Aqueles lindos elmos romanos são arrancados da cabeça dos soldados, ou então são destruídos *com* a cabeça decepada dos donos.

A visão dos restos mortais espalhados dos soldados acalma algo primitivo em mim. Nunca me considerei particularmente maliciosa, mas parece que por minha alma gêmea e minha família, sou. Impiedosamente.

Estou tão concentrada na carnificina que não percebo a primeira flecha que me atinge. Ela me acerta no ombro direito e, embora não chegue nem a rasgar o tecido da minha túnica por causa da sentinela, a força dela ainda quase me derruba.

Arqueiros. Há arqueiros dentro do palácio, apesar da proximidade do espaço. O pensamento me fez lançar outro feitiço de aniquilação. Corpos explodem, poeira cai do teto e as paredes tremem. Eu não dou a mínima se todo este lugar enorme ruir sobre nossas cabeças, desde que leve esses homens junto.

Tento não pensar na dor e na tristeza que sobem pela minha garganta pelo que perdi hoje e pelo que ainda posso perder.

Preciso encontrar Memnon. Pelos deuses, preciso encontrá-lo. Ainda não tive notícias dele, e sinto muito pouco em nosso vínculo.

Eislyn poderia ter levado Memnon para muitos lugares, a maioria deles totalmente inacessíveis. Mas se ela e meu parceiro ainda estão neste plano, então sei qual é o lugar mais provável.

Quando chego às escadas, explodo outro grupo de soldados, o feitiço destrói uma grande parte dos degraus de pedra também.

Desço o que resta, reformulando a sentinela que coloquei em Ferox, que não sai do meu lado.

O templo do palácio, então. É para lá que devo ir.

No primeiro andar, os sons dos gritos de guerra e choros angustiados são mais altos. E quando avisto a confusão, fico sem fôlego. Alguns sármatas leais lutam contra os soldados, mas estão em *grande* desvantagem

numérica. Os romanos também estão massacrando servos inocentes do palácio, que não têm treinamento de batalha, e destruindo ou levando consigo itens reais, a maioria relíquias dos governantes que viveram aqui antes de nós.

Assim que sou notada, a atmosfera na área principal do palácio muda completamente.

— A rainha! — alguém grita.

Não consigo identificar a voz e não tenho ideia se é de amigo ou de inimigo. Mas então avisto Rakas, um dos traidores de Memnon. Ele está apontando a espada para mim e gritando ordens.

Toda a minha raiva é canalizada para uma maldição sem nome, que direciono para aquele conspirador sármata. A magia laranja pálida que corre na direção dele é entrelaçada por manchas pretas oleosas. Quando atinge Rakas, o levanta no ar, grandes nuvens de fumaça laranja sobem abaixo dele. Nunca fiz tal feitiço ou realizei tal façanha como levitar uma pessoa. Mas agora, ela é alimentada pela raiva, e pela dor, e pela própria senciência do meu poder.

A luta fica mais lenta e as pessoas param para olhar, enquanto Rakas se contorce acima delas, golpeando o ar com sua espada para tentar se libertar.

A magia ainda fervilha ao seu redor, abraçando sua pele, e apenas quando é absorvida é que vejo claramente sua carne começar a ferver e borbulhar, até que de repente seu corpo explode, pedaços de carne amaldiçoada chovem sobre o salão. As pessoas começam a berrar quando a maldição cai sobre elas e queima sua própria carne.

Os soldados romanos gritam, horrorizados. Eles concordaram com uma guerra, não com bruxaria. Alguns fogem, mas a maioria lança olhares mais mortais para mim. É aí que a luta começa para valer.

Afasto aqueles mais próximos de mim e lanço mais dois feitiços de aniquilação. Muitos, muitos corpos voam.

Por trás da emoção, começo a sentir o esgotamento de minha magia. Está acabando; *vai* acabar em algum momento. E logo, se eu continuar atacando desse jeito. É difícil me importar. Minhas bochechas estão molhadas e uma dor profunda se enraizou dentro de mim.

No momento em que o salão se recupera do pânico, uma dúzia de flechas chove sobre mim e Ferox. Meu familiar rosna quando uma delas atinge seu

flanco e eu ataco, minha magia corta uma fileira inteira de soldados mais próximos de mim.

O templo, lembro a mim mesma. Preciso chegar lá se tiver qualquer esperança de encontrar Memnon. Levanto os braços.

— *Incinere.*

Cones de fogo irrompem das minhas mãos, soprando contra aqueles que estão mais próximos de mim. Os soldados pegam fogo, e a fumaça e o cheiro acre de carne queimada enchem o salão.

Não consigo pensar naqueles que estou deixando para trás. Há um banho de sangue no palácio, e as forças de Memnon foram massacradas ou cooptadas pelo inimigo. Qualquer esperança de vencermos esta luta só virá quando eu tiver meu marido ao meu lado.

Meus braços tremem enquanto vou abrindo um caminho sangrento para mim e Ferox. Minha pantera ataca qualquer um que se aproxime demais, rasgando gargantas e cortando pernas. Estou sentindo que agora comecei a forçar meu poder de verdade. O suor escorre da minha testa e…

Engasgo quando uma flecha se aloja em minhas costas, jogando-me para frente. Outra me atinge perto da axila.

A sentinela que lancei deve ter se desintegrado.

Um soldado corre em minha direção, brandindo a espada. Desvio dele, mas sua lâmina me corta no abdômen.

Ofego, e depois sussurro com a voz rouca:

— *Armadura impenetrável para meu corpo.* — A sentinela retorna mais uma vez.

Mas é tarde demais. O sangue verte entre meus dedos e escorre pelas minhas costas, e dezenas de soldados se aproximam de mim.

O templo, lembro a mim mesma. Só preciso chegar ao templo.

Fecho os olhos, recorro à minha dor e ao meu sangue e depois ao sangue de qualquer pessoa por perto. Meu poder sai em busca, alimenta-se do sofrimento e cresce em minhas veias. Atordoada, eu o liberto, mal prestando atenção nas pessoas que ele dilacera.

O templo. O templo. Já virou um cântico.

Ferox fica por perto, e posso sentir seu olhar curioso e preocupado sobre mim enquanto passamos pelas portas duplas e saímos do palácio, meu poder empurra o inimigo para trás.

Várias outras flechas atingem meu corpo, mas ricochetearam na pele e nas roupas e caíram inutilmente no chão, sem deixar nenhum ferimento exceto vergões feios. Ao contrário das outras duas que carrego, que se projetam para fora de mim quase comicamente.

Fora do palácio, o mundo está inquietantemente silencioso, exceto por um conflito aqui e ali e alguns soldados carregando baús com uma coisa ou outra. Mas a multidão de soldados me segue. Tudo o que posso fazer é lançar minha magia para trás, empurrando-os com suas armas cada vez mais longe, mesmo quando o feitiço sem palavras drena minhas reservas de poder, que vão se esgotando depressa.

À minha esquerda, posso ver a silhueta sombria do templo abandonado. Os sacerdotes que o mantinham partiram assim que nos mudamos, e mais ninguém além de um ou outro servo do palácio o usou desde então. Os deuses sármatas não habitam em templos, e os romanos não me interessam.

Vou cambaleando até lá o mais rápido que posso, deixando um rastro de sangue para trás. Preciso curar minhas feridas, especialmente a lesão abdominal, mas não consigo me concentrar em mais nada além de manter minha magia às minhas costas, onde ela protege a mim e a Ferox. Mesmo agora, sinto os soldados atacando-a, com seus gritos e passos muito próximos.

Parece que uma eternidade agonizante se passa antes de eu chegar aos degraus do templo. Assim que entro, protejo às pressas o portal contra intrusos, as cordas mágicas da minha conjuração um tanto desleixadas. Minha mão treme e minha dor me distrai. Acrescento outra camada à sentinela para impedir que armas entrem no lugar — era uma proteção que esquecemos de colocar no quarto de Tamara e Katiari, e Zosines e os outros traidores encontraram uma maneira de contorná-la.

Termino no momento exato. O primeiro dos soldados se choca contra a sentinela nem um instante depois. Recuo com o som, e meu corpo vacila um pouco. Ferox me apoia do outro lado, claramente tentando me ajudar a me equilibrar.

— Obrigada — agradeço em voz baixa e mergulho os dedos em seu pelo. Uma das minhas mãos ainda segura minha barriga. — *Conserte a ferida, cure a carne* — sussurro.

Uma magia espessa se espalha sob a palma da minha mão, penetrando na pele. Solto um sibilo quando ela entra em contato com o ferimento, mas a

dor já está diminuindo à medida que a ferida se cura. Ainda tenho duas flechas se projetando do meu torso, mas, por enquanto, deixo-as em paz.

— *Ilumine*. — A luz que lanço é desbotada, aquosa. Minha magia está falhando.

Vou meio andando, meio tropeçando em direção aos fundos do templo, onde fica o santuário mais interno. Onde fica a entrada da linha de ley.

Quando a vejo, meu alívio faz os joelhos fraquejarem. É pouco visível sob a luz da minha magia, mas consigo distinguir a distorção estranha no ar, onde a entrada da linha de ley curva a luz.

Do outro lado do templo, ouço o barulho de armas e punhos contra minha sentinela, depois o som assustador dela se despedaçando.

Apoio a mão em Ferox.

— Vamos entrar na linha de ley ao mesmo tempo. Pronto?

A pantera abaixa a cabeça, o que é a coisa mais próxima que vou obter como consentimento. Atrás de nós, soldados clamam em nossa direção. Segundos. Temos meros segundos.

Respirando fundo, Ferox e eu cruzamos a linha de ley.

Imediatamente, o barulho diminui e nossos arredores — o pouco que consigo distinguir na escuridão — ficam borrados. Humanos não mágicos não podem atravessar estas estradas, apenas se receberem ajuda. O que significa que, por enquanto, Ferox e eu estamos a salvo.

Não posso, contudo, dizer o mesmo de qualquer outra pessoa que tenha permanecido devotada a Memnon. A mim. Elas ainda estão travando uma batalha, sendo massacradas por um inimigo que não esperavam.

Preciso chegar a Memnon. Preciso salvá-lo de seja lá qual o destino que Eislyn planejou. Precisamos vingar nosso povo.

Meu olhar se volta para as paredes da linha de ley. Elas têm o formato de um túnel, embora não dê para ver no momento. A escuridão esconde tudo, exceto as tênues manchas de luz das estrelas muito além.

Com a mão livre, estendo-a e retiro a flecha das costas, cerrando os dentes e engolindo um grito enquanto arranco a ponta da minha carne, rasgando mais músculos. Jogo o projétil ensanguentado nas paredes onduladas do túnel.

— Ofereço a ti meu sangue, violentamente derramado por um inimigo — digo com um arquejo, enquanto a ferida aberta em minhas costas começa a

sangrar — em troca da passagem segura minha e de meu familiar para o palácio do rio Khuno.

O pouco que consigo ver das paredes ondula e depois suaviza.

Porra. Não funcionou.

Sem a ajuda da própria linha de ley, não serei capaz de encontrar o caminho até o destino. Em vez disso, Ferox e eu iremos vagar, irremediavelmente perdidos, até eu encontrar uma saída ou nós dois morrermos.

Ajusto a mão sobre Ferox, pego a outra flecha e enfio os dedos na pele ao redor dela. Um grito escapa da minha garganta quando puxo a segunda ponta de flecha e a jogo na parede.

— Ofereço a ti meu sangue, violentamente derramado por um inimigo — repito — em troca da passagem segura minha e de meu familiar para o palácio do rio Khuno.

Desta vez, as paredes quase não ondulam.

— Ofereço a ti uma lembrança — digo para a magia feérica, com o desespero crescendo — em troca da passagem segura minha e do meu familiar para o palácio do rio Khuno.

As paredes da linha de ley ondulam ao meu redor, obscurecendo ainda mais a paisagem lá fora.

Dou alguns passos à frente, trazendo Ferox comigo, mas então as paredes ao meu redor alisam, negando-me a passagem mais uma vez. Eu grito:

— Pelo amor dos deuses, o que você quer? Lágrimas? — Com a mão livre, faço um gesto para minhas bochechas. — Pode ficar com elas.

A magia estranha, estrangeira da linha de ley roça meu rosto, absorvendo as lágrimas oferecidas.

Mesmo assim, a parede não se abre. Tenho vontade de gritar.

— Você já tem meu sangue e minhas lágrimas. O que mais você quer? — pergunto à escuridão. Minha magia está falhando, meu sangue escorre pelas minhas costas e meu corpo está fraco de exaustão. Não sobrou muito de mim para oferecer.

Por que não aprendi a navegar por estas estradas mágicas sem vender pedacinhos de mim mesma? Minha ignorância está me custando caro.

Uma ideia vem à mente e me faz pressionar a mão trêmula na barriga. Engulo em seco. Há mais uma coisa…

— Tudo bem, vou lhe contar um segredo: acho que estou grávida.

Capítulo 7
Roxilana

59 DC, em algum lugar no noroeste da Bacia Amazônica

Somos cuspidos no chão molhado, com lama escorrendo por baixo das minhas botas.

Deu certo. Meu corpo cede de alívio. Deu certo.

Fico de pé, olhando ao redor. O sol está se pondo aqui e, embora a selva emita muitos sons, há algo pacífico e tranquilo neste lugar que é chocante em comparação com a violência estridente do Bósforo.

O rosnado de Ferox é o único aviso que recebo.

Estou prestes a me virar quando uma lâmina é enfiada em minhas costas. Acontece tão rápido que só tenho tempo de engasgar com a minha própria surpresa e olhar para meu abdômen, onde a ponta ensanguentada de uma espada se projeta.

Ela é recolhida com a mesma violência, e com sua saída, caio de joelhos, uma cascata de sangue escorre do ferimento. É… é bem onde…

— Você não faz ideia de quanto tempo eu venho desejando fazer isso. — A voz linda e melodiosa de Eislyn está pingando de malícia.

Com um rugido, Ferox ataca a fada. Mas antes que ele chegue perto do pescoço dela, Eislyn golpeia com o cabo da arma na cabeça dele. Ouço um barulho nauseante de algo se quebrando, e sufoco um grito quando meu familiar desaba ao meu lado. A sentinela que o protegia minutos atrás deve ter se desintegrado.

A feérica anda até ficar na minha frente, batendo a espada ensanguentada em sua coxa enquanto me avalia.

— Eu já esperava que você sobrevivesse ao ataque por tempo suficiente para vir aqui.

Ela inclina a cabeça, avaliando-me. Imagino que ela está pensando se deve me esfaquear de novo, embora eu esteja perturbada demais para

perceber. Meu parceiro está desaparecido, meu familiar está inconsciente e o sangue jorra do meu abdômen em um ritmo alarmante.

Mal consigo pensar na dor que sinto no estômago, mas raiva eu tenho de sobra. Meu corpo chega a tremer. Reúno a magia, preparando-me para atacar.

— Hã, hã — repreende Eislyn, usando a ponta ensanguentada da espada para levantar meu queixo. — Nem pense em me machucar, ou eu vou enfiar esta espada na sua garganta, depois na do seu familiar, e você morrerá sem saber o que aconteceu com Memnon.

Fico imóvel, o terror vai substituindo a raiva.

— Onde ele está?

Seus olhos se voltam para o palácio à minha direita por alguns instantes antes de ela dizer casualmente:

— Achei que você fosse a alma gêmea dele. Que poderia encontrá-lo só usando o seu vínculo. — Ela inclina a cabeça novamente. — Pelo visto, não.

Enquanto ela fala, concentro a magia no meu ferimento. É uma ferida mortal, mas só se não puder ser curada. E eu *posso* curá-la. Já estou segurando meu abdômen, e agora vou escoando meu poder para dentro dele. Só preciso sobreviver, e então poderei salvar Memnon e Ferox.

— O que você fez com meu parceiro? — pergunto.

Ela me lança um olhar estoico.

— Ele vai dormir por cem anos, até que todas as pessoas que ele conhece e ama tenham perecido. Quando ele acordar, só terá a mim.

Franzo as sobrancelhas enquanto sinto o puxão nauseante dos ferimentos internos cicatrizando. Ela continua:

— Já avisei Memnon várias vezes que você se mostraria uma traidora. Eu disse a ele que uma garota romana civilizada como você jamais aceitaria totalmente os modos guerreiros dos sármatas. Que a sede de sangue dele enfim te levaria a fazer algo desesperado para impedi-lo de matar e conquistar. Ele não acreditou em mim naquela época, mas tenho certeza de que quando acordar e descobrir que você já se foi há muito tempo, ele se lembrará dos meus avisos.

As advertências de Eislyn teriam peso para Memnon. Ela foi conselheira do pai dele, e também de vários reis que vieram antes.

— E — ela acrescenta — farei questão de contar a ele como você, a querida alma gêmea dele, fez um acordo de paz com os romanos. Como você não suportou matá-lo, então o deixou dormindo. Vou garantir que ele saiba que você viveu uma vida longa, que se casou outra vez, teve filhos e não tentou acordá-lo nenhuma vez.

Mal consigo respirar por causa da minha descrença. Quem *é* essa mulher?

— Ele ficará com o coração partido — ela continua —, mas com o tempo, ele se recuperará.

Perscruto seu rosto.

— Por que você está fazendo isso?

Seus olhos brilham e os cantos de sua boca se curvam em um sorriso malicioso.

— Você terá que morrer sem saber desse segredo.

É o instinto, e não a visão, que me fez notar que Eislyn muda o peso de uma perna para outra e ajusta a mão que empunha a espada de uma forma quase imperceptível.

Invoco minha raiva e meu poder.

— *Aniquile* — ofego.

O feitiço explode, levando consigo o braço que segura a espada. Ela grita, levando a mão à ferida aberta no ombro. Suas asas se abrem, mais finas que o linho e muito mais delicadas. Ela vai voando para o portal da linha de ley.

Já estou juntando os restos da minha magia, preparando-os em minhas mãos.

— *Aniquile.*

Sua silhueta desaparece um momento antes do meu feitiço, embora a linha de ley também o absorva.

Estou respirando com dificuldade.

Eislyn se foi. Por enquanto.

Olho para minha barriga destroçada e reprimo um soluço. Se houvesse um bebê, as chances de sobreviver a tal ferimento…

Tenho que cravar os dentes no lábio para não gritar. Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Não pense nisso. Ainda tem Ferox…

Estendo a mão e acaricio minha pantera. Sob meu toque, meu familiar se agita, depois vira a cabeça para dar uma lambida fraca em minha mão. Eu

me esforço para encontrar magia suficiente para curá-lo. Ela vai saindo vagarosa da minha palma, mas sinto o feitiço fincar e ir curando lentamente os ferimentos do meu familiar. Assim que tenho certeza de que ele ficará bem, deixo a mão cair.

Memnon. Preciso de Memnon.

Forço-me a ficar de pé e o mundo fica escuro por um momento. Deve ser só a perda de sangue. Sinto dor física ao extrair mais poder e canalizá-lo para o último dos meus ferimentos, e minha magia está cansada, relutante.

Estou morrendo.

Isso vem a mim com clareza imparcial. Estou morrendo mais rápido do que minha magia pode curar. E Memnon está amaldiçoado a dormir por cem anos e, quando acordar, será o peão de Eislyn em qualquer esquema maior que ela esteja tramando. Pode ser que ela queira o amor dele. Pode ser que queira poder. Seja o que for, ela estava disposta a assassinar a família dele e convencer os amigos a traí-lo. Ela estava disposta a distorcer minhas intenções e meu amor por ele, tudo para que pudesse concretizar seu plano terrível.

Não posso deixá-lo entregue a qualquer destino que ela pretenda.

Vou cambaleando para frente, em direção ao palácio, deixando Ferox onde está para que ele possa dormir e se recuperar do ferimento. À minha frente, o palácio fluvial brilha entre as árvores; é tão estranhamente lindo que me deixa tensa. Sempre deixou.

Passo pelos pilares de mármore em forma de árvores e pelas vinhas douradas com suas flores de vidro de pontas afiadas que decoram as paredes, deixando um rastro de sangue para trás.

Eislyn olhou para este lugar quando falou de Memnon, e por mais protegido que seja o palácio, é o local perfeito para esconder alguém e não deixar ninguém perturbá-lo por cem anos.

Mas onde?

Fecho os olhos e me concentro na minha conexão com Memnon. Ela zombou de nossa capacidade de nos encontrarmos através disso, mas *foi* assim que ele me achou pela primeira vez, em Roma. Posso achá-lo através dela também. Só preciso me concentrar.

Fecho os olhos, respiro fundo, tentando ignorar as dores gritantes do meu corpo e o calafrio que tomou conta dos meus ossos. Deixo a mente ficar em segundo plano em relação à minha magia, e então começo a andar.

Estou tão atordoada que quase caio no buraco no chão. Cambaleio para trás e arquejo, assustada, ao ver a abertura quadrada. Ao lado, uma enorme laje de pedra que foi deixada ali.

Observo as paredes iluminadas por tochas que descem da abertura. Memnon está lá embaixo. Posso sentir, como a batida do meu próprio coração, e se me concentrar outra vez em nosso vínculo compartilhado, posso senti-lo me puxando para mais perto, mais perto…

Eislyn planejou rigorosamente toda esta situação, mas teve o cuidado de não me contar onde Memnon estava. Não acho que ela tenha terminado.

O pensamento me dá um fio de esperança. É tudo de que preciso. Só um fio.

Com cuidado, desço as escadas, apoiando-me na parede para firmar o corpo cansado.

A princípio, mal noto as paredes decoradas ao meu redor, mas depois meus dedos não conseguem deixar de perceber os buracos onde as palavras foram gravadas. Fico olhando para a escrita.

… contendo o poder dos deuses dentro dele, Memnon, o Indomável, expulsou os dácios de suas terras…
… invadiu a impenetrável Roma com nada mais do que seus cavaleiros de sangue e capturou sua rainha…

O estilo de escrita não parece o meu, mas sou uma das únicas que não apenas conhece esses eventos, mas também sabe ler e escrever sármata com o léxico latino. Seria fácil presumir que eu encomendei a construção de uma câmara como esta em segredo e supervisionei sua criação.

Um arrepio percorre meu corpo, o que tem menos a ver com a perda de sangue e mais a ver com os esforços perturbadores que Eislyn fez para executar seu plano.

O que ela quer com meu marido?

Essa pergunta vai me atormentar até a morte.

Todos os pensamentos sobre as intenções dela desaparecem assim que entro na câmara mortuária. E não há dúvida de que é disso mesmo que se trata o lugar. No centro do espaço iluminado por tochas, há um sarcófago de mármore branco, sem a tampa. Daqui, só consigo vislumbrar uma armadura

de escamas, mas eu sei: é Memnon. Mesmo que o vínculo não indique isso, a curva daquele peito e o brilho daquela armadura de bronze me fazem ter certeza.

Um soluço irregular escapa da minha garganta. Eu não acreditava que ele estava adormecido, não de verdade, não até agora.

Eu me arrasto até o caixão de pedra, a dor lancinante dos meus ferimentos é entorpecida pela dor mais profunda no meu coração. Meu olhar mal toca suas feições arrebatadoras e suavizadas pelo sono antes de minhas pernas cederem. Sou inundada pela dor — uma dor tão escura e sombria que não sei como vou sair dela.

Ele já está fora do meu alcance. Encantado a cem anos de sono. Se fosse magia mundana, talvez eu pudesse quebrar o feitiço, mas Eislyn é uma fada, e a magia delas é diferente, *incompatível*.

Mesmo que o feitiço pudesse ser quebrado, estou morrendo. Além disso, o império de Memnon está sendo invadido por romanos prontos para a batalha, seus guerreiros traidores e uma fada conspiradora.

Temos muitos inimigos e pouco tempo. Uma lágrima escorre.

Coloco a mão de leve na carne arruinada do meu abdômen. Quero vingança, mas mais do que tudo, quero paz. Para mim, para minha alma gêmea. Uma única vida onde possamos nos amar sem medo de que nossos inimigos nos matem.

Esforço-me para me levantar, rangendo os dentes contra a dor. A escuridão atrapalha minha visão e, neste ponto, minha magia deve ser a única coisa que resta para mantê-la sob controle, mas consigo manter as pernas firmes. Ainda resta vida em mim.

Olho para o caixão, onde Memnon repousa, imóvel como um defunto. Nem mesmo o peito dele mexe com a respiração. Sei, através do nosso vínculo, que ele ainda se apega à vida, mas dá poucos sinais disso.

Afago seu cabelo para trás, gotas do meu sangue e lágrimas caem em sua armadura.

— Não é esse o nosso fim — sussurro. — Nós somos eternos.

Algo sombrio e resoluto passa por mim.

Nós somos eternos.

Se não pudermos ter esta vida, teremos outra.

Eislyn não é a única capaz de usar medidas extraordinárias.

Eu também sou.

E seja lá qual for o feitiço que ela tenha colocado em Memnon, posso lançar outro mais forte. Pode não quebrar o encantamento sob o qual ele está, mas pode usurpá-lo.

Uma determinação final se agita em mim, atiçando-me como fogo.

Eu posso fazer isso, por ele, por nós.

E *devo*.

Só preciso de uma ajudinha.

Agarro o sarcófago com mais força enquanto reúno minha magia. Resta muito pouco poder em mim, e nada que meu corpo queira abrir mão. Mas existem outras fontes de magia — no ar e, mais notavelmente, no solo. A terra já está se deleitando com o rastro de sangue que deixei. Posso sentir a magia logo abaixo, clamando por ele. *Faminta*.

Coisas que governam essa magia, coisas que sussurram para mim de vez em quando. Elas podem estar dispostas a me ajudar a lançar um feitiço da magnitude que preciso… mas sempre cobram um preço.

Inclino a cabeça sobre o sarcófago e pronuncio as palavras.

— Invoco qualquer deus que me responda: Memnon, o Indomável, dormirá o sono dos imortais. E ele *somente* poderá ser acordado por mim. Eu enlaço minha alma a este voto. Mesmo em morte, estarei vinculada a ele. Tome o que for necessário para que isso aconteça.

Por vários segundos, só ouço o silvo suave e reverente das tochas. Justo quando tenho quase certeza de que não funcionou, um gemido baixo surge a distância, sacudindo as tochas nos castiçais. Ele se transforma num vento uivante que corre pela câmara, jogando meu cabelo para trás. À medida que me atravessa, sinto que leva consigo pedaços da minha essência. O sangue na minha pele desaparece, assim como as lágrimas no meu rosto. Algo escuro e faminto desliza dentro de mim através das minhas feridas, e eu ofego com a intrusão insidiosa.

Uma vez que a essência entra em mim, começa a se espalhar. Eu me engasgo com minha própria respiração, minha mão vai para meu abdômen. Seja qual for o deus que respondeu à minha súplica, ele determinou um preço. Posso senti-lo se deleitando com o que restou da minha vida.

O vento sobrenatural circula pela câmara várias vezes, depois sai, desaparecendo tão rápido quanto veio. A dor, porém, ainda me consome de dentro para fora.

Cambaleio, lutando para recuperar o fôlego. Encosto-me no sarcófago, com os olhos voltados para Memnon.

Sempre Memnon.

O belo e monstruoso Memnon.

Toco sua bochecha, meus dedos escorregam um pouco.

— Teremos outra vida. Uma melhor, prometo.

Me inclino no sarcófago, ignorando a maneira como meu corpo grita em protesto, e dou um beijo em seus lábios. Ainda estão quentes.

Eu me afasto, com a boca permanecendo logo acima da dele.

— Vou encontrá-lo outra vez, meu soberano. Eu sou sua para sempre.

Posso sentir lágrimas quentes escorrendo dos meus olhos enquanto me endireito. Tudo o que quero é rastejar para dentro daquele caixão e passar meus últimos momentos com ele. Seria um bom lugar para morrer.

Infelizmente, se pretendo levar isso até o fim, não posso.

Levanto a mão trêmula, com a respiração irregular, enquanto forço a magia relutante a levantar a tampa do caixão no ar. Eu a coloco sobre o sarcófago e o fecho com cuidado.

Outra lágrima escorre, e posso sentir meu lábio tremendo de tristeza e exaustão. Meus olhos cansados repousam na inscrição gravada no topo.

Pelo amor de todos os deuses, tema a mim.
MEMNON, O AMALDIÇOADO

É um epitáfio terrível para dar a ele — não que seja impreciso —, mas assustará quase qualquer um que consiga lê-lo. E caso isso não aconteça, precisarei colocar sentinelas.

Só a ideia já parece pesada. Coloco a mão sobre a tampa, preparando-me para reunir mais magia. No entanto, quando a invoco, meu poder avança, mais forte do que nunca.

Um presente do deus sem nome.

Mordo o lábio para não chorar de alívio. Embora minha mente esteja confusa com a dor e a morte iminente, a sentinela que lanço é forte; seus muitos fios têm um brilho suave. Assim que termino, outra se forma e mais outra, até que meu foco passa a ser a câmara como um todo. Ela também requer uma proteção.

Eu me movo ao redor do caixão, embora pareça que minhas pernas não vão me manter de pé. Aquela presença nociva se espalha, fazendo-me murchar de dentro para fora.

Algo pressiona minhas pernas e, quando olho para baixo, percebo que é Ferox. Em algum momento, meu familiar se levantou do chão e se aventurou nesta tumba amaldiçoada para me encontrar. Ele se inclina em mim, com os olhos arregalados, preocupado.

Apoio a mão na cabeça dele.

— Perdão — sussurro. — Eu não queria que nada disso acontecesse.

Ele empurra o nariz na palma da minha mão, cutucando-a, como se pedisse uma tranquilização. Passo a mão pela superfície do seu pelo preto.

— Eu liberto você, Ferox. Você não ficará preso à minha maldição — digo, invocando minha magia e entrelaçando-a nessas palavras. — Com a minha morte, nosso vínculo será rompido e você estará livre.

Ele então sibila para mim, como se eu tivesse cometido um ato terrível.

— Perdão — sussurro novamente, com a garganta apertada. — Você sempre foi bom demais para mim.

Ele rosna, como se até meu pedido de desculpas o desagradasse.

Cambaleio até uma parede e me apoio nela.

Mais feitiços escapam de minhas mãos, cobrindo a sala com fios claros e enrolados, como uma peça de roupa mal tecida.

Perco o fôlego com o esforço. Meus ossos doem, quebradiços. Tão cansada.

Não posso desistir agora. Não quando o feitiço maior ainda está por vir. É uma corrida contra esta coisa dentro de mim. Os deuses podem ser benevolentes de vez em quando, mas quase nunca são misericordiosos. Principalmente os sanguinários. Duvido que esse deus prolongue minha vida por mais tempo do que achar adequado.

Subo as escadas com dificuldade e, embora Ferox obviamente ainda esteja bravo comigo, ele pressiona o corpo no meu para me impedir de cair.

— Obrigada — digo, com a voz enfraquecendo.

Nós dois saímos, o céu nublado muito mais claro do que a câmara escura em que estávamos. Quando saio, viro-me e levanto o braço, minhas lágrimas começam a cair mais rápido. Deixá-lo ali parece uma traição por si só, como outra faca cravada em minha carne. Endireito a coluna, recorrendo à minha intenção.

— *Sele a abertura*. — A cobertura de pedra desliza sobre a entrada da… *tumba* e então, com um baque surdo, afunda no lugar.

Ferox faz um barulho baixo e sinistro, arranhando a pedra como se pudesse desenterrá-la. Tenho que reprimir outro soluço, afogando-me em pesar.

Meu coração parece errar uma batida e depois parar. Depois de alguns momentos terríveis, ele começa a bater novamente.

Tenho pouco tempo para lançar o feitiço final. Uma maldição que vai eclipsar a magia de Eislyn com a minha.

Se meu plano desesperado for mesmo dar certo, a sobrevivência de Memnon ao encantamento não será suficiente. Eislyn precisa esquecer essa obsessão febril para nunca mais voltar para buscá-lo. E aqueles que puderem lembrar a fada da existência de Memnon… suas memórias também devem ser eliminadas.

Penso nos soldados invadindo o palácio e nas muitas cidades que Memnon conquistou com violência. Há milhares de pessoas que iriam querer matar o meu marido adormecido se algum dia descobrissem a verdade. Uma palavra sussurrada no ouvido errado — nem precisaria ser Eislyn. Outros seres sobrenaturais poderiam acessar as linhas de ley e assassinar o rei enquanto ele estiver vulnerável.

Todos devem esquecer meu feiticeiro, para que ninguém venha procurá-lo.

Somente eu terei esse poder.

A força sombria e insidiosa se aproxima de mim e meu coração estaca outra vez.

Um… dois… três…

Vagaroso, recomeça a bater.

Solto um suspiro trêmulo e reúno todo o poder à minha disposição que consigo.

— Com tudo o que resta em mim, exijo que este mundo e todos nele esqueçam Uvagukis Memnon. Cada pessoa que carrega uma lembrança dele irá perdê-la, a começar por Eislyn.

Entrego o que resta de mim à maldição.

O poder puro e bruto irrompe de mim, varrendo a selva até que não consigo mais vê-lo. Sinto quando a primeira mente é atingida. Deve ser

Eislyn. Sinto um prazer perverso em saber que estou eliminando suas memórias.

Ela é a primeira, mas é o começo da maldição.

Em todo o mundo, milhares e milhares de pessoas carregavam alguma lembrança ou conhecimento de Memnon. Uma por uma, minha magia vai devorando cada uma delas. Memnon, o Indomável, simplesmente se torna um vago e cruel comandante de legiões que iam e vinham.

Em minha mente, posso ver os petróglifos com seu nome descascando, até que as gravações desapareçam. A tinta do papiro se reorganiza para remover Memnon; onde sua presença é muito frequente, os papiros simplesmente queimam.

Em todas as terras que conquistou, seu nome desaparece, excluído dos registros.

Tiro a memória de Memnon de tudo e de todos.

Solto um grito quando minha magia e aquela essência estranha me consomem. Os anos da minha vida desaparecem como um sonho febril, e a magia que deixa meu corpo se reduz a apenas um fio.

Meu coração titubeia quando o último fio de magia escurece, depois se dobra sobre si mesmo, voltando em minha direção.

Tenho que aguentar até que a maldição termine. Para que funcione, ninguém pode se lembrar dele.

Ninguém…

Nem mesmo eu.

Minha magia ataca então, afundando-se em minha carne e rastreando minhas lembranças. Com um choro final e sufocado, meu coração para, e a última mente é apagada.

Capítulo 8
Selene

Dias atuais, em algum lugar ao norte de São Francisco

A última memória da minha vida anterior desaparece. Pisco várias vezes, e Memnon volta a entrar em foco. Seu rosto está encharcado, como se ele estivesse chorando enquanto revivia a maior parte do passado, e suas mãos tremem junto à minha bochecha.

— *Não*. — A palavra irrompe de sua garganta, rouca. Seus olhos perscrutam os meus, com a expressão desolada. — *Não* — ele repete, desta vez mais vacilante.

Os joelhos de Memnon cedem, e suas mãos soltam o meu rosto quando ele cai no chão.

Por vários e longos segundos, só ouço o som de sua respiração pesada. Ele inclina a cabeça numa reverência, a mão pressionada no peito. Posso sentir a sua dor, afiada como uma lâmina, através de nosso vínculo e capto alguns de seus pensamentos fragmentados.

…Vi ela morrer… Sozinha… Me protegendo… Impotente… O que eu fiz?

Por fim, ouço um som que fica entre um soluço e um gemido.

— *Roxi* — ele chama baixinho, sua voz cheia de angústia. Ele olha para mim, com o horror estampado no rosto. — O que foi que eu fiz? — pergunta, ecoando seus próprios pensamentos.

Fico olhando para ele, inexpressiva.

— Bastante, Memnon. Você fez bastante.

Ele solta um suspiro trêmulo.

— Você *morreu*.

— Morri.

— Você estava sozinha no palácio quando eles chegaram… — Sua voz falha e ele esfrega os olhos. — Minha mãe, minha irmã… — Ele aperta os lábios, e sua expressão quase desmorona outra vez. — Você teve que lutar sozinha para escapar.

Memnon baixa outra vez a cabeça e cobre os olhos com a mão, e o homem que fez tanto e sentiu tão pouco agora chora, dominado pela emoção.

— Eislyn… você me avisou sobre ela. Eu não dei ouvidos. Ela quase… ela destruiu tudo. Se você não tivesse… — Outro suspiro trêmulo. — Se não tivesse rogado a maldição, se não tivesse dado a sua *vida*… — Sua voz falha ao pronunciar essa palavra. — Eu certamente teria sido condenado a um destino terrível. Em vez disso, você fez algo milagroso. Você nos deu outra vida juntos.

Fico olhando para ele, conforme as sombras ao redor da Campina da Donzela Morta vão ficando mais longas e mais escuras.

— Eu vejo tudo com clareza, agora — ele diz. — Eu *entendo* que puni a única pessoa que tentou salvar a desgraça da minha vida. Minha melhor amiga e alma gêmea, o amor da minha vida. Te tratei como inimiga e te fiz me odiar, e saboreei tudo isso em nome da vingança. Mas todo esse tempo, você foi minha salvadora. — Ele levanta o rosto, seus olhos brilhantes sobem para os meus. — Perdão, *est amage*. Não é o bastante, mas peço perdão.

Eu o observo por um longo momento, e então faço algo que não achei que fosse capaz, depois de tudo o que Memnon fez comigo recentemente: estendo a mão e enxugo suas lágrimas. A ação o faz fechar os olhos com força, e mais algumas lágrimas espontâneas escorrem.

Eu só vi esse homem chorar pouquíssimas vezes, e vê-lo assim quebrado e vulnerável revira meu estômago.

Memnon pega uma das minhas mãos e a coloca entre as suas.

— Eu te fiz o mal vezes demais para reparar com meras palavras ou simples ações. Elas nunca serão suficientes para pagar a dívida que tenho com você. Só há uma coisa que posso te oferecer.

Ainda ajoelhado, Memnon desembainha sua adaga com cabo dourado. Fico tensa ao vê-la, e minha palma ainda arde com a lembrança daquela lâmina cortando minha mão na noite passada, quando fiz o juramento inquebrável.

Memnon oferece a própria palma da mão curada e, mais rápido do que consigo acompanhar, ele a corta mais uma vez.

— O que é isso? — pergunto, alarmada.

Seus olhos âmbar estão fixos em mim quando ele diz:

— Com sangue, eu enlaço. Com osso, eu quebro. Apenas pela morte, enfim renego.

Fico boquiaberta de surpresa.

Os pássaros voam das árvores ao nosso redor quando ele termina:

— Tua ordem seja feita, sob o Sol e sob a Lua. Até ganhar teu coração, minha vontade é tua.

Capítulo 9

Fico olhando horrorizada para a mão estendida.

Isso é muito mais do que um simples pedido de desculpas. Ele está oferecendo um enlaço.

Não sei muito sobre vínculos e laços, exceto o fato de que alguns são predestinados e outros, escolhidos, e eu e Memnon compartilhamos o primeiro.

Mas se eu ouvi direito, ele está me oferecendo outro, só que os termos deste me concedem controle sobre seu… livre-arbítrio.

Meu coração acelera. Eu esperava pela ajuda dele, mas isso é muito mais do que só ajuda. Se o feiticeiro estivesse vinculado a mim por um enlaço, ele teria literalmente que seguir minhas ordens.

Memnon me encara com aqueles olhos firmes e calculistas, esperando, enquanto seu sangue pinga na grama. Sei que ele sabe de tudo isso. O poderoso e vingativo Memnon, que destruiu exércitos inteiros com sua magia, está me dando todo o controle.

Ele quer prender você o mais perto possível dele. Esta é só mais uma forma. Até a derrota ele usa a seu favor. E ainda há os termos do enlaço.

Até eu ter seu coração, minha vontade é sua.

O vínculo se rompe se eu me apaixonar por ele.

Fico olhando para sua mão por mais um instante, debatendo, debatendo…

É um erro pensar que Memnon é algo que pode ser domado, mas estou descobrindo que também não sou o que pareço ser.

Preciso de ajuda e preciso de poder. Memnon tem ambos.

Endireito a postura, determinada. Me ajoelho diante dele, pego a adaga de sua outra mão. Minha própria magia já está se desenrolando dentro de mim, seus tentáculos esfumaçados anseiam pelo sangue de Memnon.

Respiro fundo e, antes que possa reconsiderar, passo a lâmina pela palma da mão, fazendo careta ao cortá-la pela segunda vez em dois dias.

Estico a mão em direção à de Memnon, parando antes de pegá-la. Meu olhar se volta para o feiticeiro.

— Isto não quer dizer que eu te perdoo — eu o aviso.

— Estou pagando uma dívida. Nenhum perdão é necessário.

Carrancuda, finalmente aperto a mão dele na minha.

No momento em que nosso sangue se encontra, nossos poderes ganham vida, fluindo de nossas mãos entrelaçadas e girando juntos ao nosso redor.

Nas árvores ao nosso redor, pássaros voam, suas silhuetas não passam de sombras contra o céu cada vez mais escuro.

Deixo cair a lâmina de Memnon enquanto sua magia entra em mim através do ferimento e sobe pelo meu braço. Atinge meu peito, e eu respiro fundo, enquanto seu poder se enraíza sob minhas costelas.

Assim que a magia se acomoda, Memnon liberta outra onda de poder, e sinto o corte na palma da mão cicatrizando.

Solto sua mão, passando os dedos pela minha pele recém-curada, manchando um pouco com o sangue que ainda restou.

Memnon fica de cócoras, apoiando os antebraços nos joelhos. Ele me observa em silêncio por vários segundos. Não consigo olhar para ele. Agora, controlo um homem — minha própria alma gêmea. A vergonha floresce em mim. Não deveria ter concordado com isso.

— Teste, imperatriz — ele diz, a voz suave. — Me obrigue a cumprir sua ordem.

Olho para ele, com o pavor aumentando. Foi contra esse tipo de enlaço que lutei há apenas duas semanas. Foi o destino do qual salvei a garota metamorfa.

No entanto, também foi algo que Memnon ofereceu por conta própria. E, no fim das contas, meio que era isso que eu queria.

Por fim, olho para Memnon, ignorando a forma triste e maravilhada como ele me observa.

— Me dê uma facada. — Digo as palavras com a voz suave, o tom casual. Nenhuma magia as acompanha, e uma parte de mim tem certeza de que o comando não vai funcionar.

Memnon empalidece.

— *Selene* — ele protesta. Mas sua mão já se estica para pegar a adaga deixada de lado.

Vagamente, estou ciente da minha magia que o força a realizar os movimentos, mas não consigo vê-la em ação. Tudo está acontecendo dentro dele. Levanto o queixo.

— Bem no coração.

— Não. — Mas, enquanto ele fala, sua mão envolve o cabo da lâmina e seu corpo se inclina na minha direção. O pânico nubla seu olhar, e posso sentir um eco dele através de nossa conexão.

Uma de suas mãos me segura pela nuca enquanto o outro braço recua.

Por um instante, aquele braço treme.

— *Por favor* — ele implora.

Então ele se lança sobre mim, o braço avança, a adaga apontada direto para o meu coração.

— *Pare*.

A lâmina de Memnon congela pertinho do meu peito. Ele está respirando com dificuldade e os braços estão tremendo.

É só então que me dou conta de que também estou tremendo. Acho que não tinha botado fé que o feitiço de enlaço tinha funcionado até agora.

— Guarde a lâmina — digo, com a voz suave. — Você não vai me esfaquear, nem hoje, nem nunca.

Ai, deusa, troquei minha perda de memória por uma nova complicação: a necessidade de ser bem precisa com minhas palavras.

Memnon limpa o sangue da adaga e depois a embainha, com a respiração ainda meio trêmula.

— Eu não quero me casar com você — digo. Todo o meu corpo ainda dói por causa do juramento não cumprido.

O feiticeiro hesita. Quando enfim ergue o olhar, seus olhos estão em conflito.

— É um juramento inquebrável, *est amage*.

— Não precisa continuar me chamando assim.

Ele tensiona o maxilar.

— Então, me mande parar.

Nós dois nos encaramos.

Solto um suspiro.

— Tudo bem, se não dá pra desfazer o juramento, então vamos trabalhar com a outra parte do voto.

Como foi que a gente formulou, mesmo?

Assim que as circunstâncias permitirem, Memnon me diz através do nosso vínculo. Lanço um olhar para ele.

— Quero que as "circunstâncias" em questão sejam que a gente tenha que se apaixonar. — Posso viver com isso.

Seus olhos brilham. Memnon deve ter pensado ontem que isso já estava no papo.

— Ou — acrescento —, se você preferir, a gente pode simplesmente se casar… — Sinto uma centelha instantânea de esperança vinda do feiticeiro. — E então anular na mesma hora.

A faísca desaparece.

Abro um sorriso. Ah, acho que vou me divertir com isso.

Com relutância, ele assente.

— Talvez tenhamos que fazer outro voto para dar certo, mas me deixe ver se a magia vai só se ajustar ao novo significado por trás dessa cláusula.

Ele fecha os olhos, se concentrando no voto, e depois de um momento, fecho os olhos e faço o mesmo.

As circunstâncias necessárias para a gente se casar são que primeiro a gente deve se apaixonar. Repito isso várias e várias vezes até acreditar. Esse mal-estar que se agarrou a mim o dia todo vai desaparecendo pouco a pouco.

Quando abro os olhos, Memnon está me analisando com curiosidade, a cabeça inclinada, um sorrisinho curva um lado da boca.

— Está se sentindo melhor? — ele pergunta.

Faço que sim com a cabeça, me sentando de cócoras na grama alta.

— Acho que deu certo. O voto… te afetou também?

Memnon assente.

— Estava sob a compulsão dele tanto quanto você. Não sinto mais os efeitos, mas se voltarem, vamos ter que fazer outro juramento.

Ou casar. Mas ele é inteligente demais para não sugerir isso.

Ele ainda está me analisando com aquela expressão peculiar que é em parte diversão, em parte curiosidade. É amenizado pelo ar sombrio que ele tem, mas está me deixando estranhamente constrangida.

Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— No que você está pensando? — pergunto.

O olhar de Memnon é firme.

— Que eu deveria ter te dado o controle há muito tempo. — Ele para de falar, e acho que é só isso que vai dizer. No entanto, depois de um momento prolongado, ele franze a testa e mais palavras são arrancadas de seus lábios. — Também não paro de repassar seu último dia como Roxilana na mente… — ele acrescenta, de má vontade. — Mas estou tentando não deixar você ver que estou sufocando pouco a pouco com minha própria dor. — Depois que ele termina de falar, faz careta. Apesar de toda a nossa conexão, Memnon ainda guarda seus segredos.

Ou guardava, até agora.

Eu nem sei se queria ouvir isso, para ser sincera. Memnon é mais palatável quando é desalmado, cruel e desonesto. Agora que temos esse acordo, é como gostaria de vê-lo.

— Eu tô bem — digo, tentando ignorar os acontecimentos. — Estou viva.

Mas Memnon também perdeu a mãe e a irmã, com muita violência e, ao contrário de mim, elas não vão voltar. Ele também tem que aceitar isso.

Pigarreio, ansiosa para desviar a conversa do passado.

— Não quero que você machuque meus amigos nunca mais — digo.

Os olhos de Memnon se aguçam.

— Você vai ter que dar nuances a essa ordem.

Minha reação impulsiva é discutir com ele, mas posso admitir, a contragosto, que ele tem razão. Eu literalmente mostrei a ele a lembrança de dois supostos amigos o traindo. Lutei contra os dois e, se não os tivesse machucado, estaria morta há muito tempo.

— Você não deve machucar meus amigos, a menos que haja uma causa razoável para isso.

Merda, tem muito espaço para Memnon abusar dessa regra. Que seja. Posso ajustar o comando mais tarde. Respiro fundo.

— Agora que você sabe o que aconteceu entre a gente no passado, quero falar sobre o outro motivo que te chamei aqui. — O verdadeiro motivo.

Ele espera, com os braços casualmente apoiados nos joelhos, me observando outra vez com aquele olhar enquanto o crepúsculo se transforma em escuridão.

— Você me disse, não muito tempo atrás, que eu tenho inimigos.

Memnon me observa com atenção.

— Disse.

Penso na nota ameaçadora deixada em meu caderno.

— Aquelas bruxas, que estavam atrás de mim na noite em que salvei a garota metamorfa, quando você me emprestou seu poder… elas ainda estão por aí.

Sua expressão escurece.

— Nem todas.

Certo. Porque com certeza eu, Nero e Memnon acabamos com algumas naquela noite.

Tá bom, pelo menos ele sabe do que estou falando.

— Também tem as bruxas assassinadas — digo. — E você me incriminou pelas mortes delas. — Não tenho a intenção de que a amargura penetre na minha voz, mas lá está ela. E estará lá por muito tempo, independentemente dos esforços de Memnon para pagar a dívida. — Estou ligada a essas duas questões distintas. E sei que você sabe mais sobre os assassinatos do que eu.

Ele fica calado, mas seu olhar é cortante como uma adaga.

— Quero que *você* me ajude a aprender tudo o que puder sobre os assassinatos e os círculos mágicos, e quero que me ajude a impedir os dois.

Há uma certa justiça poética na ideia de Memnon, que me levou a todo este infortúnio, agora me ajudar a resolver tudo isso.

Depois de dizer o que quero, fico tensa. Se Memnon fosse qualquer outra pessoa, sei que zombaria de mim. Não sou detetive e, mesmo que fosse, esses não são mistérios comuns.

Mas para Memnon, não sou só Selene, aluna do Coven Meimendro com histórico de problemas de memória. Eu também sou Roxilana, rainha de uma nação de guerreiros, cogovernante de um império. Me inserir em negócios mortais é uma coisa natural para mim. Quase tão natural quanto para Memnon.

Um olhar sanguinário e satisfeito se espalha pelo seu rosto.

— Eu posso fazer isso, minha rainha.

Capítulo 10

Ele vai me ajudar. Não preciso me casar com ele, e ele ainda vai me ajudar.

Solto um suspiro longo e aliviado.

Dá para ver que ele quer muito me tocar, me abraçar. Há um vazio em seus olhos e o arrependimento está começando a se infiltrar no resto de suas feições.

Finalmente, acho que ele entendeu.

Ele fez merda.

Uma merda das grandes.

Memnon se levanta e estende a mão para mim.

— Tenho que te contar muita coisa, e acho que seu quarto seria um lugar mais confortável para ouvir tudo.

Pego sua mão e deixo que ele me ajude a me levantar, notando que ele segura minha mão por um segundo a mais do que o necessário depois que fico de pé.

— É seguro falar sobre isso lá? — Fui manipulada tantas vezes nas últimas semanas que é difícil não ficar paranoica.

— Não — diz Memnon. *Mas, felizmente para nós*, ele continua em nosso vínculo, *podemos falar assim*.

Justo.

Fico olhando para ele um pouco mais, então começo a caminhar de volta para minha residência, com relutância. Memnon se aproxima de mim quando chegamos à linha das árvores.

— Eu só quero que você saiba que eu não quero mesmo mais nada com você, e só estou fazendo isso agora…

— Porque você quer minha ajuda — ele termina.

— Porque sei que você não vai me deixar em paz — corrijo — e te botar pra trabalhar parece melhor do que te deixar solto por aí. — Não é totalmente mentira. Memnon fica quieto. — Não vai falar nada? — pergunto enquanto serpenteamos entre as árvores, nossos sapatos vão esmagando as pinhas.

— Quero falar um monte — ele diz.

— Então fale.

O feiticeiro balança a cabeça, mas minhas palavras carregam a ordem. Memnon força a admissão:

— Eu *abomino* ouvir você dizer que não quer nada comigo, mas depois de estar na sua cabeça, entendo perfeitamente, então devo engolir meus sentimentos quanto a isso. Mas não, não tenho interesse em te deixar. Nem um pouco. Então, vou te ajudar com esses mistérios, embora o escrutínio possa muito bem te colocar em maior perigo, e isso quer dizer que vou acabar tendo que matar mais pessoas, e não quero admitir isso para você porque tenho que redimir a minha reputação. E preciso redimir, porque quero que você me deseje do mesmo jeito que eu te desejo. Você é o ar que eu respiro e o sangue nas minhas veias, e todo o poder e glória do mundo são inúteis sem você… — Sua voz falha.

Minha deusa de bicicletinha, isso é… coisa demais para a minha cabeça.

Depois de um momento, ele murmura:

— *Porra*.

Acho que a ficha dele está caindo também.

— Não, não, continua, me diga como se sente de verdade — digo, sarcástica, embora minhas palavras soem um pouco vazias.

Memnon faz um barulho de dor.

— Estou magoado por tudo o que perdi e como perdi, e desesperado se algum dia vou reconquistar tudo. Estou me afogando em ódio de mim mesmo neste momento.

Dou uma olhada em Memnon, com os olhos arregalados, antes de me dar conta de que, embora tenha feito uma piada, ele foi forçado a interpretar o comando literalmente. Depois de um momento, o feiticeiro geme.

— Pelos deuses, o que foi que eu fiz?

Apesar das confissões pesadas, sorrio, só um pouquinho. Na verdade, posso até gostar de Memnon desse jeito. Vê-lo assim quebra minhas expectativas, o que já é um grande avanço.

Você não deveria gostar dele.

— Você deveria gostar de mim, sim — Memnon diz. — Esse é o objetivo de sermos almas gêmeas.

— Sai da minha mente.

— *É você* quem está na *minha* mente, *est amage*.

Olho para minhas botas.

— Você tinha razão, ontem à noite — admito, baixinho. — Tem tanta coisa sobre você que eu não sei.

Ficamos em silêncio por vários segundos. Então…

— Por favor, não me obrigue a fazer outra confissão. Mal consigo suportar os pensamentos quando eu digo em voz alta.

Engulo uma risada.

— Como você foi parar naquela casa? — pergunto.

— É alugada.

— Como conseguiu o dinheiro para pagar por ela?

— Sei que você se lembra do meu poder. Com um toque e minha intenção, posso entrar na cabeça de qualquer pessoa. Posso aprender segredos, como números de conta e senhas. E posso usá-los em benefício próprio.

Então ele anda roubando dinheiro. Não é o pior crime que ele cometeu, então acho que eu deveria conter o horror.

— E como aprendeu sobre contas bancárias, senhas…

— …e hipotecas e bolsa de valores? — Memnon termina. — Ainda estou entendendo a maioria, mas depois de tocar mentes o suficiente, a informação vai se preenchendo sozinha. Supondo, é claro, que as mentes compreendam direito os conceitos. Tenho certeza de que a maioria das pessoas não faz ideia de como a bolsa de valores funciona de verdade… inclusive eu.

À nossa frente, as árvores diminuem e consigo distinguir o conservatório e, mais adiante, minha residência.

— Então, você tem usado seus poderes para pegar o que precisa? — Isso explica como ele aprendeu meu idioma tão rápido.

— Posso ouvir sua desaprovação, imperatriz.

— Na verdade, não — digo, surpreendendo até a mim mesma. Mas é a verdade. — Você foi dormir e acordou dois milênios depois. Estou feliz de ver que você se cuidou.

Na escuridão da floresta, sinto os olhos de Memnon sobre mim. Ele não diz nada, mas em nosso vínculo, há uma ternura suave vindo dele. Isso me faz pensar em todas as partes de nós, e eu não quero mesmo prestar atenção nelas.

Pressiono os lábios e não digo mais nada durante o resto da caminhada de volta.

Assim que eu e Memnon entramos no dormitório, o clima na casa muda.

Mas ao passarmos pela biblioteca à nossa direita, algumas bruxas ficam olhando, curiosas, para o feiticeiro. Ele recebe mais olhares das bruxas indo para o refeitório e mais alguns das irmãs de coven que descem a escada.

Dou uma olhada em Memnon, mais uma vez impactada pela sua aparência. Sua pele bronzeada, seu cabelo preto e aquele rosto lindo e implacável são impressionantes, e isso sem falar na sua enorme estatura. Seu corpo é como o do guerreiro que ele foi um dia, e isso fica evidente.

Ele levanta uma sobrancelha para mim, o canto da boca se curva. Seus lábios se abrem e ele inspira para falar.

— Nem fale. Seja lá o que você estava querendo dizer, não quero saber.

O feiticeiro fecha a boca, obedecendo à minha ordem. Isso não tira a expressão divertida de seu rosto.

Quando chegamos ao meu quarto, o olhar avaliador de Memnon percorre o local.

— Cadê o Nero? — ele pergunta quando vê a cama do gato vazia.

— Saiu para caçar. — Fecho a porta. — Não batizei Nero em homenagem ao imperador — confesso. Foi uma das coisas sobre as quais eu e Memnon discutimos semanas atrás. — Foi em homenagem à época em que encontrei ele pela primeira vez.

Os romanos incluíam o nome do imperador reinante em suas datas. Eu vivi e morri durante o reinado de Nero e, embora não tivesse percebido conscientemente, quando dei o nome ao meu familiar, ainda estava prestando homenagem a ele, sem saber.

— Eu… entendo. — Mais uma vez sinto a culpa de Memnon através de nosso vínculo. É o único indício que ele dá.

O feiticeiro vai até a cadeira do meu computador e se senta, com as pernas abertas. Seus olhos ainda parecem um pouco assombrados e ele com certeza está agindo de forma mais reservada do que o normal, mas há uma energia ameaçadora em Memnon da qual ele nunca consegue se livrar por completo. Sinto como se tivesse capturado um monstro. Um monstro que se sente em casa, aqui neste quarto apertado.

Ele gira um pouco no assento, espiando as bugigangas na minha escrivaninha. A ação me deixa nervosa, e tenho que lembrar que agora eu

consigo controlar esse cara.

Seu olhar se prende ao meu teclado. Ele fica imóvel de repente.

— *Quem escreveu isto*? — Sua voz sai bem diferente agora, grave de ódio. Ele pega a nota adesiva com a mensagem ameaçadora, fios de seu poder estalam e se contorcem como serpentes dando um bote. Quando seus olhos encontram os meus, ele parece pronto para assassinar alguém. E deve estar mesmo.

— Acho que as pessoas que sobreviveram ao círculo mágico.

Seus olhos começam a brilhar, só um pouco. Ele coloca o bilhete no bolso.

— O que está fazendo? — pergunto, me sentando na beira da minha cama.

— Guardando este bilhete para que eu possa pregá-lo no cadáver de quem escreveu.

Puta merda. Envolver Memnon já está se mostrando uma péssima ideia. Cá estou eu, tentando domar uma criatura muito mais intensa do que a minha pantera.

Minha alma gêmea se inclina para frente, o conjunto tenso de suas feições destacam ainda mais sua cicatriz.

— Vou te contar tudo o que sei sobre os assassinatos e o círculo mágico, mas, *est amage*, o conhecimento tem um preço. Se eu envolver você, corremos o risco de os nossos inimigos descobrirem nossa conexão. Não apenas que somos almas gêmeas, mas que agora você também me controla. É… perigoso de ter esse tipo de conhecimento. Pode ser usado contra nós. Você ainda quer minha ajuda?

— Já estou envolvida. Eu quero saber.

Memnon inclina a cabeça e assente.

Por onde começamos?, ele diz, falando diretamente pela nossa conexão.

Ah, é. Esta discussão é um pouco sensível demais para ser expressa em voz alta.

Estico o queixo na direção do bolso dele, onde está o bilhete ameaçador.

As bruxas envolvidas no círculo mágico. Elas são a ameaça mais imediata.

Os olhos de Memnon brilham novamente. Esses olhos brilhantes, junto do farfalhar do cabelo, são sinais de que um feiticeiro está cedendo ao seu poder. Quando isso acontece, ele corre o risco de perder a sua humanidade e

o controle sobre o poder que exerce. É quando a magia de um feiticeiro realmente corrói sua consciência.

Mas, tão rápido quanto os olhos do meu parceiro se iluminam, logo voltam ao seu tom normal.

Entraram no seu quarto, mesmo com as sentinelas?, Memnon pergunta. Seu olhar se move para minha porta. Eu assinto.

Mais da magia de Memnon escapa com a minha admissão. Ela serpenteia pelo quarto e vasculha a porta, e tenho certeza de que o feiticeiro está colocando mais uma proteção.

Sobre o círculo mágico, digo em nosso vínculo, meu olhar vaga para a tatuagem de pantera que aparece em seu pescoço. *Isto é o que sei: os círculos acontecem a cada lua nova abaixo desta mesma casa, ou pelo menos costumavam acontecer.* Não sei se vão mudar de lugar depois da merda que rolou da última vez. *A única mulher que conheço de nome e que estava envolvida nisso foi a Kasey. Foi ela que me recrutou para participar do círculo. E agora está desaparecida.*

Memnon esfrega o lábio inferior, me observando.

Na noite em que te perseguiram pela floresta, quantas ficaram feridas?

Balanço a cabeça. *Não sei, pelo menos umas doze.*

Alguém morreu?

Hesito. *Pelo menos uma.* Nero… Nero rasgou a garganta de uma mulher. *Pode ter tido mais. Eu não estava prestando atenção.*

Memnon assente. *Quando voltei para me vingar, todas as mulheres — vivas e mortas — haviam desaparecido. Quem quer que tenha tirado as mortas e feridas daquela floresta fez questão de limpar o sangue e qualquer outra evidência que eu pudesse usar para caçá-los. Estavam prontos para um contra-ataque. Seja lá o que esteja acontecendo, não é só uma reunião mensal. Eles são organizados, têm recursos, sabem como fazer corpos e provas desaparecerem e têm acesso aos túneis de fuga por baixo da casa.*

O pensamento é nauseante, agora que sei que essas pessoas passaram pelas minhas sentinelas e entraram no meu quarto. O túnel de fuga que sai debaixo deste edifício se conecta a uma vasta rede de túneis subterrâneos. Ninguém nesta casa está de todo seguro se esses túneis estão sendo explorados para fins nefastos.

Memnon entrelaça frouxamente os dedos, com os antebraços apoiados nas coxas. *Por que um grupo bem organizado de sobrenaturais faria*

negócios nos túneis abaixo do seu coven?, ele pergunta em nosso vínculo.

Sinto que ele sabe a resposta. Me volto para dentro, pensando nisso. A única coisa que me vem à mente é a resposta mais óbvia, aquela que já conheço.

A maioria deve morar aqui.

Memnon assente. *Ou estão tentando recrutar bruxas da sua casa.*

Foi isso que aconteceu comigo. Não acordei num belo dia e fui lá e participar.

Os olhos de Memnon caem sobre mim e, embora a conversa seja um pouco sombria, um sorrisinho curva seus lábios.

Que foi?, pergunto através da nossa conexão, tentando não notar a mecha de cabelo que caiu na frente de um de seus olhos. Tenho que fazer um esforço para não estender a mão e colocá-la atrás da orelha dele.

Gostei, ele admite.

Do quê?

Eu e você, estudando nossos inimigos, planejando nossos próximos movimentos.

Franzo a testa, embora meu coração acelere, só um pouquinho.

O feiticeiro se levanta, me resgatando daquele momento. Ele vai até minha porta e inclina a cabeça, estudando os feitiços de proteção.

Não deviam ter conseguido entrar aqui com todas essas sentinelas. Memnon se volta para mim. *Se eu te dissesse que não é seguro ficar aqui…*

Nem fodendo que eu vou ficar com você naquela casa toda queimada.

E se não estivesse queimada?

Ainda assim, é um não.

O feiticeiro me encara com os olhos semicerrados por um longo instante. Então, sorri, como se estivesse saboreando minha raiva. Ele se volta para a porta e murmura em sármata:

— Proteja esta porta contra todos aqueles que desejam o mal de Selene.

Seu poder índigo flui de seu corpo, se espalhando pela porta e adicionando mais uma sentinela ao nó crescente que elas formam. As plumas de sua magia se condensam em linhas que parecem escrita. As marcas brilham quando penetram no batente da porta, depois diminuem, até restar apenas o brilho quase imperceptível do feitiço.

Se quiser saber mais sobre as pessoas por trás dessa nota, então tem um lugar que com certeza devemos explorar, Memnon diz em nosso vínculo.

Os túneis de fuga.

Capítulo 11

— Não foi assim que planejei passar a noite — digo quando nós dois entramos na Sala de Rituais.

A sala sem janelas, com paredes e teto pintados de preto, era onde as irmãs do coven se reuniam para certas cerimônias. Atualmente, tem um círculo de velas brancas meio queimadas no centro, e a caixa em que elas vieram, jogada de lado.

— Pois é, esses também não eram meus planos.

— E como *eram*? — pergunto a ele com curiosidade.

— Eu esperava estar aproveitando os frutos da minha vingança. Ou seja, pensei que a essa hora, estaria casado com você e com a boca no meio das suas pernas.

Faço careta enquanto me aproximo da parede enfeitiçada, estremecendo um pouco só de pensar. Gostaria de dizer que o arrepio vem de um medo profundamente enraizado, mas não é verdade. Ainda mais porque estou lembrando como era ser casada com ele, que envolvia muito amor e ótimo sexo.

— Vejo que ainda está iludido.

— Ah, estou, é? — ele provoca atrás de mim, e o tom zombeteiro de sua voz me deixa nervosa. Eu e ele bem sabemos que a boca dele é meu ponto fraco, ainda mais quando está em certas partes inomináveis de meu corpo.

— Ainda não consigo acreditar que você me pediu em casamento ameaçando a vida dos meus amigos. Foi a declaração de amor menos romântica de todas.

Memnon aparece na minha frente.

— Ontem, procurei vingança — ele diz devagar, andando de costas em direção à parede oposta. — Hoje e pelo resto da minha vida, procurarei te fazer feliz. Se é romance que você quer de mim — seus olhos estão muito brilhantes — então é isso que vou te dar.

Faço careta.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Não? — ele pergunta. — Você quer uma alma gêmea que possa te amar como você deseja ser amada.

Levanto as sobrancelhas, tentando ignorar o impacto dessas palavras.

— Isso pode ser um grande choque para você, mas na verdade, estou bem de boa em não namorar ninguém. Ainda mais você.

— Hum — ele diz, evasivo.

Dá para perceber que ele desconsidera minhas palavras assim que as ouve.

Memnon se vira para a parede e encosta a mão nela.

— *Ifakavek.*

Revele.

O portal desaparece, expondo uma câmara escondida e uma escada em espiral que desce dela. Nós dois lançamos aquele feitiço, o que parece ter sido uma vida inteira atrás. Que bom saber que ainda funciona.

O feiticeiro passa e olha para mim.

— Você vem, imperatriz?

Atravesso a sala e entro na pequena antecâmara onde a escada em espiral me espera. Me viro para encarar a parede exposta.

— *Buvekatapis* — murmuro.

Esconda.

E eu nos selo lá dentro.

Ao contrário da última vez que visitei os túneis de fuga, já não tenho mais medo do que há aqui embaixo. Talvez seja porque, naquela época, eu queria fugir daquelas que me machucaram. Agora, quero encontrá-las.

Meu olhar percorre a sala subterrânea onde o círculo mágico aconteceu há apenas duas semanas. Parece exatamente como da última vez que visitamos.

— O que estamos procurando aqui? — pergunto.

— Qualquer coisa. Podemos começar descobrindo por onde as bruxas entraram. Na noite daquele círculo, você notou alguém na sua casa indo para aquele quarto acima de nós?

— A Sala de Rituais? — Penso na noite em questão. Esperei Kasey na biblioteca. O resto da casa, porém, estava quieto. Balanço a cabeça. —

Acho que não… Peraí — digo quando algo vem à mente. — Alguns dos túneis estavam iluminados.

Ao contrário de agora, em que as tochas nas arandelas estão apagadas.

— Então é possível que elas tenham se encontrado em outro lugar e entrado nesses túneis a partir daquele ponto.

O problema é que existem muitos ramos de túneis em todas as direções.

— Para que lado a gente vai?

— Acho que pouco importa, bruxinha.

Não consigo reprimir o arrepio agradável que o apelido evoca.

Decido seguir pelo mesmo túnel que corri quando fugi desta sala pela última vez. Não chegamos a percorrer nem trinta metros quando o túnel se divide.

Será que fui para a esquerda ou para a direita da última vez? Estava tão energizada de adrenalina que não lembro.

Por impulso, vou para a direita, com Memnon logo atrás de mim. Então, viro à esquerda. Depois, à direita, as tochas vão ganhando vida conforme avançamos. Por fim, chegamos a uma escada que dá acesso à Sempreviva. Recuamos e começamos de novo. Dez minutos depois, chegamos a outra saída, desta vez que leva a uma cripta com cheiro de mofo e ossos velhos.

— Ei, olha só — digo, apontando para um caixão de pedra enquanto arrasto uma teia grossa. — É a minha segunda amante… — Semicerro os olhos para ler o nome. — Efigênia. Vou acordar ela daqui a um ano, quando cansar de você. Gosto muito de enterrar meus amantes.

Quando me viro para olhar para Memnon, seu rosto está descontente.

Cedo demais para fazer piada, pelo visto.

Refazemos nossos passos e tentamos outra vez, a luz das tochas faz nossas sombras dançarem. A futilidade do que estamos fazendo está começando a se manifestar. Nem sei o que estamos procurando…

Tum.

O som ecoa nas paredes de algum lugar bem à nossa frente.

Eu e Memnon nos entreolhamos, e então aceleramos o passo.

Acho que deve ser uma péssima ideia, digo silenciosamente.

Não me diga que perdeu a coragem agora.

Ao longe, o túnel brilha vagamente, a luz vai ficando cada vez mais brilhante quanto mais nos aproximamos. Ou estamos passando de novo pelo mesmo lugar, ou tem outra pessoa aqui embaixo.

Se tiver mais alguém aqui, não sair concluindo o pior, digo. *Pode ser literalmente qualquer um. Talvez a equipe de Meimendro use essas passagens.*

Para quê? Memnon me desafia. *Encontros casuais? Esses túneis foram criados para fins ilícitos.*

Não foram, não, argumento. *Eles foram criados para evitar a captura.*

Pois é, Memnon concorda. *Isso seria considerado comportamento ilícito.*

Porra, acho que sim.

Nós dois enfim chegamos ao corredor previamente iluminado. Um pouco mais abaixo, ele dá em outra sala subterrânea semelhante em tamanho e estrutura àquela abaixo da residência. Mas enquanto a última sala estava vazia, esta está cheia.

Faço uma pausa enquanto absorvo tudo. Parece quase um clube de bruxas. Há um candelabro aceso pendurado no teto. Ao longo da parede direita, uma série de armários e prateleiras embutidas. Em vários deles repousam grimórios roídos pelas traças, com a magia conflitante se acumulando no ar acima. Em outra prateleira há uma bola de cristal, uma tigela de vidência e o busto de uma mulher com um nariz muito grande e um ar determinado. Do outro lado da sala, há uma enorme tapeçaria que representa uma floresta encantada. Abaixo dela, vários baús e um guarda-roupa pintado com flores e serpentes. Algumas vassouras estão encostadas no canto.

Há um sofá de veludo verde gasto, uma poltrona cor de ameixa e uma mesa entre eles repleta de livros. Vou até a pilha e os reviro, lendo os títulos, enquanto Memnon passa por mim, atravessando a sala na direção da outra câmara, que abriga uma escada em espiral.

Já volto, ele diz enquanto sobe a escada, claramente determinado a encontrar quem estava aqui embaixo.

— Hum… — digo, distraída, enquanto olho para os títulos dos livros. *A Irmandade: A Dinâmica e Cultura das Bruxas*; *Símbolos Antigos e Seus Significados*; *Escuridão Adentro: Uma Exploração da Magia Proibida.*

Os títulos dos livros são um tanto interessantes, mas nada reveladores. Eu os abandono e ando pelo resto da sala, examinando os itens. Os grimórios nas prateleiras são antigos e sua magia tem um cheiro mofado e podre, como se estivesse se desfazendo. Faço uma pausa quando meus olhos

pousam em um dos grimórios. É um tomo pequeno e fino, quase sem a lombada. Fios de magia das trevas saem dele.

Antes que eu possa pensar duas vezes, tiro o exemplar da estante. Eu o folheio, mas não há páginas marcadas ou feitiços óbvios de interesse. Só desenhos perturbadores de dedos e olhos desmembrados. Uma leitura bem leve, aconchegante.

Coloco o livro de volta, enxugando as mãos na calça jeans para tirar a sensação oleosa da magia de mim. Volto a atenção para os armários que ficam ao longo da parte inferior da parede, me agacho e vou abrindo um por um.

Dentro de todos eles há cestas cheias de barras de cereal, salgadinhos, mix de castanhas e minigarrafas de água.

Com certeza é algum tipo de clube. E embora seja incomum, não vi nada aqui que seja abertamente nefasto — tirando o grimório sombrio.

Fecho os armários e vou para o outro lado da sala, atraída pelo guarda-roupa só porque a serpente e as flores pintadas na frente dele são lindas. Passo a mão pela imagem da cobra, observando as fases da lua detalhadas em seu corpo. Sob meu toque, ela parece ganhar vida por um momento, as escamas delicadas ondulam enquanto a cobra desliza um pouco. Ouço um clique, e então uma das portas do armário se abre um pouquinho.

Não fazia ideia de que ela faria isso.

Empurro a porta para abri-la ainda mais.

Levanto as sobrancelhas

Dezenas de robes pretos estão pendurados lá dentro. Pego um, esfrego o tecido entre os dedos e levo o material ao nariz. Tem um leve cheiro daquela bebida enjoativa que me deram no círculo mágico. Mais incriminador ainda, há algumas túnicas brancas quase transparentes penduradas no interior também. Cara, a metamorfa usava algo semelhante quando foi levada para o círculo…

Me afasto do armário, com o coração batendo forte. Quer dizer, pode ser uma coincidência. Deve *haver* vestes e roupas semelhantes armazenadas em algum lugar do dormitório também. São trajes cerimoniais bem básicos.

Eu me viro e observo a sala novamente, com o olhar varrendo o espaço antes de pousar nos baús.

Vou até um deles e tento abri-lo. A tampa não se move.

Será que se eu fizer carinho funciona?

Tento fazer exatamente isso. Quando a tampa ainda não se mexe e eu sinto como se tivesse cometido algum tipo de assédio sexual contra o baú, concentro a atenção na trava de ferro no centro. Há uma fechadura embaixo, na qual a chave do meu quarto provavelmente caberia, embora eu a tenha deixado lá.

— *Abra* — ordeno em sármata.

Minha magia se desenrola, uma linha fina flui para dentro do buraco da fechadura. Ouço uma trava se desfazer, e então meu poder empurra a tampa contra a parede.

Qual é o propósito de uma fechadura se um feitiço pode…

Deusa do céu.

Empilhadas dentro do baú, estão muitas máscaras idênticas às usadas no círculo mágico. No topo de todas elas, a máscara da sacerdotisa.

Bem, não é mais uma coincidência. Quem quer que esteja envolvido no círculo mágico está guardando os itens bem aqui.

Capítulo 12

Enfio a mão dentro do baú e retiro a máscara da sacerdotisa.

— Memnon! — chamo.

Quando não o ouço, abaixo a máscara e olho para a câmara por onde ele saiu.

Ele tem andado muito quieto em nosso vínculo desde que desapareceu escada acima.

Memnon?, o chamo através de nossa conexão.

Já volto, imperatriz. Estou quase terminando.

Terminando?, pergunto, alarmes soam na minha cabeça. *O quê?*

O interrogatório.

Ô, desgraça.

Solto a máscara e corro na direção da escada em espiral de ferro forjado. Ergo a cabeça e ouço as notas baixas da voz de Memnon vindo de algum lugar lá em cima.

Caralho. Subo as escadas de dois em dois degraus, a estrutura treme enquanto subo com pressa para chegar até Memnon.

As escadas conduzem a uma antecâmara estreita com um arco aberto. Do outro lado, posso ver o que parece ser uma espécie de sala de professores, e lá dentro, vejo Memnon segurando uma mulher pelo pescoço, seus pés se debatem enquanto ela tenta arrancar a mão do feiticeiro. Sua magia verde-clara ataca Memnon, mas quaisquer que sejam os feitiços que ela está lançando, não estão adiantando em nada.

— Memnon! — Não posso deixar esse homem sozinho nem por cinco segundos, mas que porra. — *Coloca a mulher no chão* — digo em sármata.

Memnon dá uma olhada em mim por cima do ombro enquanto abaixa a mulher de volta ao chão.

— Olá, minha rainha — ele diz, a voz suave, como se não estivesse sufocando uma bruxa. Uma bruxa que ele *ainda* segura pela garganta.

Eu avanço.

— Você não pode sair por aí abordando as pessoas e tratando elas como ameaças — digo.

Não tenho a intenção de que seja uma ordem direta, mas em resposta a ela, a mão de Memnon se abre e ele solta a mulher, que então tenta fugir. Memnon bloqueia sua fuga com o corpo.

— Pode ser que você queira ajustar essa ordem — ele diz, enviando sua magia em direção à porta para a qual a bruxa está correndo. Quando ela chega lá, a maçaneta não gira. Sua própria magia surge para combater o feitiço de Memnon. — Pode ser que a gente acabe encontrando muitas pessoas más.

Ela sabe das coisas, est amage.

Ah, cara. Já estou sentindo a dor de cabeça do estresse se formando.

Tudo bem, desconsidere meu último comando. Só seja gentil com ela.

Assim que dou a ordem silenciosa, a magia de Memnon envolve a barriga da bruxa e a arrasta delicadamente para um sofá próximo.

— *Fique* — ele ordena. Sua magia flui dele ao comando e ele a prende contra o assento.

Pela deusa, como eu *odeio* esse feitiço dele. Também estou tentando não hiperventilar com o fato de que agora estou permitindo que Memnon maltrate as pessoas em meu nome. Considerando que estamos em algum lugar dentro dos edifícios principais do Coven Meimendro, essa bruxa pode ser uma professora.

Minhas dúvidas me oprimem. Estou prestes a chamar o feiticeiro quando ele fala novamente:

— Acho que você vai gostar muito de ouvir o que a Lauren aqui tem a dizer.

A mulher, que parece ter trinta e poucos anos, olha para cada um de nós, com o cabelo castanho-claro desgrenhado e os olhos assustados. Mais de sua magia emana enquanto ela luta contra o domínio de Memnon. É inútil.

— Me solta — ela exige.

Memnon cruza os braços e inclina a cabeça.

— Conta para ela. — Ele aponta para mim. — O que você me disse, aí talvez eu solte.

Está tudo errado. Quando pedi a ajuda de Memnon, não era isso que eu queria.

Não era?, ele responde. *Acho que você precisava de uma desculpa para se libertar, e eu sou essa desculpa.*

A bruxa à nossa frente interrompe nossa conversa silenciosa.

— E-eu estava nos túneis reabastecendo os mantimentos.

Franzo a testa.

— Por que tem comida naquela sala?

A bruxa, Lauren, muda sua atenção para mim, e há um lampejo de reconhecimento. Infelizmente, mesmo com minhas memórias de volta, não a reconheço.

— Sempre mantemos os túneis abastecidos com co-comida. Em ca-caso de emergências.

Memnon ri baixo.

— Não foi essa a razão que você deu quando espiei a sua mente.

Ela abre a boca, mas quando tenta falar, não sai nada. Seus ombros se retraem um pouco.

— Não posso falar sobre isso.

Franzo a testa. Isso não parece bem inocente para mim.

— Por favor — ela me diz, com os olhos suplicantes. — Me deixe ir embora. Você sabe que isso é errado.

Pois é, sem dúvida é errado, digo no nosso vínculo.

— Conta para ela por que você não pode falar — Memnon diz.

— N-não posso falar sobre isso também.

Memnon olha para mim.

Isso deveria significar alguma coisa?

Será que isso não parece uma compulsão mágica? Porque é.

Minhas sobrancelhas se erguem quando Memnon pergunta para Lauren:

— Cadê o seu celular?

Os olhos da bruxa disparam brevemente para uma bolsa próxima. Memnon caminha até lá enquanto a bruxa luta contra o feitiço que a prende.

Ele pega o celular e o segura para ela.

— Desbloqueie o dispositivo.

Antes que ela possa resistir, o celular reconhece o rosto dela e desbloqueia sozinho. O feiticeiro olha para o aparelho e dá alguns toques. Ele tira uma foto de alguma coisa, dá mais alguns toques e então ouço o celular no bolso dele vibrar.

Lágrimas começam a correr pelo rosto da mulher enquanto Memnon devolve o celular à bolsa. Ela olha primeiro para meu parceiro, depois para mim.

— Você não entende — ela diz, em voz baixa. — E agradeça à deusa por não entender.

— Mas eu entendo — ele responde, perigoso, voltando para perto ela. — Você esteve lá naquela noite em que a Selene foi atacada, não foi? Você ajudou a atacá-la.

Ela balança a cabeça.

— Não tive escolha.

O feiticeiro olha para ela com pena.

— Duvido. E você também não me deixa escolha agora.

Memnon se aproxima de Lauren e agarra os lados de sua cabeça. A mulher começa a lutar novamente.

— Memnon — digo, com um tom de alarme na voz. — Você não vai machucar ela.

Ele inclina a cabeça para mim, mas esse é o único sinal que dá de que ouviu meu comando. Para Lauren, ele diz:

— Você nunca nos viu e não estamos aqui agora. Você vai pegar suas coisas e ir para casa.

Ele solta a bruxa e recua.

Lauren se levanta, parecendo um tanto perplexa por se encontrar ali. Seus olhos percorrem a sala, passando por mim e por Memnon sem realmente nos ver. Seu olhar se fixa na porta ainda exposta dos túneis de fuga, mas só por um momento. Ela se vira, pega a bolsa e sai pela porta pela qual tentou escapar minutos atrás.

Espero até que o som de seus passos desapareça por completo.

Há um gosto amargo no fundo da minha garganta. Tem alguma coisa errada — mais errada do que ver meu parceiro arrancando segredos de bruxas.

— Tenho más notícias para você, *est amage* — Memnon diz, ainda olhando para a porta.

Olho em sua direção.

— O que foi?

— Aquela mulher. — Ele acena com a cabeça na direção em que Lauren partiu. — Está enlaçada.

Capítulo 13

Minha cabeça se vira na direção dele tão rapidamente.

— Como é que é? — Devo ter ouvido errado. A possibilidade de que, apenas algumas horas depois de Memnon e eu formarmos um vínculo, nos deparamos com uma bruxa com um vínculo próprio…

— Ela responde a uma mulher que atende pelo nome de Lia. Ela liga para essa Lia uma vez por semana, e então é forçada a divulgar informações sobre várias bruxas. — Os olhos de Memnon ficam frios. — Lauren é uma recrutadora.

Minha respiração fica presa na garganta.

— Como assim?

— Ela usa sua posição como professora para procurar bruxas que Lia possa gostar. — Depois de um momento, ele acrescenta: — Ela estava lá na mesma noite que você. Eu a *vi*… — Sua voz falha quando ele cospe a palavra como um palavrão. — Te perseguindo, nas lembranças dela. Ela tentou te matar várias vezes.

Eu não consigo respirar. Não devo ter ouvido direito.

— Ela é… ela é uma professora — tento argumentar. Não quero acreditar que o corpo docente possa estar envolvido nisso.

Memnon continua:

— Quando Lauren encontra bruxas que são promissoras, ela repassa as informações para Lia e, em alguns casos, mexe os pauzinhos para que elas participem de um círculo mágico ou sejam submetidas a ele.

Fico olhando para a boca de Memnon.

— Como assim?

— Significa — ele diz, a voz suave — que essas mulheres são enlaçadas. — Pressiono os lábios. — Há outro círculo mágico já planejado para a próxima lua nova. Não parecia que elas haviam decidido o local, mas mesmo assim, pretendem realizá-lo.

De repente, as táticas agressivas de Memnon não parecem tão exageradas. Não à luz do que ele descobriu.

— Selene — ele diz, examinando meu rosto. — Essa não é a pior parte.

Tem mais?

Seu olhar está firme no meu.

— Essa tal de Lia está atrás de você.

Nós dois saímos da sala dos professores e entramos nos corredores do Salão do Caldeirão. Atordoada, noto as portas de várias salas de aula e escritórios de professoras de cada lado de nós, mas minha mente está concentrada no que acabamos de descobrir.

São uma coisa sistêmica, esses enlaços. Imaginei que fossem, mas ouvir a confirmação, ouvir que uma instrutora aqui do Coven Meimendro está envolvida nisso? De repente, todas as bruxas daqui parecem marcadas. Eu, Sybil, a bruxa que está conversando com seu pássaro no corredor, o grupo de mulheres em frente ao enorme caldeirão borbulhante que domina a entrada principal.

Memnon pega o celular e liga para alguém. Ele coloca o aparelho no ouvido, mas posso sentir seus olhos em mim enquanto saímos do prédio. Posso ouvir uma voz automatizada pedindo placidamente a Memnon que deixe uma mensagem.

O feiticeiro xinga e desliga.

— Ninguém atendeu o número da Lia — ele diz, guardando o celular no bolso. — Vou tentar de novo mais tarde.

Mas por que se dar ao trabalho? É provável que ninguém atenda. Ou quem sabe até atenda. E aí? Vamos ameaçar a pessoa por telefone? Dizemos que o que estão fazendo é ruim e errado? Continuamos a ligar até sermos bloqueados? Deve ser um celular pré-pago ou um número temporário ou… ou…

Estou na metade dos degraus de mármore do lado de fora do Salão do Caldeirão quando decido me sentar ali mesmo.

Memnon para adiante e depois olha para trás.

— Selene? — ele pergunta, preocupado.

Balanço a cabeça, tentando recuperar o fôlego, embora não tenha feito nenhum esforço. Não sei por que estou tão *sem fôlego*.

Ouço seus passos pesados e decididos subindo os degraus. Quando ele chega ao meu lado, hesita. Então começa a se aproximar de mim e se senta com tudo. Sua perna bate na minha.

— Por favor, não.

Não o quê?, ele pergunta em nosso vínculo.

Não fique preocupado. Pressiono as palmas das mãos nos olhos.

Apesar da ordem, Memnon coloca a mão nas minhas costas. Quando não a tiro dali na mesma hora, ele me puxa para si.

Acho que a preocupação dele é genuína. Essa compreensão embrulha meu estômago, mesmo quando me inclino para ele, sentindo um conforto vergonhoso na sensação quente e sólida do seu abraço.

Por sua causa, tenho que limpar esta bagunça. É uma mentira descarada; Memnon pode ter movido os corpos de bruxas assassinadas, mas não teve nada a ver com isso.

Vamos limpar. Juntos, ele diz, sem se preocupar em me apontar o dedo pela mentira.

Minha irritação aumenta… junto de um calor traiçoeiro que alivia o aperto em meu peito.

Memnon olha para o gramado, para a entrada principal do coven e para a floresta densa além.

Você me disse para não machucar a Lauren, ele diz. *Se cancelar a ordem, eu posso…*

Se eu cancelar a ordem, termino por ele, *você vai matar ela*.

Ele fica quieto. Ele sabe muito bem disso.

Depois de um momento, ele acrescenta: *Se não a impedir, mais bruxas vão ser enlaçadas contra a vontade.*

Fecho os olhos com força. *Eu sei.*

Matá-la seria conveniente, mas não posso simplesmente ordenar a morte dela. Isso exige uma espécie de frieza que eu não tenho.

Balanço a cabeça. *A gente precisa encontrar essa Lia e fazer ela parar.*

Ela é a mestre das marionetes que puxa as cordinhas. Não ajuda que ela parece ter um grande interesse em mim.

Nós a encontraremos. Consegui o número dela no celular da Lauren. Vou ver o que posso fazer com isso. O olhar de Memnon se volta para mim. *Mas esteja avisada, quem quer que seja essa Lia, se ela está mesmo forçando*

enlaços nessas bruxas e fazendo elas recrutarem mais vítimas, ela deve ser muito má e muito perigosa.

O que ele quer dizer é que, no final, ele provavelmente vai ter que matá-la. Fico feliz que ele não expresse isso, porque acho que não iria impedi-lo e não estou pronta para lidar com mais essa verdade terrível, além de todo o resto.

Em vez disso, digo: *Não tem ninguém pior que você.*

Seus olhos brilham ameaçadoramente.

Est amage, *estou contando com isso.*

Por fim, voltamos para o meu quarto.

Nero também voltou e abandonou sua cama para dormir esparramado na *minha*, soltando bufos adoráveis que eu acho que são roncos de felino.

Pelo menos um de nós está em paz. Ainda estou pensando no fato de que uma professora do Meimendro está atraindo bruxas para os mesmos círculos mágicos que eu fui. Que essa professora lutou comigo enquanto eu tentava escapar com Cara, a garota metamorfa.

Sinto os olhos do feiticeiro em mim e me viro na tentativa de olhar para ele. Ele permanece à porta, uma mecha de cabelo preto cai sobre um dos olhos. O homem agressivo e raivoso com quem me acostumei nas últimas semanas se foi. Ainda posso sentir sua violência — isso faz parte dele tanto quanto qualquer outra coisa —, mas está escondida no momento.

Em vez disso, posso sentir o anseio do seu amor através do nosso vínculo. Em algum momento durante a nossa noite, seus olhos perderam a expressão assombrada. Mas agora o vazio está de volta.

Há uma grande parte de mim que quer estender a mão e tocá-lo só para tirar aquela expressão do seu rosto.

Você quer discutir os assassinatos agora?, meu parceiro pergunta.

Estou morta de cansaço. E com fome.

— Outra noite. — Quero questionar Memnon sobre isso quando estiver atenta o bastante para fazer as perguntas certas.

A expressão de Memnon mudou um pouco. Agora, ele está olhando para mim como se tivesse avistado a salvação. De forma tentadora, ele estende a mão, os nós dos dedos a um fio de cabelo do meu rosto.

— Não — digo.

Ele engole em seco, com a mão ainda estendida.

— Me desculpe — ele diz, com a voz rouca.

Quero dizer a ele que sua ajuda não muda nada. Que estar enlaçado a mim não muda nada. Que seu remorso e mesmo sua simpatia e todas as outras partes dele que derrubam todas as minhas defesas não mudam *nada*.

Mesmo que mudem.

Em vez disso, me afasto dele.

— Não vou pra casa com você.

Sei que ficar com ele seria a opção mais segura, mas Memnon ainda é o homem que quase matou um salão cheio de meus amigos para me forçar a casar com ele, e ele ainda é o homem que me fez libertar minha memória contra a minha vontade, e eu ainda estou furiosamente zangada com ele. Prefiro ficar com uma matilha de lobos famintos a ficar com ele.

Memnon assente, pensativo, sem se dar ao trabalho de brigar comigo por causa disso. O homem vitorioso da noite anterior se foi.

Seus olhos caem para a minha barriga e permanecem ali por vários segundos. O quarto está tão silencioso que ouço uma única palavra sussurrada.

Criança.

Coloco a mão na parte inferior do abdômen, engolindo em seco. Não sei o que dizer sobre isso. É mais uma tragédia entre nós.

— Não consigo acreditar que uma criança… a nossa criança… existiu — ele diz, com a voz suave. — E que devo ao mesmo tempo celebrar a vida dela e ficar de luto por ela.

Respiro fundo, estremecendo. Isso parece tão mal resolvido, e uma parte profunda e antiga de mim quer chegar mais perto dele e lamentar essa perda juntos. Mas embora eu possa ter vivido e morrido como Roxilana, ela não é mais quem eu sou, e Memnon não é mais meu marido. Então, espero que o momento passe e que o feiticeiro afaste a dor dos olhos.

Enfim, o momento passa e Memnon se vira para sair. Ele faz uma pausa quando seus olhos encontram alguma coisa.

Sigo seu olhar até a bolsa aberta que tirei da casa dele, abarrotada de cadernos.

— Você não queimou eles de verdade — digo. Não consigo decidir se isso é uma acusação ou uma pergunta.

Seu olhar suaviza quando retorna para mim.

— Sei que posso ser cruel, mas mesmo quando pensei o pior de você, nunca procurei destruir tudo o que você é só para conseguir o que quero.

O silêncio no quarto é tão, tão alto.

— Me engana que eu gosto — acabo dizendo.

— Mas eu enganei mesmo — ele concorda. — Você acreditou que eles tinham queimado.

— Isso não faz de você menos cruel.

Ele ainda conseguiu o que queria.

Memnon estende a mão e me toca. Ele segura meu queixo, inclinando minha cabeça para a dele.

— E se eu te dissesse que temia que um de seus inimigos viesse aqui… como vieram, mesmo… e desse uma olhada naqueles diários? E se eu te dissesse que fiquei preocupado que eles pudessem encontrar alguma informação que possam usar contra você?

Balanço a cabeça.

— Você fez isso para evitar que a Politia lesse e encontrasse alguma coisa que pudesse limpar meu nome — argumento.

— Fiz mesmo — ele concorda. Examina meus olhos, quase me forçando a entender. — *Também* não queria que eles lessem seus diários.

— Porque isso provaria minha inocência.

— Porque a corrupção na sua cidade é profunda.

Eu o estudo por um longo momento.

— Você acha que a Politia está envolvida nisso?

Ele solta meu queixo.

— Pode-se comprar informação de qualquer pessoa, Selene. Até das autoridades.

Eu… acho que acredito nele.

— Se isso for verdade, por que você só não me contou? — Eu poderia facilmente ter escondido meus cadernos.

— Porque eu também queria vingança contra você. Que os deuses me livrem de minha vingança parecer proteção.

Franzo a testa, perscrutando seu rosto.

Odeio que o que ele está dizendo faz sentido.

— Fala a verdade — ordeno a ele. — Alguma coisa do que você disse é mentira?

Ele sustenta meu olhar.

— *Não*. — Antes que eu tenha a chance de responder, o olhar de Memnon volta para minha pilha de cadernos. — Queime-os ou proteja-os, mas não deixe nenhum deles exposto aqui para que outros possam vasculhar. Porque posso garantir que, se tiverem oportunidade, *vão aproveitar*.

Vou até a bolsa de viagem. Não sei bem o que estou pensando quando enfio os livros de volta, pego a bolsa e a levo para Memnon. Ele é tão confiável quanto um diabrete — sem ofensa aos diabretes —, mas… sei lá. Talvez a noite esteja me afetando ou talvez eu esteja confiando demais nesse nosso novo vínculo. Ou talvez seja só o fato de que, mesmo quando ele estava se vingando de mim, ainda assim estava tentando proteger a mim e as coisas mais sagradas para mim. Seja qual for o motivo, decido confiar no meu instinto, apesar de toda a treta entre nós.

— Quer merecer meu perdão? — pergunto. — Então pode começar levando os cadernos com você e colocando as sentinelas que quiser. — Entrego os cadernos.

Memnon me observa atento com aqueles olhos calculistas enquanto pega a bolsa, e tento não pensar em como ele vai fazer para dormir. O último vislumbre que tive da casa dele foi de chamas. Pressiono os lábios para evitar a pergunta sobre o estado do lugar ou se ele vai ficar bem. O feiticeiro não é nada menos que implacavelmente eficiente. Se a casa não servir, ele vai simplesmente achar outra. São os outros ao seu redor que precisam se preocupar.

Ele lança um olhar persistente aos meus lábios antes de recuar na direção da porta.

— Se cuida, *est amage*. Você é poderosa e capaz, mas mesmo assim, traidores podem te passar a perna.

Sei que nós dois estamos pensando em Eislyn e Zosines.

Assinto.

— Vou ter cuidado.

— Entre em contato comigo quando quiser discutir os assassinatos, ou se precisar de alguma coisa — ele diz, com os olhos fixos nos meus. — Eu sou seu, estou sob seu comando.

Franzo a testa. Não gosto de como tudo de repente ficou sério ou de como meu coração se sente desconfortavelmente desolado agora que ele

está indo embora. Coração besta, ridículo.

Ele para por um momento, esperando que eu diga alguma coisa, qualquer coisa, mas estou muito enrolada com meus próprios sentimentos confusos.

— Hum, tá bom… até mais, então. — Não tenho certeza se poderia ter saído *mais* esquisito, mas tudo bem.

Memnon me lança um último olhar penetrante, e parece uma promessa. Ele bate os nós dos dedos na minha porta.

— Até, bruxinha.

Memnon abaixa a cabeça e sai, um pouco de magia índigo permanece ao seu redor antes de se dissipar.

Capítulo 14

As proteções de Memnon parecem funcionar. Mais ninguém além de mim entra ou sai do meu quarto, e dois dias depois, durante a aula de Introdução à Magia, começo a pensar que pode ser que eu esteja segura por enquanto.

Bato a caneta no caderno enquanto espero professor Huang entrar. Não entrei em contato com Memnon desde que ele saiu do meu quarto. Ainda pretendo discutir os assassinatos e acompanhar aquela parada esquisita de clube que encontramos… mas amarelei ontem, e hoje… bem…

Dou uma olhada no macacão de esqueleto que estou usando. Mantive esta fantasia por anos, justamente por causa de hoje.

Véspera de Todos os Santos. Samhain. Halloween, para os não iniciados.

A noite em que as barreiras entre os mundos são mais finas. O Baile de Samhain, três dias atrás, foi em homenagem ao feriado, mas hoje à noite é a celebração de verdade.

Do lado de fora da sala de aula, bruxas fantasiadas transportam abóboras e lanternas apagadas pelo gramado dos fundos até a Sempreviva. Se elas têm algum medo de entrar naquela floresta sombria, não demonstram. Mas devem sentir a tensão opressiva que paira sobre o coven.

Todas estão sentindo o peso dos assassinatos. Pelos boatos que andei ouvindo nos últimos dois dias, a administração do Meimendro está considerando impor um toque de recolher em todo o campus. E se as coisas piorarem… existe a possibilidade de o coven fechar, seja por um tempo ou para sempre. Já se fala que a escola será processada pelas famílias das vítimas. É um momento bem precário.

Alguns olhares rápidos de minhas colegas me tiram dos pensamentos. Me ajeito desconfortavelmente na cadeira ao lembrar mais uma vez que, há apenas três dias, eu era a principal suspeita do caso.

Ainda te odeio, digo a Memnon. É um jeito meio bosta de entrar em contato com alguém com quem não se fala há dias, mas acho que Memnon merece esse tipo de cumprimento.

Em nosso vínculo, sinto uma onda de diversão.

Você está só refletindo aleatoriamente ou…?

Todo mundo ainda acha que eu sou culpada, digo.

Tecnicamente, não é verdade. Elas podem saber que fui inocentada e estão só curiosas. De qualquer forma, é uma merda.

Quer que eu vá até aí e apague a memória de todas sobre esses eventos?

Seria uma oferta hilária se eu não soubesse que ele estava falando sério.

Pela deusa, Memnon. Dá pra ser civilizado por cinco minutos?

Sinto seu sorriso através do nosso vínculo, a sensação dele me aquece de dentro para fora.

Para de sorrir. É irritante.

Memnon para mesmo de sorrir, e de alguma forma odeio isso ainda mais. Estou prestes a retirar a ordem, me sentindo uma valentona babaca, quando ele diz: *Deixe que essas bruxas tenham medo de você. Elas têm razão. Você é poderosa e assustadora e se tornou uma oponente formidável. Pode ser que aí as pessoas pensem duas vezes antes de mexer com você — assim como eu penso.*

Antes que eu possa falar alguma coisa — não sei nem como responder uma coisa dessas — professor Huang entra, com seus longos cabelos pretos fluindo como uma cortina atrás de si.

Professor coloca as anotações no pódio, olhando para a turma um pouco de soslaio antes de nos encarar.

— Feliz Samhain para todas vocês.

Algumas pessoas comemoram em resposta.

Huang acena para algumas bruxas.

— Vejo que muitas já estão de fantasia. Que bom ver todas vocês em clima de comemoração. Hoje é seu direito de nascença, mas quero aproveitar o momento para alertar todas vocês para tomarem cuidado durante as festividades da noite. Um toque de recolher às seis da tarde entrará em vigor em todo o campus a partir de amanhã, no dia 1º de novembro. As bruxas devem voltar para casa ao pôr do sol e ficar lá até o nascer do sol. Quaisquer tarefas que exijam lançamento de feitiços noturnos serão alteradas para respeitar o toque de recolher.

A sala cai num silêncio mortal, mas a tensão só aumenta.

— A segurança de vocês é a maior prioridade para todos nós, docentes aqui do Meimendro.

Penso em Lauren. Penso que ela me perseguiu pela floresta há duas semanas e que está procurando alunas para cerimônias de enlaço agora mesmo. Meu estômago dá uma boa embrulhada. Nem todo o corpo docente daqui está zelando pela nossa segurança.

Professor Huang dá uma olhada nas anotações e pigarreia.

— Gostaria que hoje fosse só mais uma palestra — começa. — Mas à luz das mortes recentes, sinto que não dá para me ater ao conteúdo programado. Então, em vez disso, quero usar a lição de hoje para falar sobre magia das trevas. O que é, como é usada e por que é considerada proibida.

A sala fica desconfortavelmente silenciosa. Esta é a parte da bruxaria da qual não falamos, a parte que devemos fingir que não existe, embora sempre tenha estado lá, à espreita, na periferia do nosso mundo. É o aspecto do nosso poder que tem colocado as bruxas em apuros ao longo dos tempos.

— Com isso — continua —, gostaria de perguntar a todas vocês: qual é a primeira lição que todas as bruxas devem aprender?

— *Primum non nocere* — respondo.

Primeiro, não prejudicar.

O juramento de Hipócrates. Os médicos não são os únicos que o seguem; nós, bruxas, também.

Professor Huang coloca os dedos na frente de onde seus braços repousam no pódio e acena com a cabeça.

— Não prejudicar — repete, enunciando cada palavra.

Tipo, é uma boa ideia para bruxas — em teoria. Na prática, o que isso realmente quer dizer? E se alguém faz uma tintura para ter sucesso, talvez até ajude, mas no processo, acaba fodendo com uma colega? Ou alguém prepara uma poção do amor e funciona, será que isso não está roubando do outro uma experiência que deveria ter sido com outra pessoa? É justo interferir? Onde traçar *esse* limite?

— Uma das usuárias de magia das trevas mais conhecidas foi Elizabeth Bathory, que teceu feitiços com o sangue de centenas de pessoas que ela torturou e matou para manter a própria juventude e beleza. Tem também Gretta Gimbley, menos conhecida, que prolongou a própria vida canibalizando a carne enfeitiçada das suas vítimas. O que ela não consumia, usava para preparar poções extremamente amaldiçoadas, que depois vendia como tônicos medicinais.

Ela sem dúvida parece uma pessoa superlegal.

Faço menção de transcrever as informações, mas… não sinto a mesma necessidade urgente. Agora que minhas lembranças retornaram, minhas anotações não precisam ser tão diligentes. Depois de um momento de hesitação, escrevo tudo mesmo assim. Há um grande conforto em voltar a esses velhos hábitos. Ainda não estou pronta para criar novos.

Professor Huang continua:

— Sentimos por instinto o que é magia das trevas. Ouvimos essas histórias e sabemos que essas bruxas a utilizavam. Mas o que *é*, de fato, magia das trevas? O que é magia de sangue? O que as maldições e pragas têm a ver com isso?

Todas estão quietas, tensas.

— Para responder à primeira pergunta, magia das trevas é qualquer poder que deliberadamente causa dor e sofrimento a outra pessoa. Pode ser um feitiço cujo resultado é fazer com que outra pessoa sinta dor e infortúnio… como uma maldição ou uma praga, sendo que esta última é mais um infortúnio menor. E aí, tem a questão de: *de onde* esse poder vem. Se for extraído de uma fonte involuntária ou através da crueldade e força desnecessárias, então ele vai extrair magia das trevas.

Meu coração acelera quando lembro que algumas das minhas batalhas nas últimas duas semanas extraíram ou causaram dor. Afundo um pouco mais no meu assento.

Huang continua:

— A magia das trevas é uma perversão do fluxo natural do universo e, para corrigir isso, a magia cobra um preço de quem a exerce. É por isso que a Lei Tríplice existe. O bem gera o bem, e o mal gera o mal. Bem, eu dei aqui alguns exemplos básicos e claros de magia das trevas, mas há outros aspectos mais obscuros dela. Extrair poder de coisas já mortas e em decomposição também pode atrair magia das trevas, mesmo que a pessoa não tenha matado aquela coisa. — Os olhos de professor Huang percorrem a sala enquanto fala. — Tudo isso é ainda mais complicado pelo fato de que às vezes podemos ter que causar dor para acabar com um sofrimento maior, como incapacitar alguém que está machucando outra pessoa. Isso seria considerado magia das trevas?

Ninguém responde, mas estamos todas esperando ansiosamente para ouvir o que professor Huang tem a dizer.

Huang dá um sorriso triste para a sala.

— É aqui que residem as nuances da magia que causam uma verdadeira dor de cabeça. A resposta inútil é que isso *pode* ser considerado magia das trevas e *pode* não ser. Mas, no fim das contas, o maior fator que determina se a magia é sombria ou não são as próprias intenções. Muito disso tem a ver com intenção.

Uma das minhas colegas levanta a mão.

— Por que alguém preferiria magia das trevas à de luz?

O olhar de Huang está firme em minha colega de classe, sua expressão sombria.

— Poder, minha querida. A magia das trevas pode ser perigosa, mas junto dela vem muito, muito poder.

Assim que a aula termina, coloco meu caderno na bolsa e vou até o pódio, onde algumas outras bruxas estão conversando com professor Huang.

Depois que as alunas à minha frente terminam, vou até Huang, mexendo na alça da minha bolsa.

Professor Huang levanta os olhos.

— Pois não?

— Tenho uma pergunta sobre… vínculos e laços. — Se Huang se surpreende com o assunto, não deixa transparecer. — Fico confusa com os diferentes tipos — esclareço. — Sei que existem vínculos predestinados…

Professor intervém:

— Então há muitas nuances neste assunto, porque vínculos predestinados, como almas gêmeas e familiares, não exigem *feitiços* de enlaço. Vínculos predestinados são conexões intrínsecas e mágicas. Ficam todos agrupados sob um mesmo nome, mas na verdade, em muitos aspectos, são algo próprio. Normalmente se usa “vínculo” para os predestinados e “laço” para tudo aquilo que exige um *feitiço* de enlaço. Quanto a isso, esses feitiços ocorrem o tempo todo entre bruxas e magos. Eles são tão comuns que passam despercebidos. Juramentos inquebráveis, por exemplo, são um tipo de feitiço de enlaço. Existem também outras coisas menos naturais que podem ser unidas. Veja os feitiços de amor, por exemplo. O alvo de um feitiço de amor pode não ter nenhum interesse

inicial na pessoa que anseia por ele. Um feitiço de amor une os dois por um tempo. Apenas o tempo suficiente para criar uma oportunidade para alguma química real.

Tudo bem, isso é muito mais informação do que eu precisava e meio que não chegou ao cerne da minha pergunta.

— E os laços que as pessoas formam entre si? — pergunto.

Huang hesita e depois suspira.

— Você quer saber sobre laços forjados e forçados.

Concordo com a cabeça, mordendo o interior da bochecha.

— Seres mágicos podem formar laços mágicos entre si, para além daqueles a quem estão fadados desde o nascimento. Os dois tipos são chamados de laços forjados e laços forçados. Podem até parecer semelhantes, mas são bastante diferentes. Laços forjados são o menor de dois males. Com esses tipos de enlaço, todas as partes envolvidas dão consentimento explícito ao laço constituído. Não que isso torne os termos dos laços forjados necessariamente *iguais*. Vender a alma por um desejo qualquer do coração tecnicamente é um laço forjado, embora seja comumente entendido que não é uma troca equivalente. Por isso, os laços forjados são bastante desencorajados, mesmo entre parentes ou parceiros românticos.

Professor Huang me lança um olhar significativo, como se estivesse me lendo direitinho. Mudo o peso de uma perna para outra.

— Por quê? — pergunto, com a ansiedade aumentando.

Deveria ter considerado isso antes de aceitar Memnon e seu feitiço de enlaço.

— As pessoas mudam. Corações mudam. Envolver juramentos imutáveis e coisas mutáveis pode tornar a vida mais difícil e infeliz.

— E o outro tipo de laço? — pergunto, vacilante, sem querer me aprofundar naquele aviso. — Pode me falar sobre isso?

Huang faz careta.

— Não falamos muito sobre laços forçados por causa de sua natureza maligna. Eles são, como o próprio nome indica, *forçados*. Exigem apenas o consentimento de um dos indivíduos envolvidos e podem ser atribuídos a qualquer outro ser sobrenatural. Não há nada nesses enlaços que possa ser redimido. São feitos para submeter suas vítimas inteiramente ao controle de outra pessoa. Felizmente, exigem mais poder para serem concluídos, então

o único jeito de realmente fazer um é com um círculo mágico. — Huang falou isso como se fosse reconfortante, mas faz o pavor tomar conta do meu corpo. Esses círculos mágicos já estão acontecendo, e realizando enlaços forçados com frequência. — Nem preciso dizer — acrescenta — que eles constituem a classe mais elevada de crime, ao lado do assassinato.

Infelizmente, isso também não me tranquiliza.

— O que acontece se um laço forçado for colocado em alguém? — pergunto. — Como é que desfaz?

— Depende dos termos. Mas há uma razão para os laços forçados serem feitiços perigosos e proibidos. Porque se tal feitiço for colocado sobre alguém até a morte, então só a morte quebrará o enlaço.

Atravesso o gramado principal do Meimendro, passando por uma irmã de coven que alimenta um bando de corvos. Várias outras bruxas atravessam a grama com enormes abóboras enfeitiçadas, flutuando no ar logo acima como balões, e fazendo barulhos surdos ao se chocarem.

É uma exibição fofa, mas minha mente ainda está na sala de aula, pensando no que professor Huang disse. Será que Cara, a garota metamorfa que eu resgatei do círculo mágico, chegou tão perto assim de ficar para sempre sob o controle da sacerdotisa? Lauren, a professora que Memnon interrogou, está sob um enlaço desses agora? Será que Lia está por trás de tudo isso? Ela era a sacerdotisa? Essas perguntas vão me atormentar.

Meus olhos ainda permanecem distraídos naquelas abóboras flutuantes quando sinto um formigamento inquietante nas costas, como um dedo acariciando minha coluna.

De imediato, olho na direção da Sempreviva, examinando a linha das árvores em busca da fonte da sensação. Em meio a todas as bruxas fantasiadas, avisto um indivíduo sombrio na periferia do campus. Juro que vejo uma faixa de pele cinza-claro, mas assim que pisco, a pessoa desaparece. Sigo com pressa pelo resto do caminho até a residência, tentando me convencer de que não tem ninguém me observando.

Minha mente volta para Cara e para a matilha de lobisomens à qual ela pertence. Já se passaram vários dias desde a última vez que falei com Kane. Pretendia ligar antes, mas ele ainda está no resguardo da Semana Sagrada,

os sete dias em torno da lua cheia. É quando os poderes de um lobisomem ficam mais potentes — e mais imprevisíveis. A matilha se isola durante essa semana para a própria segurança e a de todos os outros.

Enquanto atravesso o hall de entrada e subo as escadas para o meu quarto, pego o celular e desço a tela até o número de Kane mesmo assim.

Está na hora de termos uma conversa.

Capítulo 15

— Selene?

— Oi, Kane — digo enquanto fecho a porta do quarto, pega de surpresa por sua voz baixa e rouca. Uma grande parte de mim não esperava que ele atendesse.

— Como é que você tá? Eu estava para te ligar. Fiquei sabendo da… da prisão na outra noite. — Prisão sobre a qual ele me avisou. — Sinto muito.

Balanço a cabeça, mesmo que ele não consiga ver.

— Está tudo bem. Eles me liberaram, já fui inocentada.

— Pois é, soube disso também.

Pela deusa, nada como ter uma conversa casual sobre ser suspeita de assassinato com sua antiga — atual? — paixonite para tornar as coisas esquisitas pra valer. Pigarreio.

— Enfim — digo. — Naquela noite, você mencionou que a sua matilha queria falar comigo sobre a noite que eu encontrei a Cara.

— Pois é, a gente queria mesmo. Hoje é a última noite da Semana Sagrada. Eu ia ter que ver com o alfa da minha matilha, mas devo poder convocar uma reunião amanhã, se não tiver problema pra você. Sei que às vezes tem festa depois do Samhain, então dá pra adiar…

— Pode ser amanhã. — Posso priorizar as celebrações em outro ano, quando não tiver gente sendo enlaçada e assassinada ao meu redor.

— Maravilha — ele diz, com a voz um pouco menos rouca. — Então, se a alcateia aprovar a reunião, vou te esperar na fronteira entre as terras às cinco da tarde amanhã.

— Tá bom. Até amanhã, então.

Kane hesita, então admite:

— E caso você tenha esquecido alguma parte daquela nossa última conversa, eu ainda quero te ver de novo.

Minha respiração fica presa. Eu *tinha* esquecido, mas não da maneira que ele supõe. A lembrança ficou enterrada sob todo o resto com que tive que lidar nos últimos três dias.

— Ainda penso naquela noite que eu fui pra sua casa — Kane continua. A voz mais grave com a admissão.

Não é possível que ele esteja se referindo à noite em que Memnon o jogou pela janela do meu quarto.

— Ainda sinto muito por isso…

— Eu não devia ter ido embora depois que os policiais chegaram — o metamorfo me interrompe. — Era pra eu ter ficado.

Meu coração dispara com o pensamento, mas balanço a cabeça.

— Eu não teria deixado. — Memnon estava mais do que disposto a machucar Kane. *Ainda* deve estar.

— Não tenho medo daquele cuzão.

Penso nas legiões de soldados massacrados em antigos campos de trigo, todos eles mortos pelo poder de Memnon. Penso na maneira como meu ex-marido tomou um palácio — e o reino inteiro junto — por capricho. E como foi vertiginosamente fácil para ele me forçar a ceder às suas exigências. Ele foi criado para ser um guerreiro, e sua magia só o tornou mais letal.

— Mas *deveria*, Kane. Ah, deveria.

Passo a tarde na Sempreviva com Sybil e minhas outras irmãs de coven, preparando as decorações para as festividades da noite. Todas nós cultivamos ou movemos centenas de abóboras ao longo de um caminho improvisado. Embora não seja óbvio a olho nu, uma linha de ley percorre esta trilha. Fadas e espíritos costumam viajar por essas estradas mágicas e, hoje, vamos recebê-los nas terras do coven como convidados de honra.

Assim que terminarmos com as abóboras, enfeitiçamos lanternas para flutuarem no ar acima da trilha, as velas dentro de cada uma ainda estão apagadas.

Depois de posicionar a última, bato a terra das mãos e recuo.

Sybil vem saltitando até mim, com as asas de borboleta batendo atrás dela.

— Então, me lembra o que vai rolar mais tarde? — pergunta, enquanto ela enlaça o braço no meu.

Ela balança a cabeça.

— Nem fodendo que eu vou estragar a surpresa. Você vai ter que ver em primeira mão. — Sybil olha para as sombras crescentes. — Bora — ela diz, nos levando na direção de nossa casa. — A gente tem que comer logo, e você tem que trocar de roupa.

— *Eu*? Trocar de roupa?

— Amiga — ela diz, puxando meu macacão de esqueleto. — Essa roupa aí não vai dar.

— Qual é o problema da minha fantasia? — pergunto, um tanto na defensiva.

— Não tem *problema* nenhum, mas vai ficar desconfortável pra caralho quando você começar a beber infusão de bruxa mais tarde. Já passei por isso. No ano passado, eu literalmente destruí a minha fantasia pra conseguir tirar.

Olho para ela de soslaio.

— O que tem nessa infusão de bruxa? — Não consigo imaginar nada que me faria querer rasgar minhas roupas.

Ela me lança um sorriso de quem guarda um segredo.

— Não posso te contar, você só tem que confiar em mim que tudo faz parte da celebração.

Me soltar um pouco até parece legal…

Passo a mão pelo meu macacão de spandex.

— Só tenho esta fantasia.

Ela dá um aperto no meu braço.

— Que bom que você também me tem na sua vida.

Capítulo 16

— Era pra eu ser o que, mesmo? — pergunto, olhando para o meu reflexo. Estou exatamente igual, exceto por uma maquiagem cintilante e um vestido de cetim branco que mais parece uma camisola e não cobre quase nada.

— Você é uma fantasma sexy. Ou uma noiva morta. O que você preferir.

Quase dou uma risada. O objetivo de se fantasiar no Samhain é justamente mascarar sua verdadeira identidade para que espíritos maliciosos não nos reconheçam. Mas com esta roupa, estou a minha cara, só que de branco.

— Nossa, você faz milagre mesmo — zombo.

Ela não pega a piada nem de longe; Sybil parece encantada.

Meus olhos pousam no meu peito.

— Dá pra ver meus mamilos — afirmo.

— Amiga, vai dar pra ver os mamilos de *todo mundo* até o final da noite. Mas se for importante para você, eu tenho protetores. A gente também pode usar *magia*. — Ela balança os dedos dramaticamente para enfatizar seu argumento.

Inclino a cabeça para lá e para cá, tentando decidir se quero usar só um vestido branco — para ser mais fácil de tirar mais tarde, pelo visto — ou vestir a fantasia de esqueleto e levar uma bronca de Sybil.

— Você acha que os fantasmas ficam ofendidos quando a gente se fantasia deles? — pergunto. — Já que é o dia em que os espíritos fazem a transição?

— Você ia se vestir de esqueleto.

Tá, mas não importa. Sybil dá de ombros.

— Acho que os espíritos não vão ligar, mas se não quiser arriscar, pode ser uma noiva viva.

Com a sugestão dela, minha mente se volta para Memnon e seus planos de se casar comigo. Me olho no espelho novamente, com o coração acelerado com o pensamento.

— Posso ser uma noiva.

Essa parece ser uma opção mais respeitosa. Sybil solta um gritinho e bate palmas.

— Eba! Então vamos arranjar um véu para você!

Acabamos encontrando um véu velho e comido pelas traças em algum baú esquecido no andar de baixo, embora a longa cauda que rasteja no chão fosse claramente linda quando era nova. Eu o coloco com *muita* relutância depois de encharcá-lo de feitiços desinfetantes.

Pouco antes do pôr do sol, deixo Nero no quarto com instruções para não sair hoje, já que a floresta ficará repleta de bruxas bêbadas em algumas horas.

Eu e Sybil descemos as escadas, onde o resto das nossas colegas de casa está se aglomerando. Dezenas de minhas irmãs de coven estão tirando as meias e os sapatos e indo para a porta da frente em todos os tipos de fantasias. Duendes, leopardos, fadas, múmias, vampiros… a galera já é mágica, mas parece ainda mais sobrenatural fantasiada.

— Descalças! — uma das minhas irmãs grita para a sala. — A gente tem que sentir o solo durante o círculo mágico.

— Círculo mágico? — Olho para Sybil enquanto a inquietação cresce em mim. Ela abre um sorriso misterioso.

— Não precisa ficar nervosa, Bowers. É a parte mais divertida.

Deve ser mesmo. É só que eu tomei no cu no último (e único) círculo mágico que fui, então agora só penso o pior.

A contragosto, tiro os sapatos e os coloco num canto, sentindo o chão frio contra os pés descalços.

Uma das bruxas abre a porta e outra grita:

— Bora festejar, suas malucas!

Depois, há palmas e risadas, e todas nós começamos a sair da residência. No processo, várias bruxas pisam no meu véu, puxando minha cabeça para trás e quase rasgando o acessório. Em determinado momento, tenho que sussurrar um feitiço para fazer a coisa flutuar atrás de mim.

Atravessamos o gramado atrás da casa antes de mergulharmos na Sempreviva. Aqui, sob as sombras densas das árvores, parece que a noite já

caiu. Há um peso elétrico no ar, como uma nuvem de tempestade prestes a se romper.

Seguimos em direção ao caminho ladeado de abóboras enquanto, logo acima, as lanternas apagadas balançam com a brisa noturna. Uma coruja pia ao longe, mas, além disso, uma espécie de silêncio solene desceu sobre a floresta — e sobre nosso grupo.

À frente, o caminho se abre para a Campina da Donzela Morta. Há apenas alguns dias, Memnon jurou lealdade a mim bem aqui. Agora, o campo está repleto de várias bruxas fantasiadas. No centro da clareira, há uma pilha enorme de madeira e gravetos.

Assim que o Sol se põe no horizonte, um vento forte corta a clareira, agitando nossos cabelos e fantasias.

— Em círculo! — uma voz mais velha exclama. — Bruxas, deem as mãos e tomem seus lugares. Está na hora!

Hora do que, ainda não está claro, mas sigo as ordens mesmo assim, segurando as mãos de uma bruxa com longas tranças pretas onduladas e outra com cabelos loiros curtos.

Depois de nos organizarmos, aquele silêncio grave toma conta novamente. Dá para ouvir o barulho suave de nossas roupas balançando ao vento, mas todas estão muito quietas e imóveis. Até a nossa magia parece quietinha, o ar está quase desprovido dela.

— Bem-vindas, honradas irmãs, à nossa 187ª cerimônia anual de Samhain! — grita uma voz feminina mais velha. Não sei dizer a quem pertence, só que usaram magia para amplificá-la. — O Samhain é a noite sagrada quando o véu entre os mundos se estreita. Hoje, nos reunimos para receber convidados desses outros planos que desejam visitar a Terra por uma noite. Vamos convidá-los a passar pelo portal, mas para fazer isso, devemos convocar nosso poder comunitário para ajudar a abrir esse portal durante a noite.

Então aí está, o motivo do círculo mágico. Devemos reunir nossa magia para ajudar a abrir um portal entre os mundos. Parece totalmente seguro.

— Depois — continua a bruxa —, iremos até o Cemitério dos Últimos Ritos, onde um banquete espera por nós e pelos nossos convidados de honra. Mas atenção — ela alerta. — Nem todos os espíritos são benevolentes e nem todos os convidados estão mortos…

Que *porra* ela quer dizer com isso?

— …então tenham cuidado mesmo enquanto aproveitam a folia da noite. Fora isso, dancem, bebam, cantem, se misturem com nossos convidados de honra e se permitam ceder à sua selvageria inata.

Ao longe, os lobos começam a uivar, como se brindassem a nossa selvageria com a sua própria. Outra bruxa agora fala:

— Vamos começar as celebrações convocando nossos convidados. *Abaixo, a terra; acima, o céu. Que se desfaça entre os mundos o véu* — ela encanta. — *Bons companheiros e queridos finados, juntai-vos ao nosso banquete sagrado.*

Ao longo de nossas mãos, sinto a corrente de seu poder subir pelo meu braço direito e descer pelo esquerdo, e lembro que a magia corre no sentido horário para a criação e no sentido anti-horário para a destruição.

Ela começa o encantamento novamente, só que desta vez o resto de nós participa.

— *Abaixo, a terra; acima, o céu; que se desfaça entre os mundos o véu. Bons companheiros e queridos finados, juntai-vos ao nosso banquete sagrado.*

Estremeço quando a pequena corrente agora é amplificada. A magia que em geral emanaria de nós é canalizada pela roda de bruxas, seu pulsar vai aumentando e diminuindo enquanto passa por mim.

Mais uma vez repetimos a frase. E de novo e de novo, até que o ar todo fica eletrizado e meu corpo como um fio desencapado.

Est amage, *o que está acontecendo?*, Memnon pergunta, cortando a névoa induzida pela magia da minha mente.

Coisa de bruxa, Memnon.

Não sei se ele diz alguma coisa depois disso. A magia está preenchendo todo o espaço da minha mente. Existe apenas este momento, e o toque das mãos das minhas irmãs, e o mundo é mágico, todo mágico, penso enquanto meus membros tremem com o poder e o calor me envolve. *Somos a própria magia.*

— *…juntai-vos ao nosso banquete sagrado*.

De repente, o poder quase insuportável que flui através de mim é sugado para o centro do círculo.

Com um estalo semelhante ao de um trovão, o ar se rompe. Dele, jorra uma onda de alguma substância translúcida. Demoro um pouco para

perceber que não se trata de uma substância, mas de espíritos. Dezenas deles. Eles atravessam nosso círculo em direção ao caminho iluminado pelas lanternas.

— *Boas-vindas!* — uma das bruxas grita, sua saudação se transforma numa gargalhada enquanto mais e mais espectros passam, com suas formas efêmeras cruzando a clareira. Mais risadas surgem ao meu redor, e sinto-as brotando na minha garganta também. Os efeitos posteriores da magia em grupo me deixaram meio aérea e eufórica.

A fogueira apagada no centro da clareira agora acende, a madeira estala e solta fumaça ao irromper em chamas.

Nenhuma de nós soltou as mãos, e agora começamos a balançar e a dançar como uma só, fazendo da roda uma ciranda. Não sei quem inicia o movimento. Talvez eu? Não sei dizer se meus pensamentos são meus ou *nossos*, de todo o coletivo do nosso coven.

Alguém começa a cantarolar e a melodia pega, até que todas estamos cantarolando a mesma melodia sem palavras.

A música fica mais alta e a dança, errática, até que algumas — ou talvez todas nós — decidem soltar as mãos. A corrente mágica é interrompida abruptamente, e o que resta em meu corpo me deixa formigando e com muita energia.

— Para a festa! Para a festa! — uma bruxa grita, e embora a magia do grupo não esteja mais nos unindo, ainda sinto aquela unidade compartilhada, e solto uma gargalhada espontânea.

Ao ouvir meu riso, uma bruxa próxima, vestida de fantasma, se aproxima e me dá um abraço e um beijo na bochecha.

— Feliz Samhain — ela sussurra antes de sair correndo.

Mais risadas preenchem o espaço enquanto as irmãs dançam e se abraçam, com cabelos um pouco selvagens e olhos mais selvagens ainda. Tenho certeza de que estou igual. Não precisava ter ficado comigo nesse círculo mágico. É *assim* que tem que ser. Um momento de unificação entre as bruxas e um lembrete de que todas somos uma só.

Sybil aparece no meio da multidão.

— Bora, minha noivinha gostosa! — ela grita, agarrando minha mão. As chamas da fogueira dançam em seus olhos, dando-lhes uma aparência encantada. Assim que meus dedos se entrelaçam com os dela, ela gargalha. O som é contagiante, e começo a rir com ela, me sentindo mais leve que o

ar. E então estamos correndo, correndo ao lado de dezenas de outras bruxas de olhos selvagens e espíritos ávidos, todas nós seguindo a estrada mágica.

Conforme avançamos pelo caminho, um arrepio mortal passa por mim. Um espírito emerge do meu abdômen e solto um grito de susto ao ver sua forma transparente.

O espírito, um jovem de terno e cabelo penteado para trás, solta uma risada ecoante e segue à nossa frente.

Sybil se acaba de rir da minha reação, suas asas de borboleta enfeitiçadas vão batendo atrás dela, até que um espírito passa pelo corpo dela. Então, sua risada se transforma num grito sufocado quando uma bruaca em uma vassoura espectral a atravessa antes de atacar o grupo de bruxas à nossa frente. Agora, eu que estou gargalhando e Sybil está dando um risinho relutante, e nossos pés estão pisando em gravetos e pedras, e eu sei que estou me cortando, mas o vento alisa meu vestido de cetim sobre o corpo como o toque de um amante, e passa os dedos pelo meu cabelo, e o véu flutua atrás de mim, e eu estou envolvida na magia do momento.

Tudo isso termina quando batidas de cascos — e depois gritos — irrompem atrás de nós. Sybil olha por cima do ombro, arregalando os olhos.

— Eita, porra! — Ela sai do caminho, me arrastando junto. Mas não é rápida o bastante.

Ouço o barulho forte de cascos um momento antes de alguém puxar meu véu, me jogando para trás. Eu tropeço, prestes a me virar, quando uma mão me segura pela cintura, me levanta do chão e me coloca em um corcel.

Solto um grito ao cair de bunda numa sela de couro. Olho para cima e vejo um homem com olhos escuros e penetrantes e cabelos escuros que parecem decorados com penas de corvo. Meu olhar pousa em suas orelhas pontudas.

Um feérico.

Ele veio do portal que abrimos?

— Peraí, rolou um engano — digo, empurrando o peito do homem, meu vestido sobe pelas minhas pernas.

Seus braços me apertam.

— Acho que não. Você está até vestida de noiva.

Meus olhos se arregalam.

— No-noiva? — repito. O que foi mesmo que Sybil disse, um tempo atrás? Algo sobre histórias de feéricos sequestrando bruxas para serem suas

noivas, bem aqui nesta floresta? — Não, não. Não é um vestido de noiva de verdade, e com certeza não estou procurando um noivo. Na verdade, até já tenho um. Isto aqui é uma fantasia. — Me contorço um pouco mais em seus braços enquanto seu cavalo trota pelo caminho, quase atropelando dezenas de outras bruxas. — Sério, me solta.

— *Não*.

Meu olhar se volta para ele. O feérico levanta o queixo, como se não achasse que uma bruxa como eu fosse fazer qualquer coisa.

Talvez sejam os efeitos colaterais de toda aquela magia comunitária. Talvez seja porque estou cansada de homens autoritários. Talvez seja porque o último feérico com quem cruzei tentou me matar. Ou talvez seja o fato de que esse escroto está tentando me sequestrar.

Recuo um pouco e dou um soco na cara do filho da puta.

A cabeça do feérico pende para trás e o seu corpo todo recua, caindo para longe de mim. Devo ter colocado um pouco de magia no soco. Ops. Balanço a mão latejante enquanto o feérico desliza do cavalo, caindo no chão com um baque surdo.

As bruxas saltam para fora do caminho, algumas delas soltando gritos assustados.

O que está acontecendo, est amage*?*

Por que você só fala comigo quando tem um problema?

Estou tentando te dar espaço. Agora, o que foi?

Enquanto o feérico tenta se orientar, desço do cavalo e corro para o cemitério, com o terror eclipsando qualquer orgulho que eu possa sentir por aquele soco.

Derrubei um homem do próprio cavalo.

Essa é a minha rainha, responde Memnon, bastante satisfeito e nem um pouco incomodado pelo fato de eu ter agredido alguém.

Enquanto corro, arranco o véu e o jogo de lado para que ninguém mais ache que eu tô na pista. *Porra*. Estou tentando desfazer o noivado forçado que já tenho. Não preciso de mais um.

— Selene! — Sybil grita bem atrás de mim. — Selene!

Tudo em mim exige que eu continue a fugir…

Fugir? A voz de Memnon já não tem mais aquele tom de diversão. *De quem você está fugindo?*

Eu tô bem, Memnon, insisto, enquanto olho para além de minha amiga, na direção daquele cavaleiro feérico de cabelos pretos bem atrás de mim. Ele está montando novamente no cavalo e examinando a multidão de bruxas.

Corro para trás de uma árvore. Pela deusa, se ele tentar me agarrar de novo…

Quem tentou te agarrar?, Memnon exige saber.

Para de bisbilhotar meus pensamentos, respondo, com a respiração ficando ofegante.

— Selene! — Sybil ainda está gritando.

— Aqui! — grito de volta.

Vou estripar seus inimigos do umbigo à garganta.

Não vai, não, corrijo, *porque como eu disse…*

Faço uma pausa para espiar por trás do tronco da árvore. Quando olho para Sybil, aceno para ela.

…eu tô bem.

Memnon não responde às minhas palavras, mas sinto seu ceticismo.

Sybil corre assim que ouço o cavalo do feérico bufar.

— Por que você não me avisou disso? — sussurro. Ao nosso redor, outras bruxas ainda se dirigem para o cemitério, muitas delas olhando para o cavaleiro.

— Porque isso não aconteceu no ano passado! — ela diz, com os olhos arregalados. — Pela deusa. — Ela agarra minha mão dolorida, e eu tenho que reprimir uma careta. — Tá tudo bem?

Sinto que Memnon ainda está ouvindo.

— *Tá, sim* — digo, mais para ele do que para ela.

Ela examina minhas feições e depois olha para o feérico.

— Porra! — ela xinga enquanto os cascos recomeçam. — Abaixa!

Não sei do que vai adiantar uma manobra de esquiva, mas me jogo no chão mesmo assim.

O cavaleiro feérico e seu corcel passam por nós, com meu véu flutuante preso em suas mãos. Ele nem me nota enquanto sai para a floresta.

Estou respirando com dificuldade.

— Quem foi que deixou esse cara entrar?

— Ele vai embora ao amanhecer — uma bruxa mais velha diz, passando por perto. — A noiva que ele tomar vai ter que concordar com isso.

Ah, é mesmo? Porque ele não parecia ligar muito para consentimento quando eu estava em suas garras.

— Essas são as regras para caçar nas terras do coven — a bruxa idosa termina enquanto se afasta de nós.

— *Caçar*? — repito, horrorizada, quando eu e Sybil retomamos a caminhada. Continuo examinando a floresta onde o vi pela última vez. — Não somos presas para sermos caçadas.

A bruxa mais velha balança a cabeça.

— Para alguns deles, é sim.

Donzela, Mãe e Anciã.

— O que acontece com a bruxa que for com ele? — pergunto.

— A mesma coisa que acontece com todas as noivas que os feéricos roubam — a bruxa diz. — São levadas para o Outro Mundo, e a união é oficializada.

Ela está falando de *sexo*. Sexo seguido por… seja lá o que feéricos fazem com mortais.

— Ai, que delícia — Sybil diz.

Dou a ela um olhar de quem foi traída.

— *Em teoria* — ela acrescenta, alisando sua fantasia. — Enfim, você deveria ter visto a cara daquele feérico quando caiu de bunda no chão. Foi pura descrença e indignação. Você tirou *anos* da vida dele. Onde aprendeu a bater assim?

Memnon.

Parecia uma memória muscular — estar no cavalo, dar o soco. Não parecia importar que milênios separassem aquelas lembranças desta noite.

— É só uma daquelas coisas que voltou com minhas memórias — respondo, evasiva.

Dou uma última olhada na floresta escura antes de voltar a atenção adiante. Consigo distinguir o fim do caminho e as lápides e criptas além dele, os marcadores de pedra iluminados por ainda mais lanternas.

Assim que entramos no cemitério propriamente dito, fica claro que é aqui mesmo a festa. Há mais abóboras empilhadas em volta das lápides, junto de flores de calêndula. Uma violinista do outro lado do cemitério toca uma melodia, e grandes mesas repousam entre as lápides, todas elas decoradas com candelabros e cheias de comida enfeitiçada para ser acessível tanto aos

espíritos quanto aos mortais. De um lado do cemitério, um grande caldeirão borbulha. Vou direto para ele, arrastando Sybil atrás de mim.

— Alguém está super ansiosa — ela murmura.

— Você também estaria se tivesse escapado por pouco de ser sequestrada segundos atrás. — Seguimos pelo cemitério, passando por lápides cobertas de musgo.

— Pois é, né? Parece tão horrível ser escolhida como noiva de um imortal. Ai, que vida dura.

Paro ao caldeirão, derrubando algumas das flores de calêndula em sua base enquanto me viro para olhar boquiaberta para ela.

— Ele me escolheu porque eu tô de branco e era fácil de agarrar! Só isso! Não tem como uma coisa ser menos romântica que essa.

Sybil não parece nada convencida quando pego um copo e a concha do caldeirão, apertando os lábios ao sentir a pulsação constante que ainda vem da minha mão.

— Se o cara está tão necessitado de companhia feminina que precisa viajar para um reino bem diferente só para roubar uma sem nem conhecê-la — digo, enchendo o copo e entregando-o à minha amiga —, ele deve ser um merda.

Sybil inclina a cabeça enquanto pega o copo de mim.

— É, *pode ser* que você tenha razão.

— Obrigada — digo, me sentindo justificada. Encho um copo de infusão de bruxa, viro tudo em alguns goles e encho novamente.

Ouço os uivos dos lobos a distância. Sybil parece encantada.

— Parece que seu sequestrador pode ter chegado ao território dos metamorfos.

Esse pensamento me agrada por uma fração de segundo antes de me lembrar que se os licantropos conseguirem assustar o feérico, ele simplesmente retornará.

Dou longas goladas em meu segundo drinque, notando apenas vagamente que esta versão da infusão de bruxa tem um sabor forte de anis estrelado e cravo.

— Pode ser que você queira pegar leve com isso aí — Sybil adverte, enquanto encho o copo mais uma vez.

— Ou você pode só enfiar o pé na jaca comigo — digo, olhando incisivamente para o copo dela.

Ela gargalha e depois vira sua própria bebida.

— Tá bom — ela diz, entregando seu copo. — Você é uma péssima influência, sua doida. Agora, enche isso aí e vamos pegar comida!

Só entendo o aviso de Sybil quando já é tarde demais.

A gente acaba bebendo outro copo de infusão de bruxa e se empanturrando da comida servida neste banquete ao ar livre.

Apenas quando já estou sentada em cima de uma cripta junto de Sybil e várias outras colegas de casa, no meu quarto copo, é que sinto as primeiras centelhas de desejo.

Me remexo um pouco para aliviar a sensação, só agora lembrando que *espiritus*, o ingrediente ativo da infusão de bruxa, nos deixa especialmente taradas. É só um inconveniente, nada muito perturbador.

Ao nosso redor, fantasmas e outras bruxas também se sentam em criptas e lápides, aproveitando a companhia uns dos outros. Muitos também começaram a dançar entre os túmulos.

— Vocês estão pensando em ir ver a fogueira? — Yasmin pergunta, uma bruxa baixinha de pele marrom e cabelos cacheados bem curtinhos. Ela está comendo uma maçã do amor com a maior delicadeza do mundo em uma das mãos, e bebericando sua infusão com a outra, sem fazer a menor ideia de que um de seus peitos escapou pelas frestas do vestido de múmia que está usando.

Olga está de pé ao lado dela, usando um vestido vitoriano, seu cabelo sempre preso agora já quase todo solto, e a gola alta do vestido aberta, com alguns botões faltando. Mas essa não é a única coisa que está faltando. O seu Registro de Últimas Palavras, um livro dedicado a guardar as últimas palavras daqueles que se foram, também não está em nenhum lugar à vista. Os olhos de Olga estão meio enevoados por causa da infusão, e ela mexe meio distraída na parte de trás de seu espartilho, como se pudesse afrouxar a amarração.

Outra onda de desejo vem com tudo, essa muito mais insistente, e eu seguro o copo com força até ficar com os nós dos dedos brancos, quase gemendo com o pulsar entre minhas pernas.

Mai, uma bruxa de pele clara e maçãs do rosto altas, olha para Olga.

— Vocês podem ir fazer o que quiserem — ela diz —, mas eu vou caçar meus lobinhos. Quero que um lobo me coma que nem a Chapeuzinho Vermelho.

— Opa, conta comigo — Sybil diz, de onde está sentada ao meu lado na cripta.

— Contar contigo pra quê? — pergunto, distraída, sem acompanhar direito a conversa.

Fico brincando com o decote baixo do vestido de cetim. Duas horas atrás, isso aqui parecia só metade de uma roupa, mas agora, minha pele está quente e muito sensível, e o vestido fica me esfolando de um jeito insuportável.

Ao nosso redor, outras bruxas já começaram a tirar a roupa, as várias camadas de suas fantasias jogadas de qualquer jeito sobre as lápides.

Sybil esfrega o pescoço, distraída, suas asas batem atrás dela.

— Foder com um lobisomem.

Meu corpo todo contrai de um jeito visceral ao ouvir aquela palavra. *Foder*. Pela deusa, quanto *espiritus* tinha na infusão de bruxa desta vez? Parece até uma poção de luxúria que deu errado.

Vou nadando pela névoa de pensamentos, enfim me concentrando de novo na conversa.

— Peraí, *como é*? — É esse o plano dela? — Mas os metamorfos… ainda estão reclusos.

Sybil levanta a mão, juntando o polegar e o indicador.

— Eles estão só um pouquinho selvagens. Só isso. Não é como se fosse noite de lua cheia. — Ela embola um pouco as palavras.

Estou com calor, tanto calor, que nem o vento frio da noite consegue me refrescar.

— Quando eu disse que era pra enfiar o pé na jaca, não quis dizer *isso*! — digo, me remexendo de novo. Maldito seja esse latejar. Estou quase chorando com esta sensação, que só faz crescer e tomar conta do meu corpo.

Sybil me olha de cima a baixo, com o rosto corado.

— Acho que você precisa vir na caça aos lobos também, Selene. Ou se arranjar com uma bruxa bonita. Você encheu a cara de infusão.

Engulo em seco e balanço a cabeça, pulando da cripta para o chão. Só que, assim que fico de pé, a bebida bate com tudo. Meu corpo bambeia um

pouquinho.

— A Semana Sagrada — argumento, com a voz saindo mais ofegante do que o normal. — Os licantropos ainda estão de resguardo. E também tem aquele… aquele *feérico*. — A não ser que os metamorfos o tenham expulsado, ele ainda deve estar espreitando na Sempreviva.

— Ah! — Yasmin dá um gritinho. — Você acha que ele tá por aqui? Eu quero ver. Feéricos são tão lindos.

— Só procure se quiser casar com ele e fazer muito, muito sexo feérico fetichista — brinca Sybil, sorrindo com malícia. — Parece que ele curte minas de branco, então sua fantasia de múmia tá ótima — ela diz, ajeitando a fantasia de Yasmin e guardando o peito dela de volta no vestido.

Enquanto Sybil e Yasmin discutem as nuances de se tornar uma noiva sequestrada, eu pressiono uma perna na outra, com a vontade crescendo. Pela deusa, eu bebi além da conta. Onde eu estava com a cabeça? Não é possível ter tanto tesão em uma única, nem de longe. Eu estava doida de achar o contrário. Meu desejo já escalou para uma necessidade quase dolorosa.

Est amage, *posso sentir seu anseio…*

Memnon, eu praticamente ofego em nosso vínculo. Eu deveria ficar irritada com o som da voz dele. Em vez disso, todo o meu tesão parece ter encontrado seu alvo.

Meu soberano. Minha alma gêmea.

Não quero me jogar aos lobos, nem àquele feérico. Quero *ele*.

Eu estava errada, mais cedo, digo em nosso vínculo. Até a minha voz interna soa ofegante, lasciva. *Não tô nada bem. Eu preciso… eu quero…*

Puta merda, que difícil de dizer. Eu quero ele, mas não quero implorar. Não agora, que finalmente é ele quem está pagando penitência.

Está tudo bem?

Não, quase gemo enquanto outra onda de desejo me invade.

O outro lado da nossa conexão fica perturbadoramente quieto. E então…

Pelos deuses, bruxinha. O que foi isso? O tom dele está todo errado. Mais grave e… surpreso.

Sinto outra onda se apoderar de mim, e pressiono uma coxa na outra, mas mesmo esse gesto é demais. Parece que toda a pulsação do meu corpo se concentra em um único ponto, minha boceta, e posso sentir com cada batida de meu coração.

Ao meu redor, o grupo de bruxas está se dividindo. A mão de Sybil aperta a minha, e ela me puxa junto dela, enquanto me afogo em minha própria luxúria. Assim que começo a andar, solto um suspiro suave. Mesmo este pequeno movimento está aumentando o latejar entre minhas pernas.

Estou a ponto de chorar. Vou rogar uma praga em quem quer que tenha feito a infusão da noite. Isso é crueldade.

Memnon!, chamo de novo. Pra onde ele foi?

Estou aqui, est amage, ele me tranquiliza.

Graças à deusa.

Do que você precisa?, ele pergunta.

Não dá pra perceber?

De você. Quase choramingo ao responder. Maldita infusão.

Ele fica em silêncio por vários segundos agonizantes.

Se você precisa de mim, bruxinha, ele diz, *então ordene.*

Ordenar? Mas que porra?

A vontade crescente em meu íntimo fala mais alto do que o restinho do meu juízo e orgulho. Mandando a vergonha para longe, endireito a coluna, determinada.

Chega aqui, Memnon. Estou soando menos como Selene e mais como Roxilana: segura, resoluta.

Sinto a mudança no humor do feiticeiro, e um calor se espalha do lado dele do vínculo. *Como quiser, imperatriz. Por você, eu sempre chego lá.*

Fecho os olhos com força. Puta merda, ele está sendo um cavalheiro — e olha que eu só mandei um "oi, sumido". Começo a rir, mas acabo gemendo.

— Amiga, tá tudo bem por aí?

Olho para Sybil, que está me puxando. Ao lado dela estão Mai e Olga. Meu olhar se move para as árvores e para a floresta escura. Eu estava tão concentrada em falar com Memnon que me desliguei do que estava acontecendo com minhas amigas.

— Para onde estamos indo? — pergunto. Não sei dizer exatamente onde estamos na Sempreviva, só que um cavaleiro feérico pode estar em algum lugar por aqui e, a esta altura, é mais provável que eu sente nele do que lute contra ele.

— Transar! — Mai diz, levantando seu copo de infusão de bruxa no ar como se estivesse fazendo um brinde.

Meio distraída, olho para minha própria mão, percebendo que eu ainda estou carregando a minha bebida. Assim como Sybil. E Olga, que agora perdeu o vestido e está apenas com o espartilho e uma saia transparente. Seu cabelo está quase todo solto.

— Uhuuu! — Sybil comemora, erguendo o copo.

Olga também se junta, e tudo bem, acho que estamos brindando. Levanto o copo e brindo com as outras, enquanto nossa bebida se espalha. Hesito apenas por um momento antes de tomar outro gole.

Isso é irresponsável? Sim.

Mas o Samhain é uma celebração que se regozija na devassidão das bruxas?

Sim também.

Pelo visto, também é meio que uma orgia de leve, a julgar por algumas das bruxas pelas quais estamos passando. A floresta está viva, com sons de gemidos e gritos de prazer. Cada um deles parece me invadir e me retorcer cada vez mais.

Minha uma alma gêmea de dois mil anos está vindo cuidar de mim, lembro a mim mesma quando sinto que vou explodir com tudo isso. Acho que posso até mandá-lo fazer umas coisas fetichistas. Aposto que ele topa.

— É de gute-gute, meninas! — Mai grita.

Outra pontada de luxúria me atinge, e eu derramo minha bebida discretamente. Sou bem a favor de enfiar o pé na jaca, mas tenho zero vontade de apagar e dar PT. Essa história termina comigo acordando na cama de algum senhor feérico babaca que agora pensa que sou a esposa dele porque ele é bom em sequestrar garotas bêbadas. Passo, valeu.

— A gente pode deixar os copos aqui — Mai diz, pegando nossos copos e os colocando na base de um pinheiro próximo. — Eles foram enfeitiçados para voltar pro cemitério.

Nós os deixamos para trás e retomamos nossa marcha embriagada. Olho para o resto do grupo: Sybil com suas bochechas coradas e suas asas enfeitiçadas batendo feito loucas, como se estivessem tentando fugir; Mai, que estava fantasiada de cavaleira, mas agora está de cavaleira de topless; e Olga, que está pulando e cantando uma música assustadora sobre cadáveres.

Caramba, somos um grupo bem aleatório.

— Então, para onde a gente está indo mesmo? — pergunto a Sybil.

— Hum? — ela pergunta, balançando um pouco.

— Para onde a gente…

Mais fundo na floresta, um uivo sinistro se eleva, seguido por outro e outro, o som arrepia os pelos dos meus antebraços.

Olga decide que agora é um momento fantástico para parar de cantar músicas assustadoras e uivar como um lobo frenético.

— Você já esqueceu? — Mai pergunta, percebendo minha expressão chocada. — A gente está caçando lobos.

Solto a mão de minha amiga, mesmo com a pele ainda latejando. Porra, *tudo* em mim está latejando. Sou uma massa de terminações nervosas superestimuladas.

— A gente não pode entrar no território licantropo durante a Semana Sagrada — digo, com a voz firme. — Fazer isso é essencialmente aceitar ser mordida e transformada. O que pode acontecer, ainda mais durante a Semana Sagrada, quando os instintos animais de um metamorfo muitas vezes superam suas motivações humanas. Recuo do grupo. — Se alguma de nós for mordida… — Outro uivo me interrompe, este muito, *muito* mais próximo.

— Ninguém vai virar loba — Sybil diz.

Giro em círculo, procurando inutilmente a linha azul fraca e luminosa que marca a fronteira entre o Coven Meimendro e a Alcateia Marin. Será que já passamos? Coloco a mão na cabeça, angustiada.

Sybil vem até mim e não parece preocupada. Por que ela não está preocupada?

Minha amiga coloca as mãos em meus ombros.

— É a sétima noite da Semana Sagrada. E a última noite de reclusão é só uma formalidade para os licantropos.

Balanço a cabeça. Ouvi a voz áspera de Kane só faz algumas horas; ele parecia estar segurando sua humanidade por um fio.

— Formalidade meu cu — insisto. — Eles precisam desta noite também.

Outro raio de desejo passa por mim. Minha calcinha está encharcada, e esta já era uma situação desconfortável o suficiente quando eu estava com tesão junto de um bando de fantasmas e irmãs do coven. Mas devemos cheirar a sexo e magia, e qualquer metamorfo que sair hoje *vai* notar. Estamos aqui como isca.

Os licantropos me estenderam a proteção, mas não existe proteção contra ser mordido em suas terras.

Puta merda, caralho, desgraça.

— Eu não quero ficar aqui.

Olho ao redor novamente. Qual é o caminho para casa?

Não sei dizer.

À frente do grupo, um galho se quebra e meus olhos se movem ao ouvir o som. Lá, na escuridão, avisto três pares de olhos luminosos.

Fico paralisada.

É o suficiente para cortar por um instante a névoa da minha luxúria.

Sybil segue meu olhar, suas mãos caem de meus ombros, enquanto várias formas sombrias rondam à frente. Olga envia um orbe de luz e, sob o tom avermelhado dele, posso ver — *caralho* — cinco lobos.

— Sawyer? — Sybil chama.

Um dos lobos balança as orelhas. Ele avança, passando por Olga e Mai, que parecem um pouco menos ansiosas para brincar com os metamorfos agora que suas enormes formas animais estão tão próximas.

Sybil bêbada, entretanto, não mostra tal reserva. Ela se adianta, fazendo com que alguns dos outros lobos rosnem. Indiferente ao perigo, ela joga os braços em volta do lobo que ela pensa ser Sawyer.

Fico sóbria na mesma hora, enquanto visões da minha melhor amiga sendo destroçada preenchem minha mente. Mas, surpreendentemente, o lobo começa a lamber o braço de Sybil. Ele inclina a cabeça, cutucando-a com o focinho, e sua forma muda diante de nossos olhos. O pelo recua na pele, as garras se transformam em unhas, as patas se alongam em mãos e pés. As costas do lobo se alargam e seu rosto se arredonda.

Quando termina, um homem nu se ajoelha nos braços de Sybil, a pele coberta de suor e a respiração ofegante.

Ele ergue o olhar e, sim, *é* o Sawyer. Sybil solta um gritinho e o abraça com mais força, girando nele enquanto ele respira seu perfume.

Quase me esqueci de Sawyer — Sybil não falou muito sobre o metamorfo desde que eles ficaram juntos algumas semanas atrás, mas está na cara que ela tem uma queda por ele… e que ele tem uma queda por ela. Ele morde de leve seu pescoço, e eu fico tensa, minha magia começa a emanar de mim.

Apaixonado ou não, vou arrancá-lo de cima dela se ele ousar…

Um rosnado corta meus pensamentos, desviando minha atenção.

O maior lobo da matilha avança, com o olhar fixo em mim enquanto dá passos lentos e hesitantes. Posso sentir o poder em seu olhar — me dá vontade de me ajoelhar, desnudar o pescoço, mostrar *submissão*. O metamorfo está deixando bem claro que não devo mexer com seu companheiro de matilha.

Luto contra a compulsão — a última coisa que quero é ficar ainda mais vulnerável diante de uma matilha de lobos —, mas recolho minha magia. Quando faço isso, o rosnado cessa. O metamorfo, no entanto, continua a avançar e, sem querer, fico tensa novamente.

— Não corra — Sawyer diz, baixinho, ainda abraçado a Sybil. — Se precisar recuar, vá devagarinho.

Respiro fundo e assinto com a cabeça. Minha pele está formigando de uma forma sem dúvida indesejada, agora que ganhei a atenção da porra de um lobo.

Não é qualquer lobo, percebo enquanto estudo seus olhos. Lembro de olhar para aqueles olhos lupinos há apenas algumas semanas.

— *Kane* — sussurro.

Ao som de seu nome, ele fica imóvel. Um som baixo vem de sua garganta. Parece um ganido.

Merda, é ele mesmo.

Sawyer se vira para Sybil e afasta seus cabelos escuros e sedosos do rosto.

— Não acredito que você veio — ele diz baixinho, embora todos possamos ouvi-lo. — Nenhuma de vocês deveria estar aqui. — Ele não parece bravo com isso.

— Minhas amigas queriam… conhecer os seus — Sybil diz.

Em resposta às suas palavras, as orelhas de Kane se agitam.

Ele solta outro ganido que parece quase… feliz? Seu rabo balança uma vez, e eu me pergunto se devo me sentir tranquila por isso.

Pelo canto do olho, noto os outros lobos se aproximando de Mai, com os seios de fora, e Olga, cujo espartilho agora está frouxo e escorregando. Elas deveriam estar recuando — todas nós deveríamos estar recuando —, mas, em vez disso, Mai está acariciando o vale entre os seios, e Olga está tirando os braços do que sobrou de sua roupa. Posso quase sentir o cheiro de sexo no ar.

Esta é uma ideia tão terrível. Estou bêbada e minha boceta, latejando de vontade, mas até eu posso ver isso.

Infelizmente, ninguém mais parece pensar assim. Sawyer levanta Sybil nos braços, os dois se beijam. Ele envolve a cintura com as pernas dela, enquanto aquelas malditas asas batem feito loucas. Assim que ele a pega nos braços, os dois fogem para a escuridão. Um dos outros lobos está se transformando, e Olga, já sem o espartilho, está fazendo carinho em um dos licantropos que permaneceu em forma animal.

Dou uma olhada para trás, para Kane, que se aproxima com os olhos fixos em mim e o focinho erguido, farejando o ar. Engulo em seco, certa de que ele está me cheirando. Meu cheiro e a umidade que encharcou minha calcinha.

— Kane. — Lambo os lábios secos. — Eu não…

No pior momento possível, outra onda de desejo inunda meu corpo e eu arquejo, travando os joelhos para me manter de pé.

A forma lupina de Kane fica imóvel, como se ele soubesse muito bem o que está acontecendo comigo. Abruptamente, ele se vira para o resto do grupo e rosna em ameaça para eles, com pelos eriçados.

Meu coração acelera com o som e começo a recuar. Quem sabe, enquanto ele estiver ocupado sendo territorial, eu não possa simplesmente… desaparecer.

Ao som do rosnado de Kane, um licantropo recém-transformado se posiciona na frente de Olga, protegendo-a com o corpo e lentamente afastando os dois.

— Relaxa, Halloway, estamos indo embora.

Indo embora?

— Peraí! Ninguém precisa ir! — Mas, mesmo enquanto falo, minhas irmãs de coven e os metamorfos de quem elas gostaram escapam para a escuridão. Ouço algumas risadas entrecortadas, um punhado de palavras sussurradas, um gemido e então… nada.

Inacreditável uma merda dessas.

Volto a atenção para Kane, que está me estudando com aqueles olhos azuis brilhantes. Minha respiração acelera, desta vez por razões nada sexuais. Já foi angustiante o suficiente enfrentar o lobo da minha paixonite quando ele foi ferido, mas agora, quando nós dois estamos sozinhos na

floresta e Kane está sob a influência da Lua e de seus instintos bestiais, é muito pior.

Não ajuda que eu esteja muito bêbada e ainda mais excitada.

Kane se aproxima de mim, com os olhos acompanhando cada movimento meu. A infusão de bruxa ainda está fazendo efeito, e posso sentir o calor, o desejo e a magia correndo pelo meu sangue. Está quase falando mais alto que minhas dúvidas.

Estendo as mãos num gesto apaziguador.

— Não sei o quanto você consegue entender, Kane, mas somos amigos, e sei que estou com um cheiro… estranho. — Leia-se: feito um bicho no cio. — Sério, só quero voltar para as festividades do meu coven — digo devagar, lutando contra o impulso de me afastar. — Se você deixar, eu vou embora… — Com isso, Kane dá um rosnado baixo. — Ou então, eu fico aqui.

Seu rosnado morre.

Acho que ele quer companhia.

Tento novamente, respirando contra o latejar do meu desejo.

— Kane, sei que não a gente não teve o nosso momento — digo, agora recuando um pouco.

Ele espreita à frente, ciente da distância que estou tentando criar, e sem aceitar nada disso. Eu continuo:

— E eu gosto de você… muito… mas… — Minhas palavras se transformam num gemido quando minha excitação aumenta mais uma vez. Meus seios estão tão pesados, e meu íntimo continua apertando o nada. — Mas ainda é a Semana Sagrada, e estou esperando por outra pessoa…

À menção de outra pessoa, Kane começa a rosnar outra vez.

Se eu não estivesse tão bêbada de infusão de bruxa, e se Kane não fosse literalmente um lobo no momento, eu saberia o que fazer. Em vez disso, me afasto um pouco mais, com o coração disparado. Faço careta quando sinto minha boceta vibrando no mesmo ritmo.

O licantropo avança outra vez, diminuindo a distância entre nós. Ele está tão perto, perto o suficiente para tocá-lo. Perto o suficiente para ser mordida. A ideia me faz sair de perto mais rápido.

Um som baixo de alerta ressoa na garganta do metamorfo enquanto ele se aproxima de mim mais uma vez.

— Kane, sei que estou no seu território, mas você está me deixando nervosa. Será que você pode…

Solto um grito quando meu calcanhar prende na raiz de uma árvore e eu tropeço. Meu quadril bate com força no chão, e eu puxo o ar entre dentes.

Num momento, estou deitada no chão da floresta e, no seguinte, um lobo enorme paira sobre mim.

Donzela, Mãe e Anciã.

Fico absolutamente imóvel, enquanto Kane me cheira com curiosidade. Seu focinho chega perto do meu pescoço, e sinto seus dentes roçarem minha pele. Eu fico muito, muito quietinha.

— Por favor, não me morda — sussurro.

Sybil pode estar pouco se fodendo, mas não tenho nenhum interesse em ser metamorfa.

Kane faz uma pausa, depois inspira meu cheiro mais uma vez, sua língua lambe a carne antes que seus dentes a rocem novamente, desta vez de forma mais deliberada, como se estivesse considerando a ideia.

Levanto a mão, preparando um feitiço para afastá-lo, quando vejo seu couro ondular. No instante seguinte, sua forma muda, seu pelo recua na pele e seu torso se alarga. Sua magia translúcida paira ao seu redor enquanto ele se transforma.

Em menos de um minuto, o lobo desaparece. Em seu lugar, resta um homem muito suado e nu em pelo, seu corpo musculoso pressionado contra o meu, seu rosto enterrado em meu pescoço.

Ele respira fundo e ofegante enquanto se recupera da transformação.

Infelizmente, tudo o que noto é o quanto isso é gostoso. Gostoso até demais. Estendo a mão para tocá-lo, precisando de mais contato. Minhas preocupações anteriores são coisas distantes. Inconsequentes, na verdade. É o Kane. Eu gosto do Kane. Não ligo de beijar Kane.

Eu o arrasto para cima de mim e ele não tenta me impedir. Kane se ajeita para que seus quadris fiquem entre os meus, me prendendo no lugar, e sua mão começa a deslizar languidamente ao longo do meu tronco, pegando meu vestido de cetim.

O licantropo respira fundo e depois geme, encostando a testa no meu pescoço.

— Puta merda. Você tomou infusão de bruxa, né? — A voz de Kane está mais profunda do que o normal, como se seu lobo mal estivesse controlado.

— Hum. — Eu me contorço um pouco contra Kane. O corpo dele é diferente do que eu esperava. Seu cabelo menos cheio, sua pele, molhada de suor, menos cheia de cicatrizes. A sensação me deixa confusa por um segundo.

— Você não devia estar no território licantropo — ele diz.

— Eu tentei ir embora. Você não deixou.

Ele solta uma risada tensa.

— Pois é, meu lobo gosta de você e não vê o menor problema em deixar isso claro. — Ele ri de novo, depois toca a lateral do meu rosto. — Eu tava preocupado com você. Tá tudo bem?

Faço que sim com a cabeça, depois que não.

— Não quero falar sobre isso. — Mal consigo *pensar* de tanto tesão.

Sinto o pau de Kane preso entre nós e, embora ele esteja agindo de maneira gentil e preocupada, seu corpo está tenso de excitação. Eu me esfrego nele, fazendo o metamorfo gemer.

— Porra, Selene — ele sibila, se afastando. — Por favor, me diga que você queria me encontrar.

— Não — digo, beijando a parte inferior de sua mandíbula e continuando a me esfregar nele. — Eu tinha outros planos.

Ele rosna em resposta, e dá para ouvir claramente o lobo em sua voz quando ele diz:

— Parece que você está fazendo novos.

Com isso, ele encontra meus lábios e me beija.

Assim como da última vez que beijei Kane, parece errado. Tudo errado. Porque chamei outro homem, porque entrei sem querer nesta situação, porque é a Semana Sagrada e Kane não tem controle total de sua magia, e não quero ser mordida. Mas acima de tudo, porque *Kane não é Memnon*.

Solto um grunhido quando a ficha cai.

— Tô sentindo o cheiro da sua vontade — Kane sussurra junto aos meus lábios, confundindo o som com algo mais carnal. Sua boca retorna para a minha, e ele aprofunda o beijo, se esfregando em mim, seu pau duro roçando por cima do tecido fino do meu vestido. Suspiro em sua boca enquanto a sensação me inunda, minhas mãos se movem para agarrar seus quadris. E ainda assim…

Errado, errado, errado.

Tão errado, que parece que está gritando comigo e cortando minha excitação.

— Peraí — digo, interrompendo o beijo, uma nota de pânico entra na minha voz. Meu corpo está chorando por eu ter parado e tenho que lutar contra a vontade de ceder novamente. Coloco a mão no peito de Kane. — Para. — Forço a palavra, mesmo quando meus quadris traidores roçam nos dele.

Outro rosnado ressoa baixo na garganta de Kane, seus instintos sem dúvida não estão gostando das minhas palavras.

— "Para"? — ele pergunta. Depois, mergulha o nariz no meu pescoço e inspira. — Seu corpo, seu cheiro tão dizendo para eu te foder. Você tá pingando de tesão.

Fecho os olhos com força.

— Eu sei, mas… — Respiro fundo e forço os membros a se desembaraçar dos dele. — Não dá, não posso.

Não posso. Quanto mais tempo fico aqui, mais na cara se torna.

Kane recua um pouco, mas não sai de cima de mim. Em vez disso, ele examina minhas feições.

— Não pode ou não quer?

Abro a boca…

— Não interessa o que a minha parceira quis dizer — responde uma voz profunda. — Ela disse *não*. Agora, saia de cima da minha noiva.

Capítulo 17

Memnon surge como um deus atrás de mim, sua magia pressiona minhas costas como uma nuvem de tempestade enquanto ele lança um olhar irado para o metamorfo.

— Noiva? — Kane repete, olhando para mim. Não consigo ver bem suas feições, mas pelo que posso perceber, ele parece confuso e com o coração partido. — *Parceira*?

Engulo em seco, desviando o olhar.

Não contei a ele tudo sobre a noite em que fui presa, nem mencionei que eu e Memnon somos almas gêmeas.

A magia de Memnon envolve o corpo do metamorfo e o arranca de cima de mim, jogando-o contra uma árvore próxima. Kane se choca contra ela com um grunhido. Antes que ele possa se afastar do tronco, o poder do feiticeiro o prende ali.

Memnon avança com violência nos olhos. Parece que ele vai dilacerar o metamorfo com as próprias mãos.

— Se não é o licantropo que vive querendo colocar as patas no que é meu.

Memnon, não sou um pedaço de carne que deve ser disputado.

Claro que não, ele diz suavemente em nosso vínculo. *Você é a razão da minha existência. Mas eu* vou *lutar por você.*

— Você se lembra do que eu disse quando te vi pela última vez? — Memnon diz, se aproximando do licantropo preso. Enquanto ele fala, o poder de Memnon roça em mim, envolvendo minha barriga e deslizando por baixo das minhas costas. Acho que deveria ser um carinho tranquilizador, mas a sensação de sua magia na minha pele superestimulada me deixa ofegante.

Quem fez essa infusão deveria ser preso. Essa quantidade de tesão chega a ser um crime. Memnon continua:

— Eu disse que se você encostasse na Selene de novo, eu cortaria seu pau e te forçaria a comer. E o que encontrei aqui? Você está tocando na

minha noiva *contra a vontade dela*.

Um grunhido baixo começa na garganta do metamorfo.

— Contra a vontade? *Você* quer falar de contra a vontade? Você perseguiu ela, invadiu o quarto dela. Ameaçou me machucar para que ela fizesse a sua vontade. E agora você quer que eu acredite que vocês tão *noivos*? — Ele ri na cara de Memnon. Os olhos de Kane procuram os meus. — Me diz que você concordou com *isso* de bom grado.

Não sei nem como Kane entende esse nosso compromisso tão facilmente.

O feiticeiro está reunindo magia, posso ver os fios dela se agitando como chicotes, e sei que ele está prestes a fazer algo terrível.

— Memnon, não machuque Kane — ofego.

Meu parceiro nem sequer estremece com a ordem, mas sua magia vai rapidamente voltando ao seu corpo, até que o ar noturno esteja totalmente livre dela. Saber que toda aquela magia violenta está agora engarrafada dentro do feiticeiro me perturba pra caralho.

Quando Memnon olha para mim por cima do ombro, o canto de sua boca se curva, posso dizer que meu pedido não importa. Ele tem outra carta na manga.

— Suponho que Selene não te contou sobre o nosso passado. — O feiticeiro encara Kane novamente. — Nosso amor remonta a dois mil anos. Quer competir com isso, lobinho? Eu e a minha alma gêmea suportamos horrores que você não pode nem imaginar para chegar a este momento.

— Acho que tenho muito mais chances do que um cuzão feito você — Kane diz.

Memnon se aproxima, sua forma elevando-se sobre a do metamorfo.

— Ah, é mesmo? Porque pensei tê-la ouvido dizer *não* à sua oferta, mas pode ser que meus ouvidos estejam…

O punho de Kane se estende, acertando Memnon bem no rosto, e a cabeça do feiticeiro cai para o lado.

Ai, porra.

Memnon permanece nessa posição por mais um momento. Quando ele se endireita, um fiozinho de sangue escorre pelo canto da boca. O feiticeiro sorri, a expressão repuxa sua cicatriz, fazendo-o parecer malévolo.

— Filhote tolo. Não adianta querer roubar a alma gêmea de outra pessoa.

Kane bate nele novamente.

Memnon solta um grunhido, tropeçando para trás. O metamorfo investe contra ele, derrubando o feiticeiro no chão. O punho de Kane acerta o rosto do feiticeiro repetidas vezes. Ele simplesmente aceita, sem nem se preocupar em se proteger dos golpes.

— Kane, para!

Kane levanta a cabeça e rosna em resposta, o alfa dentro dele se irrita com a minha ordem. Ele, no entanto, abaixa o punho, o peito sobe e desce com o esforço.

Abaixo dele, o rosto de Memnon está todo ensanguentado. A visão faz com que uma onda de terror puro passe por mim.

Estou bem, bruxinha, ele diz. *Já estou curando*.

— Por que ele não está revidando? — Kane pergunta, com os olhos ainda focados em Memnon. — Sei que esse filho da puta adora.

Adoro mesmo, Memnon diz em nosso vínculo. Minha alma gêmea parece mais do que um pouco satisfeita consigo mesma, apesar do fato de que ele acabou de levar uma surra.

Titubeando, vou na direção dos dois. O tesão ainda está encharcando minha calcinha e, verdade seja dita, a luta só fez piorar esta situação deplorável.

— Porque eu disse pra ele não fazer isso — digo ao metamorfo. Por vontade própria, minha magia avança e pressiona as feridas de Memnon. Ignora completamente os nós dos dedos ensanguentados de Kane. — Mas se você continuar batendo nele, vou deixar ele revidar e, Kane… — digo baixinho. —…você não vai querer isso.

O licantropo olha de mim para ele.

— Então ele te escuta agora? — ele me pergunta, saindo de cima de Memnon.

O feiticeiro se senta e enxuga o sangue que minha magia ainda não limpou do rosto, depois apoia o braço sobre um joelho dobrado.

Memnon se inclina um pouco para trás, com um brilho travesso nos olhos.

— Eu conto ou você conta? — ele me pergunta, estranhamente alegre para um homem que acabou de levar vários socos no rosto.

— *Memnon* — aviso. Por que toda essa conversa deve acontecer enquanto estou extremamente bêbada e *desesperada* por um orgasmo?

— Do que ele está falando, Selene? — Kane pergunta. Posso ver seu lobo me encarando pelo fundo de seus olhos.

Ô, caralho.

Meu estômago se revira quando admito:

— Memnon tem um laço comigo.

A incerteza brilha em seus olhos.

— Você quer dizer aquele seu… vínculo?

— O vínculo de alma gêmea não me obriga a fazer coisa alguma — Memnon diz. — No entanto, aquele outro feitiço que fizemos algumas noites atrás…

A ficha dele enfim cai.

— Você *enlaçou* ele? — Kane pergunta, horrorizado.

Meu estômago embrulha. Eu virei amiga da matilha *porque* impedi que um feitiço de enlaço acontecesse, para começo de conversa. De repente, agora ter um enlaço não parece nada bom. Kane me encara como se nunca tivesse me visto antes. Como se talvez eu fosse a vilã. Memnon se levanta e fica na minha frente.

— Não olhe para ela desse jeito — ele diz, com ameaça de volta na voz.

— Por que você faria uma coisa dessas? — Kane pergunta, ignorando Memnon completamente. Memnon responde mesmo assim:

— Eu pedi isso para ela. Estou recuperando a confiança que quebrei.

Kane olha de Memnon para mim, em choque. Não sei dizer o que se passa na mente do licantropo, mas, pela deusa, estou bêbada demais para lidar com isso de maneira adequada. Outra onda de desejo passa por mim e um gemido suave escapa. Aff. E com tesão. Pela bengala da Anciã, estou com tesão demais para ter esta conversa.

As narinas de Kane se dilatam e seus olhos mudam por completo, e Memnon olha para mim com uma sobrancelha arqueada, e, puta merda, todo mundo está muito ciente de que sou uma zona erógena latejante.

— Bem — digo, inclinando um pouco a cabeça —, foi ótimo, Kane. A gente se fala de novo logo, logo. Eu e Memnon estamos indo agora mesmo — digo, direcionando esta última parte ao feiticeiro.

Na mesma hora, Memnon se aproxima de mim com um brilho possessivo nos olhos. O olhar de Kane procura o meu.

— Selene… — Ouço a dor em sua voz, e isso me destrói.

Eu não pretendia nada disso. Nem confronto, nem o encontro com Kane, nem mesmo a excitação. Ainda é minha culpa, mas eu não queria uma bagunça dessas.

A atenção do metamorfo se move para minha alma gêmea e sua dor se transforma em raiva.

— Qual é a sensação de ser forçado a cumprir as ordens de outra pessoa? — Kane grita.

Memnon fica ao meu lado e se vira para encarar o licantropo. Embora Kane esteja provocando de propósito, não há mais raiva nos olhos de Memnon. Em vez disso, ele lança ao metamorfo um olhar divertido.

— Como preliminares, filhote.

Capítulo 18

Caminhamos por vários minutos em silêncio. Os únicos ruídos são o barulho dos nossos pés sobre as folhas e o som áspero da minha respiração.

Atrás de nós, ouve-se um uivo triste. Esfrego os olhos, com um soluço preso na garganta. Nunca quis magoá-lo. O amor é uma merda. Infusão de bruxa é uma merda. Toda esta situação é uma merda.

Ainda estou bêbada e muito, muito excitada, e isso torna tudo bem pior.

— Você chegou a ver muita coisa? — pergunto.

Sinto Memnon olhar para mim, seus olhos cor de uísque vão para minha boca.

— O suficiente.

Passo a mão no rosto. Pela deusa, mas a noite foi pra puta que pariu, hein.

— Não sei como fazer isso — Memnon admite.

— Fazer o quê? — indago, meus dedos encontram o decote do meu vestido. Estou começando a puxar o tecido, distraída.

— Lutar pelo direito de ser seu.

Olho para ele assim que ele olha para o céu encoberto, meus olhos traçam a linha de sua mandíbula.

— Antes, quando você era Roxi, você era minha e só minha. Nunca precisei provar meu valor para você. — Ele para e me encara. — E agora que preciso, sinto todos os meus defeitos vindo à tona. Posso lutar e matar por você, mas não posso ser o que aquele homem é.

Mesmo na escuridão, posso ver que o rosto dele ainda está um pouco inchado. Nem nossos poderes combinados o curou de todo.

Eu me aproximo dele e coloco a mão em seu rosto, deixando minha magia penetrar em sua pele. Não enuncio um feitiço, mas meu poder entende minha intenção e cura suas feridas restantes.

— Ainda tô com muita raiva de você — admito. — Tanta raiva que tá difícil respirar. — Se eu tivesse falado essas palavras dias atrás, elas teriam

sido verdadeiras. Neste momento, porém, o calor do meu ódio diminuiu. — Mas hoje, eu te chamei. *Eu queria você.*

Ainda quero você.

Outra onda de desejo pontua minha confissão e, sob a força dela, me aproximo de Memnon. Pela primeira vez na noite, meu desejo não parece o vilão, algo trabalhando contra mim. Parece… se não natural, pelo menos mágico. Maravilhoso. Algo a ser celebrado.

Minha mão desliza do rosto de Memnon e desce para seu peito, meus dedos se cravam na sensação sólida dele sob minha mão. Eu quero mais. Preciso de mais.

— Estou sob seu comando, minha rainha — ele diz em sármata. — Então, se você quer que eu te dê prazer, como fui feito para fazer, *ordene*.

Nós dois nos encaramos, durante um momento cheio de tensão.

Baixo o olhar para seu peito e deliberadamente coloco ambas as mãos em seu peitoral. Meu coração está batendo forte, meu sangue, rugindo nas veias, e uma noite inteira de desejo se acumula em mim.

Eu o empurro de leve. Em geral, Memnon é imóvel como uma montanha, mas me deixa guiá-lo para trás, para trás, para trás, até que ele esbarre no tronco de uma árvore.

Meus olhos sobem para seu pescoço, onde posso ver a tatuagem de pantera que aparece por cima da gola de sua camisa.

Fico na ponta dos pés, envolvo seu pescoço com a mão e o puxo para mim. Gentilmente, passo os lábios pelo desenho do felino. Há muito tempo, ele fez a tatuagem em homenagem a Ferox, meu familiar. Meu coração fica apertado com a lembrança.

Memnon levanta a mão, segurando meu rosto em seu pescoço, como se quisesse me manter ali para sempre.

— *Est amage* — ele diz baixinho, reverente, com a mão livre acariciando de leve meu braço nu.

— Não quero mandar em você — sussurro em seu ouvido. Isso é o que *ele* quer. Quero que ele esteja à minha mercê de uma maneira bem diferente.

Então, quando me afasto, minhas mãos deslizam para sua calça e desfaço o botão de cima.

— *Selene* — ele diz, com a voz rouca de surpresa. Ele captura meus pulsos, tentando me impedir. Bom, pode segurar meus pulsos. Não preciso

deles para o que estou prestes a fazer.

Minha magia emana de mim, abrindo o zíper de sua calça e a puxando para baixo, assim como o que ele usa por baixo.

— Quando foi a última vez que alguém se ajoelhou para você, *est xsaya*? — *Meu soberano.*

Memnon fica imóvel e, quando encontro seus olhos, sua expressão é selvagem.

— *Selene* — ele repete, e sua voz tem um tom perigoso.

Ele quer controle? Ele quer estratégia? Pois não vai ter *nada* disso agora.

Caio de joelhos, com os pulsos ainda presos. O latejar em meu íntimo atingiu um nível insuportável. Não sei se é possível gozar só de tesão, mas pelo visto quero descobrir.

A ereção do feiticeiro se projeta orgulhosamente, seu pau molhado brilha na escuridão. Tenho inúmeras lembranças de colocá-lo na boca, mas tecnicamente nunca experimentei nesta vida. Esse estranho contraste só aguça meu desejo.

Me inclino para frente, envolvendo a cabeça do pau dele com os lábios. Memnon puxa o ar entre dentes. Passo a língua pela fenda, o gosto dele vai me deixando doida. Puta merda, talvez eu goze assim mesmo.

— *Selene* — ele geme, seus quadris se movem para frente por vontade própria.

Vou mais fundo com a boca.

Melhor que minhas lembranças. Bem, bem melhor.

Ele ainda está prendendo meus braços, e para ser honesta, isso só aumenta meu tesão. Tiro a boca do pau dele para dizer:

— Se não quiser, então me solta.

Eu o encaro, esperando. Ele aperta as mãos em volta de meus pulsos, mas não me solta.

— Selene, é você quem precisa…

— Eu preciso *disso* — interrompo. — Preciso de você.

Com isso, me inclino para frente, indo tão fundo quanto consigo.

— *Pelos deuses*, imperatriz — ele ofega, enquanto mexe o quadril de acordo com minha boca. — Que delícia. Tinha quase esquecido…

Sorrio com o pau dele na boca, excitada com sua reação — excitada por ele.

Devagar, vou afastando o pescoço para chupar só a cabecinha. Depois, coloco ele inteiro na boca, me deliciando com a sensação na língua. Encontro meu próprio ritmo, o que só faz meu íntimo latejar cada vez mais forte. Quanto mais chupo Memnon, mais sinto a mandíbula arder com o esforço. Até essa dor é familiar. E, de algum modo, a lembrança parte meu coração e o deixa quentinho ao mesmo tempo.

Através de nosso vínculo, percebo os joelhos dele fraquejando. Meu próprio desejo ruge em minhas veias, mas pela nossa conexão, também pego lampejos do prazer que estou dando a ele. Meus seios estão pesados, e aquela sensação no meio das minhas pernas pulsa cada vez mais.

Memnon finalmente solta meus pulsos para que possa enfiar os dedos em meu cabelo.

— Minha rainha, minha parceira, assim você acaba comigo… desse jeito, não vou aguentar.

Posso sentir isso também. Pela deusa, e como. Isso alimenta o fogo dentro de mim, fazendo-o aumentar cada vez mais.

Eu deveria te deixar assim, só na vontade, digo a ele, passando as mãos pelas suas coxas grossas. A sensação é gostosa demais. *Que nem você me deixou, tantas noites.*

Ele me mandou tantos sonhos eróticos, me provocando sem me deixar chegar no êxtase, noite após noite.

Você teria todo direito. Memnon solta um grunhido, metendo um pouco mais fundo na minha boca. *Gostei muito de te provocar, mas fui um pouco cruel.*

Estou tentada, digo, com o íntimo ainda latejando quando eu tiro o pau dele da boca. *Mas o que eu quero de verdade,* est xsaya, *é ver você perdendo o controle dentro de mim.*

Memnon está respirando com dificuldade, olhando para mim de cima a baixo. À luz da lua, seus olhos brilham como moedas, sua cicatriz é uma sombra mais escura que o resto. Ele parece ter nascido da escuridão, os ângulos de suas feições tão nítidos e perversos.

— Eu queria esperar até que você não me odiasse tanto — ele diz, a voz suave.

É por isso que ele sempre para antes da penetração? Se sim, isso é… irritantemente nobre.

Balanço a cabeça.

— Chamei você aqui para uma transa rápida e casual — digo. — Se não estiver a fim, pode ir embora. — Dói dizer esta última parte, mas minha excitação vai passar. Não vou usar nosso enlaço para forçá-lo a ficar se ele não quiser.

Memnon se agacha na minha frente, sem se preocupar em puxar as calças ou guardar o pau.

— *Est amage*, você e eu sabemos que não sou de transar rápido e com certeza não sou de transar casualmente. — Ele me olha por um longo momento. — Posso ficar te chupando até o sol raiar e mais, mas se me quiser dentro de você, esses são os meus termos.

Estreito o olhar para ele, minha respiração irregular.

— Você sabe que posso te ordenar, né? — Acho que ele esqueceu quem está em vantagem aqui.

Ele inclina meu queixo.

— Então, ordene — ele desafia. — Eu te dei esse poder sobre mim de bom grado. — Memnon me encara por mais um instante. — Caso contrário, *estes são os meus termos*. — Quando não digo nada, ele se inclina. — Acho que, mesmo sob efeito de qualquer poção que tenha tomado, você ainda *quer* uma conexão profunda e *quer* se sentir segura quando todo o resto fugir do seu controle. — Ele faz uma pausa por um momento. — Isso é tudo o que peço, imperatriz.

Há muitas nuances em suas exigências; provavelmente seria mais simples se eu mandasse Memnon embora ou ficasse só no oral. Eu não quero isso.

Meus olhos caem para seus lábios.

— Me beija — ofego.

Num instante, sua boca está na minha. Seus lábios são uma memória e, a cada movimento deles, vou despertando. Sou Roxilana, e sou Selene.

— Você ainda me quer? — ele sussurra junto aos meus lábios.

Faço que sim com a cabeça, passando os braços em volta de seu pescoço.

Ele sorri, satisfeito, tão satisfeito. Como se ele tivesse conseguido tudo o que queria. Suas mãos se prendem sob meus braços e ele me levanta, nos trocando de lugar para que sejam minhas costas na árvore. O feiticeiro me levanta bem alto, acima dele, sua magia vai girando em volta da minha cintura e sob minhas coxas para me manter presa ali. Encaro seu rosto, confusa por estar tão mais elevada do que ele.

Até, é claro, eu me dar conta de que minha boceta está no nível dos olhos dele.

— Bela calcinha — ele diz um momento antes de rasgá-las. — Agora, pernas em cima dos meus ombros — ordena.

— Peraí, quê? — pergunto, atordoada. — Eu quero que você me foda.

Ele se inclina para frente e mordisca meu vestido e o que pode da minha boceta, e eu solto um gritinho, esfregando o quadril contra ele.

— Uma coisa de cada vez. — Ele aperta minha bunda. — Em cima dos meus ombros, bruxa esquentadinha — ele repete.

Faço o que ele diz antes que mude de ideia, só um pouco irritada porque agora é ele quem está mandando em mim.

Ele se aproxima, forçando minhas pernas a se afastarem ainda mais. Enquanto sua magia me mantém no lugar, suas mãos acariciam a parte externa das minhas coxas, empurrando meu vestido até a cintura.

O ar frio atinge minha boceta.

— *Memnon* — suspiro, olhando para ele.

— Segure meu cabelo, *est amage*. Quero sentir sua bocetinha esfregando na minha cara.

Pela deusa, como ele gosta de falar sacanagem. Estou respirando cada vez mais rápido. A expectativa me levou direto ao limite. Do jeito que estou, é capaz de gozar só de ele encostar em mim.

Minhas mãos passam pelo seu cabelo. Lançando um olhar faminto em minha direção, ele se inclina para frente.

Bem pertinho do meu íntimo, puxo seu cabelo, afastando-o.

— Misericórdia, bruxinha, você quer que eu te dê prazer ou não?

Olho para o feiticeiro e admiro sua beleza feroz e violenta, e meu coração bate rápido, muito rápido, e me sinto vulnerável.

— Isto é só por hoje — digo, observando-o com atenção. — Não vai ser uma coisa frequente.

— Claro — Memnon diz suavemente, com o olhar inabalável. Eu deveria ficar desconfiada por ele ter concordado tão fácil, depois de todas as suas exigências anteriores, mas, para ser sincera, quero tanto isso que não dá para ficar analisando seus argumentos.

Só por hoje, repito para mim mesma em silêncio. *Só por causa da bebida.*

— Enfim — Memnon diz, passando a mão pela parte externa da minha coxa. — Você vai deixar eu te provar?

— Vou. — Mal termino de falar quando Memnon põe a boca em mim.

Perco o ar ao sentir os lábios dele se movendo entre minhas pernas, e seguro seu cabelo ainda mais forte, meu prazer vai crescendo, crescendo, crescendo…

— *Memnon!* — grito ao gozar.

Ele continua me chupando enquanto eu gozo, e minha deusinha amada, é demais. Emito uns sons desesperados.

— Se você acha que eu vou parar só porque você gozou rápido, já vou avisando: *não vou, mesmo*.

Não sei se devo xingá-lo ou agradecê-lo, porque meu orgasmo mal começa a se dissipar e a excitação vem com tudo de novo.

Ele me provoca em todos os meus pontos mais sensíveis antes de deslizar a língua em mim. Eu gemo, movendo os quadris na direção da boca dele. Meu mundo inteiro se resume ao ponto de contato em que a boca de Memnon encontra a minha boceta.

— Você tem gosto de ambrosia, minha parceira — ele diz, sem se afastar de mim. Ele me chupa como se estivesse faminto, suas mãos vão massageando minhas coxas.

A boca dele encontra meu clitóris, e ele não tem a menor *piedade*. Eu me esfrego na cara dele, do jeito que ele queria, meu corpo desesperado por mais. Fecho os olhos com força e inclino a cabeça para trás, me apoiando no tronco áspero da árvore, me contorcendo toda conforme as sensações vão me inundando rapidamente mais uma vez.

Mas antes que eu possa chegar ao ápice, Memnon se afasta da minha boceta e me abaixa.

Solto um gemido alto de protesto com a ausência do seu toque, abrindo os olhos.

Os olhos do feiticeiro absorvem cada centímetro do meu rosto, como se ele quisesse memorizar cada detalhe. Quando estamos cara a cara, ele pergunta:

— Ainda me quer, *est amage*?

Faço que sim com a cabeça. Sinto uma sensação dolorosa de *vazio* no íntimo.

— Então, ordene — ele diz.

— Quero você dentro de mim.

Ele balança a cabeça.

— Ordene.

Hesito, perscrutando seu olhar. Não quero tirar o livre-arbítrio do feiticeiro, e minhas ordens causam exatamente isso. Ainda assim, acho que ele *quer* que eu mande nele. Acho que sua exigência *é* seu consentimento.

Minha mão sobe pelo pescoço dele, onde a imagem de meu familiar rosnando está tatuada em sua pele. Traço as linhas do desenho com a ponta dos dedos.

— Se você não gostar de alguma coisa que eu te mandar fazer, diga "Ferox" — sussurro.

Não acredito que esse vai ser o tipo de sexo que requer palavras de segurança.

Os olhos de Memnon brilham.

— Tudo bem, imperatriz, posso fazer isso. Agora, *ordene*.

Passo a língua nos lábios e então levanto o queixo.

— Me fode, Memnon.

— Essa é a minha rainha.

Ele afasta minhas coxas e se alinha a mim. Posso sentir seu pau enorme pulsando bem na minha entrada. Memnon pausa.

— Isso muda as coisas.

Abro a boca para discutir, porque isso não muda nada. É só sexo, um ato simples, físico. Mas antes que eu consiga falar qualquer coisa, Memnon mete com tudo em mim.

Eu arquejo, agarrando o pescoço de minha alma gêmea com força, enquanto o pau gigantesco dele se acomoda dentro de mim. Sou praticamente empalada no negócio. Apesar de minha boceta encharcada e todas as preliminares, ainda assim parece que ele vai me rasgar ao meio.

Memnon solta o ar com força, um arrepio percorre seu corpo.

— Tá tudo bem aí? — ele pergunta, percebendo minha tensão.

Assinto, engolindo em seco.

— Só me dá um minutinho. — Tinha me esquecido do quanto ele era grande.

Durante vários segundos, só consigo ouvir nossas respirações entrecortadas e os gemidos de prazer distantes de outras bruxas. O feiticeiro aproxima o rosto do meu, depositando um beijo na parte inferior do meu

maxilar, e então em minhas bochechas, meu nariz, minhas pálpebras. A cada toque gentil de seus lábios, meu corpo relaxa e meu íntimo alarga, acomodando-o dentro de mim.

— Pelos deuses — ele murmura em sármata. — Dois mil anos, e finalmente estou em casa.

Não quero admitir, mas sinto o mesmo. Aqueles beijos gentis e reverentes, a sensação de preenchimento no meu íntimo… parece certo, tão certo.

É bem mais íntimo do que eu tinha planejado, mas uma pequena parte safada de mim está adorando.

— Não se mexa — sussurro. — Ainda não.

Seus lábios roçam os meus.

— Não vou a lugar nenhum — ele murmura.

Meu corpo já se acostumou com o volume dele, mas mesmo assim, fico parada por mais alguns instantes, só para saborear um pouquinho mais. Enfim, meu tesão toma conta, e eu me ajeito contra ele. Agora, preciso da fricção de suas estocadas. Só que… não acontece nada.

Memnon pressiona a testa na minha, soltando uma risada rouca.

— Por mais gostoso que esteja, *est amage*, você vai precisar me libertar da última ordem se quiser que eu continue.

Ah, é.

— Pode se mexer — sussurro, impactada demais pela sensação dele dentro de mim para ficar com vergonha.

Ele se afasta para me beijar abaixo do maxilar. Memnon tira o pau quase todo antes de meter de novo com força. Eu ofego.

— Que gostosa do caramba — ele murmura, pegando minhas mãos e entrelaçando os dedos aos meus, enquanto seus quadris continuam indo e voltando contra os meus. — Minha *noivinha* safada.

O lembrete faz dissipar um pouco da névoa de tesão na qual me encontro.

— Isso não significa nada — insisto.

— Significa *tudo* — Memnon responde, apertando minhas mãos. Ele vai fundo de um jeito quase punitivo, e eu solto um gemido ao sentir cada terminação nervosa pulsando em resposta.

O feiticeiro ainda está atrás de um quê de romance aqui, tentou virar a situação a favor dele. Mas não é ele quem manda aqui. Encaro seus olhos.

— Mais forte — ordeno, levantando o queixo. Não quero que ele me lembre que fomos casados, ou que poderemos ser de novo, um dia. Que se fodam os termos. No momento, tudo o que quero dele é prazer. — Me fode como se você quisesse me fazer gozar o mais rápido possível.

Memnon solta um grunhido, acelerando o ritmo. Ele morde o lábio ao olhar para mim. Não sei se ele se dá conta do gesto, mas eu fico maravilhada. Solto um gemido, inclinando a cabeça para trás conforme meu prazer vai crescendo mais uma vez.

O feiticeiro se inclina para frente.

— Só para deixar claro, Selene, eu quero te comer de um jeito que vai devorar sua alma — ele diz ao meter em mim, seus quadris investindo cada vez mais rápido. Ele me fode como se fosse a única coisa para a qual foi feito nesta vida. — Não essa merda de rapidinha. — Cada golpe punitivo do pau dele me deixa cada vez mais perto do clímax. — Eu quero que você veja a vida que nós dividimos. A vida que eu ainda quero te dar. — Ele aperta minhas mãos.

— Você vai me dar o que eu pedir — respondo. — Não é isso que você quer da sua rainha?

Memnon sustenta meu olhar, suas investidas ininterruptas.

— Eu vivo para te servir, imperatriz.

Não consigo ler sua expressão, não nesta escuridão, mas não há qualquer traço de ironia ou decepção em sua voz. Acho que ele está sendo bastante sincero. Mas é um lembrete: eu só vou conseguir o que quero enquanto o enlaço durar, enquanto eu não me apaixonar por ele.

O feiticeiro puxa uma das alcinhas do meu vestido para baixo, expondo meu seio. Ele abaixa a cabeça e chupa meu mamilo, brincando com ele entre os dentes.

É tudo de que eu preciso.

Grito quando meu clímax explode através do meu corpo e chega a nublar minha visão. Aperto as mãos dele, aproveitando onda após onda de prazer.

Memnon rosna junta à minha pele.

— Que saudade de te sentir gozando assim. — Ele puxa o ar com força. — Você aperta meu pau tão gostoso — ele diz, sem parar de meter.

Ele mal termina de falar quando sinto o seu pau engrossar. Solto mais um grito conforme a pressão adicional alonga meu clímax.

— *Pelos deuses, Selene*. — Ele mete forte, rápido e bem fundo dentro de mim, abandonando meu seio para beijar minha boca.

E então, ele goza.

Memnon me beija durante as ondas de seu próprio orgasmo. Dá para sentir um eco através de nosso vínculo, amplificando o dissipar do meu próprio. Ele está em minha boca, em minha boceta, enroscado ao meu redor, o corpo pressionado contra o meu, o mais próximo que consegue. Acho que, se pudesse, ele poderia simplesmente derreter para dentro de mim.

Gosto dessa ideia. No momento, com a infusão de bruxa ainda queimando nas veias, não me importaria nem um pouco de Memnon se afundar em mim e nunca mais sair.

Enfim, as estocadas vão ficando mais suaves, e ele me dá um último beijo ao sair de dentro de mim. Ele segura meu corpo junto ao dele ao me abaixar.

— Consegue ficar de pé? — pergunta ao me colocar no chão.

Minhas pernas bambas vacilam na hora. Ele me segura.

— Está bem, então "não" — ele diz e me pega nos braços de novo.

— Tô de boa — insisto, mas Memnon já está abraçando a própria cintura com minhas pernas e me carregando para que fiquemos cara a cara novamente.

Nós dois ficamos nos encarando. Cruzo os tornozelos e passo os braços ao redor do seu pescoço.

— Assim também é gostoso — admito.

Os olhos de Memnon brilham.

— Que bom, *est amage*, porque não tenho intenção de colocar você no chão.

Ouço o farfalhar de sua calça jeans e o som de seu zíper sendo fechado enquanto sua magia recoloca suas roupas. Depois, ele começa a andar.

— Para onde está me levando? — pergunto.

— Para o seu quarto. A menos que você prefira ficar aqui.

Não sei se ele está me provocando ou se é uma pergunta legítima, mas balanço a cabeça.

— Pode ser lá em casa.

Seu olhar cai para meus lábios e ele assente.

— Está bem.

Memnon ainda não deu vinte passos quando faz um barulho torturante e olha para baixo entre nós.

O calor sobe às minhas bochechas quando vejo o que ele está vendo. O gozo de Memnon está vazando de mim e manchando sua camiseta.

— Vou deixar uma bagunça nas suas roupas — digo, baixinho.

— Eu *adoro* quando você faz uma bagunça. Se pensou qualquer coisa diferente, está enganada.

Minhas bochechas queimam ainda mais, e eu o seguro com mais força. Dada esta posição, nós dois estamos dolorosamente próximos. Tão próximos quanto costumávamos estar quando andávamos a cavalo juntos — ainda mais, tecnicamente, já que na época eu sempre ficava de costas para ele.

Por capricho, enterro o rosto em seu pescoço e inspiro. O gesto faz com que ele me abrace com mais força.

— Você não tem mais cheiro de grama nem de cavalo — digo, surpresa e talvez um pouco decepcionada. Ele não tem nem mais cheiro de suor. Mas tinha. Fecho os olhos e consigo me lembrar com uma clareza impressionante daquela outra versão dele. Sua calça de cós baixo e túnica, que ele arrancava assim que ficava muito suado por causa do treino. O arco e seu estojo, o gorytos, que ele usava além das adagas. A sensação quente e bronzeada de sua pele depois de um longo dia na estepe.

— Deve ser um alívio bem-vindo. — A voz de Memnon tem um tom rouco e íntimo.

Balanço a cabeça perto dele, brincando com algumas mechas de seu cabelo na nuca.

— Não é, não.

Franzo a testa para mim mesma e depois inspiro novamente. Memnon ainda cheira como ele mesmo, da maneira mais inata. E é esse cheiro que me faz encostar a cabeça nele.

Meu velho amigo. Meu inimigo mais feroz. Meu mais novo amante.

Depois de um momento, ele diz:

— Não estou acostumado a ouvir você falar do nosso passado como… nosso. — Ele me afasta de seu pescoço para olhar para mim. — Isso me enche de muita alegria.

Olho para ele com incerteza, com as emoções emaranhadas, quando aquela infusão maldita se agita em minhas veias, e meu íntimo começa a

pulsar outra vez.

Não, não, não. Por favor, de novo não.

Pressiono os lábios para abafar um gemido, mas não consigo evitar que meus quadris se esfreguem contra ele.

— De novo? — Memnon pergunta, surpreso.

Abaixo a cabeça, um pouco envergonhada. Em vez de responder, me inclino e dou um beijo em seu pescoço, depois outro e mais outro. Memnon respira fundo, suas mãos me seguram com mais força.

Apesar das minhas dúvidas sobre minha alma gêmea, estou absurdamente aliviada por ser ele aqui comigo hoje. O feiticeiro é tão natural e familiar para mim quanto minha própria pele. Talvez seja assim com todas as almas gêmeas, mas suspeito que muito disso tenha a ver com a vida que vivemos juntos há muito tempo. Ela foi construída, a princípio, com base na amizade.

Ele faz um som baixo do fundo do peito.

— O que você tomou?

— Como assim? — pergunto, ainda dando beijos por sua pele.

— Você tem um apetite saudável por sexo, bruxinha, mas isso é outra coisa — ele diz, enquanto continuo a me esfregar nele. — Dá para sentir sua excitação querendo me agarrar através do nosso vínculo.

— Infusão de bruxa — explico. Não existia um equivalente no mundo antigo. — Ela amplifica nossa magia, mas tem alguns efeitos colaterais. — Em geral não costumam ser tão potentes.

Atravessamos a linha das árvores, e os gemidos ficam cada vez mais numerosos.

— Parece nosso acampamento depois de uma celebração — ele diz, referindo-se ao seu povo.

Os sons se intensificam à medida que nos aproximamos da residência. No momento em que chegamos à porta da minha casa, parece que tem uma orgia rolando do outro lado.

Assim que entramos, fica claro que tem *mesmo* um surubão rolando na biblioteca — vão com a deusa, livros próximos. Vários outros casais estão espalhados pelas áreas de convivência da casa. Posso ouvir mais na cozinha mágica e no salão de jantar.

De alguma forma, mesmo com meu traje sem calcinha, a porra e minha boceta melando a roupa toda de Memnon, ainda somos o casal mais

modesto daqui.

Os sons nos seguem escada acima e pelo corredor.

Só quando entramos no meu quarto e Memnon fecha a porta com um chute é que os sons ficam abafados. Mais ou menos. Ainda dá para ouvir o som inconfundível de uma cabeceira batendo em algum quarto por perto.

A magia de Memnon emana dele e cobre as paredes, abafando o som até que sejamos apenas nós. Bem, nós e Nero.

O grande felino está enrolado em sua cama, parecendo muito infeliz com toda a comoção. Ele me lança um olhar traído quando Memnon finalmente me coloca no chão.

— Desculpa — digo, na defensiva. — Eu não sabia que ia ser assim.

Sua cauda se contorce de aborrecimento.

Pelo visto o pedido não foi aceito.

— A floresta está a mesma coisa. Você pode até ir, mas vai ficar puto do mesmo jeito.

Essa é toda a permissão de que ele precisa. Meu familiar se levanta da cama e salta, ágil, para o parapeito da janela.

— Mas se cuida. Tem fantasmas, e lobisomens, e pelo menos um feérico babaca por aí. Se alguém tentar se aproximar, se proteja.

Nero olha para trás e pisca seus olhos verde-dourados para mim. É a única indicação de que ele ouviu minhas palavras. Então, com um movimento final do rabo, ele salta para o carvalho lá fora e desaparece.

Volto a atenção para Memnon, que já está me olhando com puro desejo nos olhos. Minha pele está ficando quente de novo, de um jeito desconfortável. Não sei até quando vou ficar sob o efeito desta infusão. E agora, presa neste quarto com Memnon, nosso passado está saindo do túmulo.

— Fica comigo hoje. É… é uma ordem.

A ordem parece errada, mas Memnon olha para mim como um homem que ganhou uma segunda chance na vida.

— Não vá se animando — advirto. — A noite, tudo isso… é só sexo sem sentimento.

Memnon dá uma risada rouca e se aproxima. Inclino a cabeça para trás para olhar para ele, lembrando mais uma vez de como ele é grande.

Ele se inclina e deposita um beijo no ponto onde meu maxilar encontra minha orelha.

— Uma mentira que você adoraria que fosse verdade — ele sussurra junto à minha pele.

Sua magia puxa nossas roupas, tirando meu vestido por cima da minha cabeça. Ele se afasta de mim quando a peça é removida, e então a fumaça de cor índigo tira seus trajes.

Há um incêndio sob minha pele, que a infusão de bruxa acendeu e Memnon só alimentou. À visão dele adornado apenas pelas tatuagens, meu desejo cresce tão vertiginosamente que é quase doloroso.

Só tenho um momento para admirá-lo em toda a sua nudez gloriosa antes que ele envolva minha cintura e nos leve até minha cama.

Mal caímos no colchão quando Memnon se afasta novamente e me vira, minha bunda para cima.

— Fica de quatro — ele ordena.

Odeio homem mandão, ah, como odeio, penso enquanto faço o que ele diz.

Está mentindo de novo, Memnon responde, claramente ouvindo por alto um pensamento que nem era para ele.

Suas mãos seguram firme meus quadris. Com uma estocada brutal, ele entra em mim mais uma vez.

Dou um grito, quase gozando só com essa sensação.

Ele deve sentir o quanto estou perto, porque se inclina e diz:

— Ainda não, bruxinha. Mal começamos a nos divertir.

Então, ele começa a me foder devagarinho, metendo bem de leve, só para me provocar, até meu orgasmo retrair.

— Seu filho da puta — murmuro.

Ele gargalha às minhas costas, o demônio.

— Você nem faz ideia.

Quando ele tem certeza de que não vou gozar logo de cara, ele cobre minhas costas com o peito e coloca a mão em volta do meu pescoço, aumentando o ritmo só um pouquinho.

— Vou cuidar de você, *est amage* — ele jura —, até você estar toda satisfeita. Mas, em troca, você vai me obedecer. Se for uma boa bruxinha, vou te recompensar por isso.

Sinto o roçar brusco da magia dele contra meu clitóris, me levando depressa à beira de um orgasmo. Mas, tão logo ela vem, desaparece.

— E se você for uma bruxinha má, vou apertar esse seu pescocinho lindo.

Bem de leve, ele comprime minha respiração, e por motivos que eu não compreendo totalmente, isso também me deixa prestes a gozar.

— *Memnon* — gemo.

Ele aperta meu pescoço de novo.

— Bruxinha safada. Você vai me chamar de *marido* ou *alma gêmea*. Se me chamar de qualquer outra coisa, será punida.

Sou eu que tenho poder sobre ele. Posso parar tudo a qualquer momento, e ainda assim, não faço isso. Nem chego a pensar duas vezes.

A mão do feiticeiro enfim afrouxa em meu pescoço, mas suas investidas diminuem de novo. Por que ele está diminuindo?

— Mais forte — insisto.

Ele começa a ganhar velocidade.

— Quer mais? Então me chame direito.

Choramingo, com a boceta latejando.

— Não seja assim cruel… — *Não fale, Selene. Não fale. Não…* — … *Marido*.

Há uma descarga de magia contra meu clitóris, e eu quase desabo com a sensação. Só a mão de Memnon no meu pescoço é o que me mantém no lugar.

— Está gostando? — ele provoca. — Diga que seu marido cuida direitinho de você, e eu te dou mais até você gozar.

— Seu manipulador do caralho — digo, mesmo enquanto ele mete fundo em mim.

Ele aperta meu pescoço, deve ser por discordar dele. Ou talvez por xingar. Ofego em resposta, minha boceta se contrai ao redor do pau dele.

— Se não gostar, sempre dá para gozar do velho jeito de sempre — ele diz.

Abaixo a cabeça, quase chorando, porque estou excitada pra caralho e ele é tão cruel, maldito seja.

— Você cuida de mim como ninguém. — Solto as palavras num arquejo. Não parecem mentira porque Memnon, de fato, parece conhecer cada pedacinho do meu corpo e do que ele gosta. Ele se inclina perto do meu ouvido.

— *Quem* cuida de você? — ele insiste, em voz baixa.

Esse monstro.

Viro a cabeça para encontrar seu olhar, meu rosto pertinho do dele.

— Você, *meu marido* — sussurro.

Ele sustenta meu olhar por mais um segundo antes de cair em si.

— Muito bem — ele elogia, seus lábios se curvam num sorriso. E então, a magia dele volta a esfregar meu clitóris, e sobe pela minha barriga até os seios, brincando com meus mamilos.

Meus braços cedem, e Memnon solta minha garganta para que meu tronco possa desabar no colchão.

O feiticeiro tira meu cabelo da nuca e deposita um beijo ali. Com isso e o roçar implacável de sua magia, eu me estilhaço, arqueando para trás contra ele enquanto eu gozo, e gozo, e gozo.

Os quadris dele batem forte contra mim, metendo cada vez mais rápido, mais forte, tentando me dar tudo o que eu desejo de uma só vez.

— *Caralho*. — Ouço-o xingar em voz baixa, e sinto o pau dele latejando dentro de mim. Então, com um rugido, ele goza, seu próprio clímax vai estendendo o meu.

Pressiono a bunda contra Memnon enquanto apoio a testa nas mãos. Meu orgasmo ainda nem acabou, mas o pulsar doloroso daquela maldita infusão de bruxa está de volta.

Solto um som frustrado, a ponto de chorar. Meu corpo está cansado, mas isso não parece importar; ele exige prazer de novo.

— Memnon, eu acho… — *Acho que preciso de mais*.

O feiticeiro alisa minhas costas suadas.

— Eu sei, *est amage*. Posso sentir em nosso vínculo. Enquanto precisar de mim, eu vou cuidar de você.

E ele cuida. Várias, e várias, e várias vezes.

Capítulo 19

Antes mesmo de abrir os olhos, sei que estou fodida.

Muito, muito fodida. Por alguém chamado Memnon.

O quarto está puro cheiro de sexo, e meu corpo todo está dolorido. Minha alma gêmea perversa está deitada, adormecida na minha cama, me agarrando como se eu fosse um ursinho de pelúcia. A perna dele está enroscada na minha e seu braço envolve meu tronco, como se ele estivesse com medo de que eu fosse escapar durante o sono.

Se eu pudesse dar uma bronca na Selene bêbada de ontem à noite, daria. Minha boceta está inchada e dolorida, e meu corpo está grudento de suor e gozo. Fecho os olhos com força, desejando que tudo vá embora. Ainda mais as coisas bonitas que ele disse entre as (muitas) transas. Elas permanecem comigo, mesmo agora.

Este homem merece minha ira, *não* meu interesse.

Me viro em seus braços para que possa olhar para ele. Ele solta um som grave do peito e me abraça mais forte.

— Mais? — resmunga, ainda de olhos fechados, a voz sonolenta.

Quero que se abra um buraco na Terra para me engolir.

— Não — respondo, com a voz rouca e o rosto vermelho.

— Graças aos deuses. — Ele parece aliviado de verdade, o que só me faz corar mais. — Por mais que eu ame foder essa sua bocetinha linda, acho que você quebrou meu pau ontem à noi…

Cubro sua boca antes que ele possa terminar a frase. Memnon pisca, sonolento, e posso sentir seu sorriso preguiçoso e lânguido sob minha mão.

Ele estende a mão e acaricia minha bochecha. *Ah, minha parceira está com vergonha?*

— A noite de ontem nunca aconteceu — digo. Foi só sexo. Só sexo casual e altamente erótico. Só isso.

Ah, com certeza *aconteceu. É uma de minhas melhores lembranças, junto de te encontrar e casar com você pela primeira vez.*

Fecho os olhos e estremeço por dentro. Vejo que ele está indo numa direção bem diferente. Ele passa os nós dos dedos pela minha pele nua.

— Você está dolorida? — ele pergunta, franzindo a testa.

Abro os olhos e faço que não a cabeça, mesmo sentindo o latejar entre as coxas.

— Tô de boa.

Memnon franze a testa, estudando minhas feições.

— "De boa" — ele repete, testando a expressão. Acho que o feiticeiro está ouvindo essa pela primeira vez. — Eu não acredito em você. Fodemos bastante, com força.

Eu lembro. Eu pedi para ser com força.

Solto um gemido e enterro o rosto em seu peito. As coisas que eu disse, as coisas que fizemos…

Com certeza vou rogar praga em quem fez aquele lote de infusão de bruxa.

Memnon ri baixinho, esfregando minhas costas e abraçando. É estranho que esse tipo de toque seja novo, mas também antigo e familiar.

— Minha bruxinha *está* envergonhada — Memnon diz, parecendo ao mesmo tempo surpreso e encantado com isso. Ele beija o topo da minha cabeça, o gesto estranhamente cativante. — Eu também não acredito que você esteja *de boa*.

Enquanto ele fala, sinto o calor se espalhar sob a palma de sua mão e ao longo da minha pele. Ele penetra em minha carne e minhas várias dores desaparecem.

Levanto a cabeça e lanço um olhar agradecido a ele. Este é o momento em que eu o afasto. Só que… não quero. E sei que é assim que todas as péssimas ideias começam quando se trata de Memnon — como dar uma chance ao cara —, mas agora, enquanto olho para o torso marcado e tatuado do feiticeiro, o passado parece estar surgindo das profundezas.

Por capricho, passo a mão sobre sua pele, traçando as diversas tatuagens. Eu havia pedido a ele, não muito tempo atrás, que me dissesse o que todas elas significavam.

Agora, já não preciso.

— Sua primeira caçada — digo, distraída, traçando um carneiro com o torso torcido no braço. — E a primeira vez que você matou um animal. — Passo os dedos sobre um cervo caído. Minha mão se move para um cavalo

cujo corpo é decorado com espirais e listras. — Sua primeira batalha. — Meus dedos se movem para outro carneiro caído com desenhos no corpo. Pairando sobre ele, tem um predador com presas. — A primeira vez que você matou uma pessoa. *E* seu primeiro encontro com a morte. — Meu toque sobe até seu pescoço. — Aqui está meu familiar, e… — Meus dedos deslizam para seu outro ombro. — Estas são as várias tribos que você unificou, e aqui tem mais, as que você derrotou. — Minha mão desliza para a pele acima de seu coração. — Aqui está o brasão de sua família — digo, traçando o dragão. — E… — Ele estava planejando adicionar a árvore da vida ao redor do dragão como uma representação minha e do vínculo que nos une, mas foi amaldiçoado antes de ter a chance.

Memnon me observa como se estivesse pendurado em cada palavra minha. Me dou conta de quão solitário deve ser para ele, viver neste mundo moderno onde ninguém entende quem ele é, de onde veio ou como era sua vida. Seu povo não passa de uma mancha sombria nos livros de história.

— Ainda é surreal que tivemos uma vida inteira juntos — murmuro.

Os olhos de Memnon ficam tristes, e sua mão desliza pelo meu tronco. Seu dedo indicador traça um desenho sobre meu abdômen, bem onde, há muito tempo, eu carregava um bebê, e bem onde, há muito tempo, Eislyn enfiou uma espada em mim e acabou com aquela possibilidade.

— Mas *não tivemos* uma vida inteira juntos, bruxinha — ele diz, com a voz suave. — Olhe para mim. Posso estar no auge pelos padrões antigos, mas pelos seus, sou jovem. *Nós* éramos jovens quando as coisas terminaram. Eu e você tivemos nossas vidas roubadas antes que pudéssemos vivê-la plenamente.

Tenho que respirar pelo nariz, só para aliviar um aperto repentino no peito. Assim que a sensação diminui, solto o ar. Isso foi lá atrás. Estamos no agora. Eu e ele podemos ter compartilhado algo real e incrível, mas as coisas são diferentes. *Eu* sou diferente. E Memnon foi imperdoavelmente cruel comigo.

Me afasto um pouco, juntando os cobertores no peito como um escudo. Pigarreio.

— A gente devia conversar sobre as bruxas que foram assassinadas — digo, tentando tirar o foco do nosso relacionamento e colocá-lo em outra coisa.

Memnon levanta uma sobrancelha.

— Agora? Você quer discutir isso agora? Quando ainda sinto o gosto da sua boceta na língua, e suas coxas ainda estão meladas da minha…

Cubro sua boca novamente antes que ele possa terminar a frase, minhas bochechas estão esquentando. Seus olhos vão direto para o meu rubor, e eu o sinto rir sob minha mão.

— Você vai me contar sobre os assassinatos — ordeno, removendo a mão trêmula. Não sei onde estou com a cabeça ao insistir nisso. Não estou em condições de resolver nada. Estou na minha era de criar problemas, não de resolver, como prova o homem na minha cama. Mas a noite passada continua repetindo na minha mente, e se não nos concentrarmos no assunto mais preocupante que posso imaginar, vou acabar me fixando em como foi bom dar loucamente para este homem.

Preciso de uma distração.

Memnon deve ter sentido o controle da minha magia, porque vejo seu pomo de Adão subir e descer quase de imediato.

Tudo bem, est amage. *Tudo bem.*

Ele se senta na cama, se encostando na cabeceira. *Tenho tentado me estabelecer nesta cidade desde que cheguei.*

Com essa admissão, vem algo mais em nosso vínculo, algo que talvez pareça desejo, só que não é um desejo por carne, mas por *poder*. Isso me perturba, ainda mais porque já senti essa sensação vindo dele antes, quando era Roxilana.

Há outros seres sobrenaturais aqui. Feiticeiros como eu, ele diz.

Tá bom, respondo, sem ter certeza de onde isso vai dar.

Uma família, os Fortuna, detém a maior parte do poder nesta área. No papel, o negócio, Ensanguine Empreendimentos, é uma empresa de investimento, mas na realidade é… uma empresa de fachada? Memnon parece confuso sobre isso, como se ainda estivesse descobrindo esses conceitos e termos. *É uma organização criminosa mascarada de entidade corporativa. Pouco depois de chegar à área da Baía de São Francisco, comecei a trabalhar para a Ensanguine Empreendimentos. Não sei se é assim que abordam todo mundo que procura emprego, mas fui levado até um mago chamado Patrick, que trabalha diretamente com os Fortuna. Ele tentou me enlaçar*.

Meu coração começa a bater rápido. *Ele tentou te* enlaçar*?* O que anda rolando com todo mundo tentando enlaçar os outros?

Ele acha que enlaçou, Memnon diz, esfregando o lábio, com os olhos distantes. *Assim como os outros sobrenaturais que estavam na sala. Vasculhei suas mentes, alterei algumas memórias e, agora, quando Patrick dá uma ordem, eu cumpro.*

Estremeço por dentro. Já era ruim o suficiente quando eu era a única pessoa que dava ordens a Memnon. Saber que outra pessoa anda exigindo coisas do meu parceiro… Uma sensação raivosa e doentia surge em mim.

Esse Patrick não consegue se dar conta de que não tem laço nenhum? Se eu me concentrar bastante, posso sentir o laço que estabeleci com Memnon.

Ele ainda não questionou isso.

No ar entre nós, permanece a possibilidade de que um dia ele possa fazer isso. E apesar de todo o ressentimento que ainda guardo em relação a Memnon, uma centelha de medo floresce em meu peito.

Só… tenha cuidado.

Os olhos de Memnon brilham. *Minha rainha, você está preocupada com o meu bem-estar?*

Estou. Franzo a testa, perturbada pela minha própria preocupação. *Termine o resto da sua história*, ordeno.

Patrick é o chefe da segurança da família Fortuna. O império Fortuna é governado pelo patriarca da família, Luca, e é dele que Patrick recebe ordens diretas. Mas a equipe de segurança cobre Luca Fortuna, bem como a esposa dele, Annalee, algumas amantes e os três filhos: Leonard, Juliana e Sophia. Tem também alguns parentes distantes, embora pareça que os irmãos de Luca e os filhos estão mortos ou do outro lado do mundo.

Mal percebo a magia de Memnon se desenrolando ao seu redor. Sua presença é tão habitual em minhas lembranças — de nós dois conversando na cama, bem como estamos fazendo agora — que mal olho para os sopros azuis roçando minha pele e se entrelaçando em meu cabelo.

Como Patrick acredita que exerce controle total sobre mim por meio do enlaço, Memnon continua, *ele me fez ficar de guarda do lado de fora dos prédios e suítes onde Luca Fortuna e seu filho, Leonard, fazem negócios ilícitos. E não são reuniões normais. As pessoas saem ensanguentadas, se é que saem.*

Empalideço. *Foi lá que você encontrou as bruxas assassinadas?*, pergunto.

Memnon faz que não com a cabeça. *Os corpos das bruxas saem do Edifício Equinócio, em São Francisco. É uma das propriedades da Ensanguine Empreendimentos, e os Fortuna controlam rigorosamente quem entra e sai. Patrick é chamado para se livrar desses corpos, e então ele me chama, junto de alguns outros homens. Foi assim que tive acesso às bruxas assassinadas.*

O que aquelas bruxas estavam fazendo lá para começo de conversa?

Então você não viu quem assassinou as bruxas ou como?, pergunto.

Memnon faz que não outra vez. *Em geral, os corpos estão esperando por nós num carro na garagem.*

Tento esconder minha decepção. Eu esperava mais. Achei que o todo-poderoso Memnon saberia mais.

Pelo menos agora sei que os corpos estão ligados a essa família. Isso não é nada, ainda mais porque eu *já* ouvi falar dos Fortuna. É uma antiga família sobrenatural de São Francisco e arrecada muito dinheiro para instituições de caridade e causas cívicas.

Sabe mais alguma coisa sobre os assassinatos?, pergunto.

Só que, no fim das contas, a família Fortuna está por trás deles.

De alguma forma, no decorrer da nossa conversa, ou Memnon se aproximou de mim ou eu me aproximei dele.

Mas agora, enquanto Memnon fala, sua mão acaricia minhas costas, e eu me sinto arqueando um pouco com o toque, e meus mamilos endurecem, e estou fantasiando sobre como seria simplesmente ceder ao monstro, de uma vez por todas. E tudo isso é extremamente doentio, porque estamos discutindo *assassinatos*.

Tem alguma coisa importante acontecendo no Edifício Equinócio, Memnon continua, *mas não consegui descobrir o que é. Patrick não sabe, nem os outros membros da equipe. E não consegui chegar perto o suficiente dos próprios Fortuna. Luca não deixa ninguém chegar perto dele, nem mesmo sua própria equipe de segurança.*

Sua mão ainda está acariciando minhas costas. Uma chama residual de luxúria borbulha ao toque. Essas mãos estavam em cima de mim ontem à noite, extraindo meu prazer como se fosse mágica. Pigarreio.

— Você me diz se surgir mais alguma coisa?

Memnon estende a mão livre e esfrega de leve meu lábio inferior.

— Ordene e eu farei isso.

— E se eu não ordenar? — pergunto, tentando ao máximo ignorar sua mão.

Ele abaixa a mão.

— Então, você vai ser forçada a confiar em mim. Está pronta para isso?

Nós dois nos encaramos, e meu coração começa a acelerar.

— Não sei — admito.

O fato de ele receber qualquer coisa além de um *não* definitivo é uma gentileza da minha parte.

Memnon está quieto, e percebo que nossa breve conversa sobre assassinato acabou.

Agora que não há mais o tema sombrio para distrair qualquer um de nós, fico dolorosamente ciente mais uma vez de que estamos nus numa cama minúscula, com o forte cheiro de sexo ao nosso redor, e as mãos de Memnon me acariciando como se eu fosse um gato.

Fico tensa, sem saber o que fazer ou como lidar com isso.

Eu deveria me afastar dele. Criar alguma distância entre nós. Mal consigo pensar quando ele está tão perto.

Memnon se inclina e dá um beijo em minha orelha. Antes que eu possa fugir como um cervo arisco, ele passa os braços em volta de mim e nos rola na cama, para que eu fique enjaulada em seus braços.

— Está pensando muito alto, bruxinha — ele murmura em meu ouvido. — Não vamos deixar as coisas estranhas. Se você quiser me manter aqui, preso neste quarto, para que eu possa chupar seus peitos e brincar mais um pouco com sua bocetinha tão abusada, vou ter o *prazer* em fazer isso. Podemos até fingir que você ainda está sob o domínio daquela poção que bebeu.

Ele mordisca minha orelha e eu solto um barulho indignado, tanto por suas palavras quanto por sua mordida.

— Ou você me manda embora para poder continuar com o seu dia. Mas não vamos deixar as coisas estranhas, beleza? — ele diz, me olhando nos olhos. — Não transamos como animais ontem à noite para agirmos como estranhos hoje.

Fecho os olhos.

— *Memnon* — digo, mais uma vez envergonhada.

— E os deuses sabem que não sobrevivemos a séculos para nos sentirmos desconfortáveis na presença um do outro.

— Tá, eu já entendi — digo, abrindo os olhos.

— Que bom. — Ele dá um beijo rápido na ponta do meu nariz e depois me solta.

Me sento na cama, olhando para ele como se fosse um grande predador.

— Quero que vá embora — admito.

Se ele ficar, provavelmente vou cobrar aqueles beijos nos peitos, ou pior, prendê-lo na minha cama e deixar que ele me arregace até me arrancar o perdão.

Memnon se levanta da cama, gloriosamente nu. A luz salpicada da manhã é muito generosa em seu físico poderoso.

Ele é meu. Pela primeira vez, esta ideia me tira o fôlego.

Seu cabelo está despenteado por causa do sono e do sexo, o que o dá uma aparência desprotegida. Meus dedos coçam para se enfiar em seu cabelo, para que eu possa puxar sua cabeça para mim e beijar seu pescoço.

Não, não, não, Selene. Tranque esses pensamentos. A noite passada foi *só uma vez*. Só isso.

Saio da cama e visto um short elástico e uma camiseta. À minha frente, Memnon veste a própria camisa, e eu estremeço um pouquinho quando vejo a enorme mancha na parte inferior dela.

Só uma vez, repito como um mantra. Talvez se eu disser o suficiente, todos os picos eróticos e vales constrangedores vão se suavizar, e eu vou mesmo me sentir indiferente a tudo isso.

Assim que termina de se vestir, Memnon se aproxima de mim e levanta meu queixo. Todos os pensamentos de indiferença desaparecem com o toque e a expressão em seus olhos. É impossível ficar indiferente a Memnon.

— Mais uma coisa, imperatriz.

— O quê? — pergunto, com o olhar descendo para seus lábios antes de voltar a atenção para seus olhos.

— Não compartilhe o que estamos conversando com mais ninguém — ele diz solenemente.

Acho que ele não está se referindo apenas aos assassinatos, mas também aos círculos mágicos. Eu enrijeço.

— Eu vou ter que fazer isso. Vou encontrar os licantropos hoje à noite para falar sobre o que sei.

Suas sobrancelhas se erguem, o gesto repuxa sua cicatriz.

— Você tem uma reunião com eles?

A alcateia me ofereceu amizade e proteção depois que você me incriminou por assassinato.

Ah. Memnon tem o bom senso de parecer um pouco desconfortável.

Só tome cuidado, ele adverte, com os olhos duros. *Os Fortuna têm olhos em muitos lugares. Se algum deles descobrir que você está tentando desenterrar os segredos deles, terei que massacrar muito mais pessoas para evitar que venham atrás de você. Acredito que você não queira todas essas… mortes desnecessárias.*

Eu mal respiro. O feiticeiro faria isso sem o menor problema; ele já matou exércitos inteiros. Alguns espiões e criminosos não seriam nada para ele, embora significassem algo para mim. Todo esse sangue estaria nas minhas mãos.

Eu poderia ordenar que você não mate ninguém, digo.

Os olhos de Memnon começam a brilhar, um sinal claro de que toquei num ponto sensível. *Faça isso, e me deixará desesperado para te manter segura. E,* est amage*, você não vai querer que eu me desespere,* avisa.

Reprimo um arrepio. Abaixo da superfície da minha alma gêmea vive um monstro, alguém que me ama, e não ama quase nada mais. Se Memnon acreditar que não pode matar aqueles que são uma ameaça para mim, ele vai só torturá-los para sempre ou quebrar suas mentes ou corpos de forma que a morte não tenha importância. Ou ele pode escolher outra tática, uma que me force de alguma forma.

Não vou deixar você vulnerável, reforça. *Não vou suportar o que aconteceu em Bósforo outra vez.* A batalha final, ele quer dizer. A que começou com uma traição de seu amigo mais antigo e conselheira mais próxima.

Ele se inclina e hesita, esperando que eu o mande parar. Quando não faço isso, vejo a sombra de um sorriso uma fração de segundo antes de seus lábios roçarem os meus.

A noite passada vai acontecer de novo, ele jura. As palavras são ditas em sármata, e não creio que tenham sido dirigidas a mim. Parecem distantes e silenciosas demais para serem deliberadas. *Só que, da próxima vez, você será minha de verdade.* Seu beijo se aprofunda então, o gesto ecoa seu sentimento silencioso.

Quando Memnon se afasta, seus olhos examinam meu rosto.

— Me chame sempre que precisar de mim, imperatriz. — Estarei por perto. — Ele dá um beijo final e casto em meus lábios e sai do quarto.

Me jogo sentada na cama assim que a árvore lá fora faz barulho. No momento seguinte, Nero salta pela janela, parecendo bastante descontente.

— Ei, você tava aí esse tempo todo? — Droga, agora me sinto um pouco mal. Sua cauda se contorce quando ele pula na minha cama. — Eu não deitaria aí se fosse você. — A esta altura, esses lençóis já viraram um risco biológico.

Meu familiar dá uma única cheirada e pula para fora do colchão. Ele vai até sua própria cama e se senta, me lançando um olhar irado.

— Que foi? — pergunto, na defensiva. — Eu avisei que ia trazer caras pra cá.

Ele bate o rabo com tudo no chão.

Abro a boca — por que estou me defendendo de um gatão super-desenvolvido? — quando meu celular jogado no chão toca. Deve ter caído em algum momento da noite passada.

Eu o pego e solto um grunhido quando vejo o identificador de chamadas.

MÃE

Não estou com muita vontade de falar com ela logo depois de ter sido arregaçada até quase morrer, mas atendo mesmo assim.

— Oi, mã…

— Selene Imogen Bowers — interrompe minha mãe, com a voz estridente — como se *atreve* a não me contar o que está acontecendo! Ouvi dizer que você foi presa… — Sua voz falha. Ao fundo, ouço meu pai acalmando-a.

Os dois ainda estão na Europa, nas férias que já duram meses. Eu esperava que a distância fosse suficiente para evitar totalmente esta conversa, mas pelo visto, não.

— Mãe, foi um engano — explico, tentando acalmá-la. — Fui solta literalmente horas depois. Eu não queria ligar e te deixar preocupada.

— Preocupada? Preocupada! — ela exclama, e não sei se está indignada ou em pânico. — Eu sou a *sua mãe*, carreguei você dentro de mim por nove meses, depois criei você com amor por outros vinte anos. Tenho todo o direito de ficar preocupada. — Com uma voz mais gentil e magoada, ela diz: — Achei que você soubesse que pode me contar qualquer coisa.

— Mãe, eu tava… confusa. E tinha alguém me incriminando.

Há um silêncio doentio do outro lado da linha. Em seguida, ela volta a falar:

— Ben, compra passagem no próximo voo disponível para casa.

— Mãe, tá de boa! — Eu me sinto bem de verdade. Só não sei como fazê-la acreditar nisso.

— De boa? — Ela ri, incrédula. — Não *minta* para mim. Primeiro, a porra do acidente de avião, agora, presa por homicídio? Nada disso é *de boa*. Que porra está acontecendo aí? Parece até que alguém lançou uma porra de uma maldição em você.

É, quanto a isso…

— Mãe, para de falar "porra" — digo.

— Não me diga o que fazer, porra. *Eu sou* a sua mãe. — Ela respira com força por vários segundos e depois pigarreia. — Tive que saber da sua prisão pela Donna, aquela bruxa insuportável. Ela ligou para saber como eu estava, agora que minha filha era uma condenada.

Faço careta para o termo.

— Condenada? — repito. — Ai, que dramática.

— Tenho todo direito de ser dramática! E xingar… e me preocupar!

Ao fundo, posso ouvir:

— Liv, por favor, tá tudo bem.

— Não tente me acalmar, Ben, mas que porra!

Fazemos silêncio por vários segundos enquanto minha mãe recupera o fôlego. Posso imaginar sua magia de cor magenta preenchendo o espaço ao seu redor, como às vezes acontece quando ela está chateada.

— Mãe… — De repente, um bolo se forma em minha garganta e quero contar a ela tudo o que aconteceu comigo, como costumava fazer no passado. Há tantas coisas que sinto que não posso contar pelo telefone: meu estranho relacionamento com Memnon, minhas lembranças recuperadas, meu passado antigo, e o fato de que estou tentando descobrir o que está acontecendo com as bruxas no campus.

Mas posso falar sobre os assassinatos e meu envolvimento equivocado, então, com certa relutância, faço isso. Deixo o que posso da verdade fluir de mim.

Quando termino, minha mãe não está mais em pânico. Em vez disso, um silêncio conturbado se estende.

— Selene — ela finalmente diz —, não é seguro aí no campus. Venha pra casa. Seu pai e eu vamos pegar o próximo voo disponível e chegar lá assim que pudermos.

Voltar a morar com meus pais é, honestamente, uma opção ainda pior do que morar com Memnon. Eu os amo, de verdade, mas trabalhei tanto para entrar no coven, acabar saindo e voltar para a casa dos meus pais sem qualquer tipo de plano futuro parece um inferno.

— Mãe, não vou para casa. Você pode encurtar sua viagem e ver que estou bem, ou pode ficar e aproveitar o resto das férias que você e o papai planejaram por anos e confiar que eu vou me cuidar. Mas não importa o que aconteça, eu não vou embora. Trabalhei muito para estar aqui.

O silêncio é longo e se prolonga. Acho que minha mãe está percebendo que não vai ganhar esta queda de braço para me fazer deixar o Meimendro.

— Me manda mensagem todos os dias — ela diz finalmente, com palavras duras. — Mesmo que seja só pra dizer "tô viva". Se puder fazer isso… vou confiar na sua palavra.

— Posso fazer isso sim — digo solenemente.

Eu a ouço engolir em seco.

— Pois bem. — Posso imaginá-la balançando a cabeça para si mesma, com a mão pressionada na testa. — Então eu vou confiar… — Sua voz falha. — Vou confiar que você vai se cuidar, mas você tem que se cuidar mesmo, se não por você, por mim. Por favor.

— Vou me cuidar — prometo, com a garganta rouca enquanto transborda de emoção.

— E se acontecer alguma coisa, qualquer coisa, me avise e estarei aí num piscar de olhos.

Faço que sim com a cabeça, embora ela não possa me ver.

— Confie nos seus instintos — ela continua. — Se sentir que tem algo de errado, é porque deve ter mesmo. Te amo, doce menina.

— Eu também te amo, mãe — digo.

— Te amo, pituca! — meu pai grita ao fundo.

— Aff, *paaaai*. — Eu o ouço rir a distância. — Também te amo. Agora vocês dois vão lá fazer algo divertido, tipo, olhar para montes de pedras que alguém empilhou séculos atrás.

— Tudo bem, mas tenha cuidado — minha mãe avisa novamente.

— Vou ter — prometo.

— Tá bom — ela diz, parecendo apenas meio convencida. — Te amo, tchau!

— Tchau. — Suspiro e jogo o celular de lado, deitando de costas.

Que dia maluco do caralho. Continuo deitada ali, com corpo e mente exaustos. Preciso de um banho. E de comida e…

Meu estômago embrulha quando percebo que, ontem à noite e hoje de manhã, Memnon gozou dentro de mim. Mesmo agora, posso sentir a prova disso.

Por um momento, minha cabeça está gritando.

Selene? Memnon pergunta em nosso vínculo, percebendo meu pânico.

Acalmo a respiração.

O que foi?, ele insiste.

Está tudo bem, Memnon.

Parece que você só diz isso quando as coisas não *estão bem.*

Eu me levanto. *Vão ficar*, digo, e então fecho a comunicação com ele.

Arrasto o corpo escada abaixo, determinada a preparar algum feitiço anticoncepcional na cozinha. Tenho quase certeza de que alguém colou a receita daquela poção em uma das paredes ali.

As bruxas pelas quais passo parecem igualmente abatidas, algumas delas ainda usando as fantasias da noite anterior — pelo menos o que resta delas. Outras estão desmaiadas nas salas comunais — há um grupo de bruxas nuas deitadas juntas na biblioteca, os restos do surubão da noite passada.

Assim que entro na cozinha de feitiçaria, quase choro de alívio. Alguém preparou uma bandeja com poções azuis-escuras em frasquinhos com rolha, cada um deles cuidadosamente rotulado.

Poção Contraceptiva.

Uma etiqueta anexada a cada frasco diz: *Tomar após a relação sexual.*

Abro um e bebo ali mesmo. *Não vou arriscar*. Não tenho nenhum problema com crianças — quase tive uma quando era Roxilana. Mas, como *Selene*, simplesmente não quero bebês num futuro próximo.

Pego outro frasco de poção para Sybil, saio da cozinha de feitiçaria e vou para o quarto dela. Só quando entro e vejo a cama feita e as opções de fantasias que ela preparou para mim é que me dou conta de que ela não dormiu em casa.

Ela ainda está com Sawyer.

Meu coração despenca quando me lembro dela, e de Mai, e de Olga. Todas elas saíram com metamorfos. E se tiveram uma noite parecida com a minha…

Coloco a poção anticoncepcional na mesa de Sybil, corro de volta para o meu quarto e pego o celular. Desço a tela até o contato de Sybil, com o coração batendo a mil por hora, e ligo para minha melhor amiga.

Toca uma… duas vezes…

Por favor, esteja bem. Por favor, esteja bem…

— Aff, sua profana — Sybil resmunga, grogue, do outro lado da linha. — Por que você está me ligando? E que horas são?

Solto o ar, todo o meu corpo relaxa com o som da voz dela. Ela parece mal-humorada, mas bem, fora isso.

— Acho que por volta do meio-dia — respondo. — Cadê você?

— Hum… — Ouço os tons baixos da voz de um homem ao fundo.

— É o Sawyer? — pergunto.

— E aí, Selene? — Eu o ouço dizer.

— Nem sabia que ele sabia o meu nome.

— Você é a minha melhor amiga — Sybil diz. — É claro que ele sabe o seu nome. — Ela boceja. — Tô na casa dele. Pela deusa, o que que tinha naquela infusão de bruxa? Bateu com tudo, bateu forte. — Mais para si mesma do que para mim, ela acrescenta: — Acho que vou precisar colocar gelo na minha vagina.

Deixo escapar uma risadinha meio histérica com a lembrança de que fiz muitas coisas terríveis com um homem terrível e sou o próprio arrependimento encarnado. *Foi só uma vez*, eu me lembro novamente.

— Você sabia que isso ia acontecer? Com a infusão? — pergunto, não é necessariamente uma acusação. Sybil insinuou que as celebrações eram selvagens quando mencionou ter rasgado sua última fantasia. Ela dá uma risada horrível.

— Não a esse ponto. — Depois de um momento, Sybil acrescenta: — Foi mal por ontem. Você tava tentando dizer que não queria entrar no território dos metamorfos, e eu não dei ouvidos, e aí…

E aí já era tarde demais.

— A gente tava muito bêbada — digo. É o mais perto que consigo de aceitar o pedido de desculpas.

Depois de um momento, ela diz:

— Você e o Kane…

Pela deusa, ela perdeu essa parte da noite.

— Não. Não, eu… hum… fiquei com outra pessoa.

Pernas em cima dos meus ombros.

— Quem? — ela exige saber.

Encaro os próprios pés, mordendo o interior da bochecha.

Fica de quatro.

— Quem? — ela insiste.

Você vai me chamar de marido *ou* alma gêmea. *Qualquer outro, e será punida.*

— Quem você acha? — respondo com voz rouca.

Agora é a vez de Sybil ficar quieta.

Noto que ela não sabe sobre o feitiço de enlaço forjado entre mim e Memnon. Ou como o feiticeiro está me ajudando a resolver os mistérios no campus. Ela só sabe que ele me ferrou, e eu o odeio.

— Tá me julgando? — pergunto.

Outra pausa.

— Não.

— Tá me julgando, *sim* — digo. Não sei por que isso me deixa um pouco magoada. Dei a Sybil todos os motivos para odiar Memnon em meu nome. Ela só está sendo uma amiga leal.

— Não tô. Ah, tá bom, talvez um pouquinho. Mas, Selene, o Kane tava logo ali, cara. Como foi que você estragou tudo pra acabar com aquele cuzão?

Engulo em seco.

— Era Semana Sagrada e eu tava com medo de levar uma mordida.

— Então, em vez disso, você ficou com o cara cuja casa você incendiou. — Ela nem tenta esconder seu julgamento agora. Eu me encolho. — Só me diga que o sexo valeu a pena.

Deixo escapar uma risada que pode ser um soluço.

— Valeu.

Sybil assobia.

— Eita, bom assim, é? Vou ver como eu faço pra dar pro meu inimigo…

Ao fundo, ouço:

— Não vai, não. — Seguido por sons de beijos e risadas de Sybil.

— Tá tudo bem? — pergunto tão delicadamente quanto posso.

— Quer dizer, se eu sou uma bruxa loba? — ela pergunta. A distância, ouço Sawyer murmurar alguma coisa. — Relaxa, Selene. Eu não fui mordida. — Ela desvia a boca do telefone como se estivesse se dirigindo a Sawyer. — *Ainda*.

Franzo a testa. Minha amiga *quer* ser transformada? Na verdade, nunca tivemos uma conversa séria sobre esse assunto, e presumi que ela estava se divertindo e não levando nada muito a sério. Mas talvez eu tenha julgado mal a coisa toda.

A voz de Sybil retorna ao telefone.

— Vou ter que voltar antes do toque de recolher.

Ô, merda, é mesmo.

— A propósito — Sybil continua. — Olga com certeza ficou com pelo menos dois metamorfos…

Ela continua falando, mas ainda estou presa na menção ao toque de recolher, porque talvez eu tenha que quebrá-lo hoje à noite. Tenho uma reunião marcada com os licantropos.

Capítulo 20

Não quero fazer isso, penso enquanto saio para o pátio dos fundos do dormitório, com Nero ao meu lado. *Ah, não quero mesmo*.

Depois da forma como deixei as coisas com Kane, estou com medo do nosso reencontro. No entanto, os licantropos me mostraram lealdade quando ninguém mais fez isso. Devo isso a eles, apesar da situação complicada com a minha antiga paixonite.

Ainda assim, vou levar minha pantera de apoio emocional para reforçar minha coragem.

Eu me forço a ir na direção da Sempreviva. Embora ainda falte mais de uma hora para o toque de recolher, vejo várias bruxas mais velhas lançando feitiços na linha das árvores. Quando chego à beira da floresta, uma dessas bruxas, cujo cabelo grisalho está preso num coque na nuca, chama:

— Essas sentinelas entram em vigor às seis horas em ponto. Certifique-se de estar de volta até lá.

Faço uma pausa.

— O que acontece se eu cruzar depois das seis? — Não sei quanto tempo a reunião vai durar.

A bruxa me lança um olhar malicioso.

— A ameaça de uma morte violenta não é o bastante para te convencer? — ela pergunta com sarcasmo.

— Hum…

— Está enfeitiçada para anotar a identidade de cada invasor — ela acrescenta.

Ah. Isso não parece tão horrível. Mas, pensando bem, deve ser assim que eu acabo entrando de novo na lista de suspeitos da Politia.

Vou ter que pedir carona a um metamorfo na volta. Pelo menos, se me deixarem em casa e isso ativar alguma outra sentinela erguida, digamos, na entrada principal do Meimendro, não vai ser tão ruim do que uma sentinela na beira da Sempreviva.

Assim que eu e Nero entramos na floresta, nosso ambiente fica perturbador e silencioso. Ando entre as árvores, passando por cima de pedaços de fantasias descartadas. À luz do dia, isto aqui parece particularmente sombrio.

Atravesso o caminho ladeado de abóboras. Hoje, as lanternas pairam um pouco mais baixas no ar; algumas caíram completamente no chão, com os feitiços esgotados. Tudo tem aquela melancolia pós-feriado. A diversão acabou, e agora se espera que a vida volte ao normal. O toque de recolher em todo o campus não ajuda, e me pergunto como isso afeta as celebrações do Dia dos Mortos que acontecem hoje.

Quase consegui controlar a ansiedade quando finalmente chego à linha azul fina e luminosa que marca a fronteira entre o território das bruxas e dos metamorfos. Ao vê-la, meu pavor se refaz no mesmo instante. Coloco a mão na cabeça de Nero.

— Quer vir comigo ou quer ir caçar? — pergunto.

Nero me lança um olhar que acho que diz: *eu sei que você é uma covardona, moça*. Mas pode ser que eu esteja imaginando coisas. Nero apoia o peso com mais firmeza ao meu lado, deixando clara sua decisão.

Respiro fundo e assinto.

— É… é muito gentil da sua parte.

Eu me forço a ir até a fronteira. Uma vez lá, espero. A floresta parece totalmente abandonada. Um minuto se passa. Depois dois. Três, quatro…

Mudo o peso de uma perna para outra.

Kane me disse para encontrá-lo no marco da fronteira, mas talvez fosse para eu ter ido para uma seção diferente. Ou talvez, depois de ontem à noite, Kane tenha decidido me dar um bolo.

Sinto uma animação covarde com a ideia de voltar para o meu quarto e me enfiar debaixo dos cobertores recém-lavados.

Assim que essa ideia se passa pela minha cabeça, ouço o barulho de carumas de pinha se quebrando. Das profundezas sombrias da floresta à frente, avisto uma silhueta grande.

Vejo o cabelo louro-areia e o corte angular do rosto do homem.

É o Kane.

Meu estômago dá um nó.

A julgar pela expressão severa de suas feições, ele parece ainda menos feliz de estar aqui do que eu. E agora estou relembrando vividamente todas

as partes terríveis da noite passada e desejando ainda ter a capacidade de esquecer essas memórias.

— Oi, Kane. — Dou um aceno discreto e patético.

Ele não acena de volta.

Nero se inclina em mim outra vez e eu coloco a mão em sua cabeça, com o coração martelando.

Kane está quase na minha frente, seus olhos caem brevemente para o meu familiar antes de voltar para os meus.

Devo me desculpar por ontem à noite? Devo mencionar alguma coisa? Ou devo…?

As narinas de Kane se dilatam.

— Você tá com o cheiro dele — ele diz em saudação. Parece claramente enojado.

Tudo bem, acho que vamos falar sobre isso. Ô, caralho.

— Tem algum um problema? — pergunto, ignorando a forma como minhas bochechas esquentam.

— Ele te *perseguiu*. Sem falar que me jogou pela janela do terceiro andar da sua casa. Por que você escolheu aquele monstro em vez de mim?

Porque…

Afago seu cabelo para trás, gotas do meu sangue e lágrimas caem em sua armadura.

— Não é esse o nosso fim — sussurro. — Nós somos eternos.

Algo sombrio e resoluto passa por mim.

Nós somos eternos.

Se não pudermos ter esta vida, teremos outra.

— Olha, Kane, eu disse ontem que tinha marcado com outra pessoa. Você e a sua matilha ainda estavam de resguardo por causa da Semana Sagrada, e eu nem queria estar lá.

— Então por que estava?

— Eu tava vagando bêbada com as minhas amigas. Nem me dei conta de que a gente tinha chegado no território da sua matilha até que fosse tarde demais.

Kane ainda parece zangado e seus olhos estão um pouco inconsoláveis.

Perscruto seu olhar.

— Por que você está agindo como se eu te devesse alguma coisa?

— Porra, Selene, porque eu *gosto* de você. Pra caralho. E achei que você também gostava.

Ouço a sugestão de um rosnado em sua voz.

Ao ouvir o som, Nero também começa a rosnar e, quando passo a mão pelas costas dele, seus pelos se arrepiam.

— Tá tudo bem — murmuro para Nero, enquanto lanço um olhar severo para Kane. — Kane, a gente não tá namorando nem nada e, para o bem ou para o mal, aquele monstro com quem eu estava é a minha alma gêmea.

— Quanto a isso, quando é que você ia me dizer que tinha um parceiro? — Kane exige. — Ou sua magia convenientemente apagou essa lembrança também?

Recuo diante da acusação. A raiva começa a borbulhar em mim.

— Na verdade, Kane, eu esqueci *sim* que tinha a porra de uma alma gêmea, e só me lembro porque, logo antes de ser presa, na noite de lua cheia, Memnon arrancou o feitiço que bloqueava as minhas lembranças. — Eu não estava planejando admitir isso, mas que se foda. — Ele fez isso contra a minha vontade e, sim, nosso noivado também foi forçado. — Lanço um olhar feio para o metamorfo. — Nunca fui desonesta com você de propósito.

A raiva de Kane diminuiu um pouco, e posso ver a mágoa em seus olhos.

— Então por que você tá com ele? — ele pergunta, com a voz suave.

— Quem disse que eu tô com ele? — rebato. — Sexo não é igual a amor ou um namoro. Achei que você soubesse disso, considerando como a nossa amizade começou.

Kane aperta a mandíbula, mas não diz nada. Em vez disso, ele se vira sem palavras e começa a voltar para a floresta. A agressão ainda está emanando dele, e eu juro que seus braços parecem um pouco mais peludos do que um minuto atrás.

— Bora — ele diz por cima do ombro. — Senão a gente vai atrasar.

Compartilho um olhar irritado com meu familiar. Ou, pelo menos, gostaria de pensar que compartilhamos um momento de aborrecimento mútuo. Nero pode estar olhando para mim só porque estava entediado, mas vou presumir que é porque Kane está puto.

Nós três caminhamos por vários minutos em silêncio antes de Kane perguntar:

— Você consegue lembrar do seu passado agora?

Faço uma cara feia para ele.

— Sim.

— Como é?

— Dolorosamente normal — digo. — Tirando as memórias da vida passada. — Essas são bem tensas.

Agora Kane se vira de todo, me examinando.

— Memnon tava falando a verdade ontem à noite? Vocês dois são, tipo, um casal da Antiguidade e umas merdas assim? — O metamorfo não parece tão cético quanto a maioria, mas o mundo sobrenatural está cheio de todo tipo de coisas impossíveis. A ideia de um romance de vidas passadas não é inconcebível.

— Estava — digo baixinho. — Tava, sim.

— Hum. — É tudo o que Kane responde antes de se virar mais uma vez.

O licantropo continua andando na minha frente, e sinto que suas emoções estão um tanto turbulentas, então é um alívio quando as árvores se abrem e avisto o enorme chalé no qual já estive para uma festa, não muito tempo atrás. Aquele mesmo onde fiquei com Kane pela primeira vez.

Só que agora, há carros estacionados no caminho de cascalho em frente e algumas pessoas na varanda. Kane finalmente para e espera que eu e Nero o alcancemos. Quando chegamos até ele, o metamorfo pigarreia.

— Vai ser assim — ele explica com a voz suave. — Você vai conhecer a alcateia, eles vão te fazer umas perguntas e, no final de tudo, você vai ser formalmente reconhecida como uma amiga da matilha. — Qualquer que seja a amargura que Kane possa ter pessoalmente em relação a mim é eliminada de sua voz enquanto ele fala.

— Tem quantas pessoas lá dentro? — pergunto, olhando outra vez para o chalé. Os metamorfos na frente agora nos notaram e estão observando com atenção minha conversa com Kane.

— Quase todo mundo que pôde vir tá lá dentro — ele diz. — Isso é importante.

Abaixo a cabeça, com a ansiedade aumentando. Não sei o que estou fazendo aqui. É assustador, e já irritei o metamorfo de quem sou mais próxima. Não quero ser o centro de nada que a matilha considere *importante*.

Sinto o olhar de Kane em mim.

— Dá pra ouvir o seu coração — ele diz, baixinho. — Não precisa ficar nervosa. Esquece essa confusão entre a gente. Você salvou uma companheira de matilha. Tem a minha gratidão e de todos os outros naquele chalé.

Engulo em seco e assinto, e então, quase acanhada, olho para ele e forço um sorriso.

— Obrigada — digo, baixinho. Acaricio o pelo escuro do meu familiar, respirando algumas vezes para me estabilizar. — Será que o Nero vai ser um problema? — pergunto casualmente.

Kane lança à criatura um olhar especulativo.

— Sei lá, vamos ver.

E com essa resposta nem um pouco tranquilizadora, seguimos para o chalé.

Nero é, de fato, um problema.

Isso fica extremamente claro segundos depois que nós três entramos na casa.

A vasta sala está cheia de dezenas — senão centenas — de metamorfos. A maioria se senta em cadeiras dobráveis que foram trazidas para cá, embora outros fiquem nas bordas da sala, amontoados o mais próximo possível. Ao som da nossa entrada, eles olham para mim, Kane e Nero.

Por um ou dois segundos, tudo está bem. Mas então, ao meu redor, vocalizações baixas ressoam dos metamorfos mais próximos de nós.

— Tá tudo bem — Kane tranquiliza a multidão. — A pantera é o familiar dela. O nome dele é Nero. Kane olha para mim, como se esperasse que eu falasse.

Tudo bem, certo. Falar em público. Sou uma bruxa fodona que desafiou a morte para estar aqui. Falar para uma multidão não me assusta nem um pouquinho.

— Pois é, Nero. O nome dele é Nero — repito com firmeza. Minhas mãos estão começando a tremer. — Ele é um gatinho muito doce, na real.

Nero examina a sala com olhos firmes e sem piscar. Ele não parece um gatinho nem um pouco doce. Seu corpo está tenso e rígido, e aquela quietude que associo à caça caiu ao seu redor.

Os metamorfos também devem sentir isso porque, na verdade, os rosnados na sala só ficam mais altos.

Eu realmente quero minha pantera ao meu lado agora. Ele me faz sentir segura e estável. Mas ele parece estar extraindo os instintos desses metamorfos, então…

Eu me agacho na frente de Nero e tento ao máximo ignorar as pessoas ao nosso redor.

— Sei que você queria estar ao meu lado — digo baixinho. — Mas a sua segurança é mais importante para mim. Todo mundo nesta casa é meu amigo — eu o tranquilizo. — Vou ficar bem.

Não consigo ler sua expressão, mas seu rabo balança como se ele estivesse considerando minhas palavras.

— Pode voltar pro nosso quarto ou ficar na floresta perto do Meimendro. Eu vou ficar bem, e te chamo se alguma coisa mudar.

Nero me dá uma cabeçada de leve no ombro e se esfrega na lateral do meu corpo. Não sei se ele está sendo carinhoso ou me marcando, só para deixar claro que eu sou a bruxa dele, mas acaricio o corpão dele e dou um beijo em sua testa. Me levanto, abro a porta e deixo meu familiar sair.

— Se cuida — digo para ele.

Sua única resposta é mexer o rabo, como se minha preocupação fosse irritante. Acho que, se eu fosse um predador no topo da cadeia alimentar, também iria me irritar se um humano insignificante ficasse se preocupando comigo.

Fecho a porta e volto para a sala.

E… todo mundo está me olhando. Merda, eles devem ter escutado tudo o que falei.

Antes que eu possa entrar em pânico, Kane coloca a mão na parte inferior das minhas costas e me conduz pelo corredor improvisado no meio da sala em direção a uma cadeira colocada no outro extremo.

Ao contrário das outras cadeiras dobráveis, esta está voltada para o público.

Minha respiração falha.

— Tá tudo bem — Kane sussurra para mim. — Como você disse para o Nero, somos amigos aqui.

Respiro fundo, ignorando o enjoo crescente. Quando estamos quase chegando, uma adolescente se afasta da parede perto e se aproxima de mim.

Minhas sobrancelhas se juntam enquanto observo suas características familiares antes que o reconhecimento se instale.

— Cara? — arrisco, hesitante.

Ela faz que sim com a cabeça e, de repente, estamos nos abraçando. Posso senti-la tremendo em meus braços enquanto ela soluça um pouco.

— Obrigada — ela sussurra. — Obrigada.

Eu a abraço com mais força e assinto. Eu não sei mesmo o que dizer, exceto:

— Não ia te largar lá. — Não com aquelas bruxas.

Por fim, ela se afasta para me encarar.

— Não tinha certeza se ia te ver de novo — admito, com os olhos percorrendo seu rosto.

A última vez que coloquei os olhos nela, ela ficou inconsciente na maior parte do tempo. Vê-la agora, saudável e inteira, é… indescritível.

Ela estende a mão e enxuga as lágrimas do meu rosto. É quando me dou conta de que estou chorando. O toque dela é um tipo de gesto familiar, que se faz com alguém próximo. Sinto então uma pequena sugestão do que significa ser da matilha. O carinho, o cuidado, os laços entre os membros, laços que nada têm a ver com feitiços, mas sim com amor e lealdade.

— Eu tinha que vir te ver — ela diz. — Eu não… — Ela engole em seco. — Não me lembro muito daquela noite. Achei que tinha sonhado com você. — Ela aperta meus antebraços e depois se afasta. Com um sorriso final, Cara recua e se encosta numa parede próxima.

Kane ainda está ali, esperando a uma curta distância. Quando olho para ele, ele aponta para o assento preparado para mim. Dou uma olhada na cadeira e solto um suspiro, com o coração acelerando novamente. Não ajuda o fato de que todos podem ouvir.

Com relutância, eu me sento e deixo os olhos vagarem pela sala inteira. O ar ao redor dos licantropos brilha um pouco como uma onda de calor, e sinto meus próprios instintos gritando que estou num covil de predadores.

Kane se senta numa cadeira vazia na primeira fila à minha frente, ao lado de vários homens e mulheres mais velhos.

Um desses indivíduos mais velhos — um homem robusto e bonito, com pele cor de caramelo, e parece ter uns quarenta e tantos anos — fala agora:

— Selene Bowers, bem-vinda à Alcateia Marin.

Assinto, dando um sorriso contido.

— Sou Vincent Vilanova, alfa e líder da alcateia, e ouvi muito sobre você desde que resgatou Cara algumas semanas atrás.

Dou outro sorriso tenso, tentando sufocar os instintos, que ainda acreditam plenamente que estou cercado por lobos, não por pessoas.

— Imagino que Kane tenha te contado por que você está aqui.

Meu olhar se volta para minha antiga paixonite, e assinto novamente.

— Que bom — Vincent diz, olhando para a multidão. — Tive uma longa conversa com a minha matilha, mas vou informar todos outra vez, para que estejamos na mesma página. — Ele se vira mais para encarar a sala. — Selene Bowers é uma bruxa que frequenta o Coven Meimendro. Kane Halloway frequentou a Academia Peel com ela há alguns anos, e os dois eram amigos.

Hum, é mais como se ele estrelasse todas as minhas fantasias de adolescente enquanto (eu achava que) ele não tinha ideia de que eu existia.

Mas tanto faz. Éramos “amigos”.

— Algumas semanas atrás, Selene salvou Cara Gutierrez de uma cerimônia de enlaço que teria dado a outro ser sobrenatural poder completo sobre o livre-arbítrio de Cara. Essas coisas são chamadas de laços forçados.

Meu olhar recai sobre Cara no momento em que a garota abaixa a cabeça e olha para os pés.

— Kamal, que encontrou Selene e Cara dentro da nossa linha de fronteira, disse que Cara estava inconsciente e cheirava a toxinas, e Selene estava ensanguentada e gravemente ferida.

Mordo o interior do lábio e tento não ficar inquieta enquanto sinto toda a sala me examinando. Uma coisa é ter vivido aquela noite, outra é ouvi-la exposta diante de uma audiência.

— Todos nós vimos outras indicações de que algo sinistro está acontecendo nas terras do coven. Muita movimentação noturna, avistamentos de uma criatura aparentemente viva que não tem batimentos cardíacos nem cheiro.

Tomo um susto com essa descrição. Será que ele está falando daquela criatura de argila que destruí naquela noite?

— E, claro, os assassinatos. E a Selene aqui foi considerada a principal suspeita desses assassinatos até alguns dias atrás.

Sinto minhas bochechas esquentarem. Achei que ser elogiada na frente de uma multidão era desconfortável; acontece que isso não é nada comparado

a ter que ficar sentada aqui enquanto expõem minha roupa suja diante de um público ávido.

Vicente continua:

— As evidências indicam que Selene foi incriminada, o que significa que o verdadeiro assassino ainda está por aí, ainda deve estar caçando bruxas. Tudo isso está acontecendo aqui no nosso quintal. É importante para mim… para muitos de nós… que aqueles que colocam suas vidas em risco para proteger nossos companheiros de matilha recebam nossa proteção, ainda mais num momento como este, quando sua própria espécie está sob ameaça.

O alfa da Alcateia Marin se volta para mim, e acho que talvez seja só isto: Vincent anuncia a amizade da matilha e a reunião acaba. Talvez eu até consiga voltar correndo para o Meimendro antes do toque de recolher. Em vez disso, ele diz:

— Selene, a gente gostaria de ouvir o que você tem para compartilhar sobre a noite em que salvou Cara. Você estaria disposta a nos contar o que aconteceu?

Certo. Merda. Sentada aqui e olhando para a multidão, quase esqueci que era justamente isso que eles queriam ouvir de mim.

— Claro. — Respiro fundo, organizando os pensamentos, mas Vincent levanta um dedo.

— Um momento, Selene. — Ele vai até a enorme lareira apagada atrás de mim e pega um frasco que está sobre a prateleira. Um instante depois, ele me mostra.

Meu estômago embrulha assim que vejo o líquido verde brilhante.

— Esta é uma poção da verdade — Vincent diz, me contando o que eu já sei. — Você estaria disposta a beber antes de responder às nossas perguntas?

Hesito.

Eles não confiam nas bruxas, digo a mim mesma, *mas querem jurar lealdade a mim. Eu só tenho que provar que sou digna disso.* Mas se eu beber a poção, serei obrigada a dizer a verdade. Não tenho muitos segredos, mas o aviso de Memnon ainda ecoa na minha cabeça.

Não compartilhe o que estamos conversando com mais ninguém.

Mordo a parte interna da bochecha e faço que sim com a cabeça.

— Eu bebo, sim — digo, pegando a poção do alfa.

Só vou ter que tomar cuidado com o que digo.

Removo a rolha, levo o frasco aos lábios e inclino-o para trás.

Tem gosto de merda. Bem, merda e maçã podre. Acho que alguém tentou dar sabor depois, mas claramente fez um péssimo trabalho.

Quase de imediato, sinto a pressão da magia; cobre minha língua como xarope e, à medida que desce pela garganta, sinto puxar minhas cordas vocais. Faço careta quando o gosto permanece na minha língua.

Vincent dá um passo à frente e pega o recipiente vazio de mim. Eu o vejo estremecer um pouco quando sente o cheiro da coisa.

— Obrigado — ele diz, baixinho. Levantando o volume da voz, ele acrescenta: — Pode nos contar tudo o que lembra sobre a noite em que salvou Cara?

Aperto as mãos e respiro fundo.

— Tudo começou porque eu precisava de um emprego…

Conto toda a história aos licantropos da melhor maneira que posso. E o soro da verdade deve ser forte porque, mesmo que eles só tenham perguntado sobre a noite em si, eu conto tudo: minha perda de memória, como fui abordada pela Kasey e por que eu precisava tanto do dinheiro.

Menciono a criatura de argila que trouxe Cara e os ritos sombrios que interrompi quando quebrei o círculo e peguei a metamorfa. Entro nos detalhes de nossa fuga pelos túneis e pela floresta. Até admito minha preocupação por ter matado alguém no fogo cruzado.

É uma confissão vergonhosa, mas ninguém na sala parece horrorizado. Na verdade, vejo um nível de respeito nos rostos que olho. Acho que para os licantropos, que valorizam a lealdade da matilha e cujos lobos os levam a matar criaturas o tempo todo, tirar uma vida para proteger outra é a maior demonstração de devoção.

Termino com a vaga lembrança do licantropo que pegou Cara de mim enquanto eu desmaiava.

Quando termino de falar, a sala está em silêncio. Minha própria magia se espalha pela palma das mãos, se enrolando protetoramente em torno da minha barriga e sobre meus ombros. Eu me sinto dividida da pior maneira.

Por fim, uma voz suave e feminina diz:

— Nós te agradecemos.

Outra voz mais rouca acrescenta:

— Nós te agradecemos.

Depois outra voz, e outra, e outra, até que toda a sala parece estar me agradecendo.

Olho para Cara, cujas bochechas estão molhadas. Ela me dá um sorriso suave e vejo seus lábios se moverem. “Nós te agradecemos.”

Abaixo minha cabeça, sentindo os olhos arderem. Fiz tantas coisas erradas e ganhei tanta ira ao longo do caminho que os elogios são inesperados e bastante comoventes. Assim que tudo fica quieto novamente, outra pessoa fala:

— Você carregou a Cara o caminho todo — uma metamorfa diz, parecendo impressionada. Seus olhos deslizam por mim. — E você fez isso sem a força de um metamorfo.

— Mas usei magia — explico.

— Você deve ser muito poderosa.

Ranjo os dentes com a palavra.

— Eu tive ajuda — tento desviar.

— Ajuda? — alguém da multidão indaga. Há uma nota de ceticismo aí.

Ô, merda.

Só teve uma coisa que não mencionei durante meu relato. *Memnon*. Tentar explicar o antigo senhor da guerra só complicaria as coisas, por isso o omiti.

Ou pelo menos tentei.

— Eu… tenho uma alma gêmea — confesso. — Podemos compartilhar poder através de um vínculo com o qual nascemos. Na noite em que fugi com a Cara, ele sentiu que eu estava em perigo e me deu um pouco da magia dele.

Um silêncio mortal recai sobre a sala.

— Quem é esse homem? — uma voz profunda e estrondosa questiona, e parece desconfiada.

Acho que dá para entender. A Alcateia Marin estendeu a amizade para mim, mas se eu tiver uma alma gêmea, esse relacionamento pode afetar o pacto de amizade.

— Ele é… — Ah. Como explicar sem assustar todo mundo? — Um feiticeiro.

De repente, surgem murmúrios. Feiticeiros não são exatamente conhecidos por suas reputações impecáveis. Existem dinastias inteiras espalhadas por todo o mundo e, quanto mais poderosos são, mais perigosos tendem a ser.

— Foi ele quem veio e cuidou de mim depois que entreguei a Cara para sua matilha. — Não sei por que estou tentando defender Memnon. Ele manchou o próprio nome. Mas também não penso dele da mesma forma que penso da maioria dos outros feiticeiros.

Talvez porque vilão ou não, ele é meu. E talvez porque uma vez ele me deu o mundo inteiro.

— Você confia nele? — alguém pergunta.

Ele teve minha lealdade absoluta quando eu era Roxilana, mas como Selene, ele fodeu minha vida algumas vezes.

Não sei o que a poção da verdade vai tirar dos meus lábios até eu falar:

— Ele não é leal a mais ninguém além de mim.

A voz de Kane corta a sala:

— Diga por quê.

Lanço um olhar incisivo para o metamorfo. Para o meu *amigo*.

Sua expressão é severa e inflexível.

— Fala pra eles por que ele é leal a você. Eles merecem saber o que você me confessou ontem à noite.

Mais uma vez, alguns murmúrios se espalham pela sala.

Kane armou para mim.

Meu coração bate mais forte enquanto o soro da verdade puxa minha traqueia, preparando a resposta.

O laço forjado entre Memnon e mim é a única coisa que realmente não quero compartilhar. Quanto mais pessoas souberem sobre isso, mais pessoas poderão explorá-lo.

Terei que massacrar muito mais pessoas para evitar que venham atrás de você.

Minhas mãos começam a tremer.

— Ele é obrigado a me servir, por um laço.

Alguns suspiros se dispersam, e ouço um rosnado baixo começar, que parece se espalhar pela sala.

— Da mesma forma que a Cara quase foi enlaçada a outra pessoa? — alguém pergunta.

— *Não*. — O soro permite a resposta porque o contexto é importante. — Memnon ofereceu se enlaçar a mim para reconquistar minha confiança. Não é um laço forçado entre nós, mas sim um laço *forjado*.

— Por que um homem que já é seu parceiro faria uma coisa dessas?

Ao ouvir a palavra “parceiro”, vejo Kane olhar para baixo.

Avalio o resto da sala, me perguntando se o soro da verdade será suficiente para que acreditem nas minhas próximas palavras.

— Memnon não é um feiticeiro qualquer. — As palavras saem hesitantes. — Ele é muito antigo, que por acaso é minha alma gêmea há muito perdida. Eu poderia expor muitos detalhes complicados sobre essa situação, mas, basicamente, nos últimos meses, ele acreditou que eu o traí, então, como vingança, ele me incriminou pelos assassinatos das bruxas encontradas no campus do Meimendro. Quando descobriu que eu não o traí, ele ofereceu o vínculo como uma espécie de… — procuro a palavra certa. — … compensação.

Silêncio. Silêncio absoluto.

— Se seu parceiro realmente fez o que você disse que ele fez… — um metamorfo finalmente pergunta — … como sabemos que ele não matou aquelas mulheres?

Aperto a mãos.

— Ele confessou sua inocência para mim enquanto estava sob um feitiço da verdade.

Mais murmúrios.

— E cadê ele? — uma mulher grita. — A gente devia ouvir isso dele também.

Parece que a noite saiu totalmente dos trilhos. Eu sabia que ia recontar os acontecimentos com Cara, mas não esperava a poção da verdade ou a inquisição informal pela qual estou passando agora. E, com certeza, não esperava envolver Memnon. A ideia dele nesta sala, respondendo educadamente às perguntas dos licantropos, é ridícula. Ele preferiria estripar todos eles.

— Mesmo que você o quisesse aqui — digo —, ele não responde a ninguém.

Vincent me lança um olhar intenso.

— Ninguém… exceto você.

Capítulo 21

Passo mais trinta minutos respondendo a mais perguntas complementares, e minha língua tropeça enquanto tento explicar vários aspectos dos mesmos tópicos: a noite do círculo mágico, os assassinatos das bruxas e Memnon.

Por fim, as perguntas vão rareando até que não reste mais nenhuma. Olho para a sala enquanto vários longos segundos se passam. Vicente se levanta.

— Obrigado por vir aqui e falar sobre tudo isso, Selene. — Ele se vira para encarar a matilha. — Agora vamos votar.

Peraí, vai ter uma *votação* para isso? E eu tenho que assistir?

Lanço um olhar de pânico para Kane, mas seus olhos estão no alfa.

— Uma maioria simples determina se Selene se torna ou não amiga da matilha. Levantem as mãos, quem é a favor?

Meu coração dispara quando a maior parte da sala levanta as mãos. Eu solto o ar.

— E contra?

Apenas algumas mãos se erguem no ar. Vincent se vira para mim.

— Pelas leis dos licantropos e dos homens, eu formalmente dou as boas-vindas a você, Selene Bowers, como amiga da Alcateia Marin.

Uivos se espalham pelo espaço, e o som me deixa arrepiada. O instinto está gritando para eu fugir, mas minha magia ganha vida com o barulho. Ela emana de mim, se movendo pela sala e serpenteando entre os metamorfos.

Encontro o olhar lupino de Kane. Embora sua mandíbula esteja rígida, ele sorri para mim e depois uiva junto do resto deles.

Só quando o barulho diminui é que os licantropos se levantam. Um por um, eles vêm me cumprimentar, me dando um abraço e esfregando o rosto no meu. Isso acontece várias vezes, todo o bando me marca com seus cheiros enquanto me reconhecem como parte dos seus.

Não é a coisa mais estranha que já vivi, mas com certeza também não é a droga de uma quarta-feira normal.

Depois que o último metamorfo me abraçou e me marcou, bebidas e comida são trazidas e os lobos começam a socializar. Antes que eu possa

tentar escapar, sou levada a uma conversa com uma mulher licantropa mais velha que gosta de fazer cachecóis e guardanapos de crochê, e então estou falando com um homem que parece um urso, com uma espessa barba loira-avermelhada e olhos gentis que insistem que Nero é super bem-vindo para caçar em suas terras.

Então, acabo conversando com metamorfos mais jovens que estão olhando para mim com olhos redondos e admirados, e me sinto uma impostora completa.

As conversas continuam, até que Kane agarra minha mão livre e me puxa para longe de seus companheiros de matilha. Ele não me solta até me levar para fora da casa e para uma varanda isolada nos fundos.

A noite já caiu aqui. Sapos e insetos cantam na escuridão, e é uma mudança tão grande nas conversas agitadas lá dentro que meu corpo relaxa.

Kane fecha a porta, e o barulho da reunião se reduz a um murmúrio monótono de fundo.

— Achei que você estava precisando de uma pausa — ele diz, a título de explicação.

Dou uma risada trêmula, com a respiração entrecortada.

— Estava precisando mesmo. Valeu.

Kane dá um sorriso contido.

— Amo meus companheiros de matilha, daria a vida por eles, mas eles podem ir… longe demais. — Ele vai até a cerca de pinho e se apoia nela.

Por um momento, fico olhando para ele, com a respiração presa. Não tenho certeza de onde nós dois estamos ou para onde vai o relacionamento a partir daqui.

— Relaxa, Selene — ele diz, sem se dar ao trabalho de se virar. — Não vou te morder. É com isso que você tá preocupada, né?

Pode ser que eu tenha agradecido Kane cedo demais. Esta conversa já é mais difícil do que qualquer uma que tive lá dentro.

— Você ama ele? — ele pergunta.

Memnon, ele quer dizer.

Me aproximo da cerca da varanda e me apoio nela ao lado dele.

— Já amei.

— Já amou — ele repete. Seu olhar retorna para mim. — Mas não mais.

Dou de ombros.

— Ele é a minha alma gêmea… mas não, não amo. — Se amasse, o feitiço de enlaço que Memnon invocou ia se quebrar.

— Você não precisa ficar com um cuzão só porque a magia de vocês se uniu.

— Eu não tô com ele — lembro a Kane. — A noite passada foi… só sexo. — Tento ignorar o fato de que foi o sexo mais ardente e erótico que já tive nesta vida.

— Só sexo — Kane repete de novo, com a voz amarga. — Me diz, se ele não tivesse aparecido, você teria passado a noite comigo? Você teria feito "só sexo" comigo? — Abro a boca, mas não faço mesmo ideia do que caralhos devo dizer. — Você tava com medo de eu te morder — ele continua. Seus olhos caem para o meu pescoço antes de retornarem para os meus. — Foi isso?

Lembro de como foi beijá-lo ontem à noite. *Errado, errado, errado.*

— Em parte, foi sim — digo, na esperança de evitar discutir todas as maneiras pelas quais meu vínculo me trai quando estou com outras pessoas que não Memnon.

— Teria sido tão ruim assim? *Eu* teria sido tão ruim?

Franzo a testa, perturbada com toda essa conversa.

— Kane, desculpa se eu dei alguma insegurança…

Ele dá uma risada vazia.

— Insegurança? Selene, eu tô praticamente *implorando* para você me considerar, em vez desse cara ameaçador que acha que você é dele. Não tô sendo inseguro. Tô só te querendo, e querendo que você me queira de volta, do jeito que você queria umas semanas atrás.

Eu quero essa versão de mim de volta também. Olho para o céu escuro.

— Kane, minha vida tá uma bagunça. *Eu* tô uma bagunça. Não sei o que você vê em mim, mas escolheu a garota errada.

— O que eu vejo em você? — Mais uma vez, ele ri, mas agora, o som tem um tom doloroso. — Você salvou a minha companheira de matilha, e quase morreu no processo. Você é hilária, e é divertida pra caralho quando se solta. Você é honrada, linda e poderosa. — Seus olhos caem para o meu pescoço novamente.

Mal consigo respirar. A intuição está me dizendo para me afastar do metamorfo, mas também estou presa em suas palavras.

Ele estende a mão e toca a pele sobre uma artéria pulsante na minha garganta.

— Seria tão ruim assim? — ele repete. Seu olhar se volta para mim, e vejo o lobo em seus olhos. Parece… faminto.

Fico imóvel, do jeito que imagino que as lebres fazem quando enfrentam um predador.

— Você tá brincando, né? — ofego. Não tenho certeza, mas a intuição ainda insiste para que eu me afaste.

— Eu posso te reivindicar. Bem aqui, agora mesmo — ele diz, com os olhos fixos na minha garganta. — Iria tomar todo o cuidado pra não doer.

Ai, minha deusa.

Eu me forço a me virar mais para encará-lo, surpresa com a proposta. Perscruto seu olhar.

— Você mal me conhece.

Ele sobe o olhar e sustenta o meu.

— Tem uma espécie de combinado que os metamorfos têm com seus lobos, de que a escolha dos parceiros é uma questão de instinto. Meu lobo gosta de você. Ele gostou desde o momento em que você o curou.

— Já sou a parceira de outra pessoa.

— Seu parceiro é um monstro. Alguém que ficou mais do que feliz em destruir a sua vida quando era conveniente para ele. — Mais ou menos. Tipo, a merda toda meteu uma carta reversa do Uno bem rápido. — Se eu te reivindicasse — ele continua —, então eu teria o mesmo direito de ser seu parceiro.

Coloco a mão sobre a junção entre o pescoço e o ombro e balanço a cabeça.

— Kane, eu não quero isso.

Seus olhos estão lupinos quando ele dá um passo na minha direção. Já quase não havia distância entre nós antes; ele está muito perto agora.

— Tem certeza? — ele insiste, com a voz anormalmente baixa. — Imagine como seria ter um vínculo com alguém que te quer, que te ama.

Mas eu *sei* como é isso. Esse nunca foi o problema. Apesar de todos os defeitos de Memnon, ele sempre me amou.

Isso é… demais para a minha cabeça. E se minha vida fosse diferente, mais simples, eu ficaria feliz em dar o pescoço para Kane e concordar com tudo.

Mas as coisas não são simples.

— Acho — começo, escolhendo com cuidado as palavras — que já que a sua matilha considera tanto a lealdade, então você vai entender que eu *não posso* ficar com você desse jeito.

Kane se encolhe como se eu tivesse batido nele, e sinto como se estivesse arrancando meu próprio coração com uma faquinha de manteiga.

— Eu tenho uma alma gêmea — continuo. — Alguém que é sim terrível, mas que é… *meu*. — Declarei minha posse sobre ele em minha mente hoje cedo, mas o sentimento soa ainda mais verdadeiro agora que falei em voz alta. — Há muito tempo, dei a minha vida por um feitiço forte o suficiente para estar com ele de novo. Para estar aqui, nesta vida, tentando me acertar com ele, e devo isso a quem eu era… — Engasgo, o resto das palavras vão desaparecendo quando uma dor aguda e lancinante surge na lateral do meu corpo.

— Selene? — Kane chama, alarmado.

Aperto minha caixa torácica contra a dor escaldante, cerrando os dentes para não gritar.

— O que foi? — pergunta o metamorfo, se aproximando de mim.

— Aqui na lateral — ofego.

Kane gentilmente afasta minhas mãos e levanta minha camiseta. A pele abaixo está normal, perfeita. Não sinto nem vejo nenhuma magia maliciosa, mas dói como se alguém tivesse enfiado uma espada quente em mim. Que porra está acontecendo?

— Não tem nada — Kane diz. Enquanto ele fala, surge outra onda de dor. Minhas costas arqueiam e eu caio em cima do metamorfo. — Selene! — Kane envolve meu corpo com os braços, com uma nota de pânico na voz. — Me diz o que foi. — Sua voz fica mais grave conforme seu lobo aparece. — É uma maldição?

Selene! Memnon vocifera em nosso vínculo. *Onde você está?*

O vínculo… o vínculo, é claro. A dor não é minha, está vindo do meu vínculo.

Kane ainda está falando comigo, mas não estou mais ouvindo.

Memnon!, grito. *Memnon!* O que está acontecendo com ele? A dor é insuportável, e isso porque só sinto um eco dela.

O que está acontecendo?, Memnon exige saber, ecoando meus pensamentos. *Está tudo bem?*

Se *eu* estou bem? Por que Memnon estaria perguntando isso, se é ele quem está ferido? Respiro fundo quando me dou conta de quem estou realmente sentindo.

— Nero.

Meu familiar está machucado.

Capítulo 22

Deslizo pela conexão com minha pantera e entro em sua mente, bem no momento em que ele está rosnando.

Ele ataca alguém, e o gesto faz o machucado na lateral do seu corpo latejar. O cheiro metálico do sangue cobre minha boca — a boca *dele* —, enquanto ele crava os dentes no pescoço da pessoa e depois rasga sua garganta.

Vagamente, estou ciente de que meus joelhos vacilaram e Kane está me segurando de pé. Fico chocada com a violência, mas lembro que dei permissão a Nero para mutilar e matar qualquer um que tentasse machucá-lo.

Mesmo quando sua vítima desaba embaixo dele, outras pessoas se aproximam. Uma, duas, três, quatro, cinco…

Uma maldição atinge meu flanco, interrompendo minha contagem, e eu uivo de dor lancinante.

Volto para minha própria mente com uma inspiração profunda.

Não, não, não.

Me solto do abraço de Kane.

— Selene, o que foi?

— Estão atacando o meu familiar.

Num movimento fluido, pulo a grade de madeira, com a magia me auxiliando perfeitamente, e corro na direção das árvores.

— *Selene*! — Kane me chama. — *Porra*.

Ouço a porta do chalé se abrir atrás de mim e Kane gritando para seus companheiros de matilha, mas no que me diz respeito, é só barulho de fundo. Mesmo a dor explosiva que se espalha pelo meu torso não é suficiente para me deter.

O terror está eclipsando tudo, menos a minha necessidade de salvar Nero.

SELENE, O QUE FOI? A voz de Memnon ressoa em nosso vínculo.

Nero, soluço. *Seres sobrenaturais encurralaram o Nero e estão machucando ele*. Do outro lado do cordão mágico que me liga ao feiticeiro,

eu o sinto ficar calado, frio.

Cadê ele?

Na Sempreviva.

Estou indo. É uma promessa e uma ameaça.

Mesmo isso, no entanto, pode não ser suficiente.

Até então, pode ser tarde demais. Talvez eu chegue tarde demais.

Ai, deusa, ai, deusa.

Inundo minha conexão com Nero com o máximo de poder possível. Não sei se isso fará por ele algo como faria por mim, mas é a melhor solução que minha mente em pânico pode encontrar.

— *Encontre a minha pantera* — ordeno minha magia em sármata.

Liberto uma fita laranja, que serpenteia por entre as árvores na mesma direção que a minha intuição já estava me guiando. Corro o mais rápido que minhas pernas conseguem, indiferente à minha respiração irregular. Até meu poder é bem afiado pela primeira vez, me pegando com fluidez quando tropeço num galho caído e me ajudando a me endireitar antes de atingir o solo.

Os familiares estão ligados ao seu sobrenatural, e o vínculo mágico prolonga e fortalece suas vidas. Mas eles podem ser mortos. É sabido que isso acontece.

Com esse pensamento petrificante, envio mais magia pelo meu vínculo com Nero e forço minhas pernas a correrem mais rápido, mesmo quando meus pulmões gritam e meu corpo parece estar se incinerando de dentro para fora.

Ao longe, um coro de uivos enche o ar noturno. Ao contrário de antes, não tem como confundir esses sons. São gritos de guerra.

Quase perco o equilíbrio. Os licantropos estão vindo em meu auxílio. Apesar de ter recusado Kane, ele os convocou mesmo assim. Soluço um pouco enquanto corro.

Uma dor aguda e cortante surge no meu estômago, muito mais profunda que as outras, e quase tropeço nos próprios pés com o ataque dela.

Entro na cabeça de Nero por uma fração de segundo, mas é tempo suficiente para perceber que ele foi mortalmente ferido.

Fico engasgada com um grito.

Não.

Antes de ser Nero, ele era Ferox. A mesma alma, corpos diferentes. Quando o encontrei em Roma, prometi cuidar e proteger a pantera pelo resto da vida.

Pretendo manter essa promessa. *Vou* manter essa promessa.

Aguenta firme, Nero, digo a ele. *Tô chegando*.

No pânico, não consigo pensar num feitiço sofisticado. Só consigo um simples:

Me faça rápida como o vento, comando a magia em silêncio.

Já estava correndo, mas agora meu ritmo acelera, forçando os músculos e tendões ao limite de sua capacidade. Sinto o vento nas costas e no rosto, e parece que posso me fundir nele, como se fôssemos um. Atravesso a linha divisória que separa o território dos metamorfos das bruxas, seguindo a faixa da minha magia.

Devo estar chegando perto.

Espio através dos olhos de Nero mais uma vez, tentando me concentrar na dor debilitante e no frio que preenche o corpo do meu familiar.

Existem pelo menos cinco seres sobrenaturais, bruxas, se eu tivesse que adivinhar. Duas delas parecem vagamente familiares, mas é difícil dizer. A visão de gato enxerga as coisas de maneira diferente, e a noite encobre muito. Mas sinto que tem mais duas que estão caídas no chão. O cheiro do sangue delas tinge o ar.

Algumas pessoas estão espiando para além de Nero, procurando por mim.

— Algum sinal da bruxa?

— Não, mas ela está vindo. Ali a linha da magia dela. Ela sabe que o familiar dela está ferido.

— Ela que se foda, *eu* tô ferida.

Enquanto elas brigam, volto à minha mente e canalizo mais poder pelo meu vínculo. Elas devem ter machucado meu familiar para me atrair.

O vento sopra em meu cabelo e as lágrimas escorrem pelos cantos dos meus olhos, mas por baixo da dor e medo, a violência surge em mim, antiga e ansiosa. Posso senti-la manchando meu poder enquanto minha magia se reúne nas minhas palmas. Ah, mas essas bruxas estão *marcadas*.

Mais à frente, o rastro da minha magia chega a um fim abrupto. Não consigo ver meu familiar, mas noto as bruxas ao seu redor. Alguns orbes mágicos pairam no céu acima delas, iluminando suas silhuetas.

— Olha ela ali.

Não sei quem anuncia isso, mas já estou arrastando o braço para trás, meu poder se juntando na palma da mão.

— *Exploda* — ordeno. E então eu jogo.

BUM!

Magia e fogo detonam no ar, afastando o círculo de bruxas, revelando a forma caída do meu familiar.

A dor que me atinge ao vê-lo daquele jeito quase me faz cair de joelhos.

Faça-as pagar. A voz de Memnon é fria, irada.

Mais magia inunda meu braço e chega à palma da mão.

— *Exploda*. — Jogo nas bruxas, sem ligar que a explosão possa arrancar alguns membros.

Meu poder detona logo acima delas, afastando as bruxas do meu familiar. Várias delas gritam, uma está pegando fogo. Vejo a mulher tentando apagar as chamas feito louca.

A raiva que surge no meu sangue é de outro mundo. Há uma parte faminta e sinistra em mim que precisa acabar com cada uma delas bem devagarinho, mas no momento em que meus olhos se voltam para Nero, ela se dissolve.

Meu familiar permanece imóvel no chão. Na escuridão, consigo distinguir o brilho do sangue em seu pelo.

Não consigo respirar por causa da dor — tanto física quanto emocional — que me sufoca até a morte.

Chego mais perto e caio ao lado de Nero, meus joelhos pousam numa poça de sangue frio. À primeira vista, minha pantera parece morta. Ele está muito imóvel. Mas quando deslizo em nosso vínculo e entro em sua cabeça, ainda posso senti-lo. No entanto, essa é a extensão da minha garantia, porque um instante depois, sinto todo o peso da sua dor. É mais do que agonia; são espasmos de morte. Reprimo um soluço.

— Não vou deixar você morrer. *Vekahi*. — *Cure*. Sussurro a palavra em sármata, pressionando a mão no seu pelo manchado de sangue. Minha magia penetra em seu corpo, espessa como mel.

É difícil sentir o que estou reparando, mas acho… acho que aquele ferimento grave, aquele que deveria ter sido a derrocada dele, está cicatrizando. Ou talvez eu só esteja excessivamente esperançosa. Passo a mão em seu rosto, e ele bufa de leve.

— Tá tudo bem, gatão — eu o tranquilizo. — Tô com você. Você não vai morrer.

Continuo passando a mão em suas costas, parando apenas quando os dedos encontram um pedaço de papel… e a cabeça de um prego que o prende ao meu familiar.

Elas literalmente pregaram uma nota na pele de Nero.

Minhas mãos começam a tremer enquanto meu poder vibra em mim. Minha visão fica toda vermelha — vermelha como sangue, vermelha como dor, *vermelha como ira*.

Antes que eu possa agir, ouço um sussurro. Segundos depois, um feitiço atinge minhas costas, queimando o tecido e minha pele. Outra maldição segue depressa, cortando meu ombro.

Solto um grunhido, caindo sobre Nero, minha magia ainda o curando.

A pessoa murmura novamente, o encantamento baixo demais para ser ouvido, e eu me preparo, usando o corpo como escudo. A maldição atinge a lateral da minha têmpora. A dor irrompe por trás dos meus olhos e, por vários segundos, não consigo ver nada — nada de visão vermelha, familiar mutilado, nada.

Pouco a pouco, minha visão vai retornando, mas o alívio é breve porque os golpes continuam. A maioria cai na parte inferior das minhas costas, cravando-se na minha pele e escaldando a carne.

Selene!, Memnon vocifera.

Tá de boa.

Eu odeio *essa expressão*, o feiticeiro cospe. *Aguenta firme, minha brava rainha. Estou quase chegando.*

O sangue escorre de tantas feridas. Por um momento, não sei onde estou, *quando* estou. Parecem batalhas antigas e inimigos implacáveis.

Respiro fundo, minhas mãos escorregam de Nero, meus dedos cravam o solo encharcado de sangue enquanto os golpes continuam a chover sobre mim.

Vingança. A palavra é sussurrada em meu ouvido — ora em meu idioma, ora em latim, ora em sármata.

Existem coisas primordiais nas profundezas da terra. Coisas que têm fome de sangue e caos. Coisas com as quais uma vez fiz um pacto.

Vamos te ajudar de novo, sussurra a terra profunda.

Esta é a parte do trabalho com maldições e magia de sangue sobre a qual não se fala lá no coven — como a escuridão às vezes fala com a gente, se a gente a despertar. Se convocá-la.

— *Wi'manvus sisapsa bowad bodit, dubtup san est iv'tav'ap* — digo devagar. *Devore meu sangue derramado, deleite-se com minha dor*. Minhas mãos apertam a terra molhada. — *Do ligohutnutsa batwad wuvknusava xu onut pesasava va'ukudapsa kav sanvasa. — Rasgue essas bruxas e deixe-as sentir minha ira.*

Ao longo da minha pele, ouço o silvo do sangue fervendo e sinto seu cheiro acre e queimado.

Quem quer que estivesse ouvindo meu apelo, respondeu. O poder sobe da terra para a palma das minhas mãos. Porém, assim que ela entra em meu corpo, já sai de mim, a maldição lançada flui na direção das minhas agressoras.

Minha magia as atinge com tanta força que elas são jogadas para trás. Segundos depois, seus gritos começam, agonizantes e aterrorizados.

Eu me levanto, com o corpo parecendo uma única ferida aberta e purulenta. Afasto a dor, olhando para as bruxas. Uma delas já está de pé. Outras duas estão se levantando. As outras ainda estão gritando no chão, encolhidas.

Olho para elas, com a raiva crescente e fervilhante exigindo que eu pare corações e quebre pescoços.

— Corra! — uma das bruxas grita.

Aquelas que conseguem correr começam a fugir para a floresta, mas os orbes de luz que conjuraram agora flutuam acima delas, como holofotes pessoais. Isso as torna alvos fáceis.

Uma das mulheres restantes está sangrando. Sem pensar, deixo meu poder alcançar aquele sangue. Já fiz isso tantas vezes no passado que já é algo natural para mim. O poder ruge em minhas veias. Parece contaminado com minha própria escuridão.

Neste momento, eu não ligo.

Eu não falo. Nem faço um feitiço. Simplesmente arrasto os dedos pelo ar, com a intenção se transformando em magia. Posso ver listras pretas viscosas na magia laranja-clara enquanto as maldições percorrem a floresta e atingem as bruxas em fuga. Vejo cada uma delas cair, seus gritos ecoam no ar noturno. Ainda há mais duas bruxas largadas por aí.

Elas atacaram meu familiar. Elas tentaram acabar com a vida dele.

Vou até a bruxa mais próxima de mim e coloco a bota em seu pescoço.

Não sei se é o poder de Memnon ou o meu, mas meu cabelo ondula enquanto minha magia se acumula. Posso sentir coisas antigas e sombrias no solo, coisas que esticam as garras e tentam arranhar a superfície.

Levanto o queixo enquanto olho para a bruxa, seu rosto sardento iluminado pelo orbe azul logo acima.

Sei quem ela é, percebo com um sobressalto. Ela mora no meu andar.

Compartilhei refeições com ela, passei por ela nos banheiros comunitários. É uma conhecida. Isso torna a situação muito pior.

— A terra tem fome da sua vida — digo baixinho, quase em transe. — Me dê uma razão para eu não deixar ela te comer viva. — Enquanto falo, o solo se move sob a bruxa, como se já estivesse ansioso para provar.

A mulher levanta as mãos e posso ver a magia turquesa pálida se reunindo ali. Basta um empurrãozinho da minha magia e o chão muda, arrastando os braços da bruxa para seu abraço sombrio.

A bruxa grita, lutando agora contra mim e contra a terra. Mas suas mãos estão presas e, quanto mais ela luta, mais ela vai afundando na terra.

Enfio o calcanhar em sua garganta.

— Por que vocês atacaram o meu familiar? — Ela se engasga em um grito, lutando contra mim. — Por quê? — insisto.

Quando ela não diz mais nada, canalizo minha magia para a terra, deixando que ela engula mais um pouco do corpo da bruxa.

Ela faz um barulho estrangulado antes de ofegar:

— Eu… não posso… falar… sobre isso.

Franzo a testa para ela. Lauren, a professora, disse algo semelhante quando Memnon a questionou.

— Ela quer você — ela acrescenta, o que é a informação mais inútil que ela poderia me dar. Eu já sei disso: as pessoas estão me deixando bilhetes ameaçadores e atacando meu familiar. O que eu quero saber é…

— Quem?

— *Lia* — ela arqueja, finalmente.

Capítulo 23

Lia. Eu me lembro desse nome. É a mesma mulher que coordena os círculos mágicos e enlaça as bruxas à força.

Uma explosão de magia sibila no ar. Assim que atinge o chão, ela detona, me jogando para longe da bruxa e em um tronco de árvore próximo. Solto um grunhido quando todas as minhas feridas amaldiçoadas latejam.

Outro feitiço me atinge, abrindo meu peito. Eu ofego quando o sangue escorre de mim.

— Vai se foder. — A bruxa que vem até mim é pequena, com cabelo preto curto e encaracolado.

— Yasmin? — pergunto com a voz suave.

Ainda ontem a gente estava bebendo e conversando juntas. Na última vez que a vi, ela tinha feito planos para caçar o cavaleiro feérico. Eu a considerava uma amiga.

Não consigo conciliar aquela mulher com esta, que ajudou a torturar um animal.

— Me ajuda! — a bruxa meio enterrada grita.

Enquanto eu sangro, Yasmin se vira e puxa a outra do chão.

Começo a ficar de pé, minha magia se reunindo. Yasmin me fuzila com os olhos enquanto ajuda a outra bruxa a se levantar, depois lança outra maldição. Não me esquivo rápido o suficiente e o feitiço me atinge na testa, me nocauteando.

Minha rainha. Minha rainha, você precisa acordar.

Desperto com as notas de pânico na voz de Memnon.

Pisco várias vezes, e a silhueta escura de Memnon toma forma na minha frente. Eu o encaro por um momento, perscrutando seu olhar. A dor confunde meus pensamentos. Estou com frio. Cansada.

Suas mãos seguram meu rosto e seus olhos brilham.

Estremeço. A noite fria parece estar enterrada em meus ossos.

De repente, o ar ao redor esquenta e tenho certeza de que Memnon é o responsável por isso. Sob suas palmas, a magia penetra em mim, vagando pelo meu corpo e expulsando o frio. À medida que se move através de mim, ela vai costurando a carne rasgada.

Olho ao redor, atordoada.

Nero. Cadê o Nero?

Ele está vivo, minha rainha, Memnon diz. Há desgosto naqueles olhos ardentes. *Mas você está machucada*. Ele diz isso com leveza, usando o mesmo tom que usa com soldados gravemente feridos.

Eu tô bem, insisto, tentando me levantar. Só que, agora que a adrenalina e a fúria não estão mais me alimentando, meu corpo cede quase de todo.

O polegar de Memnon acaricia minha bochecha. *Você perdeu muito sangue. Sangue demais. Precisa descansar.*

Não posso. Meus olhos se movem para a floresta escura, para onde as bruxas fugiram. Onde Yasmin…?

O olhar de Memnon segue o meu, e ele se volta para mim.

— Onde elas estão? — Sua voz carrega uma nota sombria e letal.

As bruxas, ele quer dizer.

— Elas correram — respondo com a voz rouca.

— Vou atrás delas — ele diz, ameaçador. Lembro daquela ameaça em toda a sua horrível glória. Os campos de soldados mortos, o sangue que ele às vezes usava como uma segunda pele.

Memnon se levanta, as sombras atingem aquela sua cicatriz. Mas são seus olhos ainda mais sinistros. Eles ainda brilham como brasas e, embora eu saiba que é só a magia dele que faz suas írises arderem assim, o efeito é absolutamente vilanesco.

— Fique aqui — ele diz. Com isso, se vira e desaparece na Sempreviva.

Por vários segundos, só ouço as minhas respirações irregulares. Meus olhos examinam a escuridão até ver a forma caída de Nero.

Faço um barulhinho, me forçando a levantar. Cada músculo protesta.

Eu disse para você não se mexer, Memnon repreende em nosso vínculo. Ele deve ter percebido minha dor.

Quem manda aqui sou eu, respondo, me arrastando para o meu familiar.

Deixo escapar um soluço trêmulo quando vejo o estado em que ele está. Apesar da minha magia, as feridas da minha pantera ainda estão abertas e

sangrando lentamente. Posso sentir a magia viscosa se agitando dentro dele. Quaisquer que sejam as maldições que colocaram sobre ele, elas ainda não evaporaram.

Memnon! Quase choro em nosso vínculo. *Volta. Eu… acho que o Nero tá partindo.*

— *Sele a carne. Conserte o que foi rasgado e quebrado. Cure as feridas internas. Deixe Nero inteiro mais uma vez.* — Entoo o feitiço pela terceira vez desde que caí ao lado do meu familiar, derramando meu coração e o que resta da minha magia nele. As plumas laranja-claras do meu poder penetram em seu corpo assim como fizeram nas duas últimas vezes.

Suas feridas cicatrizam por alguns momentos, mas então meu feitiço para de avançar. Quero gritar, mas o som continua preso sob esse nó de medo na minha garganta.

A floresta ficou perturbadoramente silenciosa. Sou só eu e minha dor indefesa. Estou perdendo meu familiar e não há nada que eu possa fazer.

Acaricio Nero suavemente, meu toque leve.

— *Embora haja dor, você não haverá de sentir mais* — sussurro.

Minha pantera cutuca minha mão, seu corpo relaxa um pouquinho. Começo a soluçar, inclinando a cabeça sobre ele.

— Desculpa, me desculpa, Nero. Não queria que isso acontecesse. — Eu deveria ter sido mais cuidadosa com ele. É bastante fácil para mim ser corajosa diante de ameaças, mas meu familiar é outra questão. Ele é uma verdadeira fraqueza minha, e as bruxas que o atacaram sabem disso.

Yasmin sabe disso. Choro um pouco mais forte, mesmo quando minha visão escurece e um arrepio percorre meu corpo.

A mão forte e quente de Memnon pousa em meu ombro.

— Poupe suas lágrimas, bruxinha. Você não vai perder ninguém hoje.

Olho para ele, com o coração meio esperançoso, enquanto o feiticeiro pega Nero e coloca o grande felino inconsciente sobre o ombro.

Estou prestes a me levantar quando Memnon se abaixa e me pega no outro braço.

— Se você acha que vou deixar você andar no estado em que está, é melhor começar a revisitar aquelas nossas velhas memórias — ele diz,

entrando na floresta.

Inclino a cabeça cansada em seu ombro, sem me dar ao trabalho de brigar com ele ou revisitar lembrança alguma.

Obrigada por ter vindo, digo em nosso vínculo. Lá no fundo, estou ciente de que devo estar em péssimas condições para, entre todas as coisas, *agradecer* Memnon.

O humor de Memnon fica sombrio. *Cheguei tarde demais*.

Talvez para a batalha, digo, *mas não para mim e o Nero.*

Meu olhar se volta para a silhueta escura da minha pantera. Pelo menos eu espero que não.

Ele vai ficar bem?, pergunto. Estou prendendo a respiração, com medo da resposta de Memnon.

O feiticeiro olha para mim, seus olhos não brilham mais.

— Ferox não sobreviveu à arena romana e às muitas batalhas na estepe para acabar derrubado por umas maldições apressadas. A sua magia está correndo nas veias dele, sustentando-o quando o próprio corpo não consegue. Juro que ele vai ficar bem, bruxinha.

O que resta da minha tensão me deixa.

Vou cobrar, est xsaya, sussurro em nosso vínculo.

Memnon fica tenso com o título, depois me segura ainda mais forte.

Deve ser incrivelmente difícil carregar a Nero e a mim, mas Memnon não reclama e não diminui a velocidade enquanto cruza a floresta.

Olho para a escuridão, me perguntando sobre as bruxas que atacaram meu familiar. Sem dúvida as sentinelas ativadas no toque de recolher teriam registrado suas identidades.

Por alguns segundos, tenho esperança de que o coven seja capaz de lidar sozinho com essas ameaças. Mas então me lembro dos túneis de fuga que passam por baixo do campus. Duvido que tenham sido protegidos, e é provável que as bruxas que atacaram Nero tenham usado os túneis para chegarem à floresta sem ser notadas.

Ao longe, ouve-se um uivo desesperado, e lembro mais uma vez de como a noite começou.

Os lobos não apareceram. Depois de ouvir aqueles uivos, pensei que viriam. Em vez disso, tive que me defender sozinha, poucas horas depois de eles terem jurado lealdade. Não sei por que isso me machuca. Não deveria

nem um pouco. No final das contas, não sou uma metamorfa, sou uma bruxa, e nenhuma amizade muda isso.

Memnon entra nos Últimos Ritos, o cemitério do Meimendro. Ainda contém alguns vestígios da nossa reunião do Samhain — uma vela derretida aqui e ali, algumas flores carinhosamente depositadas em lápides, um frasco de poção vazio que alguém deixou para trás.

O feiticeiro serpenteia entre as lápides, se dirigindo para uma cripta particularmente grande com as fases da lua esculpidas na fachada.

— O que a gente tá fazendo aqui? — pergunto.

Memnon me lança um olhar curioso.

— Achei que você tivesse se lembrado de como costumávamos viajar, *est amage*.

— A cavalo? — arrisco, confusa.

Ele me dá um sorriso conspiratório.

— Pelas *linhas de ley*.

A temida linha de ley. Quase esqueci.

Memnon avança até a enorme cripta e libera seu poder, forçando a abertura da porta de pedra. A porta se abre para dentro, raspando o chão à medida que avança.

É claro que a entrada do portal para uma linha de ley não poderia ser ao ar livre. Claro que o acesso tem que ser dentro da merda de uma *tumba*.

Embora as linhas de ley se estendam por todo o mundo, não dá para abrir essas estradas mágicas em qualquer lugar. Existem portais para elas, e quase todos esses portais estão localizados em locais sacrossantos, como templos e igrejas, círculos de pedra e cemitérios.

Memnon faz menção de entrar na cripta.

— *Peraí* — aviso. — Pode estar protegido.

Pensando bem, pode ser que não importe mais, se Memnon já tiver atravessado uma vez para chegar aqui.

— Tinha uma sentinela parcialmente desintegrada quando cheguei — o feiticeiro diz. — Mas quebrei o que restava dela. Não há mais nada impedindo nosso caminho.

Com isso, Memnon carrega a Nero e a mim para dentro. Assim que entramos, velas se acendem e revelam uma câmara vazia, sem caixões nem urnas, ossos ou placas. Além das próprias velas, não há nada aqui, exceto

uma fina coluna de espaço que parece curvar a luz de maneira um pouco diferente. A entrada da linha de ley.

— Você já viajou por uma dessas nesta vida? — Memnon pergunta. Balanço a cabeça em negativa. — Então, segure firme.

Envolvo o seu pescoço com os braços, ignorando a forma como o movimento repuxa minhas feridas.

— Pronta? — ele pergunta.

— Sim — suspiro.

Com isso, ele passa pela entrada.

Quase vomito enquanto tudo ao meu redor fica borrado. O túnel curva e distorce a floresta escura ao nosso redor, o mundo exterior passando depressa enquanto Memnon caminha ao longo da linha de ley. Estas estradas mágicas são na realidade pequenas rugas, áreas onde o espaço e o tempo não seguem regras normais. Isso significa que dá para cruzar o mundo — ou até mesmo cruzar para *outros* mundos — em segundos. Infelizmente, também é possível se perder nessas estradas.

Feéricos são mestres em atravessá-las, os humanos, nem tanto. Nunca aprendi de verdade como viajar por elas como Roxilana. Em vez disso, negociava com a magia dessas linhas de ley, oferecendo presentes em troca de ajuda. Memnon, por outro lado, aprendeu. Eislyn o ensinou.

Me seguro em Memnon com força, respirando devagar para não vomitar.

Ele dá só alguns passos antes de sair da linha de ley. Nosso ambiente desfocado se transforma numa floresta mais sombria que parece idêntica à Sempreviva.

— Onde estamos?

— Quase em casa — Memnon diz, caminhando pela floresta.

— Você quer dizer a *sua* casa — eu o corrijo, cansada.

Ele está quieto, contemplativo, e não sei o que fazer com esse temperamento. Estou tão acostumada com Memnon sendo agressivo, conivente e zangado comigo que é perturbador ver esse lado dele. É o lado de que me lembro há muito tempo, mas mesmo assim, sempre era compensado pela sua sede de guerra.

Saímos da floresta e entramos numa rua, e Memnon nos conduz por ela.

Mais à frente, postes iluminam parcialmente uma casa enorme. Parece haver lonas no telhado, e segmentos inteiros da casa nada mais são do que madeira exposta ou paredes de gesso. Apesar de seu estado semiacabado, um brilho quente e convidativo vem lá de dentro.

— Esta é a casa que incendiei? — pergunto enquanto nos aproximamos. Entre a escuridão e os danos do fogo, mal a reconheço.

— É, sim. — Sua voz escorre com um tom divertido.

Eu me afasto um pouco e o observo.

— Parece até que você se orgulha disso.

— Me orgulho mesmo. — Memnon olha para mim. Um fio de sua magia escapa então, enrolando-se na minha bochecha. — Sua ferocidade é linda, imperatriz, mesmo quando direcionada a mim.

— Você é perturbado — digo, mas minhas palavras não têm força.

Memnon solta uma risada autoconfiante.

— Formamos uma dupla particularmente assustadora — ele admite, dirigindo-se para a entrada da casa.

Meu estômago se agita com a ideia de que somos uma unidade antes de afastar esse pensamento. Meu olhar vai para Nero — Nero ferido e agonizante. Os olhos da minha pantera estão fechados e seu corpo ainda está mole. Uma espiada em sua mente e fica claro que ele está temporariamente inconsciente.

Memnon tem me assegurado tanto de que Nero vai ficar bem que baixei a guarda. Mas agora, minha guarda está de volta, junto do meu pânico anterior.

A magia do feiticeiro se desenrola à nossa frente, a porta da frente se abre e as luzes internas se acendem. Memnon entra direto na casa, indo na direção da sala enquanto a porta se fecha.

Olho com curiosidade para a casa dele. As paredes não apresentam sinais de que foram incineradas há pouco tempo, mas ainda há um leve cheiro de fumaça que se apega ao espaço, como se estivesse encharcado nos ossos da estrutura. Algumas paredes são painéis de gesso cartonado, e tem uns buracos no teto, expondo vigas de madeira e fiação elétrica. No geral, porém, poderia ser muito pior.

— Como você consertou o lugar tão rápido? — pergunto. Nem vejo marcas de queimado nas paredes ou no chão.

— Magia e dinheiro — Memnon admite. — Ainda falta terminar muita coisa.

Há uma caminha de cachorro macia na sala, ao lado de um sofá que parece novo. Memnon me coloca no sofá e depois põe Nero com cuidado na cama de cachorro.

Meu familiar nem sequer se mexe.

É essa falta de reação que quebra tudo o que estava me mantendo unida. Saio do sofá e vou na direção do meu familiar. Na mesma hora, minha visão escurece e minhas pernas vacilam.

Devo ter desmaiado, pelo menos por alguns segundos, porque quando pisco, Memnon está me segurando em pé.

— Sem movimentos bruscos, minha parceira — ele diz. — Você ainda está gravemente ferida. — Gentilmente, ele me abaixa no chão ao lado de Nero, depois se agacha na minha frente. Ele me lança um olhar severo. — Vou cuidar do Nero primeiro, porque posso sentir sua insistência, mas você *não* vai se mexer. Quando eu terminar de cuidar dele, você vai me deixar tratar seus ferimentos também. Combinado?

Se ele for capaz de curar Nero, concordarei com praticamente qualquer coisa.

— Combinado — digo, baixinho.

Memnon assente, depois se afasta de mim e se acomoda na frente de Nero.

A noite escondeu de mim muitas das feridas do grande felino, mas sob as luzes brilhantes da sala de Memnon, é fácil ver a extensão dos danos. Sua barriga e flanco foram cortados várias vezes, e a carne ao redor dos cortes parece borbulhante e mutilada. Apesar de todos os feitiços que lancei, as feridas ainda vertem sangue, junto de uma substância parecida com piche que reconheço como magia das trevas. Posso sentir um eco da dor do meu familiar, e isso deixa meu peito apertado, me fazendo respirar fundo.

Memnon acaricia Nero enquanto o examina, e o gatão lambe o braço do feiticeiro. A visão me fez conter um soluço.

— As maldições que foram rogadas ainda estão nele, estão impedindo ele de se curar — Memnon diz, por fim.

O trabalho com maldições é uma arte complicada. Os romanos adoravam maldições, mas era o lado paterno de Memnon, o povo mochica da América do Sul, que era de fato hábil nessa arte. Ainda mais a família real. O pai de

Memnon ensinou isso ao filho, e agora, quando a minha alma gêmea fecha os olhos e fala baixo, a velha língua mochica ressoa sobre mim como uma canção de ninar, embora eu a compreenda muito pouco.

A magia índigo que emana das mãos de Memnon e entra em Nero é luminosa. Observo-a desaparecer sob o pelo emaranhado de Nero e espero.

Em segundos, uma magia viscosa começa a jorrar das feridas purulentas de Nero conforme a magia de Memnon a elimina do corpo do meu familiar. À medida que sai, começa a chiar. O processo leva minutos, mas parece uma pequena eternidade.

Assim que o resto da magia das trevas deixa o corpo de Nero, Memnon passa mais alguns minutos curando o grande felino. O músculo e os tendões regeneram, a carne borbulhante suaviza e a pele cicatriza até que Nero esteja inteiro de novo.

Entro na mente da pantera, apenas brevemente, e posso sentir sua vitalidade renovada. Seu corpo ainda está dolorido e ele está muito fraco, mas vai ficar bem.

Volto para minha própria mente, estremecendo e soltando um suspiro.

— Você conseguiu — digo a Memnon. — Você salvou o Nero. — A descrença cobre minhas palavras.

Eu sabia que meu parceiro conseguiria, mas houve um momento da noite em que eu tive certeza de que estava prestes a perder meu familiar.

Memnon se vira para mim, seus olhos caem em meu rosto. Ele estende a mão e enxuga algumas lágrimas que eu não tinha percebido.

— Você também teria dado um jeito, *est amage* — ele diz com calma.

Pego seu pulso e dou um beijo nos nós de seus dedos, depois pressiono sua mão na minha bochecha.

— Obrigada — digo sinceramente.

O olhar de Memnon percorre todo o meu rosto antes de inclinar a cabeça.

— Nero perdeu muito sangue, então não se preocupe se ele dormir mais do que o normal ou se estiver um pouco cansado por mais um ou dois dias. Daqui a pouco vou preparar um pedaço de cordeiro e um pouco de água, para que ele tenha alguma coisa para comer quando acordar.

Memnon se vira para mim.

— Agora — ele diz, e seu tom muda. — Me deixe ver suas feridas.

Dou uma olhada na minha camiseta rasgada. Abaixo do tecido destroçado, consigo distinguir linhas de crostas. É uma visão estranha,

quase como se eu tivesse listras de tigre, só que estas foram feitas por feitiços e depois cauterizadas quando ofereci meu sangue à entidade sob a terra. Há um corte mais profundo na minha barriga e sei que minhas costas devem estar horríveis; levaram a maior parte dos golpes. Posso sentir mais sangue seco no rosto e no couro cabeludo por causa da maldição final que Yasmin rogou em mim.

Memnon passa os dedos de leve pela minha pele. Mais uma vez o ouço murmurar em mochica.

Sua magia se move como um amante pela minha carne, e o modo como ondula agora parece a superfície do oceano. Ela afunda no corpo, e cada ferimento que toca fica aquecido. Para meu choque e horror, gotas de magia das trevas viscosa atravessam minhas feridas.

Eu não tinha percebido que algumas das maldições que me atingiram antes ainda estavam dentro de mim.

Observo a magia oleosa se transformar em vapor e depois nada.

— Eu usei magia das trevas — admito, baixinho. Mordo o interior da bochecha. Também não é a primeira vez que faço isso. Usei quando lutei contra Memnon na noite do baile e na noite do círculo mágico. Eu não tinha me dado conta, e com certeza não era minha intenção, mas se tornou um hábito.

Porra, é um hábito desde *antes* desta vida.

Memnon levanta os olhos da minha pele.

— Você usou o poder dado pelos seus deuses para retaliar aqueles que prejudicaram seu familiar. Foi justificado.

Parecia justificado mesmo, mas isso não me faz sentir melhor.

O feiticeiro deve ter sentido meu desconforto persistente, porque acrescenta:

— Nós dois usamos essa magia várias vezes. É… corrompida, mas poderosa.

Observo Memnon, meus olhos se demoram em sua cicatriz.

— Corrompida pelo quê? O que você acha? — pergunto, com medo da resposta. Já ouvi todas as histórias sobre magia das trevas, a mais famosa é a Lei Tríplice: se a usarmos, a maldição volta para nós três vezes pior do que o ato original. Mas, na maioria das vezes, os sobrenaturais simplesmente não falam de magia das trevas. E agora que usei algumas vezes, estou começando a ficar preocupada.

Memnon balança a cabeça, seus olhos caem para o resto da maldição enquanto ela se dissolve.

— Não sei.

Depois de uma pausa, admito:

— Ouvi uma voz.

O olhar penetrante de Memnon se volta para o meu.

— Que tipo de voz?

Abro a boca, mas balanço a cabeça, sem palavras.

— Não sei. Podem ter sido várias vozes, sei lá, mas com certeza falaram comigo. — Não mencionei que deve ter sido a mesma entidade que concedeu meu feitiço final como Roxilana, nem que me emprestou poder hoje. — Não sei o que pensar disso.

O feiticeiro parece preocupado enquanto seus olhos perscrutam os meus. Ele se vira para o meu braço, observando sua magia penetrar na minha pele.

— Você já ouviu falar de algo parecido? — pergunto.

Depois de um momento, Memnon faz que sim com a cabeça.

— Meu pai os chamava de Famintos. Ele me disse que eram divindades malévolas e formidáveis. Eles têm um gosto pelo poder e adoram mais do que tudo a terra encharcada de sangue. Sempre ignorei as vozes quando elas me chamavam. Se você ouvir de novo, *est amage*, deve fazer o mesmo. — Ele sustenta meu olhar, com olhos firmes. — Nem mesmo reis e rainhas deveriam se intrometer em certas coisas.

Infelizmente, acho que já é tarde demais.

Capítulo 24

Assim que a magia das trevas sai do meu corpo, Memnon começa a trabalhar para me curar. Suas mãos pressionam minha barriga, sua magia se move por cada membro.

— Você estava com os metamorfos hoje — ele afirma.

Engulo em seco de leve, já sabendo que vou odiar a conversa.

— Como é que, na mesma noite em que se encontrou com uma matilha inteira, você e seu familiar acabam gravemente feridos?

Memnon faz parecer que eles estavam envolvidos.

— Não foi culpa deles — digo. — Nero e os metamorfos não se davam bem, aí ele deixou a reunião para ir caçar na floresta. Foi lá que as bruxas encurralaram ele.

— Os licantropos deviam estar cientes do ataque. Cheguei a ouvir os uivos. Por que eles não estavam lá lutando contra as bruxas?

Abaixo do nosso vínculo, sinto a amplitude de sua raiva.

Só há uma explicação que faz sentido para mim, não que seja menos dolorosa.

— Metamorfos não podem cruzar o território das bruxas sem permissão — explico.

Memnon faz careta.

— Aquele cachorrinho cruzou com bastante facilidade na noite em que encontrei ele na sua cama, semanas atrás.

Lanço um olhar severo para Memnon.

— O nome dele é Kane, e eu dei permissão para ele no dia.

— E não deu hoje? — Memnon insiste. — Eu presumiria que a permissão estava implícita.

Abro a boca para discutir, mas não sai nada. Na verdade, quanto mais penso no que ele está dizendo, mais desconfortável me sinto. Sou amiga da matilha, mas onde estava essa amizade há trinta minutos?

O feiticeiro continua:

— Me parece que *Kane* e o resto da matilha estão tão preocupados em seguir as regras que deixam o mal escapar por entre os dedos em nome delas. — Memnon se inclina para frente enquanto o último dos meus ferimentos se cura sob sua magia. — Pode me chamar de monstro, de demônio, mas nós dois sabemos que eu vou *estraçalhar* as regras por você. — Ele me encara com fervor. — Sempre por você.

Meu olhar mergulha em seus lábios, enquanto meu coração começa a acelerar. Memnon tem razão. Apesar de todos os seus defeitos, ele faria qualquer coisa, daria qualquer coisa, por mim. E em determinado momento, fiz o mesmo por ele. É por isso que nós dois existimos neste futuro: vendi minha última vida a algum deus enterrado pela chance de estar aqui com ele agora.

O ar parece denso de tensão à medida que o momento se alonga.

Memnon fica de cócoras, quebrando a tensão enquanto tira as mãos da minha barriga.

— Suas feridas estão todas curadas, *est amage*, embora, como Nero, você vai ficar um pouco zonza com a perda de sangue. Vai ter que ir com calma.

Meus olhos vagam pela sala. Pelo visto, vou passar a noite aqui. Acho que estava implícito desde o momento em que Memnon nos tirou da floresta, mas só agora é que cai a ficha mesmo. Vou *ficar* aqui, depois de só alguns dias na residência do coven.

A derrota dói muito menos do que eu pensava.

Faço menção de ficar de pé e os limites da minha visão escurecem.

Memnon vem para o meu lado num piscar de olhos.

— Tá de boa.

O feiticeiro dá uma risada malévola.

— Estou começando a entender cada vez mais essa frase sempre que você fala.

Dou a ele um olhar cansado.

— Eu só quero um banho quente.

— Você vai acabar desmaiando com o calor — ele diz, parecendo se desculpar.

— Então eu tomo um banho de banheira.

— Mesmo assim, você pode acabar desmaiando.

Quero rosnar de frustração.

— Então vem comigo e cuida de mim para eu não desmaiar.

Memnon arregala os olhos.

Por mais exausta que esteja, quase caio na risada. Para um feiticeiro cheio de planos malignos e esquemas, ele parece terrivelmente surpreso.

É uma ordem, acrescento. Minha pele coça com a sensação de sujeira e sangue seco, e agora que vi a magia das trevas escorrer de mim, preciso limpar a lembrança dela também.

— Tudo bem, imperatriz — ele diz, com uma expressão ilegível.

Memnon me ajuda a atravessar o corredor e entrar no banheiro. Não tinha percebido o quanto estou cansada, mas preciso de ajuda. Mesmo com o braço dele me enlaçando, ainda estou respirando com dificuldade quando nós dois chegamos lá.

— Chuveiro ou banheira? — ele pergunta, ainda me segurando.

Cabemos facilmente tanto na banheira quanto no boxe de vidro.

— Qual fica mais fácil pra você?

Ele balança a cabeça.

— Não importa o que eu quero. Chuveiro ou banheira?

— Eu gosto mais do chuveiro… — A magia de Memnon passa pela porta de vidro do chuveiro e abre a torneira. — … Mas não sei se quero ficar em pé muito tempo — confesso.

— Então você pode ficar sentada, ou eu posso te abraçar.

Olho para ele, me sentindo estranhamente vulnerável. Não sei por quê. Memnon já lutou ao meu lado, já esteve dentro de mim, já me viu nua e já cuidou de mim. Nada disso é novo. Nenhuma parte de *nós* é nova.

— Tá bom — concordo.

A magia azul de Memnon nos envolve, arrancando nossas roupas em farrapos. Ouço meu celular cair no chão, junto dos sons suaves da minha calça jeans e a camiseta rasgadas.

— Peraí — digo, me abaixando para pegar o celular enquanto várias adagas de Memnon caem no chão ao lado de suas roupas.

Eu me endireito e logo mando uma mensagem para minha mãe, dizendo “tô viva”, antes de deixar cair o dispositivo de volta no chão de ladrilhos. Era só o que me faltava, além de tudo, a preocupação dela agora.

A magia do feiticeiro abre a porta do chuveiro e ele me ajuda a entrar. Imediatamente o jato do chuveiro enxágua a sujeira mais óbvia que está grudada em mim, e pela deusa, como é gostoso. Sob o calor da ducha, meus músculos relaxam.

Eu me viro, me apoiando na parede de pedra do chuveiro, e observo Memnon. Ele está perto, pronto para me pegar se eu cair. A água já molhou seu cabelo e salpicou seu rosto. Riachos descem pelo seu peito esculpido, e meus olhos seguem seu caminho, observando as tatuagens que eu costumava rabiscar nos cadernos — pedacinhos dele que minha mente nunca esqueceu.

— Não me olhe assim — ele suspira, pega um sabonete e faz espuma entre as mãos.

— Assim como? — pergunto, atordoada, me apoiando mais firme na parede.

— Como se quisesse repetir a noite passada.

O calor está me deixando zonza.

— E você não quer? — pergunto.

— Porra — ele xinga, baixinho. Mais alto, diz: — Claro que quero. Mas não com você assim semimorta e delirando por causa da perda de sangue.

— Não tô delirando — digo, enquanto meu corpo oscila.

Memnon se aproxima e segura um dos meus braços. Ele se concentra em me esfregar o sabonete.

— Está sim — ele insiste. — Além disso — acrescenta, passando para o meu outro braço — tive a impressão de que eu fui parar na sua cama ontem por causa de uma poção e nada mais.

Franzo a testa. Não gosto da forma como ele diz isso. Ainda mais depois de Memnon ter me ajudado hoje. Eu não ordenei que ele viesse e não precisei de nenhum pacto de amizade sofisticado para ele aparecer. É só o que Memnon faz por mim, o que ele sempre fez por mim.

Ele continua lavando meu corpo, me tocando de um jeito nem um pouco sexual, mesmo quando ensaboa meu torso.

— É irritante quando você é honroso — digo.

Ele pega mais sabonete e se ajoelha para lavar minhas pernas.

— Por quê?

O vapor está me afetando. Estou tonta, enjoada.

— Assim fica mais difícil te odiar — confesso.

Memnon ergue o olhar de onde está ajoelhado, a água joga seu cabelo para trás. Estendo a mão para seu rosto enquanto meu corpo oscila outra vez.

— *Selene*…

Minha visão escurece. Quando clareia novamente, estou nos braços do feiticeiro e a água está esfriando.

— Eu desmaiei? — pergunto, com o torso pressionado no dele. Estou com a cara no peito dele e tenho uma visão privilegiada da tatuagem de dragão em seu coração.

— Te peguei — ele diz, me mantendo em pé.

Levanto o olhar, encontrando seus olhos. Suas mãos permanecem em mim e, embora eu não precise necessariamente do apoio, não saio de seu abraço. Acho que nós dois estamos nos enganando sobre o quanto estou fraca, até começar a tremer.

— Merda. — Memnon usa uma das mãos para me puxar para mais perto dele e a outra para aumentar a temperatura até ficar morna.

Ainda assim, meu tremor não passa de todo.

— Quero te tirar daqui — ele diz, franzindo a testa. — Você ainda está zonza. — Sua preocupação acaba com todas as minhas defesas.

— Só mais um pouco — insisto. Ainda sinto que tenho sujeira no cabelo e magia das trevas na pele. Pressiono a bochecha no seu peito. — Eu confio em você para cuidar de mim.

Não consigo ver seu rosto, mas ele me segura com mais força.

Sem me soltar, ele pega um frasco de xampu e coloca um pouco na mão. A magia índigo flui dele, envolvendo minha barriga e me segurando para que ele possa esfregar meu cabelo com as duas mãos.

Dou uma olhada nele. Nós dois estamos presos entre o ódio e o amor, e encontramos uma aliança tentadora bem entre os dois. Memnon está fazendo tudo o que pode para evitar que eu volte a odiá-lo, e estou fazendo o que posso para não cair de cabeça e começar a gostar dele.

Ele inclina minha cabeça para trás para enxaguar o shampoo.

— Você viu quem estava atacando o Nero? — ele pergunta.

Fecho os olhos, com a náusea aumentando novamente com a lembrança.

— Acho que eram todas bruxas. Duas… — Minha voz falha. Abro os olhos. — Duas moram no meu dormitório.

Os olhos de Memnon são penetrantes enquanto ele me observa.

— Uma delas disse que a Lia estava atrás de mim.

A expressão do feiticeiro escurece, se tornando fria e determinada.

— Acho que essas bruxas podem estar trabalhando para ela, sei lá — termino.

Fazemos silêncio por vários segundos.

— Você sabe os nomes dessas bruxas? — Memnon finalmente pergunta. Uma crueldade arrepiante entrou em sua voz.

Hesito.

— Só de uma, e só o primeiro nome: Yasmin.

As feições de Memnon suavizam, tornando-se plácidas. Essa expressão é mais assustadora do que sua raiva. É o rosto que ele usa como senhor de guerra.

— Memnon, não quero que você machuque ela.

Seus olhos começam a brilhar um pouco enquanto sua magia surge.

— Ela tentou matar seu familiar. Ela te machucou. É tarde demais para ela, *est amage*. Ela já é uma mulher morta.

— Ela é uma irmã de coven e pode estar envolvida nisso contra a própria vontade — argumento.

— *Eu não ligo*. — Para ele, é bem simples assim. Yasmin me machucou, então agora ela deve morrer.

— Você não vai machucá-la — ordeno.

A mandíbula do feiticeiro se contrai e seus olhos brilham ainda mais.

— De boa — ele cospe a expressão entre dentes e, para lhe dar crédito, a usa exatamente como eu tenho usado: para encobrir uma mentira óbvia.

Estendo a mão e desligo o chuveiro, completamente desgastada pela noite. Memnon usa sua magia para convocar uma toalha para si. Ele me envolve enquanto outra flutua e se ajusta em sua cintura.

Mais uma vez, dá para cortar a tensão no cômodo com uma faca, só que agora é alimentada pela frustração, não pela química. Memnon não está acostumado a ficar encurralado assim. Parece que o laço que ele formou comigo está começando a irritá-lo.

Mal terminei de me secar quando a magia do feiticeiro leva embora nossas toalhas. Ele me pega e me leva para a cama, me colocando de leve no colchão e me aconchegando.

— Quer alguma roupa para dormir? — ele pergunta.

Meus olhos já estão fechando. Passei e muito do ponto de me importar.

— Assim tá bom. — Não é como se ele já não tivesse visto tudo.

Memnon se afasta da cama em direção ao armário, andando pelo quarto como um animal enjaulado. Mal registro o fato, até que ele sai do quarto.

Memnon, chamo, cansada, em nosso vínculo.

Sim, bruxinha?

Cadê você?, pergunto.

Vou te deixar dormir.

Ah.

Vários segundos se passam e acho que chego a cochilar, mas acabo acordando agitada.

Memnon?

Sim?

Não tenho certeza, mas ele parece um pouco divertido.

Você pode… voltar?

O outro lado do vínculo faz silêncio, mas um minuto depois, Memnon retorna vestindo apenas uma calça de moletom de cintura baixa. Ele fica parado à porta por vários segundos.

Estou meio adormecida quando estendo a mão para ele.

Parece levar mais uma pequena eternidade antes que ele se aproxime de mim e pegue minha mão, entrelaçando os dedos entre os meus.

Pisco sonolenta para ele.

Fica comigo até eu pegar no sono? Quero pedir mais, mas não tenho coragem.

Memnon usa a outra mão para passar os nós dos dedos pela minha bochecha.

Claro, imperatriz.

Ele solta minha mão e vai para a cama. Eu me viro, curvando o corpo para o dele.

— Boa noite, esposa — ele murmura.

— *Ex*-esposa — sussurro, corrigindo-o.

— *Futura* esposa — ele corrige de volta.

O sono toma conta de mim, me puxando para baixo. Estou cansada demais para discutir.

A última coisa que sinto antes de adormecer é a mão de Memnon no meu cabelo molhado e esse amor intenso, quase agonizante, escorrendo para dentro de mim através do nosso vínculo.

Em algum momento no meio da noite, sinto o toque de dedos no cabelo.

Preciso cuidar de algumas coisas, est amage. *Volto logo.*

Mas talvez as palavras de Memnon tenham sido apenas um sonho, porque quando acordo, ele está ali, dando beijos na minha pele. Na minha garganta, na junção do pescoço e ombro, e descendo pelo braço.

Eu deveria afastá-lo, mas meu vínculo está cantando de alegria, e os beijos parecem a realização de um desejo.

Bom dia, futura esposa, ele diz ao perceber que estou acordando, apoiado no antebraço. Ele ainda está por cima dos lençóis e não sei por que, mas isso é decepcionante para mim. O que é um absurdo.

Eu te proíbo de me chamar assim, digo, afastando o cabelo emaranhado do rosto.

Bom dia, noiva, ele corrige.

Assim também.

Bom dia, minha rainha cruel que exige o sangue dos nossos inimigos.

Sorrio.

Outro beijo no meu ombro. *Ah, você gostou dessa,* ele diz, percebendo.

Sabe, você é meu inimigo também, eu o lembro.

Então me castigue, ele exige.

Abro a boca, sem saber o que dizer, quando um som semelhante ao de unhas em uma lousa me salva de ter que responder. Vem do outro lado da porta fechada do quarto.

SCRIIIITCH. SCRIIIITCH.

Só existe uma criatura no mundo que faz esse barulho.

— Nero! — exclamo, animada. Não achei que minha pantera fosse acordar por um bom tempo. Mas ao som de suas garras, meu coração quase salta do peito.

Antes que eu consiga sair da cama, a magia índigo de Memnon se adianta e abre a porta.

Nero se esgueira para dentro e, assim que o vejo, deslizo para fora da cama de Memnon e corro até minha pantera, só me dando conta depois de que ainda estou peladona e um pouco zonza. Mesmo assim, passo os braços em torno de Nero, que aceita meu abraço, se esfregando em meu rosto e depois me dando uma lambida áspera.

— Como você ousa quase morrer na minha frente — sussurro, abraçando-o com mais força.

Ele esfrega a cabeça em mim novamente e depois se afasta. No começo, acho que é porque ele não é muito de denguinho, mas depois vejo que ele vai até o outro lado da cama, onde Memnon está, e coloca a cabeça na beirada dela.

Vejo os cantos dos olhos do feiticeiro formarem rugas. Memnon estende a mão e esfrega a cabeça de Nero.

— Você é um verdadeiro guerreiro — o feiticeiro diz, com a voz rouca. — Não me deve agradecimento nenhum por te curar.

Ah, puta merda. Esse homem com certeza vai fazer eu me apaixonar por ele.

Memnon olha para mim com um sorrisinho nos lábios. *Essa é minha mais profunda esperança, minha rainha.*

Capítulo 25

— Você não pode voltar para o coven — Memnon diz.

Nós dois estamos na cozinha do feiticeiro.

Memnon está sem camisa agora, de costas para mim, enquanto frita bacon no fogão. Tinha me esquecido de como ele cozinha bem; era um de seus hobbies naquela época.

— Peraí, o quê? — pergunto, com as sobrancelhas subindo.

Ele se vira para me encarar, cruza os braços sobre o torso ondulado. Posso ouvir o estalido do bacon frito, e o óleo deve estar respingando em suas costas, mas o feiticeiro não se mexe. Ele levanta o queixo.

— Não dá para você ficar lá.

Sem querer, meus olhos desceram pelo seu peito, seguindo o fluxo de suas tatuagens.

Pare de olhar para os músculos lindos dele.

— Tá de boa.

— De boa — ele repete, estreitando os olhos.

Tenho que me forçar a não reagir a essa expressão. Nós dois sabemos agora que costumo usá-la quando as coisas não estão nada de boa.

Eu me preparo para sua resposta. Em vez disso, ele diz:

— Sim, acredito nisso. Você é assustadora. — Não há zombaria em suas palavras. — Mas e quanto ao Nero?

Sua pergunta é um soco no estômago.

Nero.

Meu olhar se move para a floresta além da janela, para onde meu familiar foi há dez minutos. Embora esta seja uma parte diferente de floresta, que Memnon insiste ser seguro, ainda estou preocupada com o bem-estar da minha pantera desde que ela partiu.

Esfrego a testa e respiro fundo.

— Ô, merda — murmuro.

Memnon tem razão. Mesmo que eu entupisse meu quarto de sentinelas, e mesmo que estivesse disposta a enfrentar qualquer treta que apareça no

caminho… não estou disposta a arriscar Nero. De novo, não.

Faço careta.

— Você sabia que isso ia acontecer? — pergunto, talvez com um toque de acusação.

A expressão do feiticeiro suaviza e seus olhos parecem quase de pena.

— Não isso, especificamente. Mas, *est amage*, sempre tivemos inimigos. Não é algo novo ou surpreendente para mim.

Meus olhos vagam pela cozinha dele novamente. Memnon me observa como um falcão, absorvendo minha avaliação de sua casa. O barulho alto da panela o desperta e ele volta para o fogão.

— Então, de alguma forma, independente de toda a sua conspiração, acabei numa situação em que tenho que ficar com você — digo para as costas dele, meus olhos percorrem as tatuagens.

— Você não tem que *nada* — ele responde, girando a cabeça apenas o suficiente para que eu possa ver seu perfil cheio de cicatrizes. — Você é uma rainha — ele me lembra. — Você "faz o que quiser, caralho". — Ele faz uma pausa para desligar o fogo e tirar a panela do calor. Então, gira de volta para mim. — Mas eu quero você aqui. Esta é a sua casa. Aquele — ele aponta na direção do quarto — é o seu quarto e sua cama.

— *Nossa* cama — corrijo. — Seria a *nossa* cama.

O olhar de Memnon arde com intensidade.

— Você é quem manda, Selene. Se não me quiser, pode me mandar dormir em qualquer outro lugar. Você é quem está no controle. — É uma ilusão de controle, nada mais. — Esta casa e a floresta ao redor estão protegidas, e você e o Nero estarão seguros aqui. E enquanto isso, vamos trabalhar juntos para encontrar essa tal Lia e vamos detê-la.

Então, talvez depois eu possa voltar à residência do coven.

Respiro fundo e assinto com a cabeça.

— Tá bom. Eu fico. — Só até que seja seguro para Nero. — Ainda vou ter que voltar no campus, pelo menos algumas vezes. Preciso de umas coisas de lá. — Como minhas roupas, meus cadernos, meu computador e meus livros didáticos. — E vou continuar frequentando as aulas — digo, levantando um pouco o queixo. Lutei muito para ser aceita no Meimendro. Não vou deixar umas bruxas desonestas estragarem tudo para mim.

Talvez se o feiticeiro fosse um homem moderno, acharia a ideia de eu voltar para o campus extremamente tola. Mas Memnon é um senhor da

guerra e um rei. Ele sempre se meteu no meio dos inimigos na cara dura, e sempre presumiu que eu faria o mesmo. Não é da natureza dele — da natureza de *qualquer* sármata — ser intimidado por um oponente.

O feiticeiro atravessa a cozinha e para perto o suficiente para inclinar meu rosto diante do dele, seus anéis de ouro pressionam minha pele.

— Faz sentido, Selene — ele diz, observando minhas feições. — Mas se for para você estar entre inimigos, não dê a eles esse tratamento moderado e moderno. Eu não estou nem aí para quais pensamentos compassivos preenchem esse seu coração. Se alguém sequer te olhar torto, use sua magia e use para matar.

Capítulo 26

Tem outra bruxa desaparecida.

Fico sabendo disso dez minutos depois de chegar ao campus, bem quando me acomodo no meu lugar para a aula de Introdução aos Feitiços Básicos.

A notícia me deixa sem fôlego. Será que a bruxa desaparecida é uma das que atacou Nero? Houve pelo menos uma cuja garganta ele dilacerou.

Pela deusa, ela só pode ter morrido. Tento não entrar em pânico quando me lembro disso. O que aconteceu com o corpo? Será que ainda está por aí, esperando ser encontrado? Ela poderia ter sobrevivido? Ou é a bruxa desaparecida, cujo corpo foi transportado em algum momento nas últimas doze horas?

Ao longo da aula, faço anotações com dificuldade, mas não estou prestando atenção. Em vez disso, minha mente não para de girar. Bruxas foram assassinadas e agora bruxas estão desaparecidas — Kasey sendo uma delas, e agora outra. Ambos os desaparecimentos aconteceram logo após as batalhas. Será que a pessoa para quem elas trabalham pode estar limpando alguma evidência? Ou será que…

Preciso cuidar de algumas coisas, est amage. *Volto logo.*

Talvez isso não tenha sido apenas um sonho. Talvez Memnon tenha saído mesmo.

Chamo o feiticeiro em nosso vínculo. *Você retirou algum corpo da floresta ontem à noite?*

É um pensamento intrusivo *ou é a minha bruxinha?*, Memnon responde.

Olho para o teto. *Memnon.*

Sinto o calor do seu sorriso em nosso vínculo.

Já falei que estou com saudades?

Memnon, fala sério.

Quase posso sentir suas próximas palavras: *estou falando sério*.

Mas ele não as diz. Em vez disso, responde, evasivo: *Voltei lá e removi qualquer evidência que pudesse ser incriminatória.*

Incluindo corpos?

Acredito que havia um corpo envolvido. Talvez até dois.

Meu estômago embrulha. Bruxas morreram ontem à noite e, embora meu sangue ainda ferva por terem tentado matar meu familiar, sinto náuseas ao pensar em mais vidas perdidas.

Pare com isso, diz Memnon, interrompendo meus pensamentos.

Parar com o quê?

Pare de deixar sua culpa obscurecer a verdade. Aquele foi um ataque planejado ao seu familiar. Você e ele se defenderam contra isso e, no processo, algumas de suas agressoras morreram. Mais morrerão se forem tolos o suficiente para enfrentar você de novo, ele diz com fervor.

O nó que se forma no meu estômago agora se solta. Até então eu não sabia que estava precisando ouvir essas palavras.

Agora vá estudar. Te vejo às seis em ponto.

Abruptamente, Memnon se afasta do nosso vínculo, me deixando ponderar sobre suas palavras.

Minha magia laranja-pálida paira ao meu redor como uma nuvem de tempestade quando entro no dormitório depois da aula. Estou pronta para um confronto com Yasmin ou com aquela outra colega de casa.

Mas hoje a casa está quase toda silenciosa. Apenas algumas bruxas permanecem nas áreas comuns, não são nelas que estou de olho.

Vou para o meu quarto, e meu coração fica apertado quando vejo a cama vazia de Nero. Vou arrumando às pressas o que preciso e coloco perto da porta. Odeio ser forçada a sair daqui.

Não é definitivo, prometo a mim mesma.

Tenho um tempinho entre agora e minha próxima aula, e há um milhão de coisas que eu poderia fazer com o tempo precioso que me resta no campus.

Acabo não fazendo nada.

Em vez disso, desço para o salão de jantar da minha casa e passo por uma porta discreta que leva à cozinha. Lá dentro, duas bruxas estão trabalhando. Basta olhar para a lista de tarefas pendurada na parede adjacente e ver que vai ser minha vez de ajudar a preparar uma refeição na próxima semana.

Meu poder aumenta quando observo o rosto das bruxas, mas se acalma um pouco quando me dou conta de que nenhuma delas é a da noite passada.

Passo por elas e vou em direção ao freezer de metal. O ar frio sai sibilando quando abro. Por dentro, vejo exatamente o que procurava.

— O que você tá fazendo? — uma delas exige saber.

Pego um enorme pote de sorvete.

— Vou jogar isto fora. Teve um *recall* deste lote de sorvete — digo. — Rolou um surto de listeria na fábrica.

— Eita — uma das bruxas diz, parecendo perplexa. A outra me olha com ceticismo.

Saio de lá carregando a caixa de tamanho industrial. Quando chego ao refeitório, uso minha magia para chamar uma colher para mim. E então vou para uma das salas de convivência da minha casa.

Me sento de pernas cruzadas no sofá, coloco a caixa no colo e começo a encher a cara de sorvete napolitano.

Preciso ir para a aula, preciso terminar a leitura, preciso terminar meu dever de casa de feitiços…

Minhas mãos coçam para escrever tudo isso em um dos meus cadernos, mas como os deixei no quarto, só repasso feito louca a lista na cabeça, tentando gravá-la no cérebro para não esquecer.

Tenho que checar se peguei tudo de que preciso para… para…

Enfio outra colherada de sorvete na boca, em pânico.

Hoje à noite.

A noite surge feito ameaça na minha mente. Uma coisa era ficar com Memnon quando eu e Nero estávamos feridos. Outra é escolher ficar lá de bom grado. E agora que minha mente não está ocupada fazendo anotações ou me preocupando com o desaparecimento de bruxas, tenho todo o tempo do mundo para me estressar sobre *morar com o Memnon*.

Pego outra bola enorme de sorvete.

Uma bruxa passa e para à porta da sala. Eu a reconheço, é a mesma que, semanas atrás, caiu no sono no meio da escada com sua familiar raposa. Acho que o nome dela é Rosemary.

— O que você tá fazendo com isso? — ela pergunta, seu tom ao mesmo tempo curioso e acusador enquanto ela olha o pote de sorvete de tamanho industrial.

— Está na cara que roubando — digo. Um furtinho desses não chega aos pés de alguns dos crimes que testemunhei recentemente.

A bruxa dá uma olhada no corredor e depois se dirige para o refeitório.

Ela retorna menos de um minuto depois com uma colher.

— Chega pra lá, Selene — ela diz, se sentando ao meu lado. — Me dá um pouquinho.

Minhas sobrancelhas se erguem ao som do meu nome (não sabia que ela me conhecia), mas abro espaço para ela.

— Tá tudo bem? — ela pergunta, enquanto um grupo de três bruxas nos avista.

— Por que não estaria? — pergunto de volta. Ela foi uma das bruxas que me atacou? Eu a reavalio.

Rosemary pega uma colherada de sorvete.

— Ninguém rouba um pote de sorvete e come sozinha sem estar num dia bem bosta.

Tipo, tecnicamente, eu poderia só gostar muito de sorvete e não ligar para as consequências.

Mas ela tem razão.

— Eu tô só… sobrecarregada… com as coisas ultimamente — admito. Enquanto falo, as três bruxas que notei antes entram, cada uma carregando colheres.

Ô, droga. Agora vou ter que dividir.

Olho para cada uma delas, relaxando um pouco ao ver que nenhuma delas é a bruxa da noite passada.

Elas ainda podem estar lá na floresta. Ou podem estar no círculo mágico. Elas podem estar conspirando contra mim agora mesmo.

Odeio esses pensamentos e odeio ter que pensar neles. O que eu mais queria no último ano era vir para Meimendro e fazer amizade com outras bruxas. Mas agora vivo paranoica, como aqueles inquisidores medievais que pareciam encontrar bruxas em cada sombra e demônios em cada bruxa.

Rosemary faz um murmúrio de concordância, alheia ao meu monólogo interior agitado.

— Estamos todas, minha irmã — ela diz enquanto as três bruxas se amontoam no sofá.

Uma das outras moças acrescenta:

— Ouvi dizer que o coven está pensando seriamente em fechar as portas.

Olho para seus grandes olhos castanhos, alarmada.

— Como é? — Uma de suas amigas ecoa meus pensamentos. — Quem disse isso?

— Ouvi uma professora discutindo o assunto com outro membro do corpo docente quando cheguei para tirar umas dúvidas.

— Por quê? — Rosemary pergunta. — Nenhuma outra bruxa morreu desde o baile.

— Mas mais desapareceram — a bruxa diz, ajeitando para trás o cabelo castanho encaracolado antes de pegar outra colherada de sorvete. — Sem contar que tem muitos pais com raiva, decidiram até processar o coven.

Todo mundo faz silêncio.

Não quero que o Coven Meimendro feche, não depois de todo o esforço que fiz para ser aceita, ficar aqui e fazer tudo dar certo. No entanto, não é como se as preocupações fossem inventadas.

Mais bruxas entram na sala, algumas delas com colheres, outras pedindo emprestados os talheres de suas irmãs de coven.

Estou começando a ficar agoniada com o enxame quando avisto Sybil à porta, com sua coruja Merlin empoleirada no ombro.

Ela deve ter visto o pânico crescente em meus olhos, porque sorri antes de atravessar a sala e o grupo de bruxas estar ao meu redor.

— Tá bem, já chega de lanchar, né? — Sybil brinca, agarrando minha mão e me puxando do sofá. Outra bruxa pega a caixa de sorvete, já meio comida, com sua magia antes que ela caia no chão.

Sybil tira a colher da minha mão e a entrega para outra bruxa que precisa de uma, depois me leva para fora da sala e até o quarto dela. Assim que a porta se fecha, ela se apoia na madeira.

— Beleza — ela diz. — Por onde você andou, porra? — Ao ouvir o tom dela, Merlin bate as asas antes de se reacomodar. — E nem me venha de palhaçada. Kane me ligou agoniado ontem à noite, perguntando se você chegou bem em casa e, quando fui ver, você não estava aqui.

Enquanto ela fala, sua magia lilás emana do corpo, um sinal claro de sua agitação. Ela tece através do meu próprio poder, que ainda paira ao meu redor.

Engulo em seco.

— Ontem à noite foi uma merda, Sybil — admito. — Alguém tentou matar o Nero.

O horror toma conta de suas feições.

— Como é? — ela pergunta, baixinho.

Conto tudo a ela, desde o encontro com os metamorfos até o ataque e a volta para casa com Memnon. E eu sei que desconfio das bruxas em geral, e talvez isso deva se estender a Sybil, mas, honestamente, preciso de alguém além de Memnon em quem confiar. Minha amiga olha para o teto, soltando um suspiro entrecortado.

— Odeio esse nosso novo normal. Você some e eu fico preocupada se você se machucou ou pior. — Ela não expressa o que é *pior*, embora nós duas saibamos o que ela quer dizer.

Morta.

Ela continua:

— E agora são bruxas que estão atrás de você, bruxas que a gente *conhece*, e Memnon que é o mocinho? — Sybil balança a cabeça, a ação sacode um pouco sua coruja. — Que porra de universo paralelo é esse?

Olho para minhas mãos, minhas emoções estão uma bagunça.

— Sei lá. Eu *odiava* ele. E… ainda odeio… — Cerro os punhos. — Caralho, já nem sei. Ele salvou Nero e tem sido bom para mim. Sei que ele não merece uma segunda chance, mas…

— Olha, Selene — Sybil interrompe. — Faz o que te deixa feliz. Pessoalmente, com todos os desaparecimentos, deve ser mais seguro mesmo você ficar fora do campus. Se acontecer de você e o Memnon foderem com ódio no meio do caminho, melhor pra você. Ele tem cara de que fode pra valer.

— Sybil! — Dou um empurrão na minha amiga e ela gargalha, caindo de costas na cama, enquanto Merlin voa para seu poleiro acima da cabeceira.

— Só se cuida e usa muitas poções anticoncepcionais — ela acrescenta. — Um feiticeiro só já é mais que suficiente.

Capítulo 27

Minhas malas estão prontas, dentro da cozinha de feitiçaria, enquanto trabalho na tarefa final que quero concluir antes de voltar para a casa de Memnon. Ou seja, fazer um amuleto de proteção para Nero. Ou pelo menos tentar fazer um.

O trabalho com feitiços é um negócio meticuloso e complexo. É bem fácil para uma bruxa canalizar sua intenção em seu poder enquanto o lança, mas a elaboração real de um feitiço, que extrai magia principalmente de coisas externas, é como tecer uma tapeçaria. Existem muitas peças móveis. Mas, se feito direitinho, o talismã protetor é como uma sentinela portátil, cuja força pode aumentar com o tempo.

Apesar de a última vez que tentei fazer um amuleto ter sido um desastre, estou determinada a acertar, pelo bem de Nero.

Olho para o grimório aberto no balcão.

Tresdobro por tresdobro de espinho de rosa

Que porra é *tresdobro*? Sei que sou uma bruxa e isso soa bem a minha praia, mas tem uns termos antigos que nem eu entendo.

Uma pesquisa rápida na internet depois, e tudo bem, *tresdobro* significa triplo, e acho que eu deveria ter presumido isso.

Então, o triplo do triplo… três vezes três — nove. Donzela, Mãe e Anciã, podiam só ter dito “nove”.

Estou reclamando baixinho enquanto pego as rosas que já colhi na estufa da residência. Quando a maioria dos feitiços pede rosas, eles querem as pétalas ou o óleo prensado. Este não. Este pede os espinhos.

Começo a tirá-los depressa do caule, contando à medida que tiro. Estou removendo o nono quando…

— Desgraça — xingo. Um dos espinhos se alojou na minha carne. Arranco o último espinho e jogo oito dos nove no caldeirão fervente. O

nono eu tiro da palma da mão, fazendo careta quando ele sai ensanguentado.

Seguro-o sobre o caldeirão, paralisada por aquele líquido vermelho. Eu já usei magia de sangue — magia das trevas — antes. Senti sua pressão sedutora e proibida, e ouvi vozes sombrias me chamando quando usei.

Eu deveria enxaguar as mãos e pegar outro espinho, sem sangue.

Em vez disso, ainda em transe, solto o que está na minha mão, deixando-o cair no caldeirão. Ele sibila no momento em que faz contato, e uma fumaça brilhante sai da poção.

Pisco algumas vezes e respiro fundo. Bem, acho que está decidido.

Passo para o último ingrediente, indo ao outro lado da cozinha para pegar o pote rotulado *Pernas de Sapo (colhidas eticamente sob a lua cheia)* — seja lá o que isso signifique — e tiro uma, jogando-a na preparação.

Observo o troço no caldeirão borbulhante, me perguntando o que as pernas do sapo — colhidas eticamente ou não — têm a ver com magia das trevas. Cadê o limite? As bruxas não dizem mesmo, e tenho uma sensação desconfortável de que isso cai naquela área cinzenta, onde só está tudo bem até que alguém no futuro diga que não está.

É, bom, já devo estar toda fodida.

Toda fodida? A voz de Memnon é o puro som do pecado. *Ah, não, bruxinha, você nem começou a experimentar o que significa ser toda fodida.*

Pressiono a mão na cabeça. *Ninguém te chamou na conversa*, digo, contendo o pensamento de que, apenas alguns dias atrás, Memnon de fato me fodeu todinha.

A conversa?, Memnon repete. *Com quem mais você está falando? Por favor, não me diga que você envolveu a pantera nisso.*

Memnon.

Sinto-o sorrir e, em resposta, todo o meu corpo parece ganhar vida. Ultimamente, o feiticeiro tem sido… atrevido. E deusa me ajude, acho que gosto disso.

Vejo você em breve, imperatriz.

Ô, merda, é mesmo. O relógio cuco montado na cozinha de feitiçaria diz que tenho dez minutos, embora possa estar errado — a magia o deixa meio atarantado.

Limpo o balcão com pressa e mexo o caldeirão.

O grimório lista uma encantação como etapa final. Levanto a mão sobre o caldeirão e leio em voz alta:

— *Coração mortal de infortúnio e ira, não verá minha forma se contra mim conspira. Afaste o mau olhado, proteja meu corpo e seja abençoado.*

Um clarão de luz ilumina a mistura e vejo todos os ingredientes sólidos se dissolverem no líquido.

Do bolso, retiro um cordão de couro macio que encontrei em uma das gavetas da cozinha de feitiçaria. Nele, pendurei um antigo pingente de quartzo que costumava usar. Agora mergulho a pedra e o cordão na poção, me certificando de que tudo esteja submerso. Quando retiro, o brilho suave da minha magia laranja-clara cobre o pingente e o cordão antes de penetrar nos objetos. Posso sentir a sentinela se apossando dele.

Consegui. Fiz meu primeiro amuleto com sucesso.

Depois que a sentinela se assenta por completo, coloco o amuleto fresquinho no bolso.

Pela primeira vez desde que Nero foi atacado ontem à noite, consigo respirar direito.

Agora, hora de encontrar Memnon.

Capítulo 28

Minha alma gêmea chega numa moto reluzente, com o cabelo escuro esvoaçando ao vento, sem capacete.

Puta merda.

— O que é isso? — pergunto na calçada em frente à residência, com as malas aos pés.

Ele levanta uma sobrancelha, depois olha para a motocicleta entre suas pernas antes de olhar para mim de novo.

— Você que é destes tempos modernos. Imagino que já saiba.

— Você quer que *eu* monte nessa coisa? — As estradas por aqui são sinuosas, montanhosas e muitas vezes esburacadas. Muitas áreas não têm grades de proteção, e as quedas são altas. A ideia de fazer aquelas curvas numa moto me dá um arrepio na espinha.

Memnon se levanta do assento.

— Julgando bastante para uma mulher que não tem veículo.

— Considerando que você *roubou o seu*, acho que tenho o direito de julgar.

— Tá com medo, bruxinha? — Memnon pergunta, olhando para mim.

— Não — digo rápido. Rápido até demais.

Um sorriso pecaminoso floresce em seu rosto.

— Está, sim.

Talvez seja sua alta estatura. Talvez seja a roupa, uma camiseta preta simples e uma calça preta enfiada em coturnos, que parece exibir cada centímetro terrivelmente lindo de seu corpo e mostrar sua natureza perigosa. Ou talvez seja o rosto dele, com as maçãs do rosto irritantemente salientes e aqueles lábios perversos. Mas ele me tira o fôlego. Ele parece algo mítico e esquecido. Ele se aproxima.

— Eu cuido de você, Selene — ele diz, a voz rouca. — Você sabe disso.

Acho que me aproximei dele, atraída pelo magnetismo que ele tem.

Seu olhar se dirige para minha residência.

— Ou a gente pode ficar aqui, quem sabe jantar. Você pode me apresentar para as suas irmãs de coven, e eu posso ler as mentes delas, uma por uma. — Sua expressão fica fria, cruel. — Poderia ser um jogo. Ver quantas bruxas sobrevivem à noite.

Memnon parece meio convencido de seu próprio plano quando passa por mim e começa a caminhar até minha casa.

Ô, merda. Ele não está falando sério, né? Corro atrás dele.

— Peraí. Peraí, caralho — digo, agarrando-o pelo pulso. — Contanto que você tenha um capacete para mim, eu vou na sua máquina da morte.

Afinal, é melhor do que ficar aqui no meio das minhas inimigas.

A viagem é assustadora.

Memnon mora alguns quilômetros ao sul do coven, e a estrada principal que vai do Meimendro até sua casa é bastante sinuosa.

Apesar da magia de Memnon, que envolve nossas cinturas e me mantém no lugar, eu me agarro a ele como se minha vida dependesse disso. Em nosso vínculo, posso sentir sua diversão e o brilho de seu afeto.

Que bom que ele está curtindo. Pelo menos *um* de nós está.

Quando chegamos à casa de Memnon, quase choro de alívio. Meus membros parecem desossados de tanto tempo tensos.

Desço da moto e tiro o capacete que Memnon acabou levando para mim.

Acima da linha das árvores, o Sol está se pondo, mas não é o céu que me tira o fôlego. Do lado de fora da casa do feiticeiro, dezenas de lanternas flutuam logo acima, e as chamas bruxuleantes dentro delas dão ao local um ambiente mágico e macabro.

Usando uma pitada de magia, Memnon pega minhas malas do minúsculo compartimento de armazenamento de sua moto mortal…

Cavalo de aço, ele me corrige.

… e vem para o meu lado.

— Você fez isso por mim? — pergunto, apontando para as lanternas.

Seus olhos passam pelo meu rosto, então ele faz que sim com a cabeça.

— Por quê?

— Queria trazer um pouco da magia do seu coven para cá — admite.

Franzo a testa enquanto meu coração dá um pulinho.

Um movimento no canto do olho me faz desviar a atenção da casa.

O alívio toma conta de mim quando vejo meu familiar galopando em nossa direção. Eu me ajoelho e pego Nero nos braços, o peso dele quase me joga para trás.

— Que saudade — sussurro, abraçando-o com força, enquanto ele esfrega a cabeça na minha.

Não é natural estar tão longe do meu familiar. Durante todo o dia, houve uma pontada persistente na minha mente, como se eu tivesse esquecido uma lembrança importante. Estou tão acostumada com esse sentimento que não percebi até agora que era porque eu e Nero estávamos separados.

— Trouxe uma coisinha pra você — digo.

Minha pantera me observa, provavelmente na esperança de que seja comida. Em vez disso, pego o cordão.

— Coloquei uma sentinela aqui pra te proteger, para que você fique seguro enquanto estiver caçando. — Honestamente, eu deveria ter feito isso há muito tempo.

Nero abaixa as orelhas, e acho… acho que ele está ofendido.

— *Não é* uma coleira. É um amuleto protetor.

Ele solta um resmungo pequeno e descontente.

Babaca mal-humorado.

— É para a sua segurança — insisto.

Memnon aparece atrás de mim.

— Use só por ela, e eu te dou um novo corte de carne de veado assim que a gente entrar.

A cauda de Nero se contorce de irritação, mas ele abaixa a cabeça e me permite amarrar o amuleto protetor em seu pescoço.

Olho para Memnon por cima do ombro, em parte irritada, mas principalmente grata por seu suborno ter funcionado.

— É só uma solução temporária — prometo.

Assim que termino de prender o colar, Nero segue na direção da casa, com o rabo ainda se contorcendo, agitado.

Ele vai superar, Memnon diz em nosso vínculo. *Agora, venha,* est amage. *Vamos guardar suas coisas*.

Levanto as sobrancelhas quando vejo o interior da casa de Memnon pela primeira vez após a reforma. Conjuntos de velas em forma de pilar revestem todas as superfícies disponíveis — prateleiras, mesas de canto e até mesmo o chão em alguns locais — com a cera pingando por todo lado.

Aposto cinquentinha que vou derrubar alguma sem querer e provocar outro incêndio na casa.

Há um som suave e sussurrante que acompanha centenas de pequenas chamas queimando os pavios, e que atrai minha magia para a superfície da pele. Estendo a mão enquanto passo por um conjunto de velas, deslizando os dedos pelas chamas.

A porta da frente se fecha atrás de mim e ouço Memnon colocar minhas malas no chão. Quando olho para ele, ele está me observando com atenção; sua cabeça está um pouco inclinada, avaliando minha reação.

— Mais detalhes mágicos para apreciar? — pergunto.

— Não — ele responde, vindo até mim. Para na minha frente e continua a olhar para o meu rosto, seus olhos cor de âmbar brilham na penumbra. — Eu só queria me lembrar de como a luz do fogo dançava no seu rosto.

Ele continua a olhar para mim, e sua expressão faz meu coração disparar. Ele costumava me olhar assim o tempo todo. Não sabia que era algo de que sentia falta até este exato momento. Sem pensar, dou um passo na direção dele, meus olhos caem para seus lábios.

O que aconteceria se eu decidisse que poderíamos ser algo além de inimigos — ou mesmo algo além de aliados com benefícios? E se eu cedesse aos meus desejos mais profundos e ocultos, da mesma forma que as bruxas são encorajadas a fazer?

A ideia é tentadora demais para deixar passar, ainda mais quando Memnon está bem aqui, esperando que eu faça alguma coisa.

Com muito cuidado, com muito propósito, envolvo seu pescoço com a mão, puxando seu rosto para o meu. Seus olhos brilham quando me inclino e dou um beijo em seus lábios, desfrutando de um breve gosto dele.

Suas mãos fazem menção de me pegar pelos braços, mas já estou me afastando e saindo do seu alcance.

Estou jogando um jogo perigoso com este homem. Sei disso e posso ver as provas: há um quê de calculista na expressão da minha alma gêmea, que faz meu coração vibrar. Ele está olhando para mim como se tivesse avistado uma presa.

Graças ao vínculo forjado entre nós, também estou completamente no controle. Uma palavra minha, e posso mudar todo o clima da noite.

Dá para ficar intoxicada com este tipo de poder. E pode ser que eu fique.

Enquanto Memnon cumpre sua promessa e dá à pantera seu pedaço de carne, mando uma rápida mensagem noturna de prova de vida para minha mãe, desta vez com uma *selfie* mandando um beijo para ela. Então, entro na sala de jantar da casa. A visão diante de mim me faz parar no meio do caminho.

A longa mesa de carvalho esculpida à minha frente está repleta de travessas de comida. Uvas se derramam de tigelas, queijos ficam ao lado de fatias grossas de pão e um frango assado inteiro brilha numa travessa.

Uma nuvem fina e brilhante da magia do Memnon cobre o espaço. Passo a mão pela magia, observando com grande admiração, enquanto ela esvoaça em minha direção como se eu fosse um ímã.

Já vi esse feitiço muitas vezes antes. É ridículo de mundano. Um feitiço de frescor — para manter a carne quente, o pão macio e úmido, as hortaliças crocantes e evitar que os laticínios azedem.

Memnon então entra na sala, indo para o outro lado da mesa, onde acompanha meus movimentos sob mais velas.

Enquanto brinco com sua magia, o feitiço se dissipa, meu toque é o suficiente para quebrá-lo. Entre a luz bruxuleante das velas, as sombras profundas e a mesa repleta, me lembro daquele jantar final, pouco antes de sermos traídos.

Mas não consigo pensar nisso sem lembrar de como terminou. Ainda consigo ouvir os passos dos soldados romanos se aproximando de mim naquela noite. Ainda posso ver os corpos ensanguentados da mãe e da irmã de Memnon. Seus ossos reduzidos a pó, suas vidas apenas o fantasma de uma memória. Civilizações inteiras vieram e se foram, e o mundo se esqueceu.

Tudo o que resta somos nós dois. Só nós dois.

Afasto o pensamento sombrio.

— Parece que deu muito trabalho — digo, baixinho.

— Não é trabalho se te dá prazer — Memnon responde. Aí está, o passatempo ressuscitado da minha alma gêmea. Fico estranhamente feliz em saber que ele o reencontrou.

Puxo a cadeira à minha frente e me sento, notando a bebida que ele já serviu para mim.

— Me enchendo de vinho, *est xsaya*? — brinco. Seus olhos brilham com o título. — Mesmo sem eu ter idade legal para beber? *Muito* ousado da sua parte.

Memnon arqueia uma sobrancelha e se senta à minha frente.

— Você bebia vinho com especiarias desde criança.

É a Roxilana que ele está se referindo.

— Mas, se quiser se abster… — Ele dá de ombros.

Pego a taça e bebo um gole. Ergo as sobrancelhas com o gosto. É mais fino do que estou acostumada, e aromatizado com mel e canela.

Mais uma vez, o passado me vence. Posso sentir o ar denso do verão, o fedor forte das ruas romanas, o sonho desesperado de partir. Depois, fogueiras e carroças de madeira rangendo e corpos suados que cheiram a crina de cavalo e grama selvagem. O passado está logo ali, tão perto que juro que poderia entrar nele.

Mas tão rápidas quanto as memórias surgem, elas desaparecem, deixando apenas uma dor em seu rastro.

A pele ao redor dos olhos de Memnon fica enrugada de alegria.

— O sabor não é tão… *pungente* como antes…

Dou risada, porque, porra, ele tem *toda a razão*. Alguns dos vinhos que a gente bebia tinham aditivos como pimenta e coentro — até mesmo giz e água do mar. O passado era louco, cara.

— Você sente falta? — Memnon pergunta depois de um momento, e ele deve estar lendo meus pensamentos.

Agora?

— Talvez um pouco — admito. — Mas o passado já se foi.

— Não para nós — Memnon diz, falando em sármata. — O passado está vivo em nós. Eu e você somos eternos, minha rainha.

Eu o encaro, presa em seu olhar. Não quero continuar olhando para ele — sinto que ele consegue ver coisa demais —, mas também não consigo desviar o olhar.

Começa a chover, o som ressoa na lona acima do teto de madeira exposto. Subo o olhar para o teto.

— Você pode até ficar molhada hoje, *est amage*, mas não vai ser por causa da chuva.

Meu olhar volta para Memnon e meu íntimo se contrai. Já tenho uma resposta engatilhada na ponta da língua, mas assim que ela vem, engulo as palavras.

Não quero chavecar, provocar ou discutir com Memnon. Não quero brincar agora. Tenho um sentimento nostálgico e agridoce aqui nesta sala onde o passado ainda está vivo.

Um celular vibra, me tirando do momento. Acho que é o meu, mas então Memnon puxa o dele do bolso. Ele olha para a tela e guarda sem atender.

— Quem está te ligando? — pergunto, curiosa. Sinto uma emoção inominável com a ideia de Memnon ter um outro lado de sua vida do qual eu não estou a par.

— Você poderia ficar a par — ele responde.

— Sai da minha cabeça.

— Eu seguiria suas ordens se pudesse, imperatriz, mas é você, não eu, quem está transmitindo esses lindos pensamentos. Quanto à chamada, é o mago para quem trabalho.

Aquele que acredita ter enlaçado Memnon.

Levanto as sobrancelhas.

— Não vai atender?

— Se eu atender, ele vai acabar me dando uma ordem que me tiraria de perto de você e, *est amage*, eu não quero isso.

Sou mais uma vez capturada pelo olhar dele, e estamos em Roma, estamos nas planícies da estepe pôntica, estamos em Bósforo. Tudo volta rápido — a sensação de que estou em algum precipício, esperando para pular. Esperando cair.

— E o que você quer? — pergunto.

— Você sabe o que eu quero — ele desafia. — É a única coisa que eu quero desde que acordei.

Eu, no caso.

No entanto, ele só fica sentado, esperando. Como se *eu* devesse ir até ele.

Sinto uma inquietação crescente em mim.

Você pode, diz uma vozinha dentro de mim. *Você pode fazer o que quiser. Qualquer coisa. Você pode até ceder a esses desejos profundos e ocultos. Você quem manda. Você está no controle.*

A magia emana de mim, meio em agitação, meio em ansiedade, apagando todas as velas e nos deixando na escuridão. Não fiz isso de propósito, mas depois que a última vela se apaga, não tento reacender. Em vez disso, faço um gesto com o pulso, e os pratos formam uma pilha, enquanto meu poder os afasta do meio da mesa.

Na escuridão, fico de pé e subo na mesa. Não sei exatamente o que estou fazendo, mas minha magia corre em minhas veias e meu vínculo me atrai para mais perto. A madeira range sob meu peso quando a atravesso. Desço, direto para o colo de Memnon.

— É isso o que você quer? — pergunto, colocando as mãos em seus ombros.

As mãos do feiticeiro pousam em meus quadris.

— *É* — ele sussurra, seus olhos brilham na escuridão. A chuva bate acima, deixando o espaço particularmente íntimo. — Mas não precisa se preocupar com o que eu quero. O que *você* quer?

Esta é uma armadilha preparada com habilidade. É tarde demais para eu me importar.

— Eu quero você — sussurro na escuridão.

Me inclino para frente, e meus lábios encontram os dele. O beijo que dou nele é bruto, ressentido. Eu não quero querê-lo, mas eu quero.

Memnon agarra um punhado do meu cabelo, puxando-o com a mesma força que me beija de volta. *Então você me terá*.

As mãos de Memnon voltam para meus quadris e ele fica de pé, me levantando com ele. Acho que ele vai me colocar na beirada da mesa, mas, em vez disso, me carrega para fora da sala de jantar.

O resto da casa ainda está iluminado pelas velas acesas. Passamos por Nero, que está roendo o osso que Memnon deu junto da carne, e seguimos para os fundos da casa. À medida que avançamos, meu poder vai apagando as velas uma por uma, banindo a luz da casa. Não é minha intenção fazer isso, mas minha mágica está gostando de se rebelar hoje.

Estou ocupada demais beijando Memnon para me importar.

Não há velas no quarto do meu parceiro. A única luz vem da lua e dos postes lá fora. Fico feliz, a contragosto, pelo feiticeiro não ter presumido

que seu plano daria nisso.

Ainda estamos nos beijando quando ele se senta na cama, me mantendo empoleirada em seu colo. Já fizemos isso mil vezes antes, e Memnon geralmente já está tirando minhas roupas e abrindo minhas pernas a esta altura.

Mas hoje não.

Hoje, ele está contido, o que só parece atiçar ainda mais esse aspecto selvagem e inquieto da minha magia. Cordas do meu poder se estendem, principalmente para acariciar Memnon na escuridão, mas também para derrubar as coisas. À medida que se move ao nosso redor, minha magia vai formando alguns orbes, com a luz laranja-pálida flutuando perto do teto.

Desde que forjou o enlaço entre nós, Memnon parece um tanto relutante em ficar comigo. O feiticeiro prende uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. A julgar pela forma como ele olha para mim, posso dizer que ele ouviu este último pensamento.

— Você acredita que eu te manipulei em tudo. E eu fiz isso mesmo. Durante semanas, eu fiz. Não quero que você ache que, quando estou dentro de você, também te manipulei a isso. Esse é o único limite que escolhi nunca ultrapassar, mesmo quando estava enfurecido com você. E ainda me recuso a ultrapassar, até que você tenha certeza de mim. Então, por enquanto, quando se trata de sexo, você vai ter que liderar.

Mais uma vez sinto minha agitação anterior, junto do meu desejo crescente.

— Eu posso ordenar que você lidere.

— Pode. Mesmo assim, você ainda estaria liderando.

Eu me desenrosco, nem que seja para me afastar um pouco. Não consigo raciocinar quando estou tão perto assim dele.

Presumi que isso fosse uma armadilha destinada a me atrair. Mas talvez não seja. Talvez a única armadilha sejam minhas próprias emoções conflitantes.

Eu quero o Memnon. Eu o quero há algum tempo. E estou cansada de lutar contra isso, mas tenho medo de deixar de lado minha amargura, de deixar de lado minha animosidade. Não tenho certeza se estou pronta para isso.

Quando me afasto da cama, meus olhos se prendem numa mochila preta com uma corrente de ferro parcialmente pendurada para fora dela.

Não é uma corrente, percebo.

Algemas.

Levanto uma sobrancelha e olho para Memnon.

— Pra que é aquilo ali? — pergunto.

Sua boca se curva num sorriso malicioso.

— Não faça perguntas para as quais não quer respostas, *est amage*.

— Você tem usado isso nas pessoas? — continuo, vou até a bolsa e pego as algemas.

Memnon se levanta do colchão e se aproxima de mim.

— Quer falar disso agora, imperatriz? Posso prometer que a noite vai tomar um rumo bem diferente.

Memnon está muito perto.

Não sei o que dá em mim, mas olho para seu pulso e prendo uma das algemas nele. Com um clique alto, ela se encaixa no lugar.

Memnon levanta a sobrancelha.

— Devo ficar preocupado?

Com um tilintar, algemo seu outro pulso. Memnon nem se dá ao trabalho de se opor.

— Você queria que eu liderasse. Não vá se arrepender agora.

Sinto uma emoção perversa ao ver os pulsos deste homem acorrentados.

Memnon olha para as mãos amarradas.

— Então, eu sou seu prisioneiro. — Quando seus olhos encontram os meus, há muita intensidade neles. Intensidade… e *desafio*. Como se ele achasse que eu não vou fazer nada com o poder que tenho sobre ele.

Pego a corrente e a uso para puxar a parte superior do corpo dele para baixo.

Quando ele está perto o suficiente, fico na ponta dos pés e dou um beijo em seus lábios. Ouço seu suspiro profundo e extremamente satisfeito.

— Você é esquivo — sussurro junto à sua boca.

— Então é melhor você ficar de olho em mim.

Assim que o beijo termina, puxo as algemas e levo o feiticeiro de volta para a cama.

Memnon segue, fazendo o papel de prisioneiro obediente. Dou a ele um olhar cuidadoso, que ele retribui com inocência. Eu não acredito. Nem por um instante. No entanto, ter este homem perigoso algemado diante de mim e à minha mercê me enche de coragem.

— Deita na cama.

O feiticeiro me lança um olhar demorado — que não consigo sustentar — enquanto sobe no colchão. Entre seu olhar abrasador e suas mãos algemadas, os movimentos de Memnon deveriam ser desajeitados. Mas ele se move com a mesma graça felina de Nero.

Sua cama tem uma cabeceira belamente esculpida que representa flores e animais não muito diferentes da arte sármata que eu estava acostumada a ver quando morei com Memnon, há muito tempo. Existem espaços abertos entre cada animal e flor esculpidos, e isso desperta uma ideia.

Vou até o closet de Memnon, com os orbes de luz atrás de mim. Dentro dele, vou até a cômoda embutida e abro várias gavetas até encontrar o que procuro. Aninhados em fileiras organizadas estão vários cintos de couro enrolados. Agarro um deles e volto para a cama, a luz suave me segue.

Memnon espera por mim, a curiosidade transborda de seus olhos enquanto ele se recosta no colchão. Acho que ele não sabe o que estou prestes a fazer.

Vou até ele e monto em seu torso. Ele mal tem tempo de reagir à minha presença repentina quando agarro suas algemas e forço seus braços a se levantarem sobre a cabeça. Pressiono a corrente na cabeceira, deslizo o cinto pelas restrições de metal e pelos buracos na estrutura da cama de madeira. Com uma ajudinha da minha magia, prendo a fivela do cinto.

— Tá tão quietinho — comento, olhando para ele.

Prefiro esperar para ver o que você tramou antes de começar a implorar, ele sussurra na minha mente.

— Implorar parece bom.

Memnon fica me encarando por vários segundos até que um sorriso lento se espalha pelas suas feições.

— Por favor, não me machuque. Eu tenho dinheiro. — Ele sacode um pouco as correntes para causar efeito.

Ele está… brincando?

Deixo escapar uma risada incrédula.

— É *assim* que você implora? — Dou risada de novo. — Você é um *péssimo* prisioneiro.

— Pelo contrário, acho que você vai descobrir que eu sou muito agradável. Estou ansioso para cumprir as suas ordens.

Seguro o rosto de Memnon com as mãos, sentindo um prazer perverso ao ver como seu corpo fica imóvel debaixo de mim.

— Tô de olho em você, tentando me desarmar — digo.

— Está funcionando?

Meu olhar cai para seus lábios e, depois de um momento, me inclino e os tomo para mim. O beijo é resposta suficiente. A verdade é que não tenho defesas contra o Memnon brincalhão. Mal tinha defesas contra ele quando ele era um escroto.

Eu o sinto sorrir.

Em resposta, mordo seu lábio inferior e o feiticeiro geme em minha boca. Ele se inclina para frente e as correntes chacoalham, deve ser porque tenta me tocar. Ele solta um barulho frustrado, e é a minha vez de sorrir no meio do beijo.

Estico o corpo ao longo do dele.

Gosto de você assim, digo. *Todo amarrado*.

Eu me afasto da boca de Memnon e salpico beijos em seu pescoço. Logo sou interrompida pela gola de sua camiseta.

Coloco a mão no tecido e sussurro um feitiço.

— *Com um corte e um rasgão, arranque esta camiseta de algodão.*

O tecido sob minha mão se parte da manga ao pescoço e da gola à bainha até que a camiseta caia completamente. O feitiço também rasga um pedaço da calça de Memnon e do que está por baixo, o material se desloca sob minhas coxas enquanto escorrega dele. Posso sentir a pressão forte de seu pau duro preso entre nós, e isso faz meu íntimo ficar apertado. No entanto, o resto das pernas da calça permanece intacto, meu feitiço se estende apenas até a parte inferior do seu torso.

Meus olhos permanecem no peito de Memnon. Suas tatuagens parecem saltar à luz suave. Seu emblema de dragão, suas conquistas de caça e batalha, até mesmo as marcas que indicam que ele é um rei. Passo os dedos por essas tatuagens queridas, a saudade e o desejo crescem aqui dentro.

Abaixo, percebo o feiticeiro notar minha mudança de humor — ele é tão observador. Então, abaixo a cabeça e volto a dar beijos pelo torso de Memnon, parando para mordiscar a pele de seu peitoral.

Ele geme de novo, e é tão sexy, maldito seja.

A adaga embainhada que ele sempre carrega agora descansa entre os farrapos de suas roupas. Faço uma pausa para pegá-la e deslizar a lâmina

para fora, que brilha na luz.

Embora eu segure a arma sobre ele, Memnon não fica nem um pouco tenso. Ele é mesmo um péssimo prisioneiro.

— É aqui que você me apunhala e se liberta de uma vez por todas? — ele pergunta em sármata. — Porque — continua lentamente, me lançando um olhar ardente. — juro que, caso contrário, vou te prender tão forte a mim que você nem vai saber onde você termina e eu começo.

— Que drama — sussurro. — Talvez eu só queira brincar com a sua faca.

Giro, me reposicionando para ficar de costas para ele. Antes que Memnon possa continuar a se perguntar no que estou pensando, desço a lâmina, cortando o que resta de sua calça.

O material faz um som de rasgo tão satisfatório.

Eu me inclino, rasgando uma perna inteira da calça, depois a outra. Enquanto trabalho, sopros da minha magia se adiantam por conta própria na direção das botas dele, desamarrando os cadarços e as tirando junto das meias por baixo.

Depois que corto o resto do tecido, meu coração acelera. Ele está todo nu e eu ainda estou toda vestida. O pensamento mal passou pela minha cabeça quando meu poder, mais uma vez por conta própria, começa a desamarrar os cadarços dos meus Doc Martens. Em seguida, continua subindo pelas minhas pernas, plumas da magia da cor do pôr do sol vão abrindo os botões da minha calça.

Uma das primeiras lições que as bruxas aprendem sobre magia é que ela é semissenciente. Podemos controlá-la, mas ela também pode nos controlar com a mesma facilidade. Enquanto observo meu poder abrir o botão de cima da minha calça, uma ordem que *não* dei, pode ser que eu esteja vendo um pouco disso agora.

Saio de cima de Memnon e da cama, como se me afastar pudesse me ajudar a escapar da minha própria magia. Isso não acontece.

De costas para o feiticeiro, jogo a adaga de Memnon de lado, o metal bate contra o chão de madeira, enquanto meu poder me ajuda a tirar a calça. Mal agarrei a barra da minha camiseta quando meu poder a levanta sobre a cabeça, meu cabelo cai em cascata pelas costas. A magia já está abrindo meu sutiã e me ajudando a tirar a calcinha. Não há nada sexy ou deliberado em nada disso, mas mesmo sem me virar, posso sentir o olhar de Memnon em mim como um toque.

Linda, ouço sua mente sussurrar.

Quase dou risada. Ele é todo tranquilo e seguro de si, enquanto eu estou tropeçando nos movimentos, tentando ficar um passo à frente da minha magia e agir como se ainda estivesse no controle, quando, na verdade, não sinto que é o caso. Até amarrá-lo e despi-lo não eclipsa mais esse sentimento que cresce em mim.

Estou nervosa.

Posso ter lembranças de ter feito isso em outra vida, posso até ter feito isso bêbada com o feiticeiro *nesta* vida, mas desta vez não há álcool ou *espiritus* para acalmar minha ansiedade.

— *Selene*.

Meus ombros ficam tensos ao som de sua voz, que é de alguma forma terna, íntima e *compreensiva*. Não sei como ele consegue compreender, a menos que esteja escutando todo este diálogo interno.

— Vem cá, bruxinha — Memnon diz, com a voz rouca. — Estou amarrado, e sou todo seu.

Respiro fundo e me viro para Memnon. Preciso me esforçar muito para deixá-lo olhar o meu corpo nu. E ele faz isso. Fica olhando, xinga baixinho e olha mais um pouco.

Por fim, seu olhar sobe para meu rosto, parando em minhas bochechas, onde posso sentir o sangue quente corando a pele.

— Você está com vergonha — ele declara, surpreso. Não importa que esteja nu e acorrentado à cama. — Já fizemos isso tantas vezes.

— Não é isso — respondo, enquanto um dos meus orbes de luz se aproxima antes de voltar a flutuar acima.

O que é?, ele pergunta em nosso vínculo.

Mas a resposta está bem na nossa cara.

A intimidade casual é divertida e fácil para mim. *Isto aqui* é outra história. Nem mesmo o aspecto ligeiramente fetichista consegue esconder que, durante toda a noite, estive vendo Memnon de forma diferente. Levei ele para cama não como uma loucura de embriaguez, mas porque queria mesmo algo real e profundo.

E isso é assustador quando se trata do feiticeiro. No momento em que os olhos gananciosos e devoradores de Memnon reconhecerem que não é mais só sexo casual, ele vai vir com tudo, aproveitar a vantagem. E como ele

disse, vai continuar se aproximando cada vez mais de mim, de todas as maneiras que puder.

Eu deveria sair do quarto agora mesmo. Posso dormir no sofá, ou então, os outros quartos inexplorados da casa devem ter camas. Ainda dá para manter a relação cuidadosamente contida.

Só que a merda da verdade é que eu quero o meu parceiro. Eu o quero tanto, que minha pele lateja, e minha magia está até agindo sozinha para fazer isso acontecer.

Então, volto para a cama, subindo como se nada estivesse errado. Mais uma vez, monto em cima de Memnon, embora esteja tendo dificuldade em encontrar seu rosto. Meus olhos preferem se perder em todas as linhas de suas tatuagens.

Mas forço o olhar para cima.

— Posso fazer qualquer coisa com você, *est xsaya*? — pergunto. Não é realmente uma questão de saber se eu *posso* de fato. Ele já me deu esse poder. É uma questão de saber se ele consente.

— Qualquer coisa — ele concorda com fervor. — Eu sou seu.

Ele está logo ali, com o rosto tão perto, o coração exposto diante de mim.

Esse olhar me faz sentir tímida e nervosa de novo, e só meu desejo profundo de estar perto dele me impede de recuar.

Você está no controle, lembro a mim mesma.

Desço pelo seu corpo e agarro seu pau. Ele já está duro como pedra, e fico intimidada mais uma vez com o quanto ele é grande, o que é bobagem. Me inclino e coloco a cabeça do pau dele na boca.

Memnon sibila, e as correntes chacoalham quando ele quase se levanta da cama.

— *Pelos deuses*, Selene.

Giro a língua sobre a cabeça do pau dele, bombeando para cima e para baixo ao longo de sua extensão rígida. Os músculos do feiticeiro ficam tensos, e quando vou mais fundo, as algemas tilintam outra vez.

— Porra de bruxaria, essa sua boca… — ele murmura, me fazendo sorrir ao seu redor. Ele geme quando sente o gesto. — Só faça isso de novo, minha rainha, se quiser que eu goze na sua boca. Não tenho resistência nenhuma a esses sorrisos.

Por mais que eu gostaria de levar ele ao êxtase assim, ainda não estou pronta para parar. Então, deixo meu sorriso desaparecer, e continuo

chupando até que seus quadris estejam ondulando e ele esteja sussurrando louvores em sármata, com a cabeça jogada para trás no travesseiro.

Só então, uma vez que estou satisfeita, é que me afasto, soltando seu pau para que eu possa montar em cima dele. Eu me ajoelho e posiciono seu pau na minha abertura. A cabeça dele desliza entre minhas dobras.

Memnon solta um grunhido, com os olhos fixos naquele ponto de contato.

Seu olhar sobe para o meu, e minhas inseguranças anteriores desaparecem.

Isto sim está certo. Finalmente, está certo.

Lentamente, me afundo nele. A cabeceira da cama range, enquanto Memnon se esforça para ficar imóvel, me deixando controlar o ritmo.

— Bruxinha intoxicante — ele ofega. — Você é uma visão e tanto.

Assim como ele, preso embaixo de mim, embora eu não diga isso. Estou ocupada demais aproveitando a sensação do meu íntimo se esticando ao redor dele.

— Pelos deuses… isso, minha rainha — ele diz, voltando ao sármata. — Você se encaixa em mim tão direitinho.

Eu me sinto apertar, e ele suspira, seus quadris reflexivamente empurram contra os meus. Gemo quando ele enterra o resto do pau em mim, e não estou preparada para a sensação avassaladora de tê-lo todo dentro de mim.

Me inclino para frente, respirando fundo com aquela sensação forte e intensa.

Memnon olha para mim.

— Está tudo bem? — ele pergunta, a preocupação franze sua testa.

Seu pauzão enorme quase me matou, mas tudo bem.

Não pretendo transmitir esse pensamento, mas então vejo suas feições relaxarem um pouco. Os cantos da boca de Memnon se curvam. *Espere só pelo seu orgasmo. Se eu não te levar aos deuses por um momento ou dois, então vou ter que fazer tudo de novo.*

A tensão dolorosa se dissolve conforme meu corpo se ajusta para acomodá-lo, e eu me esfrego em Memnon de leve, testando se está tudo bem.

As algemas tilintam outra vez, e vejo seus braços lutarem contra as amarras quando ele joga a cabeça para trás, soltando um suspiro entrecortado.

— Este é o tormento mais doce, bruxinha.

A visão dele de fato à minha mercê agora me encoraja. Coloco a mão em seu peito e me levanto de seu pau até que fique só a cabecinha. Então, me sento de novo. E de novo, as correntes chacoalham e os músculos de Memnon ficam tensos. *Gostei* dessa reação.

Então, faço de novo, e de novo, e de novo.

Memnon geme.

— Minha rainha adorável e cruel. Eu estava errado. Isto é *só* tormento.

— Que bom — respondo. — Você merece ser atormentado. — Encontro um ritmo e o mantenho. Os quadris do feiticeiro se movem no mesmo ritmo dos meus, indo fundo dentro de mim a cada estocada, até que eu esteja ofegante e gemendo.

Olho para o rosto do feiticeiro, meu coração parece desmoronar e meus pulmões não conseguem inspirar ar suficiente.

Ponho a mão na lateral do rosto dele. *Amado*. Lembro de quando ele era amado por mim. Posso sentir a emoção ali mesmo, esperando para voltar e tomar conta de tudo. Ele não precisa ser meu inimigo. Não precisa nem ser meu amigo. Podemos só ter de novo o que já tivemos.

Me inclino para frente e beijo Memnon mais uma vez, tirando a mão do rosto dele. Estou dividida, tão dividida. Quero largar tudo e me jogar de cabeça neste sentimento, mas tenho tanto medo de fazer isso. Não tenho certeza se em breve terei escolha.

As algemas chacoalham e a cabeceira da cama bate na parede, e então sinto os braços de Memnon me envolverem enquanto ele continua a me beijar.

Olho para a cabeceira, onde as algemas, agora vazias, estão penduradas frouxamente no cinto de Memnon.

— Desculpe, *est amage* — ele ofega, interrompendo o beijo. — Até queria ser um bom prisioneiro, queria mesmo. Mas depois de dois mil anos separados, fiquei ganancioso.

Com isso, ele nos vira para que eu fique por baixo, e agora é ele quem dita o ritmo, seu pau penetrando em mim cada vez mais forte, fazendo sons escorregadios e molhados.

Respiro fundo, não só porque essa mudança no ritmo vai me fazer gozar rapidinho. Presa assim embaixo dele, não estou no controle. Só se eu der alguma ordem, mas meu coração não quer saber de nada disso.

Em vez disso, olho para ele, me sentindo mais leve que o ar, com medo de cair. Com medo de que ele perceba e se certifique disso.

Então, forço os olhos a desviarem e passo as unhas em suas costas, concentrando a atenção no ponto onde nós dois estamos unidos.

— Amo ainda mais sua bocetinha quando fica assim, esticada em volta do meu pau — ele diz. — Dá para sentir ela vibrar.

Memnon se esfrega em mim, girando os quadris num movimento em forma de oito.

Eu ofego com a sensação, quase enlouquecendo de prazer.

Quando encontro seus olhos, ele me lança um olhar malicioso.

— As vantagens de conhecer seu corpo tão bem quanto eu.

Pode se jogar, diz uma vozinha dentro de mim. *Ele vai te pegar.*

Não se apaixone, adverte outra voz. *Depois, não vai ter como voltar atrás.*

Cai de cabeça.

Segura a onda.

Se joga.

Não.

Agarro a bunda de Memnon, minhas unhas cravam em sua pele enquanto me preparo, cada arremetida me leva cada vez mais perto do precipício.

— Se você me disser para parar, eu paro — ele diz, alheio aos meus pensamentos. — Algemado ou não, enlaçado ou não, ainda sou seu prisioneiro.

Ele falou com vontade, além de tudo. Dá para perceber.

Mas não consigo mandá-lo parar. Não quando, cada vez que ele mete, parece um pedacinho do paraíso.

Então, em vez disso, fico olhando para ele, com prazer crescendo, e crescendo, e…

Enterro as unhas nele.

— *Memnon.*

É tudo o que consigo dizer antes de meu orgasmo me *destruir*. Memnon me observa enquanto gozo, as estocadas implacáveis, seus olhos vorazes absorvem cada detalhe da minha expressão.

Encaro aqueles olhos cor de uísque, presa em qualquer feitiço que ele tenha lançado. Ou talvez esta seja a magia do nosso vínculo — o destino que criou para nós.

Se joga. Não. Se joga.

Memnon goza então, seu corpo bate no meu repetidas vezes.

Seu orgasmo parece interminável, e sua expressão é a pura definição de felicidade. Seus olhos nunca deixam os meus, mesmo depois de seu clímax já ter passado.

Meu coração está retumbando dentro do peito.

Será que algum de nós vai saber quando o enlaço quebrar? Vamos sentir? Quero dar um comando, só para testar. Mas aí ele vai saber que estou checando o laço, e vai descobrir rapidinho que eu estou pertinho de me apaixonar por ele. Não quero que ele saiba. Ainda tenho um pouco de controle, e quero exercê-lo até que se desintegre.

Memnon diminui a velocidade, estudando minha expressão enquanto sai de dentro de mim, com uma leve carranca marcando seus lábios, como se sentisse a tendência de meus pensamentos. Mas então, a expressão desaparece de seu rosto, e acho que posso ter imaginado tudo.

Antes que eu tenha a chance de fugir, o feiticeiro me abraça junto dele e… é gostoso. Muito gostoso.

Talvez eu fique quietinha aqui só um pouco…

Gostei das algemas, imperatriz.

Eu também.

Pena que elas não te seguraram, digo. *Onde é que eu vou dormir?* Nem sei por que pergunto. Ele já me deu esta cama, este quarto. Mas agora está deitado nela, nossos corpos esfriando, e toda a situação parece precipitada.

Bem aqui, nos meus braços.

Não há hesitação em suas palavras, só uma tonelada de autoridade real. Muito cara de pau da parte dele, considerando que eu que mando aqui. Pelo menos acho que ainda mando.

Mas o abraço dele é gostoso. Não, é *melhor* que gostoso: é um abraço que faz eu me sentir em casa, mesmo que não queira admitir.

Quanto tempo você pretende me abraçar?, pergunto.

O tanto que você deixar.

O calor me inunda. Maldito seja esse homem.

Durante vários minutos, nós dois ficamos ali deitados, Memnon brinca com meu cabelo e eu traço suas tatuagens. Quase entro em transe, seguindo aquelas linhas fluidas e curvas.

— Qual é a coisa mais estranha do mundo moderno? — pergunto a ele.

— Muitas coisas são estranhas neste mundo — ele responde com a voz suave, como se a pergunta não viesse completamente do nada. — Carros, computadores, celulares, televisão. Há tanta precisão até mesmo nas coisas comuns, e tantas opções… pelos deuses, a quantidade de opções. Também há a facilidade da existência. Coisas que antes demoravam horas agora podem ser compradas bem rápido e bem barato.

— Tem alguma parte que te enerva? — pergunto.

— *Tudo* me enerva.

— Nem parece — eu digo, baixinho. Afinal, estamos falando de um homem que já depositou dinheiro eletronicamente na minha conta, me me deu carona em seu carro, depois na sua moto, e que tem um emprego, mesmo que seja para a máfia sobrenatural. Um homem que tem alguma noção da moda moderna e que agora fala meu idioma com perfeição.

— Passei semanas inteiras explorando a mente das pessoas em busca de informações sobre este mundo moderno para não ser vítima dele — confessa.

Tento não pensar em como deve ter sido, e em quantas cabeças ele deve ter vasculhado.

— Você se arrepende de estar aqui, no mundo moderno?

— Se tivesse me perguntado isso antes de eu ver suas lembranças, eu teria dito que *sim* — Memnon responde. — Mas agora, sei de verdade o que você fez. Você, Roxilana, assegurou um futuro para nós quando não havia nenhum, e pagou por isso com a vida. Já não temos exércitos nem palácios, mas existimos, bruxinha. Você tem outro nome, fala outra língua e usa outras roupas, mas ainda é a minha alma gêmea e a minha rainha.

E você ainda é o meu soberano, quase digo, mas reprimo o sentimento.

— Bom, também tenho outra família agora — digo em vez disso.

Essa foi uma das agonias mais profundas na minha vida passada — perder minha família. E não dei o devido valor a ela até que minhas lembranças voltaram para mim.

O rosto de Memnon se ilumina com interesse.

— Sua família — ele comenta, como se só agora estivesse ligando os pontos. — Eles estavam nos seus álbuns. — Apesar de ter visto as fotos, parece que só agora ele está entendendo o que as pessoas realmente são para mim. — Não cheguei a conhecê-los — comenta, e há um verdadeiro arrependimento em sua voz.

Quase caio na risada. É claro que ele não conheceu minha família.

— Você estava ocupado demais sendo meu inimigo para ter a chance de conhecer seus futuros sogros.

Me dou conta do meu erro na hora.

Infelizmente, Memnon também.

— Meus futuros sogros? — Sua voz está pingando de alegria.

Não consigo nem *explicar* o ato falho.

— Eu consigo — Memnon brinca, ouvindo meus pensamentos. — Você sentou em mim e cavalgou melhor do que eu ando a cavalo. Ficou tão soltinha, que finalmente admitiu.

Deusa do céu. Cubro sua boca.

— Nunca mais faça outro comentário obsceno sobre mim e cavalos na mesma frase.

— Nunca mais? — ele pergunta solenemente, sua resposta abafada pela minha mão.

— Nunca, nunquinha, jamais — respondo, sentindo uma combinação desconcertante de alívio e decepção que a ordem parece ter efeito.

— Ah, droga, alma gêmea — ele diz, afastando minha mão. — Agora você acabou de me dar um desafio bom demais para deixar passar.

Ele começa a descer pelo meu corpo.

— Que desafio? E o que você tá fazendo?

O feiticeiro continua descendo, as pontas dos cabelos vão roçando minha pele. Só quando ele se acomoda entre minhas coxas e as separa é que percebo o que ele pretende fazer.

— Eu tô toda melada! — exclamo, tentando fechar as pernas.

Ele as pega facilmente e as coloca sobre os ombros, uma por uma.

— Retire a ordem e não vou te deixar horrorizada.

— Retiro o que disse! Pode falar todas as obscenidades que quiser.

— Obrigado, minha parceira.

E então ele se inclina e beija minha boceta mesmo assim.

Estou prestes a piar feito uma coruja quando ele se afasta, rindo.

— Tá, tudo bem, me mantenha longe da sua boceta. — Ele descansa a cabeça no meu osso púbico. — Mas quero conhecer os pais da minha futura esposa.

Solto um grunhido e cubro os olhos com a mão.

— Por favor, nunca mais fale dos meus pais quando você estiver prestes a me chupar.

Através do nosso vínculo, posso sentir o prazer dele, e tenho certeza de que é porque não briguei sobre a questão do casamento.

Ele sabe que você está desmoronando.

— Isso quer dizer que eu posso me deliciar com você? — ele pergunta.

— Memnon — resmungo.

— Deixa pra lá. — Ele sobe pelo meu corpo, se colocando em cima de mim. — Quando vou poder conhecê-los? — ele pergunta, afastando meu cabelo do rosto.

Estou distraída demais com a sensação nova mas familiar, do peso dele sobre mim para responder. Apesar da diferença de tamanho, nos encaixamos como peças de um quebra-cabeça.

Ele passa um dedo sobre meu lábio inferior, depois se inclina e me beija.

— Quando? — ele insiste.

Ah, é. Meus pais. Certo.

— Eles estão de férias no momento, turistando pela Europa, mas quando voltarem para casa, quem sabe… — divago, sem saber exatamente o que quero dizer. Sem saber exatamente o que eu *quero*.

— *Sim* — Memnon diz, e ouço a empolgação em sua resposta. — Seria legal.

O calor floresce com sua resposta, e eu me sinto incandescer.

O feiticeiro ajeita o corpo no meu, e posso sentir que ele está ficando duro de novo.

Em nome da deusa, de onde vem esse pique todo?

Magia e dois milênios de saudade, ele diz.

Ele começa a beijar meu braço e ombro, sua mão desliza sobre meu sexo.

— Agora abra essas coxas, minha linda alma gêmea. Temos uma longa noite pela frente.

Ele não me dá um segundo de paz.

Quando não é o pau dele, então é a boca ou os dedos, e não tem frescura nenhuma. As únicas pausas são quando ele usa sua magia para trazer nosso

jantar para o quarto e me dar de comer na boca, ou nos breves cochilos que tiramos entre rodadas.

Quando transamos no Samhain, achei que aquele fervor todo era por causa da infusão de bruxa. Mas há uma febre em nós dois que nos leva a gozar juntos de novo e de novo ao longo da noite.

Em algum momento antes do amanhecer, sinto os dedos de Memnon percorrerem meu rosto e, em seguida, o roçar suave de seus lábios.

— Meu coração está a ponto de explodir — ele murmura.

Tento tocá-lo, embora esteja cansada e dolorida. Em vez de me deixar trazê-lo para perto, ele pega minha mão e beija os nós dos meus dedos.

— Tenho que ir, mas volto assim que puder. Fique bem e durma profundamente, minha rainha.

Sua mão desliza da minha, e então ele desaparece.

Acordo algum tempo depois, o Sol baixo no céu. Há um corpo quente pressionado nas minhas costas.

Na hora, meu coração começa a bater forte e eu me viro, animada e ansiosa para ver Memnon. Mas não é Memnon que ocupa espaço na cama. É Nero.

No momento em que me mexo, meu enorme familiar inclina a cabeça para trás na minha direção, pedindo atenção em silêncio.

Esfrego seu queixo.

— Olha só você — digo com carinho. — Se esgueirando em cima da cama na primeira oportunidade.

O grande felino parece muito satisfeito consigo mesmo.

Faço mais carinho nele, depois dou um ataque de beijos em seu rosto até que, ofendido pela grosseira demonstração de afeto, minha pantera rola para longe.

Ah… ser um gato.

Saio da cama de Memnon, com o corpo todo dolorido de um jeito muito satisfatório. Também estou peladona, com o puro cheiro de sexo e suor, e preciso de outra poção anticoncepcional.

Porra, se isso for rolar sempre, vou precisar fazer um estoque desse troço. Ou então arranjar uma receita de pílula.

Tomo banho e depois me troco. Memnon ainda não voltou, mas já estou toda vestida e tenho trinta minutos até o início da minha primeira aula do dia.

Não vou levar falta.

Estou prestes a chamar um carro quando chego ao hall de entrada e meus olhos pousam numa mesa de canto. Tem uma chave de carro bem ali.

O que você quer?, Memnon me perguntou ontem à noite.

Bem, senhor, hoje eu quero o carro.

Capítulo 29

Quando eu e Nero chegamos ao campus do Coven Meimendro, somos recebidos por uivos angustiados.

Me afasto do carro de Memnon e olho para o gramado, em direção à linha de árvores atrás do Salão Morgana e o Salão do Caldeirão. Nero vem para o meu lado, com as orelhas em alerta.

Está na cara que tem algo rolando.

Os uivos sinistros continuam pelo caminho até o Salão do Caldeirão, sua fachada de pedra especialmente sombria hoje contra o céu nublado. Sinto um arrepio percorrer minha pele. Não falei com os lobos desde que Nero foi atacado. Talvez eu deva.

Uma bruxa de pele marrom e cabelo preto encaracolado passa por mim, e eu a detenho.

— Você sabe o que está rolando? — pergunto, apontando para a linha das árvores além dos prédios do campus.

A bruxa faz uma pausa, seus olhos castanhos flutuam sobre mim e Nero.

— Não ficou sabendo? — ela pergunta. — Uma loba morreu.

Na hora, ligo para Kane. O telefone chama e chama, mas ele não atende. Tento de novo, e depois uma terceira vez.

Nada.

Desgraça.

É claro que Kane não atende. Deve estar na floresta com o resto de sua matilha, lamentando a metamorfa que perderam.

Ligo mais uma vez e deixo uma mensagem apressada e, então, com relutância, vou para minha aula de Sentinelas.

Me sento entre minhas colegas, ouço a aula e faço anotações com diligência, mas a animação que em geral permeia esta aula se perde em

mim. Parece inútil, tão inútil, estar aqui, enquanto ao nosso redor, seres sobrenaturais estão sob ataque.

Talvez esta última morte não tenha relação com os assassinatos das bruxas. Talvez a metamorfa que morreu tenha sido chifrada por um cervo, ou baleada por algum humano com dedinho nervoso que se acha um grande caçador. Talvez tenha sido só um acidente, ou um infortúnio mais mundano.

Não tenho certeza até pouco depois do término da aula.

Meu celular vibra no bolso enquanto desço os degraus de pedra do Salão do Caldeirão. Eu o pego antes do segundo toque.

— Alô? — atendo, me abaixando quando o morcego familiar de alguém passa voando pela minha cabeça.

— Selene? — Kane diz do outro lado, sua voz anormalmente grave e rouca. Ao fundo, ouço os uivos altos cheios de tristeza, o barulho pontuado por gemidos e soluços.

— Soube do que aconteceu. Sinto muito, Kane.

Há silêncio do outro lado da linha, e parte de mim tem certeza de que Kane se transformou e agora estou falando com um lobo.

— Miranda foi estraçalhada — ele finalmente diz. — Assim como as bruxas do seu lado da floresta. — Kane fica em silêncio por outro longo momento, então acrescenta: — O corpo dela tinha um fedor de algo antinatural… — A voz de Kane se desintegra num rosnado.

Eu absorvo tudo isso, me perguntando quanto tempo tenho para conversar com o licantropo antes que ele ceda à sua transformação.

— Sinto muito — repito, embora o sentimento pareça vazio. O que é uma condolência diante de uma vida terrivelmente interrompida? — Você ou a matilha precisam de alguma coisa? — pergunto. Não sei se tenho nada substancial a oferecer, mas o resto das minhas colegas e eu já lidamos com essas mortes várias vezes.

O outro lado da linha está silencioso novamente.

— Da última vez que a gente se falou, você admitiu que o Memnon transportava os corpos — Kane finalmente diz. Sinto o estômago afundar. — Minha matilha quer se encontrar com ele, para que ele possa responder por isso.

Depois de encerrar a chamada, me sento num pedaço aleatório de grama em frente aos prédios principais do Meimendro, e Nero se joga ao meu lado.

Distraidamente faço uma pequena margarida crescer no solo. À medida que seu caule sobe e uma flor se desenrola, fico emaranhada com meus pensamentos. Preocupação, dúvida e pavor estão todos juntos.

Memnon?

Sinto o toque do prazer de Memnon, embora lá trás, também sinta… esforço.

Est amage… *sua voz é mais doce que o vinho após a conquista*. Apesar de suas palavras, sua voz soa tensa, fraca.

Uma sensação leve e vibrante floresce em meu estômago. Não tem cabimento nenhum, dadas as atuais circunstâncias.

Você transportou outro corpo?

Já acharam a metamorfa? Talvez… Mais uma vez, sua voz soa tensa.

Franzo a testa e a margarida sob minha mão murcha um pouco.

Tá tudo bem?, pergunto.

Minha noiva está preocupada com o meu bem-estar?, ele brinca.

Olho para o céu enquanto suprimo um sorriso. *Deixa pra lá.*

Nunca. Estou colecionando seus deslizes.

Donzela, Mãe e Anciã.

Pode ir parando. Eu nem me dou ao trabalho de tentar negar que são de fato deslizes.

Sinto o toque de seu divertimento, embora ainda haja aquela sensação incômoda por trás.

Você tá bem mesmo?, pergunto.

Mais uma vez sinto seu prazer. *Minha doce parceira, estou bem. Você me chamou só para perguntar sobre o corpo?*

O que ele praticamente confirmou que transportou.

Os metamorfos querem falar com você sobre a companheira de matilha que morreu, digo. *E… eu disse para eles que você topava*.

Memnon solta um grunhido.

Respiro fundo. *Vamos nos encontrar com o Kane e a alcateia às cinco*.

Assim que menciono Kane, há uma mudança na energia de Memnon.

Pego você às quatro e meia na frente da sua casa. Mal posso esperar para foder com os lobos.

Memnon.
Estou brincando, imperatriz. Só vou foder com o Kane.
Vai ser uma longa noite.

Capítulo 30

Acabo de enviar a mensagem diária para minha mãe e volto à minha leitura sobre feitiços anticoncepcionais, sentada nos degraus do dormitório, quando Memnon atravessa os portões da frente de Meimendro em sua moto. Mais uma vez, ele não está usando capacete, e minha preocupação aumenta.

Aff, não acredito que estou preocupada. A queda é real. E olha que nem falei do friozinho irritante que se acumula na minha barriga ao vê-lo.

Guardo o celular, lançando um olhar para Nero, que está ocupado tentando — e falhando em — pegar uma borboleta com os dentes. Meu familiar esqueceu por um momento de ser uma criatura orgulhosa e majestosa.

Memnon para em uma vaga perto de onde estacionei o carro dele e desliga o motor, fazendo careta ao se levantar do assento. Assim que me vê, sua expressão anterior some e seu olhar se aprofunda. Tenho a nítida impressão de que ele está se lembrando vividamente da nossa noite juntos.

Ou talvez seja só eu.

Memnon se aproxima de mim, com os ombros um pouco tensos e os passos um pouco rígidos. Uma faísca de desconforto passa por mim, mesmo quando ele me pega pelo queixo e dá um beijo ardente nos meus lábios.

Ao que parece, a gente dá oi com beijos agora.

Mais um frio na barriga. Aff, mas gosto disso também.

Meus braços o envolvem para puxá-lo para mais perto de mim quando sinto algo molhado em suas costas. Sua camiseta está encharcada.

— Isso é…? — Estou prestes a dizer “suor” quando o feiticeiro cede um pouco em meus braços. Puta merda. — *Memnon*? — pergunto, assustada.

Ele trava os joelhos, endireitando a coluna.

— Estou bem. Só um pouco tonto.

Afasto a mão de suas costas, respirando fundo quando vejo o sangue espalhado por toda parte.

— Você se machucou. — Tenho a intenção de falar como uma acusação, mas meu tom sai suave e preocupado. Que se foda, estou preocupada

mesmo.

— Não há nada com que se preocupar — Memnon diz, estremecendo.

— Eu que decido isso — digo, tentando pensar com o som do meu coração batendo. — Por que não se curou?

O corpo dele oscila, o movimento é tão sutil que eu não teria notado se não o conhecesse tanto.

— Recebi ordens para não fazer isso — ele admite.

Então foi um castigo que ele teve que suportar.

Franzo a testa.

— Mas você só responde a mim — digo, sem entender.

Ele concorda com a cabeça, e agora estou *mesmo* sem entender.

— Você não poderia ter se curado? — pergunto devagar. — Ou pelo menos anestesiado a dor?

— Eu sou um rei sármata, nascido de uma rainha guerreira, criado para lutar desde que nasci …

— Tá, tá bom, já entendi. Foi mal por perguntar.

Parece que Memnon só é prático quando se trata dos *meus* ferimentos.

Pressiono de leve a mão em suas costas e digo em sármata:

— *Elimine a dor para os cantos mais distantes do mundo.*

Plumas grossas da minha magia se espalham sob a palma da minha mão, correndo pela extensão de suas costas antes de afundarem na pele.

Memnon levanta a sobrancelha para mim, como se desaprovasse o que estou fazendo.

— Não adianta discutir. Não vou deixar você andando por aí com dor só porque você aguenta.

Os olhos cor de uísque de Memnon piscam e depois suavizam. Ele é durão, e sei pelas lembranças que odeia ser paparicado. Também sei que nada o derrubou como quando cuidei dele no passado.

Mesmo agora, posso sentir um sussurro de adoração em nosso vínculo.

Eu o examino novamente.

— Não vou te largar desse jeito. — Passo para o lado do feiticeiro de forma que me encaixo debaixo do braço dele.

— Selene…

— Já falei que não adianta discutir — lembro a ele. — Se reclamar, vou só mandar você me seguir.

Ele bufa, mas me deixa passar o braço com cuidado ao redor de sua cintura. Com uma ajudinha da minha magia, levo Memnon até minha casa. Nero deixa a borboleta com relutância e nos segue.

Assim que chegamos à porta da frente, a aldrava da Medusa ganha vida.

— Memnon, o Indomável, rei dos nômades, destruidor de exércitos, o que vem fazer aqui?

A aldrava nunca fez isso antes. Alguém deve ter renovado as sentinelas da casa. Quando me concentro no ar acima da soleira, vejo as bordas brilhantes da escrita prateada e mágica da sentinela.

— Ele está comigo. — Agarro a maçaneta e empurro a porta.

Forço o feiticeiro a passar pela barreira, o feitiço resiste a ele apenas por um segundo antes de deixá-lo passar. Mantenho a porta aberta por tempo suficiente para que meu familiar também se esgueire para dentro.

Quando entramos no hall, parece que alguém abriu um portal para o inferno, o cheiro de enxofre está denso no ar.

— Desculpa! Desculpa! — grita uma bruxa lá da cozinha de feitiçaria. — Estraguei tudo!

— Cara, que porra, você tava tentando invocar um diabrete? — exclama outra bruxa.

A conversa delas se esvai enquanto arrasto Memnon para a biblioteca à minha direita. Apesar de ouvir conversas no resto da casa, não tem ninguém aqui no momento, o que nos dá um pouco de privacidade.

As luminárias de parede zumbem e a luz pisca precariamente enquanto guio Memnon pela sala, de modo que ficamos escondidos por corredores de livros. Paramos em frente a um sofá escarlate.

— Senta aí — ordeno. — E se inclina pra frente.

Minha amada rainha, Memnon protesta, mesmo enquanto faz o que eu digo, *isso não é necessário.*

— Eu discordo — respondo enquanto me sento ao lado dele no sofá. Meu coração está batendo a mil por hora desde que percebi que ele estava ferido. Acho que não consigo relaxar até ter certeza de que ele está bem.

Nero se senta próximo às pernas de Memnon e se inclina nele. Vejo meu feiticeiro colocar a mão na cabeça da pantera e um nó se forma na minha garganta. Nero gosta de Memnon de verdade, e Memnon também gosta dele de verdade.

Forço o olhar de volta para as costas do meu parceiro. Mordo o lábio com força enquanto olho para sua camiseta preta encharcada. Está tão molhada que gruda nas costas dele. *Tudo isso é sangue*.

Pego o tecido pela bainha e hesito.

Estou… com medo.

— Não precisa fazer isso — Memnon diz por cima do ombro.

— Não tem ninguém me obrigando a nada — respondo bruscamente. — Eu… quero ajudar.

Sinto uma explosão de… de *amor* por parte de Memnon em nosso vínculo. Não me deixo demorar nela, embora queira muito.

Em vez disso, respiro fundo e agarro a barra de sua camiseta. Eu a levanto lentamente de sua pele, respirando fundo com a visão diante de mim.

Vários talhos de feridas abertas cruzam suas costas, a pele dividida e irregular. Há mais de uma dúzia, cada uma vertendo sangue e uma substância preta e viscosa.

Deusa do céu. As feridas foram amaldiçoadas.

— Quando foi que isso aconteceu? — pergunto, tentando entender a extensão do dano.

A magia já está emanando de mim, e nuvens espessas se acumulam sobre os ferimentos. As bordas serrilhadas de sua pele tentam se fechar, mas a magia das trevas as separa com a mesma rapidez.

— Algumas horas atrás — Memnon diz.

— Você recebeu ordens para não se curar? — pergunto, com a mente correndo para lembrar o feitiço de quebra de maldição que Memnon usou em mim.

Ele assente com relutância.

Então Patrick, o mago a quem ele supostamente estava enlaçado, deve ter ordenado a punição. Mas era uma ordem que Memnon não precisava seguir. O laço forçado entre ele e o mago é inteiramente falso; Memnon nunca esteve sob seu domínio.

Deixo as perguntas restantes de lado por enquanto.

Dou uma olhada nas estantes e mais estantes de livros. Qualquer um deles pode ter instruções sobre como quebrar maldições. E, se eu entrar na salinha ao fundo da biblioteca, terei acesso a muitos, muitos grimórios que podem conter o feitiço de que preciso.

Parece uma perda de tempo tentar encontrar o feitiço certo quando o feiticeiro aqui já conhece um.

— Preciso de ajuda para quebrar a maldição sozinha — digo, com a voz suave. — Como é mesmo aquele encantamento que você usou em mim? — É engraçado pedir sua ajuda quando ele se recusa a se curar.

Mas ele responde prontamente:

— *Tirub xeqeqoyaq yaqub evritiwuwa yasnnichis, puqamubyaqpi chiqmachibmi.*

Estendo a mão sobre suas costas, reunindo magia. O zumbido das arandelas fica mais alto e as luzes piscam com mais intensidade enquanto recito o feitiço para quebrar a maldição.

Minha magia se espalha pelas costas dele novamente, mas desta vez não se dá ao trabalho de curar as feridas. Ao contrário, uma quantidade alarmante da substância preta e alcatroada que cobre suas feridas agora começa a escorrer. Assim que é expelida de seu corpo, começa a borbulhar e chiar, dissolvendo-se numa fumaça oleosa que se dissipa no ar.

— O que significam as palavras do feitiço? — pergunto enquanto minha magia faz o trabalho dela.

— *Vá embora, morte envenenada que corrompe meu espírito. Com amor, eu te destruo.*

Reflito sobre isso enquanto o resto da magia das trevas se dissipa.

Assim que tenho certeza de que o feitiço está concluído, lambo os lábios secos, inspecionando as feridas. Parecem limpas.

— Acho que deu certo — digo, baixinho.

— Não tive dúvidas — Memnon responde, ainda inclinado para a frente, fazendo um carinho distraído na cabeça de Nero. Minha pantera fecha os olhos, aproveitando o toque.

— Vou terminar de te curar — digo, deixando mais magia se derramar de minhas mãos. Essa parte não requer um encantamento. Meu poder *quer* curá-lo, as plumas suaves rolam sobre suas costas e afundam na carne. Ele começa a costurar músculos e pele, suas tatuagens rasgadas começam a se regenerar.

Meu olhar percorre suas costas até o que posso ver de seu perfil e de seu cabelo ondulado e manchado de sangue.

Não consigo evitar… estendo a mão e passo os dedos por aquele cabelo preto. Percebo tarde demais que é uma carícia. Estou acariciando este

homem.

Meu coração tropeça quando Memnon cede ao toque, e tenho um momento de *déjà vu* — já fizemos isso muitas vezes antes. É memória muscular tanto quanto qualquer outra coisa e, por algum motivo, isso faz meu coração doer ainda mais.

Puxo a mão de volta e concentro a atenção em seus ferimentos.

Como isso aconteceu?, pergunto em nosso vínculo. Não me atrevo a fazer a pergunta em voz alta enquanto ainda posso ouvir minhas irmãs de coven a distância. Não dá para esquecer que, aqui nesta casa, posso estar entre inimigas.

Pouco depois que encontraram a metamorfa, Patrick, e os funcionários dele foram chamados até Luca Fortuna. Todos nós fomos punidos por negligência e desleixo, e Patrick foi… eliminado.

Então foi uma retaliação pelos corpos na floresta, corpos que Patrick ordenou que Memnon transportasse.

Com tudo o que Memnon me contou, parece evidente que é ele quem está encenando essas vítimas. Parece que não teria sido difícil para Patrick jogar a culpa toda em Memnon. Mas o mago não fez isso. Em vez disso, acabou morto, e Memnon foi punido com seus colegas, como se ninguém soubesse quem era o culpado.

Memnon está jogando um jogo perigoso. Ele está claramente manipulando muitas mentes para esconder o que vem fazendo. Mas está mexendo com uma organização criminosa multimilionária. Sorte e estratégia não vão durar para sempre.

Por que você transportou o corpo?, pergunto. Fazia sentido antes, quando ele estava me incriminando. Não faz sentido agora.

Estamos trabalhando para impedir os assassinos, Memnon me lembra. *Eles não são só pessoas. São um reino. Pelo visto, intocável. Eles não são tão diferentes de Roma, na verdade. O primeiro passo para derrotar tal reino é minar o poder dele.*

Não precisa se colocar em risco por isso… por mim. Eu não quero isso.

Não se engane, imperatriz. Eu gosto de fazer isso. Me sinto o rei que um dia fui.

Ele diz isso com as costas toda machucadas e zonzo devido à perda de sangue.

Mas Memnon poderia ter se curado ou alterado mentes para evitar ser punido para começo de conversa. Mas não o fez. Não posso me esquecer disso.

Se Patrick está morto, então por que você ainda fingiria seguir o comando dele?, pergunto enquanto meus olhos permanecem nos ferimentos cicatrizando. A maioria deles já se fechou, exibindo uma nova pele rosada.

Juliana Fortuna comandou. Fui forçado a me enlaçar a ela, junto do restante dos antigos laços de Patrick.

Fico imóvel. Pelo que Memnon me contou antes, Juliana é filha de Luca Fortuna, chefe da Ensanguine Empreendimentos, também conhecida como a quadrilha Fortuna. Se esse enlaço foi tão público quanto parece, então…

O laço é…

Real? Memnon termina. *Pelos deuses, quase foi, mas não. Eu consegui evitar. Por um triz. Mas Juliana e todos os demais acreditam que sim.*

Exalo, soltando o corpo com o alívio.

Vou me encontrar com ela amanhã, Memnon continua. *Ainda não consegui chegar perto o suficiente dela ou de Luca para entrar na mente deles, mas agora que estou sob o controle de Juliana, terei mais oportunidades. Assim que conseguir examinar os pensamentos dela, vou entender por que os assassinatos estão acontecendo — e talvez possa então alterar mentes e detê-los.*

Ou matá-los, mas ele não diz isso.

De repente, me sinto cansada. Tão cansada. Eu deveria estar superanimada. Finalmente, as peças estão se encaixando e Memnon quase admitiu que talvez consiga impedir os assassinatos.

Mas quando pedi a ajuda dele, foi na força do ódio, e do ressentimento, e de meu próprio tipo de vingança. Agora, posso sentir dois mil anos de medo subindo pela minha espinha.

Memnon, da última vez que você enfrentou um império como esse, terminou mal para a gente.

Ele se vira no sofá para me olhar por completo e sua mão vai até meu rosto. *Aqui não é Roma. Vai ser diferente.*

Perscruto seu olhar. Sinto algo no peito, um eco da dor que senti na noite em que o descobri naquele sarcófago, irremediavelmente fora de alcance.

Não posso perder você de novo. Fico horrorizada quando me dou conta de que mandei as palavras pelo nosso vínculo.

Os olhos de Memnon ficam suaves, tão suaves, e se eu estivesse de pé, meus joelhos vacilariam com a visão.

Minha rainha, desde que despertei, sonhei feito louco que você pudesse dizer uma coisa dessas. Que você pudesse sentir uma sombra do que sinto por você. Mas pode ficar tranquila. Prefiro queimar até o último remanescente da dinastia Fortuna do que deixar algo ficar entre nós. Você não vai me perder, juro.

Não é bem algo que ele possa me prometer, mas guardo o voto de qualquer maneira.

Olho para suas costas. Os últimos talhos não passam de linhas desbotadas. Mesmo estas já estão escurecendo lentamente para combinar com o resto de sua pele bronzeada. Liberto um pouco mais do meu poder, desta vez para tirar o sangue da camiseta de Memnon, de sua pele e de seu cabelo, e depois do meu. O líquido vermelho desaparece em segundos, e é como se ele nem tivesse se machucado.

Puxo a barra de sua camiseta para baixo, cobrindo suas costas.

— Você vai ter que inventar uma desculpa para a sua nova chefe de merda sobre por que suas costas estão curadas. Ou pode só quebrar o pescoço dela, como faz com a maioria das pessoas que te irritam.

Memnon me dá um sorrisinho divertido, com os olhos brilhando.

— Minha alma gêmea está ficando cruel? Eu aprovo.

Antes que eu tenha a chance de responder, Memnon se levanta, me puxando para ficar de pé. Ele segura meu rosto.

— *Obrigado,* imperatriz.

Respiro fundo e aceno com a cabeça.

— Por nada.

Sua expressão fica divertida.

— Agora vamos lá encontrar esses lobos.

Capítulo 31

Quando eu e Memnon chegamos no chalé no território metamorfo, o lugar está perturbadoramente silencioso. Carros estão estacionados do lado de fora, mas não tem uma única alma viva por perto, nem ouço os uivos de luto que cortavam o ar mais cedo.

Eu e Memnon saímos do carro, fechando as portas.

— Tem certeza de que tem uma reunião hoje à noite? — Memnon pergunta. Assim que ele fala, a porta da frente do chalé se abre e Kane sai. Tenho um vislumbre da sala lá dentro e noto a multidão solene e silenciosa.

Pode estar tranquilo aqui, mas tem uma galera lá dentro. Os olhos de Kane estão vermelhos quando ele fecha a porta e se aproxima de nós.

— Achei que vocês não vinham mais — ele diz.

Estamos mais de vinte minutos atrasados.

— Tive que deixar Nero em algum lugar seguro — digo, me forçando a não pensar muito no meu familiar, que deve estar perseguindo alguma criatura fofinha na floresta atrás da casa de Memnon.

Ele está seguro, o feiticeiro me tranquiliza.

— Como ele está? — Kane pergunta.

Plumas da magia de Memnon se desenrolam dele então, um sinal claro de sua agitação.

— Ele tá bem — respondo com a voz suave.

— Desculpe por não termos ido lá — Kane diz. — Nosso alfa nos proibiu de cruzar…

— *Kane* — Memnon interrompe.

Só o tom do feiticeiro já deixa o licantropo tenso. Posso ouvir um grunhido baixo de Kane, como se ele se irritasse com o poder da voz de Memnon.

— Chega — meu parceiro diz. — Seu pedido de desculpas é um insulto. Esta reunião é um insulto.

Ô, minha deusinha, lá vamos nós.

Um rosnado ameaçador ressoa fundo do peito de Kane.

— Como se atreve…

Memnon se aproxima, com os olhos começando a brilhar.

— Sim, eu me atrevo. Você e a sua matilha deixaram Selene desprotegida. Ela e Nero estavam em menor número, e quando os encontrei ensanguentados e brutalizados na floresta, estavam sozinhos. Por que eles estavam sozinhos?

O rosnado de Kane se aprofunda, e seus olhos se transformam.

— Não podemos cruzar…

— Você falhou com ela. Todos vocês falharam com ela. E agora você tem a audácia de usar sua amizade inútil com ela para me chamar…

— Tudo bem por aqui? — Vincent, o alfa da Alcateia Marin, está na varanda da frente. Apesar de seu tom tranquilo, o corpo dele parece tenso e sua magia translúcida está densa no ar ao seu redor.

O olhar cruel de Memnon se volta para o licantropo. Meu parceiro parece pronto para partir para cima dele também.

— Tudo bem, sim — exclamo, enquanto o rosnado de Kane diminui um pouco. — A gente só estava se preparando para entrar.

Por favor, Memnon, digo, através do nosso vínculo, *será que não dá para só passar pela noite sem que você recorra à violência?*

O feiticeiro se volta para mim e seus olhos brilhantes escurecem e suavizam, até que toda aquela raiva seja controlada. *Se é isso que você deseja*, est amage, *então sim, vou tentar controlar minha necessidade visceral de punir cada um desses cães.*

— Beleza — Vincent grita. — Estamos todos prontos aqui.

Com isso, o metamorfo entra novamente, e eu, Kane e Memnon ficamos sozinhos mais uma vez.

Meu parceiro faz um gesto na direção do chalé.

— Esta reunião não pode envolver todo mundo — ele diz a Kane.

— É assim que nossa matilha faz as coisas. — O rosnado de Kane continua a ecoar entre suas palavras, e sua voz é grave e áspera. — Todos temos o direito de saber o que matou a nossa companheira. — Tanto fogo e angústia sai dele.

Memnon enfia as mãos nos bolsos e, para quem vê de fora, ele parece o retrato da autoconfiança. Mas seu corpo oscila um pouco, e lembro que ele perdeu muito sangue hoje.

— Eu não ligo para o que você acha que tem direito ou como a sua matilha lida com essa merda. Se você quer que eu vá lá e explique como encontrei o corpo de sua companheira, então é melhor limitar a porra do seu público.

O rosnado de Kane se aprofunda e seus lábios se curvam para trás, revelando dentes parcialmente transformados.

Ah, pelo amor da deusa.

— Kane, não vou obrigar Memnon a entrar lá e explicar a situação, a menos que você possa fazer isso pela gente — digo, confiando nas razões de Memnon para a exigência. Imagino que tenha algo a ver com controlar o número de pessoas que sabem o que fazemos.

Kane respira fundo várias vezes e, pouco a pouco, o rosnado vai se acalmando e seus dentes voltando ao normal.

— Tudo bem — o metamorfo responde. — Mas ninguém vai gostar.

Revolta.

Isso é o que encontramos quando os metamorfos saem do chalé dez minutos depois.

O grupo de licantropos não está mais silencioso, agora que tudo o que eles imaginavam não vai mais acontecer. Ouço soluços e rosnados entre eles quando entramos no chalé. Alguns dos que me acolheram de braços abertos da última vez agora estão me fuzilando com os olhos.

Eles querem sangue. Quase dá para sentir o desejo deles. E pensaram que teriam sangue hoje, seja pelo que Memnon pudesse revelar, ou do próprio Memnon.

— Pessoal — Vincent, o alfa da Alcateia Marin, chama do fundo da sala para aqueles que ainda permanecem lá dentro. — Todo mundo vai ter respostas. Fiquem tranquilos. Depois de ouvirmos o que a nossa amiga e o parceiro dela têm a dizer, vamos compartilhar o que pudermos. Eles indicaram que as informações são de natureza sensível e que, para o bem geral da matilha, deve ser repassada apenas a alguns ouvidos confiáveis.

Kane nos leva até o alfa.

Quando nos encontra, Vincent me cumprimenta com um aceno de cabeça, e depois faz o mesmo gesto para Memnon, com uma expressão

sombria.

— Vincent — ele se apresenta, estendendo a mão —, alfa da Alcateia Marin.

Meu parceiro aperta a mão dele.

— Memnon — ele diz, deixando por isso mesmo. O feiticeiro embainhou sua raiva, mas ainda posso vê-la brilhando em seus olhos.

— Prazer em conhecê-lo — Vincent diz, mesmo enquanto alguns lobos próximos rosnam. — Não precisamos esperar todo mundo sair. Temos um quarto isolado o bastante. Por aqui.

Eu e Memnon somos levados a uma sala acusticamente isolada, pequena e claramente projetada para acomodar apenas uma dúzia de pessoas. Vejo uma sentinela verde transparente brilhando na soleira, mas não sei dizer para que serve.

A magia de Memnon se desenrola quando ele entra na sala, seu poder índigo vai cobrindo as paredes e o chão do espaço. Depois de um momento, me dou conta de que ele está erguendo sua própria sentinela, deve ser para proteger seus interesses, sejam eles quais forem.

Uma única mesa comprida ocupa toda a extensão da sala, e montado em uma das paredes há um quadro branco.

— Por favor, podem se sentar em qualquer lugar — Vincent diz.

Memnon se senta na ponta da mesa, esparramado em um dos assentos oferecidos como um rei indolente. Eu me sento ao lado dele e observo enquanto o resto entra.

Primeiro vem Vincent, seguido por uma mulher esbelta de pele marrom dourada e uma auréola de cachos bem fechados emoldurando seu rosto. Sinto que ela costuma ter bom humor, mas agora suas feições estão duras e seus olhos castanhos brilhantes, penetrantes. Atrás dela, entra Kane, que vem se sentar ao meu outro lado, com seu cabelo loiro-areia despenteado, deve ser por ter passado a mão nele tantas vezes.

A última a entrar é uma mulher idosa com pele marrom-clara, maçãs do rosto largas e uma cascata de rugas no rosto. Seu espesso cabelo branco está enrolado num coque trançado na nuca.

Ela fecha a porta e todos os restantes se sentam à minha frente.

— Acredito que vocês dois já conheçam Kane, o alfa que vai assumir meu lugar quando eu me aposentar — Vincent diz, gesticulando para minha antiga paixonite. — Mas quanto aos outros, ao meu lado está Irene, minha

beta e a segunda em comando — ele apresenta, indicando a mulher esguia ao lado dele. — E esta é Apani — ele conclui, apontando para a metamorfa de cabelos brancos. — A anciã da matilha. Elas estão aqui porque são os membros mais importantes que ajudam a administrar a matilha e orientar as decisões que tomamos.

Aceno com a cabeça.

— Prazer em conhecê-las.

Memnon não faz nada além de observar preguiçosamente os metamorfos, como se eles fossem o entretenimento da noite e o estivessem entediando.

Dá para sentir a tensão na sala aumentando.

— Memnon — Vincent começa, e já percebo que ele está escolhendo as palavras com cuidado. — Sua parceira é amiga da nossa matilha e, naturalmente, essa amizade deve se estender a você…

Há um "mas" vindo aí. Já estou vendo.

Memnon observa o alfa, parecendo se divertir, como se soubesse que é o vilão e não tivesse remorso por isso.

— …mas você a incriminou por assassinato e é responsável por transportar os corpos das mulheres sobrenaturais assassinadas. — A voz do alfa parece ficar mais rouca e vacilante à medida que sua compostura diminui.

Memnon assente.

— Sim — ele concorda. — Eu fiz isso, e sou mesmo.

Vejo a mão de Irene se fechar num punho e, ao meu lado, Kane irradia tensão. Apenas Apani, a anciã da matilha, permanece plácida.

— Queremos que você se explique — Vincent diz.

Memnon se recosta na cadeira.

— Pode ser que eu faça isso, depois que você explicar por que deixou minha parceira lutar por conta própria contra meia dúzia de agressoras, logo depois que ela se encontrou com vocês.

Estou presa entre o aborrecimento e um estranho tipo de orgulho por Memnon ser tão incisivo em responsabilizar esses metamorfos por não terem vindo em meu auxílio. Vincent rola os ombros, enquanto Irene e Kane começam a rosnar.

— Somos proibidos de entrar nas terras do coven…

— E vocês teriam entrado se fosse um metamorfo sob ataque? — Memnon insiste.

A expressão de Vincent fica sombria.

Sim. Todos nós sabemos que a resposta é “sim”. Não valia a pena quebrar qualquer trégua delicada que bruxas e licantropos fizeram por mim, mas por um metamorfo, valeria.

Vincent volta a atenção para mim.

— De verdade, Selene, em nome de toda a matilha, lamentamos. Não estávamos tentando te abandonar. Queremos caçar esses monstros tanto quanto você. Tomei a decisão de não cruzar a fronteira na esperança de que você trouxesse seu familiar de volta para nossa terra, onde poderíamos proteger vocês dois adequadamente, assim como você fez com a Cara.

A sala fica em silêncio e acho que devo fazer alguma coisa, então aceno com a cabeça. Depois de um longo momento, Vincent volta a atenção para Memnon.

— Agora, não quero tomar muito do tempo de vocês. Tenho certeza de que os dois têm planos. Memnon, você estaria disposto a responder algumas perguntas que temos sobre a nossa companheira de matilha — ele hesita — assassinada?

O olhar de Memnon se estreita, enquanto sua boca se curva nos cantos.

— A única pessoa para quem me explico é a minha parceira. — Seus olhos se voltam para mim, e então ficam gentis. — Mas se *você* quer que eu conte a verdade — ele diz, direcionando suas palavras para mim —, então eu conto.

Fico olhando para ele enquanto o resto da sala espera. O feiticeiro tinha razão quando apontou que a matilha não tem sido muito amigável comigo desde a última vez que os visitei. No entanto, foram eles que estenderam ajuda a mim quando ninguém mais o fez. Só por isso, estou disposta a ajudar.

— Eu quero — digo por fim.

Os olhos do feiticeiro percorrem minhas feições, então ele se endireita na cadeira.

— Tudo bem — ele diz, com os olhos varrendo a sala. — Vou contar o que ninguém além de Selene sabe. Mas como esta informação é confidencial, preciso de algo de todos vocês.

Irene e Kane voltam a rosnar e o rosto de Vincent endurece.

— Um simples feitiço da verdade serve.

Os rosnados não param, e talvez seja por ter visto Memnon ferido mais cedo ou como ele me defendeu há poucos minutos, mas uma proteção em relação a ele surge em mim.

— Vocês têm sua alcateia. Eu tenho meu parceiro. Sou leal a ele por natureza, mesmo quando não quero ser. E amiga da matilha ou não, não vou pedir para o Memnon contar qualquer informação se não puderem fazer essa única coisa. Um ato, inclusive, que a sua matilha me pediu há apenas alguns dias.

Memnon fica rígido ao meu lado e sinto seus olhos em meu rosto. Através do nosso vínculo, é difícil entender suas emoções, mas deduzo que ele não esperava essa demonstração de lealdade de minha parte.

Eu também não esperava, na real.

Os rosnados diminuem até que a sala fica dolorosamente silenciosa. Vincent está fazendo careta e Kane está olhando para mim como se talvez não me conhecesse.

— Aceite. — A voz vem de Apani. Seus olhos se movem para os meus, parecendo mais lupinos do que humanos. — Essa garota salvou um dos nossos e quase morreu no processo. Ela conquistou nossa confiança e amizade. Podemos permitir que ela peça a nossa também.

O alfa olha primeiro para Apani, depois para Kane e a beta.

Por fim, ele concorda.

— Tudo bem, vamos lá.

Colocar quatro metamorfos adultos sob um feitiço da verdade não é pouca coisa, e sinto que Memnon está aproveitando cada segundo disso.

— *Somente a verdade sairá destes lábios até que minhas perguntas sejam respondidas* — encanta o feiticeiro.

Os metamorfos não conseguem ver a magia índigo de Memnon enquanto ela se movimenta na direção deles, mas vejo Vincent franzir a testa e Irene estremecer quando a fumaça mágica desliza pelas narinas e pelas bocas, e sei que eles devem sentir o feitiço quando faz efeito. Assim que a magia se instaura, Irene indaga:

— E agora?

— Agora, você responde algumas das minhas perguntas. Se não tiver sido comprometida, pode me perguntar o que quiser.

— Comprometida? — Kane repete, mas Memnon não dá mais detalhes.

Nenhum dos metamorfos parece particularmente satisfeito. Era para Memnon estar respondendo às perguntas hoje, não eles.

Mas Vincent pigarreia e junta as mãos na mesa à sua frente.

— Vamos acabar logo com isso, então — ele diz.

O olhar de Memnon percorre o grupo.

— Algum de vocês já esteve magicamente enlaçado? —

Três "não" soam. O único "sim" vem de Vincent.

Levanto as sobrancelhas. Que interessante.

— Foi contra a sua vontade? — Memnon pergunta.

— Minha esposa é bruxa — Vincent responde, meio relutante. — Foi parte dos nossos votos matrimoniais.

Um pouco injusto da parte da Alcateia Marin ter criticado tanto meu laço forjado quando, durante todo esse tempo, o líder deles tinha o seu próprio. Enfim, a hipocrisia.

— Foi contra a sua vontade? — Memnon insiste.

— *Não* — Vincent rosna.

O olhar de Memnon percorre novamente a sala.

— Algum de vocês trabalhou para a Ensanguine Empreendimentos ou para a família Fortuna em algum momento da sua vida?

Quatro "não" soam.

O feiticeiro se recosta no assento.

— Minhas perguntas foram respondidas.

O único indício de que o feitiço da verdade de Memnon se dissolve é o leve brilho azul que sai dos lábios dos licantropos um momento depois. Acontece tão rápido que parece um truque da visão.

Vincent enfia a mão no bolso e tira um frasco com tampa com um líquido verde-esmeralda. Poção da verdade.

— Agora que passamos dessa parte, confio que vai nos conceder o mesmo favor que conferimos a você.

Em vez de responder, a magia de Memnon serpenteia e faz a poção flutuar até a mão do feiticeiro. Ele abre o frasquinho e bebe de um só gole. Depois, rolha a garrafa vazia e a coloca na sua frente.

O olhar de Vincent se concentra naquele frasco por um momento, antes de ele subir para Memnon.

— Agora, pode nos contar o que puder sobre os assassinatos?

Memnon lança ao alfa outro olhar estreito e então começa:

— Recentemente, comecei a trabalhar para a família Fortuna…

Meu parceiro conta aos metamorfos praticamente tudo o que me contou. Que a organização criminosa é dirigida por uma dinastia de feiticeiros e seus principais atores são: Luca, o patriarca da família; Annalee, sua esposa; e seus filhos, Leonard, Juliana e Sophia. Que, até hoje, o trabalho de Memnon consistia em fazer os corpos desaparecerem, e foi assim que ele teve acesso às vítimas do assassinato. Que ele não sabe quem as matou, só que os cadáveres vinham do Edifício Equinócio.

O feiticeiro até comenta que, no começo, encenou os corpos porque queria me incriminar, mas que o último corpo foi só para dar trabalho para os Fortuna. Ele termina contando que agora está sendo transferido para um ramo diferente da organização e provavelmente não terá acesso a mais cadáveres.

Quando Memnon finalmente termina de contar o que sabe, Vincent franze a testa, olhando para o feiticeiro.

— Como você se safou disso tudo?

— Eu tenho uma… aptidão.

— Nos conte sobre essa aptidão — Irene diz.

Memnon apoia os antebraços na mesa, os olhos brilhando.

— Posso ler mentes, extrair informações armazenadas nelas e manipular pensamentos e memórias.

Os licantropos, incluindo Kane, ficam extremamente imóveis.

— Você leu as nossas? — a beta enfim pergunta.

Memnon inclina a cabeça e tem aquela expressão nos olhos, como se fosse um gato brincando com sua presa.

— E isso importa?

Um rosnado começa do outro lado da mesa.

— Ele não fez isso — digo para parar a luta antes que comece. Eu teria visto a magia de Memnon em ação se fosse o caso.

O feiticeiro se recosta na cadeira, com um sorriso despreocupado no rosto. Acho que ele gosta de perturbar os metamorfos.

O monstro.

— Essa capacidade de manipular mentes significa que ele pode obter acesso aos pensamentos de outra pessoa e fazê-la lembrar errado dos acontecimentos, ou esquecer completamente — explico. — É por isso que ele não foi pego. — *Ainda*. Eu odeio que a palavra fica agarrada na minha cabeça.

— Você sabe por que ou como essas mulheres estão sendo mortas? — Irene pergunta.

— Não. É isso que eu e Selene estamos tentando descobrir — Memnon responde.

— Deve ser um sobrenatural que tem acesso à magia das trevas — digo. — Um feiticeiro, uma bruxa, um necromante… alguém que pode realizar esse tipo de feitiço.

Memnon se levanta.

— Isso é tudo o que sei e tudo o que tenho para compartilhar.

— Temos mais perguntas — Vincent insiste.

Em vez de olhar para Vincent, Memnon olha para mim, esperando que eu escolha: deixá-lo sair ou fazê-lo responder mais perguntas do metamorfo.

Eu me levanto, minha cadeira arrasta no chão.

— É isso por enquanto — digo. — Entro em contato com o Kane se surgir mais alguma coisa.

Os licantropos devem ter ouvido como meu coração bate forte, defendendo Memnon, ficando do lado dele. Não consigo decidir se estou sendo extremamente leal ou extremamente tola.

Provavelmente os dois.

Os metamorfos nos observam sair, todos ainda sentados. Sinto que assim que a porta se fechar, terão toda uma segunda reunião para esmiuçar o que descobriram.

Memnon também deve ter sentido porque, quando faço menção de abrir a porta para sair, sua magia se adianta e a mantém fechada. O feiticeiro se volta para a sala.

— O que eu contei é confidencial. Os Fortuna têm olhos e ouvidos em todos os lugares, e tenho certeza de que deve haver pelo menos um companheiro de matilha comprometido.

Sinto a indignação do grupo ainda sentado, mas antes que eles possam falar alguma coisa, Memnon continua:

— Sei que vocês confiam a vida à matilha, mas não podem confiar isso a eles até que saibamos mais.

— Não é assim que fazemos as coisas — Vincent diz.

A magia emana de Memnon.

— Então eu vou apagar tudo o que acabei de contar da mente de cada um de vocês.

Quatro rosnados começam. Vejo pelos começarem a brotar ao longo dos braços de Kane. Pelo visto, matilhas não são de aceitar ameaças.

— Se você contar para o metamorfo errado, e ele contar para alguém envolvido com os Fortuna, então serei exposto — ele diz. — E se *eu* for exposto, muitas pessoas vão morrer. — Memnon não esclarece que vai ser ele quem vai matar essas pessoas, mas estou ciente disso. — Vai ser sangue nas *suas* mãos.

Os grunhidos aumentam com a acusação.

Memnon continua:

— Selene quer justiça pelos assassinatos e sou obrigado pelo nosso laço a garantir que isso aconteça. Acredito que é o que vocês querem também. Portanto, abram uma exceção e mantenham essas informações confidenciais. Caso contrário, vocês só vão ficar no meu caminho.

Os olhos de Vincent se movem entre mim e o feiticeiro, debatendo, debatendo.

Por fim, ele diz:

— Se você nos mantiver informados, manteremos isso confidencial.

O feiticeiro abaixa a cabeça e sua magia sai da porta.

— Então temos um acordo. — Ele agarra a maçaneta e abre a porta para mim. Para o resto da sala, diz: — Nos vemos em breve.

Capítulo 32

Morar com Memnon vai acabar sendo a minha perdição.

É só o que consigo pensar no dia seguinte, depois de mais uma noite de sexo violento. Tenho certeza de que o objetivo do feiticeiro é me foder até eu me apaixonar, e está dando certo. Ou pelo menos acho que estou ficando viciada.

Nem tento sair da cama até ele ser chamado para se reunir com Juliana.

Tomo banho, troco de roupa e arrumo minha bolsa, animada para finalmente adiantar minhas coisas lá no campus. Nero vem até mim, claramente interessado em me seguir. Fico de joelhos na frente dele e faço um carinho em sua cabeça.

— Não posso te levar comigo hoje — digo, de coração partido.

Nero olha para mim e, pela primeira vez, não parece uma pantera irritada pela minha mera existência. Parece um amigo leal que sabe que está sendo deixado para trás.

— Desculpa — peço baixinho. Não quero largá-lo aqui, mas ainda não tive coragem de deixar a pantera voltar para a Sempreviva.

A maneira como Nero dá uma cabeçada leve no meu peito, como se insistisse em ficar perto de mim, me dá vontade de chorar.

— Eu sei, não é nada justo. Mas não posso correr o risco de você se machucar, não depois do que aconteceu. Pelo menos aqui você pode passear e caçar na floresta sem medo de alguém te atacar.

Ele não parece se importar, mas não vai ficar implorando. Nero se afasta de mim, batendo o rabo na minha bochecha de leve antes de se dirigir a uma janela aberta no fundo da sala. Sem olhar para trás, ele pula por ela e se dirige para a floresta.

Fico ajoelhada ali por mais um instante, dilacerada e dividida. Posso só ficar na casa vazia de Memnon. Afinal, é fim de semana. Posso me ocupar inspecionando cada canto do lugar e depois ler os livros que enchem as estantes. Posso esperar Memnon voltar, Nero voltar, o fim de semana terminar, as aulas recomeçarem…

Mas tenho tarefas que exigem o uso da cozinha de feitiçaria da minha casa e, talvez o mais importante, preciso trabalhar naquela poção anticoncepcional ou então descobrir se tem alguma disponível por lá. Não tomei nada desde o dia seguinte ao Samhain, e transamos bastante desde então.

Sendo assim, mesmo me sentindo a pior tutora do mundo, saio da casa de Memnon e pego o carro dele para voltar para o Meimendro.

E então, ao trabalho.

•

No final do dia, concluí minhas tarefas e até preparei uma poção anticoncepcional. Ou pelo menos tentei.

Seguro o frasco com a poção, mordendo o lábio. É um roxo acastanhado escuro, em vez do azul profundo que lembro de ter tomado depois do Samhain.

Beber ou não beber?

Será que vai *funcionar*?

Um grupo de bruxas passa pela cozinha de feitiçaria e eu ergo os olhos, distraída por um momento enquanto elas passam pela porta. Uma parte minha ainda está preparada para ver Yasmin, ou a outra garota que reconheci na noite em que atacaram Nero, mas não as vejo desde aquela noite, e não as vejo agora.

Volto a atenção para a poção que preparei. É, não tem a menor condição de beber isto aqui. Jogo o troço no ralo da pia.

Tento de novo amanhã. Até lá, devo encontrar Sybil e ver se ela tem alguma poção anticoncepcional que eu possa usar até me resolver.

Limpo depressa minhas coisas, saio da cozinha e subo as escadas, ignorando os leves aromas do jantar.

Lá fora, o céu é de um azul profundo e luminoso, e os postes de luz salpicados pelo campus ganham vida.

Não tinha me dado conta de quanto tempo fiquei trabalhando. Tiro o celular do bolso.

18h44.

Ô, merda.

Já passou do toque de recolher.

Já quebrei o toque de recolher antes, eu me tranquilizo. *Um dia a mais, um dia a menos, que diferença faz?*

Mas quando isso aconteceu antes, eu tive meus motivos. Agora, só perdi a noção do tempo mesmo.

Deixo de lado minhas preocupações por um momento, mando uma mensagem rápida para minha mãe — "tô vivona ainda!" —, guardo o celular e subo até o segundo andar da casa, seguindo pelo corredor.

Quando chego ao quarto da minha melhor amiga, abro a porta e entro.

Sybil está ocupada digitando em seu computador, mas quando me ouve, levanta os olhos.

— Selene! — O rosto de Sybil se abre num sorriso. — Não sabia que você estava aqui. Vou descer pra jantar daqui a pouco. Vem comigo?

— Ah. — Eu nem tinha considerado isso. Mas já quebrei o toque de recolher, de qualquer jeito. Que mal vai fazer em me demorar um pouco mais? — Vou *amar* jantar com você — digo a Sybil.

— Eba! — ela comemora.

Acesso meu vínculo com Memnon. *Vou ficar fora até tarde hoje. Não precisa me esperar.*

É estranho avisar assim, como se de alguma forma eu respondesse a ele. Mas deusa nos livre de esse homem se preocupar comigo. Cabeças podem rolar, literalmente.

Do outro lado do vínculo, sinto o calor de Memnon. *Olá, imperatriz, estou com saudades*, ele diz, e maldito seja — sinto um friozinho na barriga com suas palavras. Depois de um momento, ele acrescenta: *Pode ser que eu também me atrase. Agora estou num novo braço da organização e, Selene, tenho muito para te contar.*

Minha respiração falha. Está na cara que Memnon descobriu alguma coisa que pode nos dar uma luz sobre os assassinatos. Ele também deve ter dito isso na intenção de me motivar a voltar para a casa dele.

Te vejo mais tarde então, respondo.

Se cuida, Memnon diz. *E mate qualquer um que cruzar seu caminho.*

Não vou nem responder.

Me afasto da conexão a tempo de ver Sybil vir para o meu lado. Seus olhos passam sobre mim.

— Você estava falando com Memnon agora há pouco, né?

— Uhum.

— Bem, sobre o que vocês dois conversaram?

— Que vou ficar aqui até mais tarde.

A expressão de minha amiga se ilumina.

— Então você pode ir pra fogueira.

— A fogueira? — repito.

— É uma festinha que rola na praia. Achei que você não ia poder, porque anda toda cautelosa e tá ficando na casa do Memnon, e não queria que você se sentisse mal por ter perdido.

Faço careta, o aborrecimento queima em mim. Só porque tem gente bosta neste mundo não significa que não vou viver a vida.

Que se foda a cautela. Não sou uma presa e não vou começar a agir como tal.

Cerrando o queixo, digo:

— Vou *amar* ir pra fogueira hoje.

Duas horas depois, eu e Sybil saímos pelo pátio dos fundos da residência, nós duas usando vestidos, meia-calça e coturnos. Sybil espalhou uma tonelada de glitter dourado em volta dos nossos olhos e, honestamente, é fofo pra caralho.

Duas vassouras estão recostadas num arbusto de amaranto. Não há nada de especial nelas, exceto que parecem velhas e feitas à mão, com cerdas irregulares e cabos desgastados pelo tempo. Olho de soslaio para Sybil.

— Você não está pensando…

— *Aham*. A gente vai voando pra festa! Parece que as sentinelas do toque de recolher só vão até o topo dos prédios do campus, aí se a gente voar mais alto que elas, vamos passar despercebidas.

Fico boquiaberta.

— Mas… eu não aprendi a voar.

— Ninguém te ensinou metade dos feitiços que você usa todo dia. É só improvisar.

Tenho uma taxa de sucesso de sessenta e dois por cento ao improvisar — o que significa que é pouco provável que eu me lasque toda pilotando essa coisa.

E quer saber? Que. Se. Foda. A. Cautela. Pego uma das vassouras.

— É tipo uma segunda natureza — Sybil acrescenta, agarrando a outra vassoura. — Olha só. *Pelos céus quero correr, com o vento levitar. Que esta vassoura me mantenha no ar.* — Assim que ela termina o encantamento, a vassoura sobe e fica paralela ao chão. Sybil passa uma perna por cima, e seu vestido sobe com a ação.

Me viro para a outra vassoura, a animação percorre meu corpo. Sybil tem razão. Eu *consigo*.

Abro a boca para encantar em sármata quando hesito. Uma coisa é minha melhor amiga saber que existe esse lado antigo em mim, e outra é exibi-lo abertamente. Então, no último momento, tento compor um feitiço.

— *Vassoura, voe alto e voe além*. — Merda, o que é que rima com "além"? — *Conduza-me rápido… também*.

A vassoura salta para cima e eu acabo tendo que me jogar em cima dela.

Sybil dá uma risadinha.

— Pela deusa, você pode ter recuperado a memória, mas seus feitiços ainda são uma bosta.

Eu me ajeito na vassoura, toda animada quando percebo que ela se nivela ao lado da de Sybil.

— Seu pai não pensou assim da última vez que o vi.

Ela gargalha.

— Vai se foder, Selene. O que meu pai te fez?

Tento me equilibrar enquanto a vassoura flutua lentamente. Sério, por que as pessoas ainda usam vassouras? Não tem espaço nenhum para a minha bunda nesta coisa.

— Ih, mais fácil perguntar o que ele *não* fez…

Sybil solta um gritinho e tapa os ouvidos.

— Nem termine essa frase.

Agora é minha vez de gargalhar.

Sybil leva as mãos de volta à vassoura e me lança um olhar.

— Aposto que o seu *noivo* não ia gostar de te ouvir falando assim de outros homens.

Dou de ombros.

— Provavelmente ele iria me dar umas palmadas. Acho que eu até iria curtir. Posso até chamar ele de "papai", que nem eu fiz com o seu…

Outro grito, e então Sybil sai voando na minha frente. Ou seja, preciso descobrir como segui-la.

Magia é, em grande parte, intuitiva. Ela sabe o que a pessoa que está conjurando quer; feitiços só ajudam a canalizar e ajustar a intenção. Então, me imagino seguindo minha melhor amiga.

Assim que desejo isso, minha vassoura dispara para frente, impulsionada pela minha magia e meu feitiço medíocre. E talvez seja esse feitiço medíocre que faz com que ela se incline bastante para cima.

Uso toda a força da parte superior do meu corpo para me segurar conforme ela sobe rápido. Quando estou bem acima dos prédios do campus do coven, a vassoura estabiliza e eu solto o ar.

Santa deusa, estou voando.

Lá embaixo, as lâmpadas do Coven Meimendro brilham de leve, banhando o campus com uma luz suave e quente. À minha direita, posso ver o Salão do Caldeirão. Atrás dele, vejo a Biblioteca da Anciã e o teto abobadado do Observatório Lunar. E com uma rápida olhada por cima do ombro esquerdo, avisto o conservatório iluminado. Tudo parece ainda mais mágico à noite.

À minha frente, mal consigo distinguir a silhueta de Sybil antes que ela seja engolida por uma nuvem. Vou atrás dela, o vento chicoteando meu cabelo para trás. A nuvem me envolve logo depois, e por alguns segundos de parar o coração, não consigo ver nada além de faixas de névoa. Mas então, passo para o outro lado, e a visão diante de mim é… surreal.

Um manto de nuvens claras está logo abaixo, e a lua e as estrelas pairam acima, brilhando como pedras preciosas.

— Ei, sua doida! — Sybil grita na minha frente. Ela parou, sua vassoura flutua no céu. — Incrível, né?

Concordo com a cabeça, sem confiar na minha voz.

— Estamos quase lá. Me segue! — Com isso, ela decola novamente, e sua vassoura desce num arco de volta para o cobertor de nuvens.

Manifesto minha intenção para minha magia seguir a dela e começar a descida. Não é a primeira vez que fico admirada com Sybil. Achei que era boa em ligar o foda-se, mas é minha amiga aqui que é bem destemida.

Só fico ainda mais convencida disso quando atravesso as nuvens mais uma vez. A experiência não é tão chocante como era um minuto atrás, mas assim que saio das nuvens, posso ver o chão muito, muito longe lá embaixo.

Porra, por que está tão *longe*?

Mas é uma pergunta retórica. As montanhas costeiras entre as quais o Meimendro se situa têm uma queda brusca, terminando bem no oceano. A maior parte da orla aqui é inacessível, uma vez que é delimitada pelas encostas dessas montanhas. Mas de vez em quando, surge um trecho de praia em forma de lua crescente, perfeito para festas menores, como a que vejo lá embaixo, iluminada por uma fogueira e vários orbes de luz.

No entanto, é difícil ver muito além disso, porque uma nuvem difusa de magia paira sobre o grupo, ocultando parcialmente os seres sobrenaturais abaixo dela.

À minha frente, Sybil pilota sua vassoura direto para a nuvem mágica. Consigo ouvir suas risadas enquanto ela desce pelo meio da multidão, e posso imaginá-la fazendo o pessoal se abrir para deixá-la passar e até colidindo com alguns deles.

É, não vou fazer isso não.

Em vez disso, piloto a vassoura na direção do oceano.

Sob o luar, a água parece vidro, e quanto mais me aproximo dela, maior a vontade de tocá-la. Faço a vassoura descer até não estar a mais do que alguns metros acima da superfície do mar, as ondas escuras à noite. Aproximo as pernas da vassoura, me deito e estico a mão, passando a ponta do dedo pela superfície do oceano.

A água está gelada e, na velocidade em que estou, o mar salpica contra meu corpo. Dou risada com a sensação, algo primitivo se agita dentro de mim. Ainda estou longe da costa e, se caísse na água, provavelmente teria que usar magia para sair, mas não tenho medo da possibilidade.

É isto que é ser uma bruxa.

Tiro a mão da superfície e subo um pouco mais conforme a água aumenta, depois quebra na arrebentação. Voo sobre as ondas agitadas até a vassoura diminuir a velocidade quando, logo abaixo, a areia substitui o mar. Assim que chego na areia seca, paro e desço, caminhando até a festa. Uma dúzia de outras vassouras estão encostadas no penhasco rochoso que a margeia, e deixo a minha entre elas.

Uso um feitiço não verbal para secar minha pele e roupas. Meu nariz e minhas mãos estão dormentes por causa do frio, mas não me dou ao trabalho de gastar mais energia para aquecê-los. Não é nada que uma fogueira e uma bebida não resolvam.

Do outro lado, um grupo de músicos toca rabeca, harpa e flauta.

Ando até o grupo de bruxas, e magos, e metamorfos socializando ao redor do fogo — Kane entre eles. Meu estômago embrulha ao vê-lo. Não sabia que ele estaria aqui. Quase me abaixo quando ele vira a cabeça na minha direção.

Vou me esgueirando pela multidão, com os olhos observando os rostos. Não posso deixar de procurar as bruxas que atacaram Nero. Não sei se estão aqui ou o que vou fazer se as vir, mas…

— Selene!

Me viro ao ouvir meu nome, achando que é Sybil me chamando.

Em vez disso, é uma Olga de cabelos rebeldes. Estou acostumada a ver a bruxa com seu Registro de Últimas Palavras debaixo do braço. Mas pela segunda vez esta semana, ela está sem o livro. No lugar dele, minha irmã de coven segura duas bebidas nas mãos.

— Não te vejo desde o Samhain! Que bom te ver — ela diz, parecendo genuinamente feliz. — Toma. — Empurra uma de suas bebidas para mim. — Quer? Peguei pra Mai, mas ela sumiu.

— Ah — digo, pegando o copo por puro reflexo. — Valeu. Também não tô achando a Sybil, então somos duas. — Olho para a bebida. — Tem *espiritus* nisto aqui?

Ainda estou traumatizada da última vez que bebi aquela coisa.

— Não tenho certeza, pra falar a verdade. Era um metamorfo que estava cuidando das bebidas. Por quê? — ela pergunta.

Faço careta.

— O Samhain foi… um rolê e tanto — digo. — Acabei passando a noite transando com o meu nêmesis. — É estranho chamar Memnon assim. Meu *nêmesis*. Errado, de alguma forma. Nos últimos tempos, ele tem sido algo bem diferente.

— Caramba, que *delícia* — Olga responde. — Bem, um brinde a fazer amor na guerra. — Ela brinda o copo com o meu e depois vira a bebida de uma só vez.

Hoje, a bruxa se maquiou e seu cabelo rebelde está mais “beijado pelo vento” do que despenteado. Assim, toda arrumada, Olga é lindíssima. Dificilmente alguém saberia que ela é perturbadora e obcecada pelas palavras finais das pessoas.

Ela termina a bebida e respira fundo o ar salgado.

— Hum… está com o cheirinho de uma boa noite pra ceifar. Aposto que vou conseguir outra entrada no meu livro.

Aí está. Sua bruxaria se fazendo notar.

Faço careta com a alegria na voz de Olga e tomo um gole relutante da minha bebida, que tem gosto de cranberries, vodca barata e especiarias destinadas a encobrir tal barateza. Mas falta o toque agridoce da infusão de bruxa, então relaxo um pouco.

É quando Sybil nos encontra, passando os braços em volta do meu pescoço e do de Olga. Um pouco de sua bebida cai na camiseta de minha irmã de coven.

— E aí, bruxas? — ela diz, passando o nariz na minha bochecha, sua magia lilás se enrola na minha cabeça antes de flutuar no ar acima.

Atrás de Sybil, estão Mai e outra bruxa cujo nome acho que é Cordelia. Elas se aproximam para se juntar ao nosso grupo. Sybil olha para meu copo.

— E você? Quase não bebeu nada.

— Ela está preocupada que, se beber, vai acabar na cama com o arqui-inimigo de novo — Olga acrescenta, prestativa.

Lanço um olhar irritado para Olga, tomando outro gole deliberado.

Pelo canto do olho, vejo Kane lançar um olhar incisivo.

Ô, caralho. Ele deve ter ouvido.

— Hum, arqui-inimigo, é? — Sybil provoca, erguendo as sobrancelhas enquanto abaixa os braços e se aperta entre mim e Olga. — *Com certeza* a gente não quer que você cometa o mesmo erro duas vezes — ela diz, sabendo muito bem que já cometi esse erro bem mais do que duas vezes.

Puta merda, isso me lembra… ainda tenho que pedir a poção anticoncepcional a ela. Sinto a pressão de um peito largo atrás de mim, então um braço serpenteia em volta da minha barriga.

— A gente precisa conversar. — A voz de Kane é suave em meu ouvido.

Meu coração salta com o toque, mesmo que meu estômago revire. Não quero falar com Kane. Não mesmo. Estava tudo bem quando as coisas com ele eram simples, mas agora estão complicadas. *Nós* somos complicados.

Tomo outro longo gole da bebida.

— Ahhh, o noivo dela não vai gostar de como você está agarrando ela — Sybil diz.

Kane não me solta e eu olho para seu braço, sem saber se o abraço está me incomodando ou não.

— Não lembro de ter que responder a ele — Kane diz suavemente. — Ele que se foda, não tô nem aí.

— Não acho que ele precise. Não quando ele tem sua garota aqui para satisfazer todas as necessidades obscuras e *depravadas* dele.

— Puta merda, Sybil — digo. É a vingança dela pelos comentários sobre seu pai mais cedo.

Kane me segura com mais firmeza e sinto, mais do que ouço, um grunhido baixo e possessivo vibrar em seu peito.

Minha melhor amiga parece muito satisfeita, e as bruxas ao nosso redor assistem a tudo isso com avidez.

Eu me viro nos braços de Kane e o empurro para trás, para fora do grupo.

— Já volto — digo a elas por cima do ombro.

— Sem pressa! — Sybil diz, mexendo as sobrancelhas.

Para Kane, digo:

— Para com isso. A gente é só amigo, e ela só tava brincando.

— Sobre a sua vida sexual.

Dou de ombros.

— E daí?

Ele faz careta, e sinto nossos mundos diferentes colidindo. As bruxas tendem a ser muito positivas em relação a sexo. Gostamos do ato de nos unirmos; anda de mãos dadas com a nossa magia e faz parte do nosso *ethos* celebrar isso. Até incorporamos em alguns dos nossos rituais, como o Beltane.

Os metamorfos, por outro lado, parecem um pouco mais territoriais sobre com quem transam e como exibem isso.

Kane balança a cabeça e me puxa de lado. Meu corpo oscila um pouco com a ação, e o licantropo franze a testa.

— Tá bem, Bowers?

— O quê? Eu? — Aponto para mim mesma. — Tô *de boa*.

Kane me examina por mais um segundo e depois continua:

— Eu queria me desculpar com você de novo. Por não ter te ajudado quando seu familiar foi ferido.

A bile sobe com a lembrança. Não quero falar sobre isso. Não quero me lembrar daquela noite. Tomo outro gole da bebida.

— Eu devia ter ignorado as ordens do alfa — ele continua. — Dava pra… ouvir os gritos. Eu sabia que tinha alguma coisa acontecendo. Todos

os metamorfos lá sabiam. — Kane engole em seco e abaixa a cabeça, enfiando a ponta do pé num pedaço de areia. — Eu admiti que gostava de você e não te ajudei. Não cuidei de você como deveria.

— Não *quero* que cuidem de mim. — Se quisesse, estaria toda bonitinha sentada na casa de Memnon, esperando ele voltar.

Enfim as nossas verdadeiras diferenças aparecem. Como vemos a intimidade, como vemos os relacionamentos. Um relacionamento casual com Kane poderia até ter dado certo, mas qualquer coisa além disso teria me sufocado.

Não respondo a ninguém, nem mesmo a Memnon. Memnon sabe disso. Porra, Memnon *gosta* desse meu aspecto. Ele está mais do que ansioso para me incitar a usar meu poder.

Viro boa parte da minha bebida, querendo estar em qualquer lugar que não seja aqui nesta conversa com Kane.

— Está me ouvindo, Selene? — ele pergunta.

Eu me viro para ele muito depressa, me dando conta só agora de que o metamorfo estava falando alguma coisa. Merda, talvez ele tenha perguntado sobre o Nero. Oscilo um pouco e meu copo escorrega das mãos, o resto da bebida cai na areia.

Kane franze a testa, me olhando de cima a baixo.

— Você tá bêbada?

Balanço a cabeça, oscilando mais um pouco ao me abaixar para pegar o copo vazio.

— Eu não tô bêbada. Nem terminei um copo.

O licantropo franze a testa. Ele se aproxima e se inclina em meu pescoço, inspirando o meu cheiro.

— *Kane* — reclamo, o empurrando para longe.

— Você tá com um cheiro estranho.

— Como assim? — pergunto, rindo meio histérica. — Você mal me conhece para saber qual é o meu cheiro.

Atrás de nós, um dos outros metamorfos assobia e gesticula que estão se preparando para sair.

Kane acena para o metamorfo, então seu olhar passa por mim.

— Minha matilha está se arrumando para ir embora. Quero que você venha com a gente. — Embora seja uma sugestão, há um traço de poder em

sua voz. Não sou um licantropo, mas até eu sou compelida pela ordem contida nele.

Levanto as sobrancelhas para ele.

— Você tá tentando afirmar *dominância* sobre mim? — digo com ceticismo, uma onda de raiva cresce em mim.

Suas feições endurecem.

— Estou. Pode ser que você goste ou não, mas, Selene, vou bater o pé nisso. Da última vez que te deixei, você e seu familiar se machucaram. Não vou cometer o mesmo erro de novo.

Fico encarando por um momento.

— Tudo isso porque eu tô com um "cheiro estranho"?

Ele aperta os lábios e abaixa um pouco a cabeça. *Sim*.

Tenho vontade de rir; a situação inteira é tão absurda. Mas o cara está mesmo falando sério, não tenho dúvidas.

O que significa que tenho três opções: uma, concordar com o que ele diz, como uma boa bruxinha. Duas, me impor e enfrentar um lobisomem alfa. Ou três, dar no pé.

Sou uma bruxa poderosa, filha daquelas que moldaram o mundo e o dobraram à sua mercê. Tenho um legado a defender.

O que eu vou fazer em outro dia.

Me viro e saio correndo. Também quase caio de cara no chão depois de três passos. Álcool e areia não combinam bem.

Tropeço, então me endireito e saio em disparada, usando uma pitada de magia para me estimular e ajudar no meu equilíbrio.

Atrás de mim, Kane rosna, o som cheio de aborrecimento e talvez um pouco de uma promessa possessiva. Então, ele começa a me perseguir.

Consigo correr um total de talvez dez passos antes de seus braços envolverem minha cintura e ele me jogar por cima do ombro, fazendo minha saia subir. Só um rápido jato da minha magia me impede de pagar calcinha.

Um grupo de bruxas e magos por perto grita e assobia para nós.

— Acabou a brincadeira — Kane rosna em meu ouvido, ignorando que estamos no centro das atenções. — Estamos indo.

Estou com sangue nos olhos.

Quem te ofendeu, est amage*?*

Fique fora disso.

Temo pela pessoa que te irritou, Memnon diz alegre até demais para que o sentimento seja genuíno. *Aliás, é uma boa atacar os olhos primeiro.*

Não estou interessada nos olhos de Kane.

Para Kane, digo:

— Vou jogar uma maldição pro seu pau murchar e cair se você não me colocar no chão.

— Isso é meio perturbador — Kane diz. — Mas nós dois sabemos que não vou me intimidar por uma ameaça.

Antes que eu possa responder — ou reunir minha magia —, Kane pressiona o nariz na minha cintura e dá outra fungada.

— Você ainda não cheira bem — ele diz.

Eu quero gritar. Em vez disso, o poder sai de mim em ondas agitadas.

O licantropo deve ter sentido isso, porque diz:

— Não faça escândalo.

Ah, mas eu vou matá-lo. E vou aproveitar cada segundo.

— Disse o homem que está me *sequestrando* — sibilo. *Aposto* que ele não quer cena. Pega mal para ele.

— Não estou te *sequestrando* — ele diz. — Estou só… — Suas palavras são interrompidas quando outro metamorfo se aproxima, perguntando sobre sabe-se lá que porra.

Do outro lado da festa, avisto Sybil, que pergunta só mexendo os lábios: “Tudo bem?”.

“Não”, respondo da mesma forma.

Ela vai logo empurrando a bebida nas mãos da primeira pessoa aleatória ao lado e começa a caminhar na nossa direção, com determinação nos olhos.

Antes que ela possa fazer qualquer coisa, porém, estendo o braço na direção da encosta do penhasco, onde repousam mais de uma dúzia de vassouras.

— *Venha até mim* — ordeno em sármata, lançando um pouco de magia. Me sinto como um Jedi bêbado ao convocar uma das vassouras.

O álcool está diminuindo um pouco meu poder porque, por um segundo, a vassoura em que me concentro só estremece, encostada na rocha íngreme. Mas então, meio preguiçosa, ela se desprende da parede e cruza a festa, derrubando algumas pessoas pelo caminho.

A vassoura pousa em minhas mãos.

Sucesso.

Kane olha por cima do ombro.

— *Leve-nos para casa* — ordeno à vassoura.

Ela dá um tranco para frente, me puxando junto.

Kane xinga quando eu consigo escapulir. Não é o meu melhor momento, subindo no cabo de madeira aos tropeços, fugindo do abraço determinado de Kane.

Acabo de me firmar quando a vassoura dá outro tranco, e agora estou atravessando a multidão, derrubando as pessoas.

— Desculpa! Desculpa! — exclamo enquanto voo.

Kane vem marchando atrás de mim, mas a magia de Sybil se espalha pela praia, provavelmente impedindo o metamorfo de se aproximar. Sinto um quentinho no coração; ela é mesmo uma amiga maravilhosa.

— Selene! — Kane vocifera, seus olhos lupinos brilham quando olho para ele.

Para quem não queria escândalo…

Faço uma curva com a vassoura para encarar o licantropo de frente.

— Vá se ferrar, Kane! — Minha voz ecoa. — *Ninguém dá ordens a uma bruxa*.

A multidão ao meu redor deve concordar porque, apesar de ter esbarrado em várias pessoas, ouço gritos e aplausos.

Minha vassoura sobe mais alto no céu, acima do alcance de Kane e de todos os outros ali, e então vou embora.

Por um minuto emocionante, desfruto da vitória absoluta de derrotar o licantropo determinado.

Então, me dou conta de um erro enorme: enfeiticei minha vassoura para voar para *casa*. Eu não *quero* ir para casa. Só queria sair de perto de Kane.

Estou prestes a ordenar que minha vassoura dê a volta quando uma rajada de vento sopra forte e quase me derruba. Quando me endireito, o mundo parece girar.

Pisco várias vezes, tentando clarear a visão, mas o mundo ainda está girando e minha vassoura ainda está subindo cada vez mais alto no ar. Agora estou cerca de quinze metros acima do solo e muito, muito embriagada. O que é impossível.

Agarro o cabo da vassoura com força, me sentindo enjoada.

Não tomei nem um copo cheio. Mesmo que a vodca fosse muito forte, não deveria me afetar desse jeito. Só se…

Só se estivesse batizada.

Ô, caralho. Será que alguém *batizou* minha bebida? Ou a bebida da Olga, já que foi ela quem me deu? Foi *ela* quem fez isso?

Porra, Kane tinha razão em se preocupar comigo no fim das contas, mesmo que tenha sido o maior babaca possível. Invoco meu poder.

— *Abaixe até o chão* — ordeno em sármata.

A magia emana de mim em jorros fracos e preguiçosos, mas em vez de descer, a vassoura sacode sob minhas mãos, quase me derrubando no processo.

— Desgraça — xingo, me endireitando.

Ela dá outro tranco e meu corpo tomba para o lado. Enquanto vou inclinando, o mundo gira.

Merda, merda, merda.

Desesperada, envolvo a vassoura com os braços e pernas enquanto desmonto totalmente, agarrada à parte inferior da minha vassoura suspensa no ar.

Que lamentável.

Dou uma olhada por cima do ombro só para ver a terra passando quinze metros lá embaixo. Minha vassoura salta de novo, e de novo, e de novo, e acaba desalojando meus pés. Estou com muito medo de gritar quando minhas pernas escorregam, me deixando pendurada pelas mãos.

Meus arredores passam por mim como um borrão, mais rápido do que meus olhos podem acompanhar, e meu estômago embrulha. Fecho os olhos com força, só para fazer o mundo parar de girar.

— Abaixe até o chão! — grito o comando.

Selene? A voz de Memnon interrompe. *Você está… no céu?*

Ele deve ter ouvido alguns dos meus pensamentos.

Não por muito mais tempo.

A magia parece tropeçar ao meu comando, puxando fracamente a vassoura. Em resposta, a vassoura freia em pleno ar e depois simplesmente começa a cair, me levando junto.

Como assim? O alarme em sua voz combina bem com os gritos na minha cabeça.

Felizmente e sem nenhuma tentativa de minha parte, a vassoura parece lembrar que está enfeitiçada para voar. De repente, ela para de cair e se nivela.

Cerro os dentes quando a ação dá um tranco nas articulações dos meus ombros, mas é com as minhas mãos que estou preocupada. As palmas estão escorregadias por causa do suor, e estou escorregando do cabo de madeira, e puta merda, desgraça, caralho…

— *Sele minhas mãos nesta vassoura!* — ordeno em sármata, canalizando o poder pelos braços e pela palma das mãos.

Apesar de invocar a língua morta e canalizar a magia para as mãos, nada acontece. O poder não emana do meu corpo, e o encantamento não finca.

O feitiço falha completamente.

Estou chegando!, Memnon diz. *Aguenta firme.*

Mas aguentar é a única coisa que eu não consigo mais fazer.

Meus dedos escorregam do cabo molhado de suor e eu caio.

Capítulo 33

Selene. Selene.

Selene!

Malditos deuses… Roxilana, me responda, meu amor!

Solto um suspiro, uma pitada de dor floresce com o gesto, e pisco.

Memnon?, pergunto, juntando as sobrancelhas.

Graças à porra das estrelas. Você se machucou? Estou indo até você. Continue falando comigo.

Pisco de novo, olhando para o céu noturno nublado logo acima, que ainda parece girar. Se me machuquei? Há algo quente e úmido nas minhas costas, e é difícil respirar…

Eu me mexo um pouco, e *santa deusa mãe*. A agonia irradia de *todos os lugares*.

Sim, ofego em nosso vínculo, sufocando um soluço que poderia sacudir ainda mais meu corpo. *Me machuquei. Acho… acho que caí.* Então, tudo volta à minha mente: o terrível voo na vassoura, a perda da magia, *a queda*.

Devo ter desmaiado com o impacto, mas agora, infelizmente, estou acordada — assim como minha dor. Faíscas incandescentes de dor irradiam das minhas pernas. Uma perna em particular parece exposta, caso o vento aumentasse, até mesmo sua leve carícia causaria dores agudas em mim.

Tenho velhas lembranças de feridas abertas. Conheço a sensação das minhas entranhas expostas ao ar.

Avalie-se, est amage. *Me diga o que está ferido.*

Levanto a cabeça e olho para a linha do meu corpo. Leva vários segundos para que o ambiente ao redor pare de girar. Na penumbra, consigo ver um osso branco saindo da minha perna esquerda toda destroçada. Reprimo o choro.

É difícil dizer na escuridão, mas minha perna direita parece torcida em todos os ângulos errados. E minhas costas…

Fecho os olhos com força e engulo o enjoo crescente.

Pernas quebradas. Uma delas é… uma fratura exposta. Dá pra ver o osso.

Entre a dor e o conhecimento, começo a engulhar, e a única coisa que me impede de vomitar é a consciência cada vez mais urgente de que não posso me mexer. Já estou deitada numa poça do que tenho certeza de que é meu próprio sangue. Não quero adicionar vômito à mistura.

Deveria ter ido com Kane, penso, desesperada.

Eu não sei que porra aquele metamorfo tem a ver com tudo isso, Memnon diz, sombrio, *mas vou me certificar de esfolar aquele cachorro vivo, mandar empalhar e pendurar na minha parede na primeira chance que tiver.*

Não foi… culpa dele…

A menos que *ele* tenha batizado minha bebida, é claro, mas acho bem improvável. Esse tipo de merda escusa e covarde é justamente o que os alfas *combatem*.

Não liga para o Kane, Memnon ordena. *Vou direcionar minha magia para você. Pegue o que precisar e se cure da melhor maneira possível. Estou te rastreando. Estarei aí em breve.*

Como assim, me rastreando?, pergunto, atordoada.

Cure essas feridas, ele diz gentilmente. *E então eu te conto.*

Eu me concentro, tentando tocar a magia de Memnon. Talvez seja a dor, ou talvez outra coisa, mas até mesmo acessá-la é mais difícil do que o normal. E quando tento transformar seu poder num feitiço, ele não responde à minha vontade como acontecia no passado.

Minha respiração fica cada vez mais rápida, o que deixa meu peito em chamas. Costela quebrada? Pulmão perfurado? Sangramento interno?

Tiro o foco da dor e me concentro no meu próprio poder. Está lá, vivo dentro de mim, mas é como se eu não pudesse mais canalizá-lo.

Grito de frustração e dor.

Não tá funcionando.

O que não está funcionando?, Memnon questiona.

Minha magia e a sua. Não consigo usar nenhuma delas para me curar.

Você… não consegue usar? Ele soa como se o pensamento fosse inconcebível.

Há dois mil anos, quando os seres sobrenaturais não eram tão unificados e a nossa magia não era tão especializada, algo assim *era* mesmo

inconcebível.

Acho que… alguém… me drogou…

Sua fúria irrompe em nossa conexão, por alguém ter ousado fazer isso comigo.

Juro para você, est amage, *quando você estiver segura, eu os encontrarei e eles pagarão.*

Penso em Olga, que me deu a bebida. Olga, de quem eu não suspeitava. Fecho os olhos com força para não chorar. Eu não deveria confiar nas minhas irmãs de coven, mas confiei.

Eu fui besta, admito. *Confiei em alguém que não deveria.*

Em algum lugar distante, um carro passa. Estou perto de uma estrada. Acho que isso é… isso é bom.

Confiar nas pessoas não é besteira. Só otimismo. É uma das qualidades que mais amo em quem você é nesta vida. O mundo ainda não quebrou sua fé.

Ainda.

Acho que essa é a palavra-chave. Porque cada altercação violenta vai pouco a pouco diminuindo essa fé.

Essa pode ser uma das coisas mais gentis que você já me disse, digo.

A dor está embotando sua memória, meu amor.

Meu coração dói com o apelido. *Não me chame assim.*

Tudo bem, ele diz. *Então, que tal minha brava rainha, minha incrível alma gêmea, mãe de meus futuros filhos?*

Faço careta. *Definitivamente não este último aí.* Preciso colocar as mãos em alguma poção anticoncepcional para evitar que isso aconteça.

Você está me dando munição demais para usar contra você na próxima vez que estiver brincando com sua bocetinha.

Memnon, digo, horrorizada. Sei que ele está dizendo isso para me distrair da dor, mas, puta merda, está funcionando bem até demais. *Você não ousaria usar isso contra mim.*

Sinto sua diversão, embora esteja tingida de preocupação. *Se eu fosse um homem honrado…*

Memnon!

Ao longe, outro motor ronca na estrada. Parece que está vindo vagaroso e, em vez de acelerar pela colina gramada em que estou, ele diminui a

velocidade, e depois freia. Ouço uma porta se abrir e depois o som pesado de pés contra o cascalho da estrada.

É você, Memnon?

Ainda não cheguei.

Porra.

Alguém chegou, digo.

E as chances de ser um bom samaritano são extremamente pequenas.

Do outro lado do vínculo, sinto o alarme de Memnon. Então ele desaparece, tão rápido que o feiticeiro deve estar escondendo-o de propósito de mim.

Você tem alguma arma aí?, ele pergunta. É algo que ele costumava garantir que Roxilana tivesse.

Não, respondo.

Ele me protege de qualquer reação que tenha a essa notícia.

Enquanto isso, o estranho lá abaixo está subindo a encosta montanhosa, com a grama selvagem sendo esmagada sob seus sapatos.

Invoque sua magia de novo, me ordena Memnon, parecendo o senhor da guerra que já foi. Embora não haja compulsão em sua voz, obedeço à ordem sem questionar.

Busco meu poder, conforme os passos se aproximam. Está lá, correndo sob a pele, mas estou totalmente desconectada dele. E apesar de a magia ser semissenciente, não demonstrou interesse nenhum em me curar sozinha.

Ainda não está funcionando, digo a Memnon. Tento suprimir o pânico crescente.

Aguenta firme, imperatriz. Estou chegando.

Não há nada que eu possa fazer *a não ser* aguentar firme. Não tenho magia utilizável, nem arma, nem mobilidade.

Peraí…

Mexo os dedos e testo os braços. Ambos parecem bastante machucados, mas consigo mexer bem o braço direito se deixar o resto do corpo bem imóvel.

Com cautela, procuro qualquer coisa que possa usar para me defender. Até os leves movimentos do meu braço repuxam a lateral do meu corpo, e tenho que morder o lábio para abafar um grito. Mas meus dedos roçam uma pedra parcialmente incrustada no solo. Cavo as unhas na terra para libertá-la.

A ação faz a grama farfalhar e não tenho magia para mascarar o som. Quase desisto, preferindo ficar quieta e imóvel.

Se vieram até aqui por sua causa, vão te encontrar, lembro a mim mesma.

Então puxo a pedra até soltá-la. Não é maior que a palma da minha mão, mas é áspera e tem um lado afiado.

Melhor que nada.

Agora a única coisa a fazer é ficar à espreita.

Os passos sinistros seguem até onde estou, na encosta costeira, atraídos na minha direção como se eu fosse um farol. Quando avisto a figura pela primeira vez, tudo o que consigo distinguir é uma silhueta escura e encapuzada.

Ele se aproxima e tenho um vislumbre de um rosto humanoide e um par de olhos cegos.

Tomo um susto.

Achei que tinha aniquilado você lá na Sempreviva.

A criatura de argila, aquela que quebrei com um feitiço há apenas algumas semanas, está inteira mais uma vez, e agora voltou para mim.

Capítulo 34

Por vários segundos, a criatura fica parada, virada na minha direção, e fico curiosa para saber o que ela está pensando — se é que é *capaz* de pensar. A cabeça estava oca quando a esmaguei com o pé.

Talvez faça a mesma coisa comigo, pisoteie meu rosto até o fim, agora que nossos papéis estão invertidos.

Enfim, ela se abaixa, com as mãos esticadas.

Espero até que esteja perto o suficiente e então avanço, balançando a pedra na mão, um grito de dor sai da minha garganta quando a ação faz meus ferimentos gritarem. Assim que a pedra atinge a bochecha do monstro, ouço o som de cerâmica se quebrando.

A criatura recua um pouco, mas essa é a extensão da sua reação. Então, ela vem me pegar de novo. Meu torso está em chamas, mas jogo o braço para trás e ataco uma segunda vez, mirando no pulso do ser. O membro se solta uma fração de segundo antes que o outro braço da criatura me envolva e me levante.

Caralho, *que dor*!

Está em toda parte — nas costelas, pernas, costas e pescoço. Minha visão até fica turva.

O monstro me agarra da melhor forma que pode, esmagando meu torso e aumentando minha agonia. Então, começa a andar.

Um grito áspero rasga o ar quando minhas pernas quebradas se arrastam no chão. A agonia é avassaladora. A escuridão na minha visão periférica agora invade e, felizmente, eu desmaio.

Selene!, Memnon vocifera em nosso vínculo. *Selene! Responda, por favor, minha rainha!* Um medo espesso e coagulado cobre suas palavras.

Mal tenho tempo de assimilar quando a agonia retorna.

Posso sentir sua dor! Memnon continua. *O que está acontecendo?*

Raptada… tem uma criatura…

A bile sobe mais rápido do que consigo impedi-la, e só tenho tempo de virar a cabeça para vomitar.

O monstro não diminui a velocidade. Minhas pernas quebradas e ensanguentadas percorrem a encosta, a grama selvagem pela qual passamos gruda em minhas feridas abertas, e a sensação me faz vomitar novamente.

Aguenta firme, minha brava rainha.

Acho que não tenho escolha. Tenho que suportar, gostando ou não.

Acho que estou soluçando, me contorcendo. Sinto que a dor está me consumindo. E talvez seja porque a noite escurece mais uma vez… e então me engole inteira.

.

DOR!

Acordo com ela. Estou mergulhada *nela*. Talvez eu esteja morta. Talvez eu tenha ido para o inferno e esteja me banhando em seus salões de fogo.

Forço as pálpebras pesadas a se abrirem. Estou oscilando, balançando, escorregando, enquanto o mundo gira.

Ainda estou voando?

Mas não, há um teto falso acima e algo dando apoio às minhas costas e coxas.

Uma cadeira, percebo.

Tento mexer os braços, mas estão presos nas minhas costas, o ângulo aperta minhas escápulas. Minhas pernas mutiladas estão caídas de qualquer jeito, e a posição em que estou agora coloca tanta pressão sobre elas que a dor é implacável.

Acho que vou vomitar de novo.… Até meus pensamentos vêm vagarosos.

Selene!

Meus olhos se fecham para impedir que a sala gire, e engulo o enjoo crescente.

Memnon?, pergunto, atordoada.

Estou bem aqui, ele diz. *Fique comigo.*

— Olha só quem eu achei — diz uma voz feminina na minha frente, desviando minha atenção do meu parceiro. — Uma bruxinha quebrada e perdida na floresta.

Essa voz parece vagamente familiar.

Estou prestes a abrir os olhos quando algo pressiona minha perna ferida.

Solto um grito, então me abaixo e vomito, enquanto a agonia ardente me consome.

Em nosso vínculo, posso ouvir Memnon gritando meu nome.

— *Olhe para mim* — manda a voz, e há magia entrelaçada na ordem.

Sou forçada a me virar para a mulher que fala. Ela tem cabelos castanhos e olhos redondos e suaves que dão ao seu rosto um ar de inocência. A mulher é linda — linda e familiar, e talvez eu conseguisse identificá-la se meu corpo não estivesse banhado em agonia e seja lá qual for a droga que me deram.

— Lembra de mim? — ela pergunta, ecoando meus pensamentos. — Porque *eu* me lembro de *você*.

Minha perna faz um barulho molhado de sucção quando ela tira o dedo, agora sangrando, de lá.

Grito de dor e horror.

SELENE! A voz de Memnon ressoa na minha cabeça. *O que quer que esteja acontecendo, fique comigo*, ele implora.

Não dá… pra falar…

— Toalha — ela ordena, estendendo a mão.

Das sombras, a criatura humanoide dá um passo à frente, com o rosto e as mãos inteiros mais uma vez. Numa dessas mãos, segura um pano branco, que entrega à mulher.

Ela o pega sem olhar para o monstro, limpando meticulosamente o sangue do dedo antes de jogá-lo de lado.

É tudo muito bem ensaiado. A toalha preparada, a cadeira, as amarras, sua presença firme, segura e *familiar*.

Percebo agora o que não percebi antes: ela comanda a criatura, assim como a sacerdotisa na noite do círculo mágico. É *ela*. A sacerdotisa.

Meus olhos se voltam para a mulher rápido demais, e a sala gira.

— Você achou que nunca mais me veria? — ela pergunta.

Tento aguçar a mente, porque isso é importante, mas a dor, a perda de sangue e o que quer que tenha me drogado desorientam tudo.

Isto deve ser o que a sacerdotisa deu à garota metamorfa, Cara, antes de tentar enlaçá-la. Deve afetar nossa magia.

— Desde aquela noite, fiquei procurando por você — ela diz.

Ela quer você, uma das bruxas que atacou Nero me avisou.

Quem?, perguntei.

Lia.

Encaro a sacerdotisa, finalmente juntando um nome ao rosto. Lia. Mais do que surpresa, sinto… pavor.

Ela enlaçou pelo menos uma bruxa — Lauren, a professora que Memnon interrogou — e quase enlaçou Cara. E ainda tem aquelas bruxas que atacaram Nero, talvez algumas — se não todas — estejam enlaçadas a essa mulher. Devem estar contra a vontade.

E agora estou aqui, drogada, ferida, amarrada e muito, muito vulnerável.

— Você me custou mais do que só uma garota — Lia diz. — Você me custou *seis*. E tudo por causa da sua crença ingênua em honra? Justiça? Onde estava sua superioridade moral quando matou minhas garotas? Aquelas que ficaram jogadas, mortas no chão da floresta. Sabia que elas eram tão inocentes quanto a metamorfa que você salvou?

Meu estômago embrulha enquanto ela me encara.

Lia se inclina para frente, colocando as mãos nas minhas coxas. Travo a mandíbula contra a dor, lágrimas fazem meus olhos arderem.

— Se sente superior agora? — Quando não respondo, ela enfia os dedos e sacode uma das minhas pernas quebradas, e minha visão escurece. — *Responda*.

Selene! A voz de Memnon está alarmada. *O que quer que esteja acontecendo, estou aqui. Estou sempre aqui com você.*

Não consigo responder ao sentimento do meu parceiro. Não quando estou puxando o ar pelo nariz, tentando não gritar ou vomitar.

Quando acho que consigo responder a Lia, sussurro:

— *Não*.

A mulher olha para mim, com o rosto impiedoso. Ela deve ver algo que a acalme, porque sua expressão se suaviza.

— Antes de tudo, vamos lidar com essas feridas. — Aperto a mandíbula e me preparo para o que quer que ela pretenda. — *Os ossos se consertam, a carne é costurada. Os tendões se regeneram e as feridas são curadas.*

Uma magia espessa e cor de ameixa flui dela e se derrama sobre mim em ondas. Ela penetra na pele, aquecendo meu corpo enquanto começa a reparar os ferimentos. Não sei o que estava esperando, mas com certeza não era um feitiço de cura.

Não que o feitiço seja particularmente gentil.

Minhas pernas dão um tranco, o poder de Lia as coloca bruscamente no lugar. Me inclino para o lado e respiro, com ânsia de vômito. Suor e algumas lágrimas rebeldes escorrem do meu rosto. Sua magia sacode minhas costelas, e é tanta dor, tanta…

Um gemido escapa da minha garganta. Mas a dor aumenta só por alguns momentos. Depois, fica bem mais suportável conforme sua magia conserta os ferimentos mais graves.

Fico ali sentada, ofegante, com fios suados do meu cabelo grudados no rosto. Quero perguntar a Lia por que ela está me curando, mas tenho uma sensação horrível de que vou descobrir em breve.

À medida que a dor passa, também desaparece um pouco da minha desorientação. Ainda estou cansada, mas a sala não gira mais, e consigo de fato focar na mulher à minha frente.

Uma vez que meu corpo está todo recomposto, sua magia se dissipa da sala.

— Você foi traída pelas suas amigas, Selene Bowers — Lia começa. — Assim como logo vai trair outras em meu nome. Você não terá escolha. Nenhuma de vocês têm. — Ela se afasta de mim e se levanta. — Na maioria das vezes, não dou a mínima para a vida das minhas bruxas. — Lia recua. — Mas você? Você me irritou. Então, vou gostar de te usar.

Ela se vira de costas para mim, na direção do monstro.

— Criatura, reúna seis bruxas ou magos. — Sua atenção se volta para mim quando ela acrescenta: — Um para cada pessoa que Selene me custou.

O monstro caminha mecanicamente até uma porta atrás de Lia e sai da sala.

Lia estende a mão e desembainha uma pequena adaga. Olho para o aço reluzente, atenta ao que ela pretende fazer a seguir.

Memnon, odeio ser a donzela em perigo, mas sua ajuda viria a calhar.

Do outro lado do nosso vínculo, sinto a raiva impotente de Memnon. *Sinto muito, querida parceira. Estou chegando. Até lá, marque nossos inimigos. Juro que a morte deles será lenta.*

Quando ele chegar aqui, pode ser tarde demais.

— Em geral, gosto de fazer isto no coven, com minhas bruxas enlaçadas — Lia diz, batendo a lâmina na palma da mão. — Com comida, bebida e uma pequena celebração. É civilizado e divertido. — Ela caminha na direção da minha cadeira. — Isto aqui não vai ser divertido. Não posso nem

dizer quão civilizado será. Você *vai* me odiar, disso eu tenho certeza, mas até lá, você estará totalmente comprometida comigo.

Um arrepio percorre minhas costas com suas palavras e a certeza em seus olhos. Eu estava muito drogada e machucada antes para sentir medo de verdade. Mas agora ele inunda meu corpo.

Tento como louca acessar minha magia novamente, enquanto Lia se aproxima de mim. Consigo reunir alguns fios mixurucas, mas quando tento libertá-los, sinto apenas um sopro fino saindo da minha mão, derretendo no ar poucos segundos depois de soltá-lo.

Porra.

Minhas pernas não estão amarradas à cadeira, deve ser porque estavam muito torcidas antes. Erro dela. Assim que Lia chega perto, jogo uma perna para trás e dou um chute com força na coxa dela.

Ela tropeça, quase deixando cair a adaga.

— *Vagabunda*. — Sua magia me envolve, agarrando minha garganta e me sufocando enquanto prende magicamente meus tornozelos à cadeira. — Vou obrigar você a fazer coisas *horríveis* — ela jura. — Coisas que você vai abominar. Coisas que vão fazer você querer rasgar a própria pele.

O terror congela meu sangue.

Procuro minha magia de novo, mas é inútil.

Tome meu poder, Memnon diz, forçando o seu próprio.

Não deu certo antes, digo, desanimada.

Tente de novo mesmo assim, ele ordena, com um tom desesperado na voz.

Quando induzo sua magia para o centro do meu corpo, ela vem com bastante facilidade. O conforto de ter uma parte de Memnon comigo, dentro de mim, alivia meu medo.

Sua magia gira em torno do meu próprio poder, misturando os dois, e quando direciono a magia de Memnon pelos braços, ela vai para onde eu a invoco, como se estivesse ansiosa para me agradar. Ela ainda consegue arrastar minha própria magia junto. Mas as duas param nas minhas mãos. Nem mesmo um fio emana desta vez.

Nada ainda, digo a Memnon.

Sinto apenas um leve sussurro do medo do feiticeiro antes que ele bloqueie a emoção. Em seu lugar, vem mais poder. Ele canaliza em nosso vínculo como se isso pudesse compensar os bloqueios mágicos.

Consegue se mexer?, Memnon pergunta. *Pegar uma arma?*

Minha atenção é arrancada dele quando a porta atrás de Lia se abre e seis indivíduos entram, seguidos pela criatura de barro.

Vai rolar alguma coisa, digo. *Não dá pra falar agora.*

Eu me afasto do vínculo enquanto estudo os recém-chegados. Nenhum deles usa máscaras como o último círculo mágico que Lia presidiu, e a maioria deles são homens com rostos duros e implacáveis. Não reconheço as duas mulheres do grupo. Elas parecem mais velhas do que a maioria das bruxas com quem convivo lá no coven.

Há uma monotonia nos olhos de todos esses seres sobrenaturais e, por instinto, sei que nenhum deles vai me resgatar como eu fiz com Cara.

— Vou realizar um feitiço de enlaço — Lia anuncia.

O grupo de seis não fala, mas começa a tirar os sapatos e as meias, colocando-os na lateral da sala. Quando estão descalços, eles formam um círculo ao meu redor, com Lia na frente. Os sete dão as mãos, e então Lia começa a encantar em latim:

— *Convoco a magia antiga e a escuridão profunda sob nossos pés. Emprestem-nos seu poder para os feitiços desta noite. Nosso círculo convoca vossa magia.*

Os pelos dos meus braços se arrepiam quando sinto o círculo formar e a corrente mágica girar ao meu redor, de um braço para o outro.

Só depois de o círculo estar formado é que Lia se junta a mim no meio. Adaga ainda em mãos, ela levanta os braços e a lâmina acima da cabeça.

— *Convoco a escuridão e os deuses antigos e famintos que hão de testemunhar meus atos* — ela encanta em latim.

As palavras são as mesmas que ela usou no último círculo mágico. Mas agora sinto os deuses antigos e famintos em algum lugar lá embaixo, de uma forma que não senti no mês passado. Seus olhos estão focados em Lia e em mim.

Iremos testemunhar, eles parecem sussurrar.

Lia abaixa os braços e pressiona a ponta da adaga na pele bronzeada do antebraço. Lentamente, ela vai cortando a pele, uma linha de sangue brota conforme ela avança.

— Você se lembra dessa parte, não é? — ela me diz enquanto trabalha.

Ao nosso redor, os outros sobrenaturais estão em silêncio.

Eu me lembro *bem* dessa parte do ritual, só que quando ela fez isso da última vez, o ferimento foi entre os seios.

Memnon, chamo, incerta, acessando nosso vínculo mais uma vez. Meu olhar está fixo naquela linha de sangue.

Do que você precisa, imperatriz?

Preciso que ele esteja aqui, mas não posso ordenar que ele venha mais rápido do que já está vindo, então fico em silêncio.

Lia vai até o encosto da minha cadeira e corta minhas amarras.

Antes que eu possa dar um soco nela, sua magia está lá, prendendo meus braços. Ela agarra uma das minhas mãos e a liberta de suas restrições mágicas.

Lia estende meu braço e corta minha pele com a adaga, partindo a carne delicada.

Memnon!, começo a gritar. *Memnon!*

— Com sangue eu enlaço, com osso eu quebro…

Não, não, não!

Ela agarra meu antebraço cortado e pressiona o próprio braço sangrento no meu, com uma expressão determinada.

O QUE ESTÁ ACONTECENDO?

Luto contra Lia. *Ela vai me enlaçar!*, grito.

A outra extremidade do nosso vínculo fica silenciosa como um túmulo.

Então, a magia de Memnon inunda meu corpo — um oceano inteiro flui para dentro de mim. Em geral, preciso da intenção de alcançar e puxá-la para mim através do vínculo, mas é como se o feiticeiro estivesse jogando tudo em mim.

Com sua magia vem calor, devoção, *amor*. Estou cansada e fraca, mas acesso o que posso do poder dele e do meu, e canalizo tudo pelos braços e mãos. Uma pluma lenta de magia laranja e índigo é liberada, embora não faça nada além de empurrar Lia um pouco para trás. Não é suficiente para quebrar seu domínio sobre mim. Ainda posso sentir o sangue dela se misturando ao meu.

Donzela, Mãe e Anciã, isso não pode estar acontecendo.

— Apenas pela morte, enfim renego.

Solto um grito quando um vínculo novo e intrusivo abre caminho através de mim, a magia vai dilacerando meu corpo.

— O que eu ordenar, você há de obedecer. Sua vontade é minha até o dia em que morrer.

A dor deste laço é lancinante, mas talvez seja porque, ao contrário dos outros, não é consensual.

Ele se aloja atrás do meu esterno e suas raízes parecem se enterrar nos meus ossos. Meu rosto está molhado e me dou conta de que ainda estou gritando. Minha garganta está rasgando de tão irritada.

Por um momento, sinto Memnon bem ali, o mais próximo possível, através do vínculo.

O lado dele faz silêncio, mas desse silêncio vem…

Fúria. Fúria arrependida.

Tanta fúria. O suficiente para dizimar um exército dez vezes.

Sob minha tristeza e horror, posso sentir a mesma determinação que o ajudou a derrubar reinos. *Estou chegando*, ele repete, mas sua voz está bem diferente. Fria. Colérica. *Eles vão pagar*.

— Saiam — Lia manda, dispensando o grupo de sobrenaturais sem tirar os olhos de mim.

Os seis indivíduos soltam as mãos e saem da sala sem dizer palavra. Não há um único som, exceto meus soluços irregulares, e acho que posso odiar esses sobrenaturais tanto quanto odeio Lia. Eles podem não ser tão maus quanto ela, mas participaram do ato.

Pode ser que estejam enlaçados assim como eu.

O pensamento arranca outro grito rouco de mim.

Assim que a porta se fecha, o controle mágico de Lia sobre mim se afrouxa. Sem que isso me prenda no lugar, escorrego da cadeira e caio no chão frio de concreto. Meu choro vai morrendo, mas agora respiro com dificuldade, cabisbaixa.

Lia se aproxima de mim. Posso ver a ponta pontiaguda dos seus saltos.

— Quem diria, você é *mesmo* uma bruxa poderosa. Ninguém me avisou sobre isso. Todos disseram que você era frágil, *esquecida*. Um alvo fácil, mas um recurso fraco. — Ela bate a ponta de um dos sapatos no chão. — E o que é isso? — Ela olha para mim, mas seus olhos estão desfocados. Ela inclina a cabeça. — Outro laço? — Franze a testa. — *Dois* laços?

O fato de ela poder sentir *qualquer* vínculo além do dela é aterrorizante.

Ela me pega pelo queixo e inclina minha cabeça para cima.

— Não posso permitir que eles existam. — Há um brilho alegre em seus olhos. — Isso deixaria as coisas complicadas. Sua primeira tarefa de verdade, quando eu te liberar, será romper cada um desses laços na primeira chance que tiver.

Pressiono a mão no meu esterno conforme seu poder malévolo finca ali, e começo a engulhar várias vezes, conforme ela vai impondo suas intenções sobre mim. Memnon até poderia sobreviver a tal ataque, mas Nero, meu doce e mal-humorado Nero, que está esperando por mim agora mesmo…

Engulho de novo.

Não, não, não.

Uma magia cor de ameixa emana de Lia, dando-lhe um cenário sinistro.

— Vamos repassar o básico. Você nunca vai me machucar — ela ordena, a ordem desliza direto pelo laço e cria raiz em mim. — Você fará tudo ao seu alcance para me proteger e servir.

Meus dedos cavam a pele acima do meu esterno. Posso *sentir* Lia dentro de mim assim como sinto Memnon. Mas onde a presença mágica de Memnon é familiar e reconfortante, a marca mágica de Lia parece uma violação.

Ela vem até mim e coloca a mão na minha cabeça. Quero arrancá-la dali, mas um de seus comandos ativa e me impede.

Cerro os dentes, meu corpo se curva sob seu toque.

Sua magia púrpura escorre sobre mim, depois para dentro de mim, e não posso fazer nada para impedi-la. Mas, à medida que desce pela minha garganta e entra no meu corpo, sinto que elimina os efeitos da droga da minha corrente sanguínea. Posso sentir minha própria magia me invadir novamente e meu controle sobre ela se aguça.

— Imagino que assim esteja melhor, não é? — ela pergunta, acima de mim. Pressiono os lábios. — Responda.

— *Sim* — sibilo.

Sua mão desliza da minha cabeça.

— Por que não fazemos uma demonstração de como é estar enlaçada a mim? — Ouço o clique de seus saltos enquanto ela se afasta. — Curve-se para mim.

Não é nem uma escolha. Seu poder força meu corpo a obedecer. Eu me dobro, com os braços esticados à frente. Pressiono a palma das mãos no concreto frio.

— Agora, rasteje e beije meus pés.

Que pesadelo, penso enquanto atravesso o cômodo até ela.

Finalmente compreendo seus motivos para me curar. Se ainda estivesse ferida, seria incapaz de realizar esses atos degradantes. Lia obviamente sabe que há mais de uma maneira de machucar alguém.

Dou um beijo no topo de cada pé, e cada fibra do meu corpo rejeita este momento. Lia então chuta meu rosto, me fazendo cair para trás.

Sinto gosto de sangue na boca enquanto minha cabeça bate no concreto.

— Me agradeça por te machucar.

Posso ouvir a alegria em sua voz. Que filha da puta.

— Obrigada por me machucar. — As palavras são arrancadas da minha garganta.

Pelo canto do olho, vejo Lia sorrir, com os olhos estreitos.

— De pé. — Minhas pernas se posicionam e eu fico de pé. — Assim é melhor — ela diz, me avaliando.

Tento avançar para cima dela, mas a mesma magia insidiosa corre pelas minhas veias, paralisando meus músculos antes que eu possa fazer mais do que me inclinar para frente. Ela nem percebe.

Ela dá uma olhada no canto da sala, onde o monstro de argila espera nas sombras.

— Criatura, venha aqui.

Fico tensa ao vê-lo se aproximar. Em sua testa, está a mesma palavra arcaica que vi na noite do círculo mágico. Eu não conseguia lembrar o nome ou o significado, porque pensei que era aramaico. Mas não é. Outra língua que compartilha o mesmo alfabeto do aramaico: o hebraico.

A palavra hebraica que estou vendo é *emet*.

Verdade.

Foi uma das poucas centenas de palavras que aprendi em hebraico antes de minha primeira vida ser interrompida. A visão dela agora arrepia minha pele. Tem é magia antiga em jogo.

Quando a criatura chega até ela, Lia estende a mão e toca sua bochecha com ternura.

— Embora eu tenha muitos laços, não tenho um familiar. Minha criatura aqui é a coisa mais próxima que chega de um.

É literalmente um vaso de cerâmica glorificado.

Ela continua a acariciar aquela pele bizarra.

— Selene, você não deve se defender. — Eu não devo… *o quê*? Meu olhar se aguça, se movendo entre as duas figuras. — Criatura, machuque-a.

Que porra?

O enorme monstro avança em minha direção e eu tropeço para trás, invocando minha magia. Para minha surpresa, ela vem a mim. Mas assim que tento direcioná-la para o monstro, é interrompida, obedecendo ao comando de Lia.

Merda.

A criatura me agarra pela garganta e me arremessa do outro lado da sala. Bato numa pilha de caixas de papelão empilhadas perto de uma das paredes e gemo com o impacto, as caixas chacoalham enquanto o conteúdo é sacudido.

Não posso me defender, penso enquanto saio do meio das caixas, e o monstro vem em minha direção mais uma vez. Esse foi o comando. Mas não é imutável. *Sempre* há alternativas. Sei bem disso: passei anos descobrindo minhas próprias soluções quando se tratava de lidar com a perda de memória.

As ordens de Lia têm lacunas que posso explorar. Ela me mandou não me *defender*, mas liderar um ataque não é a mesma coisa.

Reúno a magia na palma das mãos.

Talvez eu só tenha uma chance. É melhor fazer valer a pena. Miro no monstro que se aproxima.

— *Aniquile*. — Liberto o poder na direção da criatura.

Atinge bem no peito…

BUM!

O feitiço destrói o monstro e lança cacos afiados em todas as direções. Mal tenho tempo de lançar uma sentinela apressada para que os estilhaços não me acertem.

À minha frente, Lia grita enquanto centenas de fragmentos pontiagudos penetram nela com uma força anormal.

Este é o meu momento.

Saio correndo para a saída.

— Pare! — ela grita.

Meus pés estacam no meio do caminho e sinto vontade de gritar de frustração. A porta está tão perto de mim.

— Eu te *proíbo* de usar sua magia outra vez hoje — Lia diz com a voz rouca.

Meu poder seca, voltando para o meu corpo.

— Criatura — Lia continua enquanto cura seus vários ferimentos. — Se conserte e depois ataque a bruxa.

Meu estômago contrai e tento não entrar em pânico enquanto fico ali, imóvel. Eu explodi o monstro em mil pedaços. Na certa essa coisa não pode voltar e me machucar. Mas, enquanto penso nisso, ouço pedaços quebrados de cerâmica raspando no chão atrás de mim. Eles fazem barulho ao se encaixarem de volta no lugar.

A coisa vai reanimar. Então, vai me machucar e ainda não posso me defender nem usar magia. Talvez ainda consiga atacá-lo, mas não consigo mexer as pernas.

Ouço a coisa atrás de mim se levantar. Seus passos pesados me deixam tensa. Assim que eu o vir, vou tentar quebrar seus braços.

Só que a coisa nunca entra na minha linha de visão. Ela para em algum lugar às minhas costas, e a quietude momentânea é infernal.

Só que o golpe vem segundos depois, o punho pesado do monstro atinge a lateral do meu crânio com tanta força que me estatelo no chão.

Não consigo ver com tanta dor, mas então a criatura está ali, chutando minhas costelas.

Solto um grunhido ao perder o ar.

Outro chute, que me faz deslizar para os escombros ali perto. Ele levanta o pé, com a sola apontada para minha cabeça.

— Você não deve matá-la — Lia instrui com calma do outro lado da sala. — Só machucá-la… gravemente.

O monstro se agacha e segura um dos meus antebraços e…

Crec. Dou um grito quando os ossos quebram. Quase mecanicamente, o monstro sobe para meu braço e…

— Não, por favor, não…

Crec.

Outro grito.

Que dor!

Selene, estou bem aqui. Memnon parece de coração partido. *Respire, minha brava rainha. Estou com você.*

Sinto angústia por uma fração de segundo antes de perceber que vem do vínculo.

— Este é apenas o começo do pesadelo, Selene — Lia diz. Suas roupas ainda estão ensanguentadas e rasgadas pelos cacos, e isso me dá um certo consolo.

O monstro solta meu braço e desce até minha perna. Deusa, não…

Travo a mandíbula enquanto sinto aquelas mãos implacáveis segurarem minha panturrilha. Não vou implorar para Lia parar. Não quando meus apelos vão só estimular seu prazer perverso no momento. Não vou dar esse gostinho a ela.

Ela tem que sentir minha determinação.

Ouço o clique sinistro de seus saltos cada vez mais perto.

— Você acha que alguns ossos quebrados são uma tortura? — ela diz, parando ao meu lado. Ela se agacha e passa os dedos pelo meu cabelo, forçando minha cabeça a encará-la. — Vou te mandar fazer coisas que farão seu sangue gelar nas veias. Com quem você dorme agora é *minha* escolha, e farei da sua vida sexual um show de horrores. Farei uma lista das pessoas que você ama e te forçarei a arruinar a vida delas até que todas te odeiem. Vou aprender seus sonhos e vou destruí-los. E com tudo isso, ainda farei com que você me venere.

Suas palavras são pontuadas por outro estalo, e eu fico gritando e gritando, com membros tremendo e piorando a dor.

Tome meu poder! Memnon está implorando abertamente.

Não posso… usar.

As mãos do monstro sobem até minha coxa e o sinto apertar mais forte. Engulo a súplica, embora não possa impedir as lágrimas que escorrem dos meus olhos ou a maneira como meu corpo está tremendo de medo e dor. Não, não…

Crec.

A agonia é indescritível. Não sou mais uma pessoa. Apenas dor em forma de mulher.

— Chega, criatura.

O monstro me solta e se afasta de onde estou. Estou lutando para permanecer consciente durante a agonia. Parece que cada respiração é um

desafio.

Os cliques arrepiantes dos saltos se aproximam. Eles param bem perto do meu rosto.

— Agora, Selene, beije meus pés e me agradeça pela dor.

Não posso. Não é possível com tantos ossos quebrados.

Mas meu corpo não está ouvindo. Cerro os dentes para que meus gemidos não escapem enquanto viro a cabeça e roço os lábios no sapato de Lia.

A voz de Memnon chega até mim através das eras. *Os sármatas são o povo mais feroz do mundo. Eles são treinados desde o nascimento para cavalgar e empunhar armas. Devem lutar pelo menos uma batalha antes de poderem se casar. E você será a rainha deles… Você usará as riquezas do meu império e cavalgará ao meu lado… e mostrará a essas pessoas que foi feita para governar minha horda de guerreiros.*

Eu me apego à memória. Eu já fui uma rainha.

— *Obrigada* — digo com um fio de voz.

Lutei em batalhas e governei um reino.

— Muito bem — Lia diz.

Respiro fundo várias vezes, arfando.

Não vou deixar isso me quebrar.

Não vou deixar isso me quebrar.

Falou como uma verdadeira rainha dos guerreiros, Memnon diz.

Não sei se ele ouviu minha lembrança, mas estou soluçando, me agarrando às suas palavras como se pudessem me proteger do mal que está acontecendo nesta sala.

Os deuses me deram a mais brava mulher. A mais brava. Estou bem aqui, est amage. *Bem aqui.*

— Ouça com atenção. É importante — Lia diz, como se eu estivesse em condições de lembrar de alguma coisa.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto e meu queixo dói de tanto que estou tensionando. *Fica comigo, Memnon,* imploro, mesmo que ele tenha prometido isso várias vezes. Tenho medo do que vem a seguir.

Nunca irei te deixar, ele diz. *Eu nunca irei te abandonar,* est vexava.

Meu amor.

Fecho os olhos e engulo em seco, tentando me envolver nas palavras de Memnon como um cobertor.

— Você não dirá a ninguém que está enlaçada a mim, nem dará qualquer pista de que trabalha para mim — Lia diz. — Mesmo quando estiver com sua família e amigos, manterá meus interesses em primeiro lugar. Você fará meu trabalho de forma discreta e absoluta.

"Você encontrará outras bruxas para serem enlaçadas. Procurará pessoas solitárias e que não tenham boas relações familiares. Fará amizade com aquelas que parecerem promissoras. Será sutil a respeito e não permitirá que elas saibam sobre mim ou minhas intenções."

Meu estômago embrulha com as ordens e faço careta, abrindo os olhos. Foi assim que Kasey me escolheu, e agora estou sendo forçada a perpetuar o ciclo.

— Você vai me ligar uma vez por semana e me manter informada sobre bruxas em potencial, bem como sobre o que está acontecendo no coven — Lia diz. — Vou ligar para você de vez em quando e, se ligar, você atenderá. Se você vir uma chamada perdida minha, me ligará de volta assim que puder. Uma vez por mês, teremos reuniões presenciais, que acontecerão aqui na cidade ou nos túneis abaixo do coven. Essas reuniões serão seguidas por círculos mágicos, você lembra como é, e espero que você recrute pelo menos uma bruxa por círculo.

Quero vomitar de novo.

— Se a qualquer momento eu precisar de alguma coisa, você deve discreta e imediatamente parar o que está fazendo e vir até mim. Entendido?

Não tenho nem energia para olhar para ela. Mal tenho energia para ouvir apesar da dor.

— E — Lia continua. — Se você ouvir alguém fazendo perguntas sobre os assassinatos recentes, quero saber a res…

BUM!

Uma onda de magia se espalha pela sala, sacudindo as paredes, derrubando caixas e fazendo com que mais detritos caiam do teto em ruínas. Lia cambaleia e minha visão escurece. Todo o edifício treme com a explosão distante.

— Que porra está acontecendo agora? — Lia pergunta.

Apesar da dor, sorrio.

Não é o quê, mas *quem*.

Memnon chegou.

Capítulo 35

Começo a rir, embora soe um pouco como um choro. Parece que eu perdi a sanidade, e talvez seja verdade.

Os olhos de Lia encontram os meus.

— Está achando graça? — Ela pisa em uma das minhas pernas, me fazendo gritar de novo.

Do outro lado do vínculo, o calor de Memnon congelou, e sinto sua ira a sangue frio. Não há mais palavras entre nós. É mais primitivo do que isso. Tudo o que resta é dor, fúria e vingança, e tudo se mistura até que não tenho certeza do que é meu e do que é dele.

BUM!

A porta da sala se solta das dobradiças, voando pelo espaço e se chocando contra a pilha de caixas.

Meu parceiro preenche o espaço da soleira.

Os olhos de Memnon brilham como brasas e seu cabelo flutua para trás, ondulando como se estivesse nadando debaixo d'água.

Tenho vontade de chorar com a visão dele. Só com isso, meu coração já dá um pulo e, deusa, as coisas que eu perdoaria só por ele ter aparecido.

Seus olhos imediatamente encontram os meus, e mesmo distantes — como sempre ficam quando seu poder assume o controle —, juro que eles brilham ainda mais.

— *Selene*. — Ele rosna meu nome possessivamente.

Seu olhar examina meu corpo quebrado, e aquela raiva que sussurrava em nosso vínculo agora o *consome*. O poder de Memnon cresce ao seu redor, faíscas iluminam as plumas índigo como se fosse uma nuvem de tempestade em miniatura.

Uma fração de segundo depois, seu poder está lá, deslizando pela minha garganta e entrando em mim, tocando meus ferimentos e tentando curá-los a distância. Mas como a cura geralmente requer um ponto de contato físico, sua magia não faz muito além de consertar meus ossos quebrados. A ação me faz gritar entre dentes.

Perdão, amor. Sua voz tem um tom transcendental, conforme sua magia o domina. Memnon começa a caminhar em minha direção, provavelmente para terminar de me curar.

— Não se aproxime — Lia avisa.

Memnon para, seu olhar se volta para a mulher.

Assim que ele a vê, fica imóvel.

— *Juliana*.

Juliana?

Olho para quem pensei ser Lia. Puta que pariu.

Junto as peças rápida. *Lia* deve ser um apelido. De Ju-*lia*-na.

Ela não é uma bruxa aleatória que resolveu meter o louco. É uma feiticeira e uma das herdeiras da Ensanguine Empreendimentos.

Juliana Fortuna.

Capítulo 36

Encaro Juliana Fortuna com novos olhos enquanto ela observa Memnon, cujo poder emana dele como uma tempestade. Quase dá para ouvir as engrenagens em sua cabeça girando enquanto ela tenta juntar as peças da situação.

— Guarde sua magia — ela finalmente ordena.

Tenho certeza de que ela espera que ele obedeça. Ela acredita que o enlaçou, afinal de contas.

Em vez disso, Memnon continua a encará-la, com a expressão ficando cada vez mais fria à medida que seu poder aumenta.

— Você feriu minha parceira.

— Parceira? — Ouço a surpresa na voz de Juliana. — *Você* é o vínculo dela?

Ela me dá uma olhada, reavaliando, antes de voltar o olhar para Memnon. Não consigo me mexer devido aos ferimentos, mas imagino que ela esteja observando os olhos brilhantes e cabelo farfalhante de Memnon.

— Quem é você de verdade? — ela pergunta. Deve ter percebido que foi enganada.

— Seu carrasco — ele diz sem malícia, como se fosse só um fato, e isso torna as palavras verdadeiramente ameaçadoras.

A feiticeira murmura baixinho, juntando magia nas mãos, e então lança um feitiço em meu parceiro, a massa espessa é marcada por linhas pretas viscosas.

Magia das trevas.

Memnon levanta a mão e *pega* a maldição. Eu nunca vi isso antes. Posso ouvi-la chiando contra sua carne quando ele fecha o punho em torno dela. Com um silvo final, ela se apaga como uma vela.

— Criatura, ataque-o!

A monstruosidade de argila avança na direção de Memnon, e seus lábios de barro se afastam, revelando caninos cinzentos e afiados.

Bem quando chega perto Memnon, meu parceiro estende a mão e esfrega uma parte da palavra hebraica “verdade” na testa da criatura.

De repente, ela enrijece e cai no chão, se partindo, com um som semelhante ao de um pote de barro estilhaçado. Olho para o que resta da cabeça da coisa. Na sua testa, consigo distinguir a palavra hebraica, que agora está faltando uma letra. O que resta forma uma palavra bem diferente.

Morte.

— Criatura, repare-se! — Juliana ordena.

Aguardo os pedaços de argila seca se recomporem, mas eles permanecem onde caíram, imóveis e sem vida.

Memnon volta a atenção para a feiticeira, sua magia se recolhe depressa de volta ao corpo dele.

Pela primeira vez, vejo um lampejo de desconfiança nos olhos de Juliana, mesmo quando começam a brilhar…

BUM!

A magia de Memnon explode de dentro dele, cortando o ar e jogando Juliana e todo o resto para trás. A única coisa que a magia de Memnon não toca sou eu. Nem sequer um fio de cabelo da minha cabeça se mexe.

A feiticeira tosse conforme os destroços caem e a poeira sobe. Através da fumaça, vejo um par de olhos brilhantes enquanto Memnon avança.

— Há só uma coisa que considero sagrada em todo este mundo abandonado pelos deuses — Memnon diz, aproximando-se de Juliana. Arrepios surgem ao longo da minha pele. Sua voz ainda tem aquela alteridade perturbadora. — E você a machucou.

A feiticeira se senta o suficiente para lançar mais uma maldição contra Memnon. Ele a rebate como se fosse uma mosca, mas quando o feitiço atinge a parede atrás dele, *derrete* uma parte da parede de gesso.

Ela joga outra e mais outra. Ele não se dá ao trabalho de derrubar todas e não reage de forma alguma, mesmo quando as maldições corroem suas roupas e pedaços de sua carne fumegam.

— Você não pode me machucar — insiste Juliana. — Eu enlacei você a mim. Eu lembro.

Ele não responde, mas quando se abaixa e a agarra pelo pescoço, fica claro que ele pode de fato machucá-la. Sua magia chega bem perto dela, as faixas índigo ficam manchadas por fios escuros e oleosos. Juliana começa a se contorcer e a gritar.

— Selene — ela arqueja entre gritos —, mate-o.

Respiro fundo quando meus membros quebrados tensionam ao seu comando. Ela havia pedido algo semelhante para mim antes…

Sua primeira tarefa de verdade, quando eu te liberar, será romper cada um desses laços.

A ordem não tinha fincado porque ela ainda não me liberou, mas agora, *agora* sua magia insidiosa está me pressionando, forçando meu corpo a se mexer.

Grito com a pressão nas minhas fraturas.

Est amage!

Em resposta, os gritos de Juliana ficam mais intensos, como se Memnon piorasse a maldição que rogou nela.

Meu corpo ainda está tentando se recompor, ossos quebrados e tudo. Além da dor, existe um tipo diferente de angústia. O horror percorre minha pele com a ideia de matar Memnon. Eu o odiei e desejei sua morte mais de uma vez, mas… mas em algum lugar ao longo do caminho, as coisas entre nós mudaram.

Não. Luto contra a compulsão. *Não vou fazer isso.*

O suor começa a escorrer pela minha testa enquanto luto contra a magia.

Não vou ferir minha alma gêmea.

Justo quando tenho certeza de que serei forçada a obedecer de qualquer maneira, o poder do comando sobre mim se dissipa, sendo lavado como sangue na chuva.

Respiro com dificuldade, deitada no chão, o suor escorre pelo meu rosto. Ou talvez sejam lágrimas.

Alguns laços são mais fortes que outros. Nem mesmo um laço forçado pode dominar um vínculo predestinado. Olho para o teto.

— *Essa mulher tola não faz ideia de quem somos* — digo em sármata, com a voz trêmula. *Soberano, imperatriz. Marido, esposa. Amantes antigos, inimigos recentes. Almas gêmeas.*

Por baixo de toda a raiva, sinto o prazer violento de Memnon com esse reconhecimento. Ele puxa a feiticeira para perto.

— Você fez inimizade com as pessoas erradas, feiticeira. — Vejo a mão dele apertar forte em torno da garganta dela.

Os gritos de Juliana se transformam em soluços sufocados.

— Por favor, por favor — ela implora, com um fio de voz, sem especificar exatamente pelo quê. Algum tipo de misericórdia. Acho que ela sabe que não vai conseguir. Considerando as circunstâncias da noite.

Com a mão livre, Memnon empunha a adaga.

— Eu fiz uma promessa para a minha parceira — ele diz, suavemente. — De que, assim que descobrisse quem a machucou, a morte dessa pessoa seria lenta.

Ele solta a garganta de Juliana e a feiticeira cai de joelhos. Assim que ela se ajoelha, Memnon agarra seu cabelo, inclina sua cabeça para trás e passa a lâmina pela garganta da feiticeira.

Uma linha de sangue floresce como um colar carmesim, e eu me assusto com a violência repentina.

Juliana grita, seu poder se intensifica, mas o próprio poder de Memnon surge em resposta, forçando o dela de volta ao corpo. Ela não está morrendo, percebo. O corte, embora feio, é só um ferimento superficial.

Memnon solta o cabelo dela e leva a ponta da adaga para a outra mão. Ele vai logo cortando a própria palma. Meu estômago embrulha quando começo a suspeitar o que ele pretende.

Ele envolve a mão ensanguentada no pescoço ferido da feiticeira.

— *Com sangue, eu enlaço…*

— Não! — ela grita. — Não, não! Selene Bowers, *ordeno* que você o detenha.

Cerro os dentes quando outra compulsão se enraíza e tenho que lutar contra ela novamente.

— *Com osso, eu quebro*. — Memnon começa a sorrir agora, uma ameaça profana em seus olhos brilhantes. — *Apenas pela morte, enfim renego.*

O que Memnon está fazendo não deveria ser possível. A quantidade de magia necessária para um enlaço forçado é tão grande que requer um círculo mágico. Foi por isso que Lia chamou aqueles sobrenaturais antes, quando ela me enlaçou, e é por isso que organizou círculos mágicos sob o Coven Meimendro. Mas posso sentir a magia do feiticeiro crescendo implacavelmente mesmo assim.

— *O que eu ordeno, você há de obedecer. Sua vontade é minha até o dia em que morrer.*

Ela grita de novo, só que desta vez é mais de angústia do que de dor física.

Santa deusa. Memnon conseguiu. Ele enlaçou o livre-arbítrio de Juliana.

— Você *nunca mais* dará outra ordem a Selene Bowers — ele diz. — Você *nunca mais* vai machucar Selene. Você nunca vai me machucar. Você nunca usará magia. Você ficará aqui de joelhos, sem falar e sem se mexer. Você vai esperar pacientemente por mim. — Bruscamente, ele liberta a feiticeira.

Memnon atravessa a sala em minha direção, com os cabelos esvoaçando e os olhos ardendo. Seu poder o envolve enquanto ele esmaga os restos da criatura da feiticeira. Se eu fosse qualquer outra pessoa, estaria aterrorizada.

Quando ele chega até mim, se ajoelha. Tanto dele está sendo consumido pelo próprio poder que não consigo ver nenhuma suavidade nele. Mas então, sua mão toca meu rosto.

Sob o toque de Memnon, seu poder inunda meu corpo, correndo para meus ossos quebrados. O feitiço de cura me aquece por dentro enquanto flui pelas minhas veias e cura ferimentos.

Seu polegar acaricia minha bochecha, e ele olha para mim.

Perdão, ele diz. *Pela sua dor. Por não ter curado você antes. Por ter chegado tão tarde.*

Não sei como ainda tenho lágrimas em mim, mas mais algumas escapam.

Cedo ao carinho dele. *Você veio*. Isso é tudo o que posso dizer.

Eu sempre *virei,* ele jura.

Pouco a pouco, minha dor vai diminuindo. Consigo sentir o momento em que estou toda curada.

Com um soluço, me jogo em Memnon, abraçando-o e enterrando o rosto em seu ombro. Meu corpo todo treme violentamente. Mesmo que esteja curado, meu corpo ainda tem uma lembrança de tudo o que foi feito a ele.

Ainda sinto a alteridade de Memnon — ele é mais magia do que homem no momento —, mas seus braços se fecham à minha volta e ele me abraça com força.

Brava rainha, alma gêmea tenaz, estou com você. Eu sou seu para sempre.

Capítulo 37

— Você não está entendendo — Juliana diz com raiva quando Memnon retorna e permite que a feiticeira fale mais uma vez. — Sou filha de Luca Fortuna. Ele vai te fazer *pagar* pelo que fez.

Estou sentada entre os escombros, com o corpo cansado, as roupas em farrapos, a mente doendo e doida para sair desta sala onde tantos horrores aconteceram.

Meu parceiro olha para Juliana, ainda ajoelhada, estudando-a com aqueles olhos ardentes.

— Eu senti quando você quebrou os ossos de Selene, um por um — ele diz. — Senti a dor e ouvi os gritos dela. Eles vão me assombrar pelo resto dos meus dias. Eu não sou um homem bom. Sou terrível, muito mais que você e seus irmãos. Ainda mais que seu pai. Você acha que entende algo sobre dor? Sobre tortura? Quero que saiba que posso ser ainda mais criativo do que você. Se não cooperar comigo, farei com que você quebre seus próprios ossos, um por um.

Ela parece assustada agora.

Ele se agacha na frente dela.

— Quer ouvir o resto do que farei com você? Como vou ordenar que você arranque a própria pele, como farei você retirar os próprios intestinos…

— Pare! *Pare!*

— Então me conte tudo o que sabe sobre os assassinatos das bruxas, e fale a verdade.

— Não sei muito sobre os assassinatos — Juliana começa. — Eu não as matei. — Ela faz uma pausa, como se isso fosse o suficiente para cumprir o comando mágico de Memnon. No entanto, depois de alguns segundos tensos, ela engole em seco e mais palavras saem. — Meu pai e meu irmão sabem mais. Não sei se eles mesmos mataram as bruxas nem por quê. Não quero saber, então nunca perguntei.

Ela para novamente, e vejo os músculos de sua garganta tensionarem enquanto o comando de Memnon ainda a domina.

Me conte tudo, ele disse.

— Todo mês, na noite de lua nova, eu e minha irmã entregamos uma ou duas sobrenaturais enlaçadas ao meu pai e ao meu irmão. São elas que morrem.

Não sei o que é mais chocante: que todas as vítimas de assassinato estavam enlaçadas previamente ou que agora sabemos exatamente quem são os assassinos.

— Isso acontece toda lua nova?

Juliana cerra os dentes e depois faz que sim com a cabeça.

— À meia-noite em ponto.

— E seu pai e irmão são os únicos que saberiam o que acontece com elas?

Ela hesita.

— Não — admite, por fim.

— Explique-se. De novo, a verdade — Memnon ordena.

— Meu pai e meu irmão… eles recebem pelas… pelas mortes. Quem paga também deve saber o que está acontecendo.

— E você não? — Memnon pergunta, parecendo pouco convencido.

— É a verdade — ela sibila.

— Como faço para entrar no Equinócio na noite de lua nova? — pergunta Memnon.

Juliana ri. Acho que ela está prestes a dizer a Memnon que é impossível entrar, mas então, é obrigada a responder.

— Você precisa ser convidado para o leilão da meia-noite. Realizamos na lua nova também. — Depois de falar, ela cospe em Memnon. A saliva atinge a camiseta dele.

— Faça isso de novo e eu corto um dedo seu fora.

Juliana faz careta.

— Odeio você.

Ela começa a se virar para mim quando Memnon segura seu rosto.

— Isso é entre você e mim — Memnon diz. — Você não vai olhar para Selene. Você não falará com ela a menos que ela fale com você primeiro. Senão, vou começar a ser bem criativo enquanto te faço responder minhas perguntas.

Meu coração começa a bater mais rápido. Juliana o fuzila com os olhos.

— Agora, me conte sobre esse leilão — Memnon ordena. — Tem alguma relação com os assassinatos?

— Não — ela responde.

— Então, para que serve?

Juliana luta ainda mais para não ter que responder a essa pergunta em específico. Por fim, a resposta é arrancada dela.

— Leiloamos enlaços com seres sobrenaturais.

Pela deusa.

Está parecendo um pesadelo horrível.

Inclusive, poderia facilmente ter sido meu destino.

— As meninas que eu enlaço… nem todas vão para o meu pai e irmão — Juliana continua. — A maioria delas é vendida, de forma privada ou nesses leilões mensais.

Por um segundo, não consigo respirar. Então, então…

Eu me dobro e engulho. Não há mais nada para eliminar do estômago, mas não consigo impedir a reação visceral.

Já foi horrível o bastante saber que Juliana estava enlaçando bruxas à força, mas descobrir que essas mesmas mulheres — mulheres com quem estudei, mulheres de quem era amiga — estavam sendo vendidas para outros seres sobrenaturais…

O corpo de Memnon emana magia em rolos de fumaça e, através do nosso vínculo, sinto sua raiva se aprofundar.

— Por acaso os — os lábios de Memnon se curvam numa careta — os *compradores* sabem que essas sobrenaturais já estão enlaçadas?

O olhar de Juliana desviou para a magia de Memnon, mas agora volta a atenção para ele.

— Meus clientes acreditam que os laços pretendidos são consensuais.

— Mas não são — Memnon diz, categórico.

— Alguns são. — Juliana tem a ousadia de soar na defensiva. — Algumas garotas ficam animadas com a vida nova.

— Ninguém se anima com a porra de tráfico humano, Juliana — digo a ela.

Juliana se contorce, como se estivesse prestes a se virar para mim, mas o comando anterior de Memnon a impede.

— Como acontece a transação? — Memnon pergunta.

Ela o fuzila com os olhos.

— Os compradores pagam e nós oficializamos o enlaço. Uma vez concluído, o laço delas comigo se dissolve e o novo parceiro segue em frente com sua vida.

Minha mente capta um detalhe: *o laço dela se dissolve*. Alguns desses feitiços de enlaço, como o que ela me impôs, são para a vida toda, enquanto outros devem terminar assim que um novo vínculo for criado.

— Quem define os termos desse laço leiloado, você ou o comprador? — Memnon pergunta.

Eu não sei se quero saber. Isso tudo é tão doentio.

Juliana hesita de novo.

— O comprador — ela finalmente admite.

Os termos do novo laço forjado podem ser *qualquer coisa*. Mesmo os lendários acordos com o diabo são laços tecnicamente forjados, apesar de favorecerem um lado em detrimento do outro. Assim como estes, os compradores podem muito bem ter algumas estipulações terríveis, e não faria a menor diferença. Juliana pode fazer com que suas vítimas enlaçadas concordem com tudo enquanto ainda estão sob seu controle.

Não passou despercebido que nem mesmo o diabo faz laços forçados. Olha o tanto que essa merda é sombria.

Devo ter feito algum barulho. Estou enjoada de novo. É demais para a minha cabeça. Muita dor, muita violência, muita perversão doentia. Ainda tenho várias perguntas, mas acho que não vou aguentar as respostas hoje.

Memnon olha para mim, seu poder ainda o consumindo. Seus olhos parecem impiedosos enquanto me observa.

— Juliana — meu parceiro diz. — Você vai ficar aqui ajoelhada e não vai falar. Se você me desagradar de alguma forma, farei com que você arranque seu próprio dedo fora.

A feiticeira o fuzila com os olhos, mas a magia já a silenciou.

Memnon caminha até mim, sua magia azul o envolve. Ele se ajoelha ao meu lado e segura meu rosto. *Eu cuido disso. Você está segura agora, juro.*

Ele pressiona a palma da mão com mais firmeza na minha pele.

— *Durma*.

A escuridão me engole.

Capítulo 38

A primeira coisa que noto quando acordo é uma sensação de leveza, como se uma pedra tivesse sido tirada do meu peito.

Abro os olhos e me dou conta de que estou embalada nos braços de Memnon, minha cabeça aninhada na curva de seu pescoço. Meu corpo balança suavemente enquanto ele me carrega.

Rainha temível. Guerreira de coração valente, ele murmura em nosso vínculo, percebendo que despertei. *Você sobreviveu bravamente aos horrores da noite. Eu não poderia estar mais orgulhoso.*

Horrores?, pergunto, grogue.

Mas então viro um pouco a cabeça e vejo uma sala familiar. Há destroços, caixas de papelão amassadas e uma cadeira tombada. Na hora um arrepio estremece meu corpo.

Agarro um pedaço da camisa de Memnon quando *me lembro*.

Meu olhar cai para o centro da sala, onde uma enorme poça de sangue brilha em torno de dezenas de pedaços de carne amorfos que meus olhos se recusam a entender.

Uma mão segura meu rosto, inclinando minha cabeça de volta e me protegendo da visão.

Ela morreu lentamente, ele me tranquiliza.

Engulo em seco. Esses pedaços… são Juliana. Ou pelo menos o que sobrou dela.

A repulsa sobe pela minha garganta. Mas é compensada por aquela leveza no peito. O enlaço que Juliana me impôs… acabou. Posso sentir o espaço vazio onde antes existia. Com a morte dela, tudo se dissolveu.

Memnon fez isso.

Olho para ele quando saímos da sala e seguimos por um corredor estéril, meu coração transborda de repente. Os olhos do feiticeiro ainda estão brilhando e sua magia ainda está agitada.

Não vou liberar meu poder até ter certeza de que você está segura, ele admite.

Ele deve estar ouvindo todos os meus pensamentos.

Estou.

— Para com isso — sussurro.

Ele olha para mim. *Não até eu ter certeza de que você está segura*.

Estou fraca e cansada demais para discutir. Meus membros latejam e ainda estou tremendo de leve. Parece que meu estômago nunca mais vai conseguir segurar outra refeição, e minha mente está se rebelando contra tudo o que testemunhei hoje.

Mas meu coração… a gratidão transborda dele. Se não fosse por Memnon, provavelmente ainda estaria naquela sala, suportando sabe-se lá que tipo de tortura bizarra.

Seus braços me apertam e ele dá um beijo na minha têmpora.

Eu sempre irei atrás de você. Sempre lutarei por você.

Pressiono os lábios para manter o soluço triste na garganta. Fui reduzida a esta coisa frágil e chorosa. Eu diria que odeio isso, mas no momento, na segurança dos braços de Memnon, parece seguro estar vulnerável.

Então deixo que ele me carregue, sem pensar em nada enquanto passamos por um corpo caído, depois por outro e mais outro no corredor. Acho que meus olhos registram meia dúzia de pessoas imóveis no chão antes de notarem os rastros de sangue escorrendo de seus narizes, olhos e orelhas.

Não preciso ampliar os sentidos ou a magia para saber que estão todos mortos.

O que aconteceu com eles?, pergunto.

Estavam no meu caminho.

Por reflexo, minha mão aperta o punhado de camisa que agarro. Memnon deve ter feito isso quando entrou no prédio.

Observo tudo isso quando dobramos uma esquina e uma rajada de vento nos atinge. Dou uma olhada no que antes deve ter sido a entrada principal do prédio. Agora as portas duplas e os cacos de vidro quebrados estão no chão do hall de entrada, com mais corpos espalhados entre eles.

Luzes vermelhas e azuis piscam pelo espaço, e a moldura da porta é preenchida por uma barreira mágica semitransparente, de cor azul-índigo. Vários projéteis de balas se acumulam do outro lado, e mais além, tem policiais agachados atrás das portas abertas de suas viaturas, com as armas

em punho. Aperto os olhos enquanto observo os carros da polícia estacionados na rua na frente do prédio.

Assim que os oficiais avistam Memnon, ficam tensos e ajustam suas posições.

— Coloque a civil no chão e saia com as mãos para cima — anuncia alguém num megafone.

O que está acontecendo?, pergunto.

Vim te buscar o mais rápido que pude, ele diz, mas seu tom é de como se estivesse pedindo desculpas.

Está na cara que é um pouco mais complicado do que isso. Há todo um esquadrão de oficiais armados esperando por ele, cada um pronto para detê-lo violentamente. Ele deve ter infringido várias leis para chegar até mim.

A emoção dá um nó na minha garganta e eu luto contra outro soluço.

Implorei ao feiticeiro que viesse mais rápido. Me perguntei por que estava demorando tanto. E agora, armas estão apontadas para ele porque ele fez o melhor que pôde. Memnon me aperta ainda mais enquanto encara os policiais.

Em vez de me colocar no chão, sua magia sai dele como uma onda, avançando na direção dos policiais até que todos sejam engolidos por ela. O poder de Memnon permanece lá fora por vários minutos, mas ouço as portas dos carros se fechando e o barulho dos motores enquanto eles se afastam. Quando a fumaça mágica se dissipa, a rua na frente do prédio fica vazia. No céu acima, um helicóptero que eu não notei antes paira por perto, mas enquanto observo, ele vai se afastando devagar.

As botas de Memnon esmagam os cacos de vidro enquanto atravessamos o hall e depois passamos pela sua sentinela.

Ele olha para mim e sinto, por trás daqueles olhos brilhantes, que ele é só magia e instinto. *Você foi muito corajosa hoje*, ele diz em nosso vínculo. Sua mão sobe para embalar minha cabeça. *Mas agora* descanse.

O mundo fica escuro.

Acordo no susto com o som de uma porta batendo.

— Calma, bruxinha, você está segura — Memnon diz, um pouco acima de mim.

Pisco, me dando conta de que o feiticeiro ainda está me carregando. Seu cabelo não flutua mais e seus olhos agora estão com a cor castanha de sempre. Eles brilham muito, mas de um jeito não mágico. Como se ele estivesse lutando contra as lágrimas.

Esse olhar faz meu coração disparar e minhas emoções parecem grandes demais para o meu corpo — ou talvez sejam as dele? O vínculo entre nós parece muito forte no momento.

Estico a mão, segurando seu rosto e traçando de leve as bordas de sua cicatriz.

Segura…

Então, as lembranças voltam com força. A festa, a bebida batizada, o terrível voo na vassoura e meu sequestro. Depois a tortura, a tortura interminável. Houve revelações depois disso e uma fuga angustiante, mas minha mente continua me levando de volta àquele quarto e à dor…

— Você está segura, minha rainha. — Memnon fala comigo suavemente em sármata, usando o mesmo tom que reservava para cavalos ariscos. — Você não está mais lá.

Um soluço sufocado escapa dos meus lábios, enquanto Memnon continua me carregando para dentro…

— Está aqui, na nossa casa — ele me tranquiliza antes que meu pânico aumente. — Há mais de cem sentinelas guardando esta casa e as terras ao redor dela. Aqui não é o Meimendro. Ninguém vai conseguir entrar. Você está segura.

Eu não tinha percebido o quanto estava tensa até aquele momento, quando finalmente relaxo.

É estranho, por um lado, estar completamente ilesa e ainda carregar a memória visceral da dor. Minha mente não está convencida de que estou curada.

Memnon me carrega para a cozinha, me coloca na bancada da ilha no centro do espaço.

Estendo a mão para ele, mas ele pega minhas mãos e as junta.

— Só vou pegar água para você. Não vou sair da sua vista.

Respiro fundo e, lambendo os lábios secos, assinto, talvez rápido demais. Água. Quero água.

Me dando um último olhar significativo, Memnon solta minhas mãos e vai na direção de um armário.

Enquanto ele pega um copo, ouço o barulho de garras na sala ao lado. Uma fração de segundo depois, Nero entra aos saltos na cozinha, provavelmente vindo lá de fora. Assim que ele me vê, suas pupilas dilatam. O grande felino só faz uma pausa antes de saltar para a ilha, quase me derrubando no processo.

— Nero — Memnon diz, incisivo.

Mas meu familiar já rastejou até a metade do meu colo. Ele levanta a cabeça e empurra o focinho contra a junção entre minha mandíbula e meu pescoço. Se ele fosse um cachorro, tenho certeza de que agora eu estaria sendo coberta de lambidas. Sendo Nero uma pantera, ele morde meu queixo, rugindo baixinho.

— Oi… — digo.

— *Nero*. — O tom de Memnon fica mais grave e perigoso quando ele se aproxima com um copo d'água.

A pantera dá uma lambida abrasiva em meu queixo e depois me dá uma cabeçada.

Entro na mente do meu familiar por tempo suficiente para sentir uma irritação inquieta e uma ponta de alívio. Pelo menos acho que essas são as emoções. Reconheço o amor por trás de tudo quando ele olha para mim.

Volto à minha mente e faço um carinho no gatão.

— Não vou pedir desculpa por ter te deixado aqui — digo. — Você teria se machucado se eu tivesse te levado junto.

Só com isso, sou sugada de volta para aquela sala.

Sua primeira tarefa de verdade, quando eu te liberar, será romper cada um desses laços.

Se Nero estivesse lá… Eu me arrepio inteira e começo a tremer de novo.

Memnon se aproxima e segura minha mão, colocando o copo de água nela.

— Você não está naquela sala. Está aqui, na nossa cozinha, com sua alma gêmea e seu familiar — ele diz, e mais uma vez, seus olhos brilham enquanto ele olha para mim. — Nós dois te amamos, mataríamos e morreríamos por você de bom grado. Agora, por favor, *est amage*, beba a água. Vai se sentir melhor.

Mais uma vez, suas palavras me fazem relaxar e bebo a água em vários goles longos. Ainda me sinto um pouco enjoada. Pela deusa, a noite precisa

acabar. Tudo o que quero é apagar ao lado do meu familiar e da minha alma gêmea.

— Então, é isso que vamos fazer — diz Memnon suavemente. — Nero, hoje você dorme lá no quarto com a Selene.

Minha pantera se levanta, parecendo mais do que satisfeita com isso. Ela salta do balcão e sai rebolando da cozinha na direção do quarto principal.

Assim que meu familiar desaparece, Memnon me pega de volta e começa a me carregar mais uma vez.

Inclino a cabeça em seu ombro. *Pode me colocar no chão*, digo cansada.

Você vai ter que ordenar, ele diz. *Caso contrário, não vai rolar*.

Eu vou ter que ordenar…

Viro o rosto em seu peito enquanto minha expressão desmorona.

— Desculpa — sussurro. — Me desculpa.

Ele esfrega minhas costas.

— Pelo quê, bruxinha? — pergunta, perplexo.

— O laço. — Minha voz falha. — É horrível, tão horrível. Desculpa. — Começo a soluçar. — Eu *nunca* deveria ter concordado.

Memnon me aperta junto de si.

— *Eu* ofereci o enlaço a *você* — ele me lembra enquanto seguimos pelo corredor. — Fiz de bom grado para pagar a dívida que tinha com você. Se você não tivesse aceitado, eu nunca teria tido a chance de reparar meus erros.

Sua resposta não me acalma. Senti como era ter a vontade de outra pessoa imposta a mim.

— Eu ordeno que você nunca mais receba outra ordem minha — digo.

Memnon me encara fixamente por alguns segundos.

— *Não* — ele diz, por fim.

Levanto as sobrancelhas.

— Como assim, “não”?

Memnon me agarra pela nuca e me obriga a olhar para ele.

— Eu te dei esse poder porque fiz coisas imperdoáveis à única pessoa que amei de verdade. E eu *gosto* do nosso laço forjado. Consigo sentir que estou reconquistando sua confiança, e te servir me dá prazer. Somos almas gêmeas, imperatriz. Você é o meu coração e confio totalmente a você esse poder. Não vou deixar você quebrar esse laço, assim como não deixei você quebrar o que o destino forjou entre nós. — Memnon para na soleira do

quarto principal. — Então, estou te pedindo, como o homem que deseja continuar se provando a você, que retire seu último comando.

Eu me afasto para poder vê-lo melhor.

— Tá bom — digo, fazendo careta. — Retiro meu comando anterior. — As palavras têm gosto de cinzas na minha língua, mas assim que as falo, a expressão de Memnon suaviza.

— Obrigado — ele diz, e volta a andar mais uma vez.

Ele se aproxima da cama onde Nero já está esperando, e sua magia puxa os lençóis.

— Eu tô imunda. — Percebo. Ainda estou coberta de sangue e sujeira.

Mal termino de falar quando a magia do feiticeiro se derrama sobre mim, vasculhando meu corpo. Sinto as manchas de sangue pegajosas desaparecerem e só posso imaginar o que mais o feitiço limpou.

— Melhor? — Memnon pergunta.

Eu assinto. Seu poder desce para meus pés e arranca minhas botas e meias, e elas caem no chão. Do closet, uma de suas camisetas vem flutuando, passando por cima da cama, onde Nero tenta mordiscá-la.

A magia de Memnon toma conta de mim mais uma vez, e a roupa que uso escorrega do corpo. Seu poder ainda esconde minha nudez quando a camiseta limpa desliza pela minha cabeça. Estico a mão para passar os braços pelas mangas.

— Você fica bem com as minhas roupas, *est amage* — ele diz quando a camiseta cai sobre meu torso e sua magia desaparece. — Sempre ficou.

Dou um sorriso minúsculo e, pela primeira vez hoje, vejo Memnon sorrir. Acho que é simplesmente em resposta ao meu próprio sorriso.

Ele me acomoda na cama e depois se retira.

— *Memnon*. — Odeio o pânico que sinto com sua ausência.

— Preciso tirar a roupa também.

Ah, sim, claro.

Faço o mesmo aceno ansioso de cabeça e o vejo se despir, enquanto Nero se aninha perto de mim. Faço um carinho na pantera, mas meu corpo inteiro fica tenso até que Memnon, usando só uma cueca boxer, vem para a cama comigo.

Viro de lado para encarar Memnon. Quero dizer tanta coisa a ele, tanta coisa que vi, tanta coisa que ele fez. Não consigo colocar nada em palavras

no momento, então simplesmente pego uma de suas mãos e a aperto entre as minhas.

— Obrigada — sussurro. Dou um beijo nos nós dos seus dedos. — *Obrigada*.

— Não me agradeça — ele diz suavemente, examinando meu rosto. — Eu *sempre* irei atrás de você e *sempre* lutarei por você. — Ele envolve a mão nas minhas. — Bruxinha — sussurra. — Por favor, me conta o que aconteceu antes de eu encontrar você.

Outro arrepio percorre meu corpo.

Não *posso*.

— Leia minha mente. — É uma súplica para não me demorar mais do que o necessário no que aconteceu hoje. Só percebo alguns segundos depois, quando ele põe as mãos na minha cabeça, que eu dei a ele um comando, ao qual ele é forçado a obedecer. Fecho os olhos com força.

— Desculpa. Leia minha mente *apenas* se quiser.

— Selene. — Enquanto Memnon fala, sua magia emana, e suas nuvens azuis-escuras se acumulam no ar. — Pare de se desculpar comigo.

Seu poder serpenteia em minha direção, movendo-se como se tivesse vontade própria. Respiro fundo e, simples assim, a magia entra, cobrindo minha boca e mergulhando na minha garganta.

Apoio as mãos em seus antebraços enquanto a noite passa voando diante dos meus olhos. Ossos se quebrando, os gritos, a dor sufocante. Engulo o gosto da bile, meu corpo treme novamente com a lembrança.

Seus olhos começam a brilhar e seu cabelo se arrepia. Seu olhar ardente encontra o meu.

— Aquela feiticeira tem sorte de estar morta — ele diz solenemente.

Fico tensa.

Seus polegares acariciam as laterais do meu rosto, enquanto seu poder continua a fluir, agora enfurecido.

— Vou atrair nossos inimigos e destruí-los um por um — ele diz, com os olhos hipnóticos. — Não vou parar até fazer cálices com seus crânios e casacos com suas peles. Não vou descansar até que *todo* o clã Fortuna não seja nada além da porra de uma memória.

São promessas monstruosas, mas, pela primeira vez, não me assustam como deveriam. Os Fortuna construíram um império inteiro abusando de

seres sobrenaturais. Eles merecem a atenção implacável de alguém como Memnon.

Aperto seus antebraços, uma lágrima escorre.

— Isso — ele termina — eu juro.

Capítulo 39

Quando acordei ontem, era uma pessoa.

Hoje, sou outra.

Sinto uma dureza em mim que não existia antes. Se ontem eu estava exposta e vulnerável, hoje uma nova armadura voltou a crescer. O mundo existe de um lado, e do outro… as únicas coisas que existem dentro desta armadura somos eu e meus vínculos.

Memnon deve ter notado essa mudança, porque já o peguei me encarando algumas vezes desde que acordamos, com uma expressão curiosa no rosto, como se estivesse tentando me entender.

Nero gruda em mim feito uma sombra.

Há mil coisas que eu e o feiticeiro precisamos discutir, mas agora só quero um pingo de normalidade para superar o pesadelo da noite passada.

Entro na cozinha, abro os armários e me sinto em casa. Desde que comecei a morar aqui, biscoitos e bolachas, salgadinhos e barras de granola ocuparam o que originalmente era uma despensa vazia.

Hoje tem até cereal.

Levanto uma sobrancelha quando fico encarada com as várias caixas coloridas que com certeza foram feitas para um público infantil. Depois de um momento, puxo uma delas.

— É isso que você pensa de mim? — pergunto, mostrando a caixa.

Memnon levanta o queixo.

— Estou errado?

Estreito os olhos para ele enquanto fecho a porta da despensa. É irritante como ele me conhece direitinho. Meu coração pode ter congelado, mas sempre terei uma queda por cereais coloridos com excesso de açúcar.

— Não consegui comprar aquele das bolinhas redondas de chocolate — ele acrescenta, pegando uma tigela e uma colher. — Parecia muito com merda de cabra.

Ele coloca os itens na mesa.

— Agora não vou conseguir mais *desver* — digo, observando-o ir até a geladeira. Desde a noite passada, ele vestiu uma calça larga, mas seu torso permanece gloriosa e distraidamente nu.

— Não vou alimentar minha rainha com comida que seja ofensiva de se ver — ele diz, abrindo a porta da geladeira. — Agora, sente-se e me deixe servi-la.

Eu me encolho com essa palavra. *Servir*.

— Eu mesma posso pegar — digo, levando a caixa de cereal para a mesa.

— Acredite ou não, minha rainha, eu quero fazer isso. — Memnon vem até mim e coloca o leite na mesa. — Pare de achar o contrário.

Memnon me faz sentar à mesa enquanto coloca cereal e depois leite na tigela.

Olho para ele.

— Quem cuida de você? — pergunto casualmente.

— Hum? — ele responde, se afastando na direção do fogão, onde repousa um bule de chá.

Eu me afasto do café da manhã e sigo minha alma gêmea.

— Quem cuida de *você*? — repito.

Ele levanta o olhar, encontrando o meu.

A resposta é clara.

Ninguém.

Costumávamos cuidar um do outro, e ele tinha família, amigos e um reino para lhe dar tudo o que precisasse. Mas tudo isso acabou agora.

Embora minha mente ainda recue diante do que aconteceu ontem à noite, me forço a lembrar dos policiais, dos cadáveres…

Memnon deixou um rastro de evidências quando foi me buscar. Ele me salvou de um pesadelo e pode ter se metido em outro sem querer. E apesar do seu poder impressionante, nem mesmo Memnon é onipotente.

Sinto a armadura com a qual acordei e sinto nosso vínculo dentro ela.

Balanço a cabeça enquanto olho para ele.

— Isso muda hoje. A partir deste momento, *eu* também cuido de *você*.

Isso me coloca do lado errado da lei. Merda, me coloca do lado errado de muitas coisas. Não estou nem aí.

Memnon olha para mim, e acho que ele não respira. Posso sentir uma emoção aguda e dolorosamente doce através do nosso vínculo. Sei por experiência própria que é uma que não pode ser expressa em palavras.

Minhas próprias emoções ficam presas na garganta. Não quero que vire algo dramático e esquisito. Só quero que as coisas sejam assim entre nós: de agora em diante, cuidaremos um do outro. Não é uma via de mão única.

A magia emana de mim, e um sopro serpenteia até um dos armários e retira uma tigela. Outro abre uma gaveta e pega uma colher. Ambos os objetos flutuam de volta para a mesa e caem no lugar ao meu lado. Meu poder empurra uma cadeira.

— Senta aqui — digo. — Vem tomar café comigo.

Engulo um pedido de desculpas que quer surgir junto da ordem. Em vez disso, pego a caixa de cereal e sirvo uma tigela enquanto ele se senta.

Ele faz careta para os anéis de arco-íris, mas quando sua atenção se volta para mim, Memnon parece feliz. Feliz de verdade. Meu coração salta com sua reação.

— O que aconteceu com os corpos ontem? — pergunto enquanto coloco leite em seu cereal. — Os que estavam dentro do prédio?

Memnon mergulha titubeante uma colher em seu café da manhã, parecendo desconfiadíssimo.

— Deixei lá — ele diz. — Os Fortuna podem limpar a própria bagunça desta vez.

Depois de um momento de hesitação, ele dá uma colherada. Na hora, Memnon faz careta, e posso dizer que ele está lutando para engolir.

— O que *diabos* é isto, em nome de Api?

Parece que o negócio ofendeu Memnon.

— Cereal.

— Eu te amo, Selene, mas isto… é uma merda profana.

Sorrio com a reação, estranhamente encantada com sua reação.

— Tá bom. Não precisa comer.

Memnon empurra a tigela para longe.

Quando ele está prestes a se levantar, coloco a mão em seu antebraço tatuado.

— E quanto à Politia e à polícia humana? As duas devem estar atrás de você.

Ele pega minha mão e entrelaça os dedos nos meus. Olho nossas mãos entrelaçadas, sua pele bronzeada contra a minha mais pálida. Uma sensação emocionante passa por mim com a visão.

— Podem vir. Não estou preocupado com eles — ele diz, e aperta minha mão. — Não se esqueça, existe apenas uma lei que os humanos seguem: a lei do mais forte. Não pretendo ser levado por policiais, mágicos ou não.

Ainda estou preocupada e tenho que lutar contra a vontade de ir até ele agora e me envolver em seus braços, com medo de que ele escape do meu alcance como antes.

— Mas vou precisar cuidar de algumas coisas finais hoje — ele diz. — Vou ficar fora por um tempo.

— Você vai voltar lá? — pergunta, incisiva. Tantas coisas que ainda nem começamos a discutir, mas no topo da lista está o fato de que Memnon deve ter se incriminado perante seus empregadores. Se voltar… quem sabe o que farão com ele? Há uma chance de que já estejam atrás dele.

Memnon balança a cabeça.

— Não, tenho certeza de que depois de ontem à noite, fiquei comprometido. Na verdade, venho me preparando para deixar esse emprego com os Fortuna muito antes disso. Mas preciso amarrar algumas pontas soltas.

Aperto sua mão com mais força.

— Você vai se cuidar?

Ele aperta de volta.

— Por você, *est amage*, eu vou.

Eu e Memnon ainda não conversamos sobre o que descobrimos ontem à noite, quando ele me leva via linha de ley até o Meimendro. Isso precisa ser discutido, mas nós dois devemos realizar outras tarefas primeiro.

Tomei a decisão de que, até a lua nova, vou com Memnon. Minha identidade pode ter sido comprometida ontem à noite e, embora Juliana tenha morrido, sua família e a rede criminosa que eles dirigem não. Tal como Memnon, hoje também tenho que resolver pontas soltas.

Deixei o celular, carteira e chaves no quarto, e preciso pegá-los e qualquer outra coisa de que possa precisar durante a próxima semana. Também quero tratar de um assunto pessoal.

Eu e Memnon saímos da linha de ley e entramos na cripta vazia e escura. As velas ao nosso redor mal irrompem em vida quando Memnon agarra

meu braço e me puxa de volta para ele.

Tenho apenas um momento para olhar para ele antes que sua boca colida com a minha. O feiticeiro me toma em seus braços como um homem faminto por toque, conexão.

Por puro reflexo, meus lábios se movem com os dele, mas quando minha mente atualiza, me jogo no beijo, tão consumida quanto ele.

As mãos de Memnon apertam meus braços e agora estão emaranhadas em meus cabelos, enquanto sua língua acaricia a minha. Minhas mãos foram para suas costas e minhas unhas cravaram em sua carne. Há um turbilhão de emoções entre nós dois. Minha lealdade, seu amor, essas circunstâncias traiçoeiras que nos unem.

Pouco tempo atrás, eu odiava Memnon com todas as forças. Agora… agora esse ódio parece ser uma coisa muito, muito distante.

Memnon interrompe o beijo.

— Tome cuidado hoje, *est amage*.

É fácil concordar com essa promessa. Ainda assim…

— Eu tomo se você tomar.

— Feito. Seus olhos caem para minha boca e, como se não conseguisse se conter, ele toma meus lábios de novo, me beijando com um desespero áspero. — Mais doce que mel — murmura junto à minha boca. Depois, se força a se afastar, recuando. — Quero te provar inteira hoje à noite — ele promete, com um olhar abrasador.

Sinto a pele esquentar.

Mesmo na penumbra ele deve ter notado, porque diz:

— Amo o jeito que você fica corada, bruxinha. Espero que faça isso de novo quando eu te chupar mais tarde como se você fosse o meu banquete.

— *Memnon*… — advirto.

Mas ele já voltou para a linha de ley e desapareceu de vista.

Capítulo 40

Entro na minha residência, já sem medo das inimigas alojadas sob este teto. Tenho uma tranquilidade — e uma determinação — que não tinha um dia atrás.

Dentro da casa, bagagens e bolsas de viagem se amontoam no hall de entrada e, quando subo as escadas, as bruxas pelas quais passo parecem estar fazendo as malas ou falando em voz baixa e sombria. A atmosfera do lugar é estranha e perturbadora.

Subo até o quarto andar da casa e passo por uma ala que nunca visitei muito. As luzes vibrantes acendem e apagam em suas arandelas conforme vou passando por cada cômodo, como se a própria magia pudesse sentir uma mudança em mim.

Ao desviar de mais uma pilha de malas no corredor, começo a me perguntar se esse êxodo tem a ver com a morte de Juliana. Mas ela não poderia ter tantas bruxas enlaçadas, poderia?

O corredor no final do quarto andar vira para a direita e, além da curva, restam apenas dois quartos, um à minha esquerda e outro à direita. O cheiro de formaldeído engrossa o ar e me sinto mal pela bruxa da direita. Está fedendo ali. Me aproximo da porta à esquerda e abro sem bater.

Lá dentro, a primeira coisa que vejo são prateleiras e mais prateleiras de potes de vidro, cada um contendo pedaços de anatomia zoológica. Um frasco tem olhos; outro contém sapos. Desvio o olhar antes que possa descobrir o resto. Na mesa abaixo deles repousa um gato taxidermizado — em péssimo estado, aliás. Um abutre enorme pousa nas costas da criatura empalhada e, enquanto observo, ele bica a coisa.

Bem, isso responde à questão de como o gato ficou em péssimas condições.

Não tenho tempo de examinar o resto do quarto antes de ouvir um arquejo.

Meu olhar cai para o chão, onde Olga parece ocupada, montando o esqueleto de algum animal.

— Selene? — Ela me olha de cima a baixo. — O que você tá fazendo aqui?

Não me preocupo com delicadezas.

— Sei que você me deu uma bebida batizada ontem à noite. — Entro no quarto e fecho a porta. — Será que você consegue adivinhar o que aconteceu depois?

Ela se encolhe.

— Não sei do que…

— Eu caí da vassoura, quebrei uns ossos. — Digo isso casualmente enquanto entro mais fundo no quarto, como se a lembrança não me machucasse. — Daí, vieram me buscar. — Olho para ela, deixando o silêncio se assentar por um momento. — Imagino que você não queira saber a próxima parte. — Me agacho na frente dela, muito ciente de que estou sendo uma ameaça. Não ligo. Quero que ela veja as lágrimas não derramadas em meus olhos. Quero que ela veja meu horror e minha dor. — Fui levada para uma sala e fui torturada, depois enlaçada a uma psicopata contra a minha vontade, e depois torturada mais um pouco.

— Eu… eu não…

— Eu sei que você estava enlaçada — eu a interrompo. — E sei que foi obrigada a fazer muitas coisas contra a própria vontade.

Olga pisca algumas vezes e seus olhos se enchem de lágrimas.

— Juliana… Lia… está morta. Se estiver sentindo uma leveza no peito, não é coisa da sua cabeça. Qualquer laço que você tinha com ela acabou.

Os olhos de Olga estão arregalados quando ela toca o peito.

— Ela… se foi? — a bruxa sussurra.

Eu assinto.

— Entendo que ela te obrigou a fazer coisas e você não teve escolha. — Suprimo o arrepio que quer percorrer meu corpo. — Mas você vai ter que reparar o que fez. Comigo e com as outras sobrenaturais que você machucou.

— Eu não *quis* machucar ninguém! — ela diz, incisiva. Parece uma frase que ela vem dizendo em silêncio a si mesma para se sentir melhor. Não consigo imaginar os horrores aos quais ela foi exposta até agora.

Ela abre a boca para dizer mais, mas eu balanço a mão como se estivesse espantando um inseto.

— Não importa. O que *importa* é que nós não fomos as únicas enlaçadas, e Juliana… ou Lia, que seja… não era a única criando esses laços. As bruxas assassinadas foram enlaçadas antes de morrerem, assim como nós duas, mas algo aconteceu com elas em seus momentos finais, e eu quero saber o que foi.

— Por que você tá me contando tudo isso?

Meus olhos examinam a decoração mórbida do quarto de Olga.

— No seu livro, você registrou as últimas palavras de alguma bruxa assassinada? — É um tiro no escuro, mas ela vive obcecada com esse negócio.

Os olhos de Olga brilham.

— Eu tenho duas entradas, mas não são de conhecimento público e não tenho permissão para compartilhar.

Ah, então agora ela quer ser uma cidadã de bem?

Coloco a mão em seu braço e me inclino para perto dela.

— Olha, Olga, eu não sou de fazer ameaças, mas tive uma noite difícil pra caralho. Então, por favor, abra uma exceção para uma amiga, ou eu vou começar a destruir o seu quarto, uma decoração de cada vez.

Sopros da minha magia laranja-clara emanam e serpenteiam até as prateleiras. Os potes chacoalham e tilintam enquanto meu poder desce sobre eles.

— Tá bom, tá bom! — ela diz a contragosto, me dando um olhar descontente. — Eu te mostro, só desta vez, para compensar… a noite passada.

Retiro minha magia quando a bruxa se levanta, resmungando baixinho enquanto vai até a estante de livros.

De lá, ela tira seu Registro de Últimas Palavras, seus dedos percorrem com carinho a lombada. Isso me lembra o quanto eu adorava meus cadernos, na época em que dependia deles. Uma dolorosa sensação de nostalgia surge em mim. Não tinha percebido o quanto senti falta de folheá-los até agora.

Olga se acomoda no chão ao meu lado e abre o livro. Ela o folheia e vejo nomes, datas e citações — as palavras finais que esses vários indivíduos proferiram antes de morrer.

Ela para em uma página com uma linha editada, os dados todo cobertos por tinta preta. Há outra linha oculta na página seguinte também. Fico

olhando para essas omissões. Tenho certeza de que a resposta está ali.

Um pouco de magia vermelho-vinho escapa de Olga. Ela bate um dedo nas páginas abertas do livro.

— O que estou prestes a te mostrar só foi compartilhado comigo porque a Politia me contratou para extrair as últimas palavras de alguns corpos.

— Eles te *contrataram*?

— Sim. Nem todo mundo consegue extrair informações de um corpo. É um dom muito raro — ela diz, com naturalidade.

Tipo, pode ser que eu não use a palavra "dom" quando se trata de lidar com cadáveres, mas, claro, é raro.

Minha atenção se volta para seu gato mutilado e empalhado.

— Eu… entendo.

Olga segue meu olhar.

— Esse é o Sr. Bigodes. Ele foi o meu primeiro gato. Odessa gostou dele.

Enquanto ela fala, o abutre — Odessa, pelo visto — bica novamente o pobre do gato.

Observo o resto do ambiente.

— Você gosta mesmo de morte, né? — Meus olhos tocam uma fileira de crânios de animais atrás de sua cama, depois se demoram em um conjunto de caixas que abrigam borboletas presas com alfinetes.

— É o maior mistério — Olga diz. — Um que, até nós, bruxas, só temos alguns vislumbres.

Com isso, ela mantém a mão sobre o livro aberto. Mais de sua magia emana de sua palma, pluminhas vão ondulando ao longo da superfície do livro. Quando a magia se dissipa, as linhas censuradas desaparecem, e em seu lugar, há texto escrito. O primeiro diz:

Katherine Thompson | Idade: 22 | Data de falecimento: 25 de setembro de 2023 | Última(s) Palavra(s): Ai, deusa… [gritos]

Faço careta ao ler aquelas linhas.

— Essa próxima eu acho particularmente interessante — Olga diz, tocando na segunda entrada. Assim que vejo o nome, tenho que me preparar. *Charlotte Evensen*.

Eu a conhecia, assim como Olga, não que ela dê qualquer indicação disso agora.

Não quero ler a entrada. Não são só palavras numa página, e sim as últimas e provavelmente agonizantes palavras de uma ex-amiga.

Charlotte Evensen | Idade: 20 | Data da morte: 10 de outubro de 2023 | Última(s) palavra(s): Malditos sejam você e sua espécie. Que apodreçam nas profundezas do inferno.

Malditos sejam você e sua espécie?

Olho para Olga.

— O que você acha que isso quer dizer?

Agora minha irmã de coven parece particularmente animada.

— Não sei, mas os corpos que vi foram muito mutilados. Talvez seja um sobrenatural que não é bem humano ou que pode se transformar.

Estremeço com a possibilidade. Tenho trabalhado de mãos dadas com os licantropos. Será que eles…?

Não, o pensamento é perverso demais para ser considerado. Para os metamorfos, família é o mais importante. Eles ficaram destruídos quando uma companheira de matilha foi encontrada morta.

Mas as palavras finais de Charlotte trazem à tona um aspecto dos assassinatos que me passou batido: a maneira como elas morreram. Estraçalhadas e pingando de magia das trevas.

O que os Fortuna poderiam querer com um bando de bruxas mortas de maneira horrível? Onde está o lucro nesse tipo de morte?

Seja lá qual for a resposta, vai acontecer de novo dentro de uma semana, a menos que eu e Memnon possamos impedir.

Capítulo 41

Quando volto para meu quarto, meu celular está tocando.

Vou até a cama, onde o larguei, e o pego.

— Alô?

— Finalmente. — A voz de Kane é estranhamente rouca.

Ô, cacete. Eu não quero falar com esse homem. Nem comecei a resolver minhas próprias emoções emaranhadas em relação a ele depois da noite passada.

— O que está rolando? — ele exige.

— Como assim, o que está rolando? — digo, reunindo os pertences de que vou precisar para a próxima semana.

— Memnon está em todos os noticiários.

— *Como é*?

Corro para o meu computador e ligo o dispositivo. O mais rápido que posso, entro em um dos poucos veículos sobrenaturais de comunicação. Na página inicial, há uma fotografia granulada de Memnon na rua em frente ao prédio onde fui detida. O ângulo me faz pensar que é uma captura de uma câmera de segurança. Os olhos dele estão brilhando e seu cabelo, levitando. A câmera não conseguiu capturar sua magia, mas é óbvio que ela deve estar espalhada ao seu redor. A manchete diz: “33 Mortos no Maior Ataque Mágico do Ano: Assassino Foragido”.

Puta merda, caralho, desgraça.

— Só ficou sabendo agora? — Kane indaga.

— Hum? — Ainda estou distraída com a foto. Nela, é difícil de ver a cicatriz de Memnon e suas tatuagens estão todas obscurecidas. Mas deve haver mais imagens por aí.

— Ele está tanto no noticiário mágico quanto no não mágico. — Kane faz uma pausa e acrescenta: — Selene, vi pelo menos uma foto dele carregando uma mulher. Me diz que não era você. — Sua voz suavizou. — Me diz que, depois da festa, você chegou em casa bem. Que você não me atendeu só de raiva.

Respiro fundo, com o coração batendo cada vez mais alto. Meu olhar retorna para a foto.

— Memnon estragou o disfarce quando foi me salvar — admito.

— Te salvar? — Kane repete. — O que aconteceu depois que você saiu da festa? — Em sua voz, há uma nota de medo.

— Eu… acho que não posso te contar por telefone.

A ligação faz silêncio por um momento.

— Selene, sinto muito — Kane diz, por fim. A princípio, acho que ele está se desculpando pela noite passada, até que acrescenta: — Seu status de amiga da matilha vai ser revogado na próxima reunião. Não podemos proteger a parceira de um assassino.

Aperto o celular com força.

É só você e seus vínculos. Eles são os únicos em quem você pode confiar.

Afasto o pensamento. O que Roxilana diria? Roxilana, que sobreviveu à morte de sua própria família, que governou homens e mulheres fortes e que viu muitas batalhas.

Ela não iria se contentar.

— Memnon não foi oficialmente acusado de nada — digo. — Qualquer suposição de culpa da parte dele é puro boato. — Respiro fundo. Em um tom mais suave, acrescento: — Seu alfa precisa ouvir o que eu e o Memnon descobrimos ontem à noite.

— Memnon não é bem-vindo…

— Eu controlo o Memnon. — Ignoro o embrulho nauseante do meu estômago com essa afirmação. — Posso dar a ele qualquer comando que seu alfa queira para se sentir mais à vontade, mas, Kane, estou te pedindo, como futuro alfa, que ouça o que temos a dizer. — Depois de um momento, admito: — Acho que se quisermos impedir essas pessoas, vamos precisar da ajuda da alcateia.

Não podemos confiar na Politia e provavelmente ainda não podemos confiar nas bruxas. Os metamorfos podem ser a última linha de ajuda que Memnon ou eu temos.

Fazemos silêncio por muito tempo.

Kane suspira.

— Tudo bem, Selene — ele capitula. — Um último favor para uma amiga da matilha. Esteja no chalé às seis da tarde em ponto.

A linha fica muda antes que eu possa agradecê-lo.

Solto um suspiro e, em seguida, acesso meu vínculo.

Memnon?, chamo meu parceiro. *Marquei uma reunião com os licantropos às seis para contar o que descobrimos. Mas antes, queria repassar tudo com você.*

Sinto o sorriso lento de Memnon através de nossa conexão, e isso faz um nó na minha barriga.

Olá, minha rainha.

Meu coração acelera ao som de sua voz.

Vou ter que te encontrar lá, ele diz em tom de desculpas, *mas até lá, vamos conversar assim e formar uma estratégia de batalha.*

Uma estratégia de batalha. Olho para a página do portal de notícias mais uma vez e vejo a forma granulada de Memnon. Precisamos de uma estratégia.

Um arrepio de antecipação — e talvez um pequeno pressentimento — passa por mim. Já se passaram dois mil anos, mas finalmente estou começando a me sentir como a rainha que um dia fui.

Capítulo 42

Essa reunião com os licantropos vai só ladeira abaixo.

Assim que eu e Memnon entramos naquela sala à prova de som, minutos atrás, já fui sentindo o climão. Todos os metamorfos, exceto Kane, rosnam abertamente enquanto nos sentamos. Até a mais velha, Apani, parece hostil.

Vincent não se dá ao trabalho de sentar. Em vez disso, ele apoia os punhos na mesa e encara Memnon, com o lobo brilhando em seus olhos.

— Me permitam deixar algo absolutamente claro: neste momento, não quero ouvir o que nenhum de vocês tem a dizer, não estou interessado em trabalhar em conjunto e assim que fizermos uma votação para te remover — ele meneia a cabeça para mim — como amiga da matilha, pretendo avisar a Politia que sei quem é o *assassino em massa* da noite passada.

Minhas mãos entrelaçadas tremem um pouco enquanto fico ali sentada e observo o alfa fervilhar do outro lado da mesa. Estou enferrujada no controle de minhas emoções, mas ao meu lado, Memnon faz disso uma arte. Ele está esparramado na cadeira, com o dedo indicador esfregando o lábio inferior, projetando apenas um leve interesse nas palavras que estão sendo lançadas contra nós.

— A única razão pela qual esta reunião está acontecendo é porque Kane insistiu muito.

Kane está sentado do meu outro lado, assim como durante a última reunião.

Respiro fundo e forço os nervos em frangalhos a se acalmarem.

— Agradeço a todos vocês por terem vindo mesmo assim — digo.

Vincent lança um olhar furioso para mim.

— Você é um homem honrado — começo. — Mas as pessoas que machucaram sua matilha não. Nem se importam em seguir as mesmas regras que o resto de nós, sobrenaturais, tentamos seguir.

— Ao contrário do seu parceiro? — Ele acena para Memnon. — Não me venha com essa merda…

— Na segunda-feira, 13 de novembro — interrompo — na noite de lua nova, haverá um leilão à meia-noite no Edifício Equinócio, em São Francisco. Mas não vai ser um leilão comum. Vai ser de seres sobrenaturais leiloando *outros* sobrenaturais. Bruxas, magos e provavelmente metamorfos.

Os rosnados na sala vão diminuindo pouco a pouco e, a contragosto, Vincent se senta.

— Para ser mais exata — continuo — o que vai ser leiloado é um laço forjado: um vínculo mágico que conecta dois seres sobrenaturais, e que pode ser até a morte. Dependendo dos termos desse laço, uma ou ambas as partes podem exercer controle sobre a outra. Apesar da sua natureza por vezes desagradável, os laços forjados são tecnicamente legais. Só que os sobrenaturais leiloados já foram previamente enlaçados em segredo e contra a vontade deles para forçar a participação e cooperação nesses leilões. Isso é o que provavelmente teria acontecido com a Cara se o enlaço forçado tivesse acontecido. A família Fortuna então obtém o lucro dessas… vendas, e continuarão fazendo isso, a menos que sejam impedidos.

O silêncio na sala é quase doloroso.

— Tem mais. Descobrimos que as vítimas de assassinato também estavam enlaçadas a membros da quadrilha Fortuna no momento das mortes delas. Os Fortuna usam esses laços para exercer controle absoluto sobre seres sobrenaturais. E assim como o leilão, sabemos que os assassinatos também estão acontecendo no Edifício Equinócio. — Dou outra rápida olhada em Memnon. — E temos boas razões para acreditar que vai acontecer outro assassinato na noite do leilão. — Antes que alguém possa me perguntar como sei disso, acrescento: — Para as bruxas e vários outros seres sobrenaturais, a lua nova representa não só a escuridão literal, mas também segredo, obscuridade, mistério e confusão. É quando o uso de feitiços ilícitos e magia proibida é mais provável. É a única noite em cada ciclo lunar em que a magia das trevas carrega o máximo de poder.

Por um longo momento, a sala fica em silêncio. Finalmente, Vincent solta um longo suspiro e enfia a mão no bolso. Ele pesca dois frascos de soro da verdade.

— Antes de discutirmos mais alguma coisa — o alfa diz —, quero que vocês dois bebam isto para que eu possa confirmar a veracidade de suas palavras.

Reprimo um gemido, mas quando ele joga o frasco para mim, eu o abro com prontidão e bebo, estremecendo com o sabor.

Memnon pega o frasco que lhe foi atirado, mas só fica olhando para ele. Já estou vendo que ele vai resistir aos comandos do alfa.

— Memnon.

O feiticeiro olha para mim, o canto da boca se curvando. Ele remove a rolha e a segura.

— Por você e só você. — Ele brinda para mim, depois vira a poção de uma vez.

A sala fica em silêncio enquanto a poção faz efeito. Posso sentir a magia envolvendo minha traqueia e cobrindo minha língua.

— Isso que você acabou de me contar sobre o leilão e os assassinatos é verdade? — Vincent me pergunta.

— Até onde sei, sim — respondo.

Seu olhar se volta para Memnon.

— Ela disse a verdade? — Vincent pergunta.

— Até onde ela sabe, sim — Memnon responde.

— Até onde ela sabe — Vincent repete. — E até onde *você* sabe?

Memnon e Vincent se encaram.

Ao meu lado, Kane se vira, com os olhos fixos no meu rosto.

— Como *você* conseguiu essa informação? — ele me pergunta. O que ele quer mesmo saber é o que aconteceu ontem à noite.

Solto um suspiro, e meu estômago embrulha. Aquela força anterior que senti está diminuindo…

Você é a pessoa mais forte que conheço, est amage, Memnon diz. *Sem pressa. Estou aqui.*

Respiro fundo.

— A mesma mulher que tentou enlaçar Cara veio atrás de mim ontem à noite, depois da fogueira. O nome dela é Juliana Fortuna, filha de Luca Fortuna. Ela… forçou um enlaço em mim.

A sala fica extremamente silenciosa por vários segundos.

— *Quê?* — Kane indaga, por fim. Sua voz ficou profunda e rouca. — Tá me dizendo que se você tivesse saído da praia comigo, isso não teria acontecido?

Memnon se inclina um pouco para a frente.

— Como é? — A magia está começando a emanar dele. Ele não soube do que aconteceu entre mim e Kane ontem à noite *porque não era importante*. Não sabia que teríamos um conflito por causa disso.

— Você ainda está enlaçada a essa Juliana? — o alfa se intromete.

— Não — Memnon interrompe. — Eu matei a feiticeira.

Silêncio novamente, e imagino que Vincent, Apani, Kane e a beta da matilha, Irene, estão juntando o que viram no noticiário com essas informações.

Memnon estreita os olhos para Kane.

— Até então, ela já havia passado uma boa hora torturando minha alma gêmea. Enlacei a mulher a mim, a obriguei a revelar a informação que acabamos de compartilhar, e então dei a ela a morte merecida.

Se eu esperava que os metamorfos ficassem horrorizados com a brutalidade implícita de Memnon, presumi errado. Todos eles têm uma aparência ligeiramente selvagem, mas ninguém parece perturbado. Na verdade, parecem estar reconsiderando Memnon.

— Uma hora? — Kane pergunta, com a voz áspera. Pigarreando, ele passa a mão pela boca. — Puta merda, Selene… — Quando Kane olha para mim novamente, há muita dor em seus olhos.

Balanço a cabeça.

— Tô… de boa.

Odeio essa expressão, Memnon diz em nosso vínculo.

Para o resto da sala, digo:

— A morte de Juliana libertou vários seres sobrenaturais dos laços forçados, e é provável que alguns levem essa informação para a Politia. Se tiver um membro da matilha que trabalhe para as autoridades, pode confirmar a nossa história.

A sala está silenciosa, quase pensativa.

— Vocês pretendem participar do próximo leilão? — Vincent finalmente pergunta.

— Sim, pretendemos interrompê-lo — Memnon diz. Parece que minha alma gêmea está saboreando a ideia, e por que não deveria? Sem dúvida, vai ser o puro caos e violência, e Memnon foi criado para a batalha.

Kane olha entre nós, franzindo a testa.

— Vocês podem acabar morrendo desse jeito. Por que não deixam a Politia cuidar disso? Se os sobrenaturais informarem sobre esses laços

forçados, como você disse, eles mesmos podem ir atrás dos feiticeiros.

Memnon se recosta na cadeira.

— *Se* esses sobrenaturais recém-libertos relatarem as experiências à Politia, e *se* a Politia acreditar, e *se* a família Fortuna não tiver subornado todo mundo, então *talvez* eles vão atrás dessa quadrilha criminosa. As estrelas precisam se alinhar com precisão para que esses malditos possam fazer qualquer coisa.

— O feiticeiro tem razão, Kane — Vincent diz, seus olhos indo para o metamorfo sentado ao meu lado. — Não está claro se a Politia terá provas ou tempo suficientes para deter os Fortuna antes desse leilão, ainda mais agora em que devem estar reunindo recursos para caçar um assassino em massa. — O olhar de Vincent recai incisivamente sobre Memnon.

Meu parceiro estreita os olhos para o alfa, mas antes que ele possa dizer qualquer coisa, eu interrompo:

— Estão levando minhas irmãs de coven. — Há o equivalente a uma vida passada inteira de frieza em minha voz. — E estão levando seus companheiros de matilha.

Irene rosna com minhas palavras.

— Estamos cientes.

— Não estou disposta a arriscar que mais alguém morra ou sofra um laço contra a vontade, porque esses monstros ligam mais para dinheiro do que para vidas humanas — continuo.

Vincent pigarreia.

— Vamos ter que discutir isso com toda a matilha antes de tomarmos uma decisão sobre nosso envolvimento nisso.

Memnon se inclina sobre a mesa, todo o seu comportamento passa de relaxado a malévolo numa fração de segundo.

— Não vão, *não.*

O alfa rosna, com os olhos se transformando.

— Pense bem, feiticeiro, antes de me desafiar sob meu próprio teto.

Os olhos de Memnon começam a brilhar.

— Já discutimos isso antes. Não vou deixar minha alma gêmea em perigo só porque você acredita que todos têm o direito de saber essas informações confidenciais. — O rosnado do alfa só se aprofunda, mas agora Memnon se levanta, apoiando pesadamente as mãos na mesa. — Você quer que eu te conte como a feiticeira quebrou os ossos de Selene, um por um? Como *ouvi*

os gritos dela através do nosso vínculo antes de chegar lá? Essas pessoas não são brandas. Não precisa envolver sua matilha nesse negócio, mas não vai arriscar a minha parceira.

O ar está crepitando de tensão. Os músculos do alfa estão tensos. Algo está prestes a acontecer, a menos que eu coloque um fim nisso.

— Quando Juliana me enlaçou — digo, interrompendo o impasse. — ela ordenou que mantivesse esse laço em segredo. Depois, ordenou que eu fosse leal a ela acima de todos os outros.

Vincent ainda está encarando Memnon, mas os outros metamorfos estão me ouvindo, então continuo:

— Então, se quiserem encontrar os metamorfos que podem estar sob laços forçados, dê um frasco de soro da verdade para cada membro da alcateia e faça estas perguntas: primeiro, você jurou segredo a alguém de fora? E segundo, você foi forçado a fazer isso contra a sua vontade?

Com relutância, Vincent desvia o olhar de Memnon. Ele também está me ouvindo agora.

— Exclua da reunião qualquer pessoa que responda sim a essas perguntas — continuo —, e assegure que nenhuma informação chegue a elas. Então tome sua decisão. — Meu olhar se move para Vincent e Irene, Apani e Kane. — Quanto a mim e Memnon, vocês já sabem nossa decisão. Se um conflito irromper, vamos defender quaisquer metamorfos presentes no leilão, bem como quaisquer outros seres sobrenaturais que estiverem lá contra a vontade. Espero que sua matilha considere se juntar a nós, mas se não, então quero agradecer a todos vocês por me considerarem uma amiga da matilha por um tempo. Sempre irei considerar a Alcateia Marin minha amiga também.

Eu me levanto e faço um gesto de cabeça para cada licantropo. Vincent e Irene olham para mim, desconfiados. Apani abaixa a cabeça e Kane… Kane parece de coração partido.

Sem mais nada para me fazer ficar, vou em direção à porta. Mal passei por Kane quando o metamorfo pega meu pulso.

— Selene. — Paro e me viro para ele, ignorando Memnon de propósito. — Jure que você não vai morrer.

Olho para ele e, embora não consiga ler sua mente, posso quase sentir sua preocupação e impotência. Kane está refém da decisão da matilha. E acho

que, neste momento, ele está louco para se juntar à luta, ou pelo menos me proteger dela.

A cadeira de Memnon arrasta para trás e a mão pesada do feiticeiro pousa no ombro de Kane.

— Você é um bom homem, Kane — Memnon diz. — E seu senso de proteção um dia vai te servir bem como líder. Selene não pode fazer essa promessa. Mas eu posso prometer o seguinte: não vou guiá-la voluntariamente para a morte.

Kane me encara por mais um momento e eu assinto.

— Vai ficar tudo bem — digo, baixinho.

É o mais próximo que posso fazer de uma promessa, e pode até nem ser verdade. Porque não tem nada bem. Nem os laços forçados, nem os assassinatos, nem o leilão, nem a violência que se aproxima.

Mas não há como voltar atrás em relação ao que aconteceu ontem à noite. Nem para Memnon e nem para mim. A única opção para qualquer um de nós é deter os Fortuna antes que eles nos detenham.

E espero que os metamorfos decidam ajudar.

Capítulo 43

Dirijo o carro de Memnon de volta para casa, enquanto o feiticeiro pilota a moto. O céu ficou pesado e com cheiro da chuva durante toda a noite, mas é só quando estou nas estradas sinuosas da montanha que o mundo vem abaixo.

Ligo os limpadores e tento forçar o foco a permanecer só na estrada.

Infelizmente, ele continua à deriva.

Ela disse a verdade?, Vincent perguntou.

Até onde ela sabe, sim, meu parceiro respondeu.

O que ele quis dizer com isso?

Memnon?

Eu não deveria incomodá-lo. Não quando ele está pilotando pelas mesmas estradas escorregadias que eu. Numa moto. Sem capacete.

Sim, est amage*?*

Deixa pra lá, digo.

Bem, não posso deixar pra lá agora que fui provocado. O que foi?

Aperto o volante. Foda-se.

Me diga algo que você não quer que eu saiba.

Ignoro a pontada de culpa no estômago que vem com a ordem e me preparo para alguma verdade terrível.

Vivo pensando em me casar com você, Memnon diz em nosso vínculo. *Penso em maneiras de contornar nosso acordo só para oficializar nossa união mais cedo. E quando você for minha esposa, pretendo te convencer com presentes, comida e sexo alucinante para você ficar comigo, na nossa casa, para sempre.*

Recuo no assento. Essa… não era a confissão que eu esperava. Presumi que ele me contaria algum esquema que estava escondendo de mim, e não que me serviria seu coração numa bandeja. Eu tinha quase me esquecido do juramento inquebrável que fiz a ele. Mas Memnon não.

Você não queria que eu soubesse disso?

Não, ele diz. Mas também não explica mais.

Quando estaciono na longa entrada da casa isolada de Memnon, ele já está lá, destacando-se nos elementos, esperando que eu chegue até ele. A chuva gruda seu cabelo no rosto. Distraído, ele passa a mão pelas mechas molhadas, e a visão incendeia todo o meu corpo.

Olho para ele e, finalmente, o vejo, o vejo de verdade. Ele não é mais só uma ameaça estranha que veio me assombrar. Ele é a minha alma gêmea, o homem cuja mente falou com a minha há dois mil anos, quando éramos crianças no mundo antigo. Ele foi meu inimigo nos últimos tempos, mas sempre foi meu parceiro.

A verdade me atinge como um golpe no peito, e é como se eu pudesse respirar de novo pela primeira vez desde que ele voltou à minha vida.

Desligo o carro e saio dele.

Meu olhar se move dele para a moto e depois volta.

Fecho a porta do carro e contorno o veículo.

— Você nunca mais vai pilotar essa moto sem capacete — digo.

Eu o vejo estremecer com o comando na minha voz. Ele torce os lábios num sorriso malicioso.

— E por quê?

Ele quer a resposta. Deve ter sentido o cheiro da verdade.

Paro de andar e nós dois nos encaramos.

— Porque eu me importo com você. Porque você é a minha alma gêmea — respondo. Sempre soube disso, mas agora aceito. Eu aceito o *Memnon*. Nós dois estamos conectados por um cordão invisível de magia. Ele se mistura, sua escuridão tinge meu poder, minha luz vai clareando o dele. — E declaro *minha* posse sobre ti.

Meu poder flui através de mim, ansiando por algo que está parado bem na minha frente. Memnon olha para mim como se eu contivesse o mundo inteiro.

— *Selene*. — Seus olhos começam a arder e espessas plumas de sua magia emanam dele.

Não sei qual de nós se mexe primeiro, só sei que nos unimos enquanto a chuva cai sobre nós. A boca de Memnon encontra a minha, seus olhos ainda estão ardendo como brasas. A pressão de sua boca é desesperada, insistente, como se ele pudesse extrair mais verdades de mim.

Passo os dedos pelos seus cabelos, me deleitando com a sensação estranha de suas mechas flutuantes.

Esta é a nossa verdade mais profunda. O tempo e lugar podem mudar — até mesmo as experiências de vida podem mudar — mas ainda assim estaremos juntos.

Memnon fecha os olhos como se estivesse saboreando o momento.

— Como eu ansiei por ouvir essas palavras. — Ele encosta a testa na minha. Quando abre os olhos, eles ficam daquele castanho lindo e complexo mais uma vez. — Eu sou seu, querida alma gêmea — sussurra. — Sempre seu.

Ele me beija de novo, e há uma pressa inebriante.

Abro a jaqueta de couro que ele usa e a tiro de seus ombros. Ela cai na calçada com um barulho molhado.

Preciso ficar mais perto dele. Preciso sentir a própria essência dele em mim e dentro de mim. Há uma urgência quase instintiva, e não sei se é motivada pela minha magia ou pelos meus sentimentos reprimidos.

Talvez seja um pouco dos dois, porque quando chego à bainha da camiseta dele, minha magia já chegou primeiro. Ele puxa a roupa para cima, interrompendo nosso beijo. Memnon sorri diabolicamente enquanto meu poder tira a camiseta pela sua cabeça e a joga de lado. Então, as mãos e a boca do feiticeiro estão de volta em mim.

Seu peito está deliciosamente quente, e eu me aproximo de seu abraço, saboreando seu calor e proximidade.

Ele me pega no colo, envolvendo sua cintura com as minhas pernas. Minhas mãos ainda estão em seus cabelos ondulados e minha magia está se movendo ao nosso redor. Está nas minhas costas e, embora não consiga vê-la, eu a sinto fervilhando em torno das mãos de Memnon. Ele puxa minha camiseta, então…

Riiiip. Meu poder rasga as costas da minha camiseta no meio. Ela cai em farrapos entre nós, e eu me afasto o suficiente para me livrar dela. Memnon aproveita o momento para lançar seu próprio feitiço silencioso, sua magia vai absorvendo o peso do meu corpo para liberar suas mãos.

O feiticeiro estende a mão, tirando as mechas molhadas do meu cabelo do rosto.

— Oi de novo, meu amor. Já faz uma eternidade. — Nós nos entreolhamos, com os torsos nus, exceto meu sutiã e suas tatuagens, e rimos.

Naquele momento, não há divisão entre quem eu era como Roxilana e quem eu sou como Selene; o passado e o presente estão aqui, todos ao mesmo tempo.

— Deu certo — digo suavemente. Meus dedos roçam seu rosto e a pele de sua cicatriz. — Nunca te perdi de verdade.

Ele balança a cabeça.

— Não, minha rainha, isso é só o começo.

Memnon nos leva para dentro. Estamos pingando da cabeça aos pés, e os sapatos do feiticeiro fazem barulhos hilários até que um de nossos feitiços os remove de seus pés. O resto de nossas roupas é arrancado e rasgado pelo nosso poder enquanto passamos pelo hall de entrada, depois pelo corredor até o quarto, cada peça descartada vai caindo no chão com um tapa molhado até que nós dois estejamos nus.

Estremeço nos braços de Memnon, com as pernas presas em sua cintura. Posso sentir sua ereção roçando a curva da minha bunda.

— Não preciso da cama para isso — digo.

— Eu preciso — Memnon diz com muito fervor. Ele se inclina para mim e mordisca meu lábio inferior. — Vamos ter tempo para fazer amor como os profanos que somos. Mas hoje, quero saborear sua pele e a expressão de seus olhos. Eles contêm todo o meu universo.

Engulo em seco, ficando séria. Fizemos isso tantas vezes na semana passada, mas eu sempre, sempre fiquei na defensiva. Mas quando acordei hoje de manhã, depois de uma noite infernal, todas as defesas que coloquei em posição para manter Memnon longe foram destruídas.

Os olhos do feiticeiro descem para minha garganta e ele dá um beijo gentil ali.

— Minha brava rainha, que lutou contra a morte para me salvar, que desistiu de tanta coisa para que pudéssemos estar aqui neste momento. — Seu olhar passa por mim, e acho que ele percebe que estou pronta para o sexo devagarinho que ele vem me prometendo e toda a conexão íntima que vem junto. — Minha primorosa alma gêmea, que tem sido *extremamente* paciente comigo.

Ele me deita na cama e depois me segue até ela, se encaixando no espaço entre minhas coxas.

Apesar do barulho da chuva, o mundo ficou muito, muito quieto.

— Me deixe te mostrar o quanto eu te amo — ele ofega.

Ele agarra minhas pernas, deslizando as mãos pelas minhas coxas como se não pudesse deixar de me tocar antes de separá-las obscenamente.

Memnon mergulha a boca no meu íntimo.

— Eu prometi que iria me deliciar com sua boceta — ele diz junto à minha pele sensível, e eu gemo com a forma como até mesmo aquele roçar casual de seus lábios deixa minhas terminações nervosas em chamas.

Então, ele beija minha boceta, sua língua desliza brevemente dentro de mim. Arqueio as costas, quase me desfazendo só com isso.

Memnon geme, apoiando a testa no meu osso púbico.

— Você está *encharcada*.

Estou ofegante, embora ele quase não tenha me tocado. Passo as mãos sobre seus ombros, me deleitando com o movimento de seus músculos.

Memnon abaixa a cabeça para dar um beijo suave em meu clitóris. Quase grito com a sensação.

— Eu odeio quebrar minha promessa — ele diz —, mas… — Outro beijo áspero no meu clitóris que me faz pegar fogo. Memnon levanta a cabeça e nossos olhos se encontram ao longo de toda a extensão do meu corpo. — Não imaginei que você fosse olhar para mim do jeito que olhou, ou dizer as coisas que você disse.

Com isso, ele se arrasta por todo o meu corpo até que seus quadris fiquem amparados nos meus. Minhas mãos deslizam pelos músculos de seu abdômen e depois circulam até suas costas.

O feiticeiro olha para mim.

— Não desvie o olhar — ele diz. São partes iguais de ordem e súplica.

— Não desvie *você* — respondo, devolvendo o comando para ele.

— Não vou — ele jura.

Ele se ajeita até que seu pau esteja bem na minha entrada, e estou prestes a olhar para baixo, para o ponto onde tocamos.

— Olhe para mim — ele me lembra.

Inspiro, trêmula.

Observando cada movimento meu, Memnon mexe os quadris e começa a afundar dentro de mim.

Respiro fundo conforme a cabeça do pau dele entra devagar. A sensação é inebriante, mas ainda estou presa em seu rosto. Aquele rosto que vi pela primeira vez em Roma, há tantos anos. Ficou mais endurecido e robusto desde então, mas pela primeira vez nesta vida, percebo que não é *só* um rosto bonito, é um rosto amado.

Isso faz meu coração bater ainda mais rápido.

Depois de entrar inteiro dentro mim, ele fica imóvel de novo, nós dois presos no olhar um do outro.

— Pode desviar agora — digo, com a voz suave. Para ser sincera, não sei se minhas ordens ainda têm algum poder sobre ele.

— Eu não quero — ele admite.

Eu também não.

— Por favor, *est amage*. Explore o meu corpo — ele incita suavemente.

Vou ter que desviar o olhar, admito em nosso vínculo.

Memnon passa a ponta do nariz no meu.

— Não ligo — ele sussurra junto aos meus lábios enquanto seu pau entra e sai de mim. Meus olhos tremem um pouco com a sensação, mas suas estocadas são lentas, comedidas.

Minhas mãos roçam suas costas e sinto arrepios subindo pela pele de Memnon. Faço uma pausa quando toco a costura de uma velha cicatriz a vários centímetros de sua axila. Uma flecha farpada havia se cravado aqui, embora tenha acontecido antes de nos conhecermos. Nesse dia, foi a primeira vez que a voz de Memnon me chamou através do nosso vínculo.

Minhas mãos continuam subindo até que meus dedos encontram as pontas encaracoladas de seu cabelo preto. Brinco com algumas mechas. Então, porque não consigo evitar, meu toque migra para sua cicatriz, traçando-a pela lateral do rosto e até o olho, me lembrando de quando toquei pela primeira vez…

— Parece ter doído.

Seus olhos estão fechados.

— Sim, mas fico grato por isso.

— Por quê? — pergunto. Não consigo imaginar ficar grata por algo tão hediondo.

— Porque fez você acariciar minha pele.

Minhas mãos descem até a base de sua garganta, onde repousa a imagem tatuada da minha pantera. Em seguida, desce até a tatuagem peitoral de um

dragão — o brasão de sua família. A mãe dele tinha a mesma tatuagem, assim como a irmã.

Assim como eu, uma vez, há muito tempo.

Sinto todo o corpo dele estremecer ao passar minhas mãos sobre ele, e a sensação de alguma forma intensifica o jeito que o seu pau entra e sai de mim. Sinto um pouco de dor pela ausência de minhas próprias tatuagens e cicatrizes. Elas não viajaram no tempo comigo.

Minhas mãos descem sobre o abdômen de Memnon antes de parecerem voltar por vontade própria para seu rosto.

Seguro esse rosto, nós dois nos observando.

— Eu te amo, minha Roxi, minha Selene — Memnon murmura.

Ele mete mais fundo, embora tortuosamente lento.

Quero implorar para ele ir mais rápido, mas mesmo isso seria uma ordem embrulhada num apelo, e tenho medo de funcionar — e tenho medo de não funcionar.

O canto de seu lábio se curva enquanto ele me estuda, e seus olhos brilham com intensidade.

— Seu rosto diz o que seus lábios não dizem.

Estremeço um pouco. Será que ele acabou de ouvir meus pensamentos?

Mas então ele continua:

— Eu vou mais rápido, se você mandar.

Meu coração agora está batendo forte por um motivo bem diferente. Fico tensa, sem querer apertando seu pau. Memnon solta o ar entre os dentes e depois ri, suas estocadas ainda languidamente lentas.

— Você me aperta tão gostoso, bruxinha. — Ele inclina a cabeça para tomar um dos meus seios na boca, brincando com meu mamilo entre os dentes. Ele o liberta para abocanhar o outro. Nunca pensei que meus seios fossem particularmente sensíveis, mas esse homem me faz ver a deusa com a língua.

Solto um gemido, me esfregando um pouco mais nele.

— Eu te amo — ele ofega junto à minha pele. — Eu te amo, eu te amo, eu te amo. Mil vidas não seriam suficientes com você, mas tenho que me contentar apenas com esta.

Ele se afasta dos meus seios para olhar para mim. E mais uma vez, voltamos a nos encarar.

— Mande em mim, minha rainha. Eu sou seu — ele diz enquanto mete dentro de mim.

Acaricio sua bochecha.

— Você é meu, *est xsaya*, mas não vou mandar em você. — Não agora, pelo menos.

Ele sorri para mim, a expressão suavizando todo o seu rosto, mas principalmente seus olhos.

Tudo bem, não mande. Vou simplesmente me antecipar aos seus desejos.

Ele se inclina e me beija, as estocadas acelerando, a fricção deliciosa deixando todo o meu corpo em chamas.

Eu ofego, meus dedos correm pelas suas costas, onde cravo as unhas. Ele mete mais forte, todos os seus músculos enormes ondulam e se contraem com a ação.

Eu me contorço debaixo dele, presa em seu ritmo implacável. Se antes ele mantinha os movimentos lentos e superficiais só para me atormentar, agora seu ritmo é quase excessivo. Ele é demais.

Vou te dar o mundo, imperatriz, ele jura, com a voz fatalmente suave em minha mente. *Já comecei*.

Não sei se Memnon queria que eu ouvisse essas palavras, então as ignoro enquanto meus quadris encontram os dele, meu corpo se precipita em direção ao orgasmo. Meu olhar desce até onde posso ver a parte inferior de seu pau grosso metendo.

— Olhe para mim.

Meu olhar se fixa ao dele. Não há magia neste momento, exceto pelo poder mais profundo e rico que nos une.

Fico olhando para ele. Meu passado, meu presente.

Meu futuro.

Seus olhos brilham.

Acho que ele ouviu.

Em vez de ficar mortificada, essa ideia, junto de suas estocadas ásperas e impiedosas, me leva ao limite.

Meus lábios se abrem quando meu orgasmo devasta o meu corpo.

As pupilas de Memnon dilatam.

— Deuses, eu te sinto… — Ele enfia os dedos no meu cabelo, e então se derrama em mim, com o olhar preso no meu.

Seu clímax ecoa em nosso vínculo, ampliando o meu. E ainda assim, nós dois continuamos olhando um para o outro, como se realmente não nos víssemos há dois mil anos. Só quebramos o contato visual quando Memnon sai de dentro de mim e me abraça. Esta noite, até isso parece sagrado. Não sei o que está acontecendo com meu coração, mas não estou tão apavorada quanto deveria.

A mão de Memnon vai até minha barriga, seus dedos acariciam preguiçosamente a pele ali. Por alguma razão, esse toque — a mão dele na minha barriga — será para sempre uma reminiscência da criança que tivemos por um breve período e que depois perdemos com todo o resto.

— Perdão — ele começa.

— Quê? — pergunto, perplexa.

— Eu *nunca* vou parar de pedir perdão para você. Minha fé em você vacilou quando acordei naquela tumba, e essa falta de fé me levou a te machucar de maneiras que não dá para apagar. Então, vou pedir perdão, minha alma gêmea, minha mais querida e melhor amiga. De novo, e de novo, e de novo. Até você cansar. Porque mesmo que esse enlaço entre nós se rompa, minha dívida com você não será paga. Não será, até que eu dê meu último suspiro e você e eu conheçamos os deuses que nos criaram.

Coloco a mão no seu rosto e levanto a cabeça para observá-lo. Pelo vínculo, sinto seu desejo. Acho que sei o que ele quer.

— Você está se perguntando se o laço forjado ainda existe?

Depois de um momento de hesitação, ele assente. Só tem um jeito de descobrir.

— Me conta outro segredo que você não quer que eu saiba.

— Escolhi um anel — Memnon admite. Ele pisca, então… — Porra, eu realmente não pretendia compartilhar isso.

Ele tem um anel de noivado. Meu coração está batendo forte. Memnon está mesmo pronto para se casar comigo na primeira oportunidade.

Vejo um lampejo de desgosto cruzar sua expressão.

— Você é meu — sussurro, agarrando sua mão e entrelaçando os dedos nos dele.

Ele fecha os olhos enquanto um arrepio o percorre. Quando ele os abre outra vez, brilham brevemente com sua magia.

— Você é meu — repito. — Você é *meu*. Meu parceiro eterno. — Não é uma declaração de amor, mas não importa.

Então, ele sorri, tão grande que quase rasga seu rosto ao meio.

Eu sorrio de volta para ele, me sentindo leve, eufórica. Essa maldita euforia.

As emoções de Memnon estão inundando nosso vínculo. Deixei o homem extraordinariamente feliz.

Memnon se inclina para frente e me beija. Contra meus lábios, sussurra:

— Eu sou seu, *para sempre*.

Capítulo 44

Presumi que passar meus dias enfurnada com o Memnon faria o tempo passar de forma irritantemente lenta, mas entre elaborar estratégias e redescobrir Memnon, os dias correm, um por um.

Continuo enviando mensagens todos os dias para meus pais, informando que estou viva, atualizo Sybil na minha ausência no Meimendro e me permito realmente aproveitar um período de tempo em que ninguém está ativamente tentando me ferir ou a meu familiar.

Bem, talvez *estejam* tentando ativamente, mas Memnon conseguiu proteger este lugar contra nossos inimigos.

As notícias ainda estão muito focadas nas mortes em São Francisco e no assassino em massa à solta, e há muito pouco sobre o império Fortuna, além de uma breve menção a uma doação que fizeram à Politia da Área da Baía.

Qualquer delação que tenha rolado por parte dos sobrenaturais libertos da influência de Juliana, não tem nada sendo noticiado. Também não há menção à própria Juliana ou à sua morte prematura — nem mesmo um simples obituário. É como se a morte dela não tivesse acontecido.

Não sei os motivos dos Fortuna para tal sigilo, mas está claro que, sejam quais forem, eles os valorizam mais do que divulgar sua perda.

No meio da semana, Kane me envia várias mensagens de texto:

> Catorze metamorfos têm laços forçados. Eles foram colocados em quarentena e separados da matilha.
> Pelo que sabemos, a Politia reuniu alguns depoimentos de sobrenaturais que estavam enlaçados a Juliana, mas eles não têm provas suficientes para realizar uma prisão, nem causa provável suficiente para se envolverem no próximo leilão.

Eu não estava esperando a ajuda da Politia, mas ainda é um soco no estômago saber que eles não vão fazer nada. As duas mensagens finais de

Kane, porém, compensam isso.

O resto da alcateia votou e a decisão foi unânime.
Estaremos lá.

O alívio inunda meu corpo. Eu e Memnon teremos ajuda. Não foco muito no fato de que Kane não sugere que nos encontremos e troquemos ideias, nem ele ou sua matilha parecem interessados em estratégias conjuntas. A ajuda deles vai ser totalmente separada de nós.

É melhor que nada.

Durante a semana, volto a usar meus cadernos e é como reencontrar um velho amigo. Embora eu não precise mais de meus diários para ajudar com a memória, agora preencho as páginas com anotações e fotos do Edifício Equinócio, das vítimas do assassinato, do evento do leilão e, finalmente, da própria família Fortuna.

Quando chega o dia da lua nova, estou esparramada na cama de Memnon e estudando as fotos da família por trás de toda essa bagunça.

Tem Juliana, com seu cabelo castanho-escuro e olhos de corça. Na próxima página tem sua irmã, Sophia. Seu cabelo é um pouco mais claro que o da irmã e seu rosto, um pouco mais largo. Não a conheci, mas pelo que ouvi, ela é tão horrível quanto Juliana.

Na página seguinte está Leonard, irmão das duas feiticeiras. Ele é bonito, mas há um toque cruel em sua expressão que faz meu estômago embrulhar de desconforto. Eu também não o conheci, mas no fundo, sinto que ele é o pior de todos, e é o mais envolvido nos assassinatos.

Bem, ele e o pai. Luca Fortuna tem cabelos pretos que ficaram grisalhos nas têmporas e, honestamente, o cara tem uma pele linda mesmo. Como esse cara tem sessenta anos? É alguma parada doentia de, tipo, beber sangue de inocentes?

Fico encarando a família. Tirando a expressão um pouco cruel de Leonard, eles parecem pessoas normais. Eu odeio isso. Odeio que o mal possa parecer totalmente benigno. Eu me pergunto com o que se preocupam, com o que se importam. Me pergunto como eles amam e como choram a morte de Juliana. Eu me pergunto o que isso significa para eles.

Como é o luto deles. Presumi que seria espalhafatoso, mas até agora parece que eles estão tentando encobrir.

Meu celular toca, interrompendo meus pensamentos. Pego o aparelho, pronta para ignorar a chamada, quando vejo quem está ligando. *Kane*.

— Oi…

— *Selene*. — A voz que soluça meu nome não é a de Kane. É…

— Sybil? — Eu me endireito na cama. — Tá tudo bem? Por que você tá ligando do celular do Kane?

Uma onda de magia de Memnon vem flutuando da cozinha, onde ele prepara alguma coisa desde que saiu do meu lado.

— É uma longa história — ela diz com voz rouca. — E sim, estou bem… mais do que bem, finalmente. Eu… eu… o Sawyer me mordeu.

— *Como é?* — Pulo da cama, meu caderno totalmente esquecido. Não sei para onde estou indo ou o que pretendo fazer, mas estou pronta para correr ao auxílio dela assim que ela disser.

Ao meu tom, mais poder de Memnon vem flutuando até mim, a magia índigo envolve protetoramente meu torso.

Ouço os passos do feiticeiro enquanto ele volta para o quarto, claramente pronto para ver como estou.

Será que eu dou parabéns? Avalio o humor dela? É uma ocasião feliz ou…

Ela começa a chorar.

— Eu vou matar ele — digo quando Memnon entra no quarto.

— De quem é a vida que vamos acabar? — pergunta o feiticeiro. Ele atravessa o quarto e pega sua adaga e bainha na mesa de cabeceira, claramente pronto para entrar em batalha comigo.

— Não vai, não — Sybil diz. — Sawyer *salvou* minha vida… e pode ter salvado a sua também.

Fico imóvel com suas palavras, um arrepio percorre minhas costas.

— Me escuta, Selene. Tem uma família criminosa, os Fortuna. — Sybil ofega. — Caralho, consigo mesmo falar sobre isso.

Arrepios surgem em minha pele ao ouvir o nome Fortuna cruzar seus lábios.

Ela começa a chorar de novo e tenta falar através dos soluços.

— Eu não posso… a mordida… quebrou…

Minha mão está tremendo e sinto como se estivesse enforcando meu celular.

— Sybil, por favor, respira. Eu tô te ouvindo, prometo.

— Sawyer me mordeu e quebrou um laço que tinha sido forçado a mim.

Meus pulmões não estão funcionando. Parece que não consigo respirar.

— Onde é que você tá agora? — pergunto.

— Na Sempreviva. Precisava de um pouco de privacidade para conversar… não consegui contar para o Sawyer sobre isso. — Ela hesita. — Não posso demorar muito. Agora que o Sawyer me reivindicou… ele não está tirando os olhos de mim… — Sua voz muda, e ela parece menos traumatizada e mais alegre. Como se ela pudesse gostar dessa possessividade. — Mal consegui convencer ele a me deixar usar o celular do Kane em vez do dele. É assim, intenso. Mas achei que você não atenderia o número de um estranho.

Ela tem razão. Eu provavelmente teria ignorado a ligação e nunca teria ouvido nada disso. Mudo o peso de um pé para o outro.

Parabéns, quero dizer a ela. Parece que essa palavra deveria caber em algum lugar na conversa. Afinal, Sybil se vinculou a alguém de quem ela gosta e, no processo, se libertou de um destino terrível.

— Por favor, sai do meio do mato e volta para o Sawyer e o resto da matilha — imploro. Meu estômago está embrulhando.

Memnon olha para mim enquanto se arma. Dá para ver que ele está segurando muitas perguntas. Sua magia encapsulou quase todo o meu corpo, como se pudesse me proteger dos horrores que minha melhor amiga está me contando.

— Tá bom. — Ela respira fundo. — Tá bom. Mas, Selene, So-Sophia… a filha da puta que me enlaçou… ela tá procurando por você e pelo Memnon desde a última vez que falei com ela. — Ela começa a soluçar novamente. — Tive que quebrar meu celular pra evitar as ligações dela, mas agora tô com medo que ela esteja… ela esteja…

Acho que vou passar mal.

— Você acha que ela está atrás de você também.

Posso sentir minhas próprias lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Acho — ela sussurra. — Ela sabe que você é a minha melhor amiga.

Porra.

— Por favor, se proteja e volte para a matilha agora mesmo.

— Pode deixar — ela promete. — Mas queria que você soubesse que talvez você não me veja por um tempo. Entre isso e aprender a me transformar… não sei quanto tempo vai demorar — confessa. — Vou ter que contar tudo para o Sawyer… — Sua voz falha e posso sentir as emoções da minha melhor amiga desmoronando. — Desculpa por ter sido uma amiga ausente nos últimos tempos — ela diz com voz rouca. — E uma amiga de merda. Tentei te proteger de tanta coisa. Só, por favor, saiba que eu tentei meu…

BUM!

Minha amiga grita do outro lado da linha.

— *Sybil!* — dou um berro.

O que está acontecendo?, Memnon pergunta em nosso vínculo, com uma expressão preocupada.

Estou chorando abertamente agora. Minha melhor amiga se colocou em perigo para me proteger.

— Sybil! — grito outra vez. — Por favor, responda.

Posso ouvir vozes e brigas.

— Você achou mesmo que poderia se esconder de mim? — uma mulher diz.

Ao fundo, Sybil grita.

— E olha quem é. — A voz fica mais alta. — Olá, Selene. Sybil me contou muito sobre você.

O medo toma conta da minha traqueia.

Fiquei tão preocupada com a possibilidade de os bandidos virem atrás de mim que não me passou pela cabeça que pudessem ir atrás de Sybil.

Memnon, os Fortuna pegaram minha melhor amiga. Meu horror está abafando todos os outros pensamentos.

Coloco o celular no viva-voz e o ponho na cama enquanto Memnon se aproxima.

— Sophia?

— Presta atenção, vou ser direta. — Deve ser Sophia. — Sybil vai morrer hoje à noite.

Ao fundo, ouço Sybil gritar novamente.

A magia emana de mim, se espalhando inutilmente pelo quarto.

— A menos, é claro, que você venha resgatá-la.

— O que você…

— Venha para o saguão do Equinócio às dez para a meia-noite — ela interrompe. — Nem antes, nem depois.

Posso ouvir a batida staccato do meu coração.

— Prometa que não vai machucar ela.

— Hum… não. Vejo você à meia-noite.

Clique.

A linha fica muda.

Um grito de raiva sobe pela minha garganta. Antes que eu possa liberá-lo, Memnon está ali.

Ele coloca as mãos nos meus ombros. Sua magia índigo nos rodeia por todos os lados.

— Olhe para mim — ele diz.

Levanto o rosto para observá-lo. Seus olhos estão ansiosos e sua expressão é resoluta.

— Já fomos para a batalha antes, *est amage*. — Ele aperta meus ombros. — Enfrentamos inimigos piores. Vamos salvá-la. Eu *juro*.

Capítulo 45

Naquela noite, olho para as luzes cintilantes da cidade na baía pela janela do quarto de Memnon. Em algum lugar em meio a todo aquele brilho, minha melhor amiga está detida por uma família violenta e assassina.

Nero está ao meu lado, olhando para a extensão escura como se pudesse vê-la também. Minha mente está pegando fogo e o coração, gritando. Eu deveria estar serena, e talvez exteriormente esteja, mas perdi o foco.

Não foi isso que desejei quando ofereci minha vida há dois mil anos. Eu não queria mais daquilo que atormentou meu passado.

Percebo Memnon sair do banheiro da suíte, onde está se arrumando, e entrar no quarto. Ele está tão silencioso quanto minha pantera quando se aproxima de mim.

O feiticeiro passa um braço em volta da minha barriga, o calor do seu corpo aquece minhas costas.

— Está pronta?

Me viro em seus braços e o estudo. O corte afiado de seu queixo, os lábios curvados. Aqueles olhos brilhantes e calculistas e o cabelo escuro e espesso que emoldura seu rosto. Memnon está vestindo um smoking e está tão lindo quanto esteve no baile do Samhain.

— Não — admito, embora ele já deva saber disso. Ainda não tentei vasculhar seu armário para ver se tem algo adequado para uma missão-de-resgate-barra-leilão-à-meia-noite.

Apesar da necessidade urgente de encontrar minha amiga, um tipo diferente de terror toma conta de mim no momento.

Sinto que acabei de começar a redescobrir meu parceiro. E hoje… hoje parece que posso perder tudo.

Memnon inclina a cabeça. Pertinho dos meus lábios, ele sussurra:

— Vai ficar tudo bem.

Ele se aproxima e roça os lábios nos meus. É uma nota de amor em forma de beijo, e eu odeio isso. É muito sentimental, muito melancólico. Faz meus medos gritarem mais alto e minha coragem se aquietar.

— Mais forte — sussurro a ordem junto aos seus lábios. — Me beija mais forte.

E assim Memnon o faz. Ele ainda *precisa*. Seja lá o que sinto por ele é suave, complacente e profundo, mas não é bem amor.

Ainda não.

Por alguns momentos, não há assassinatos nem planos de batalha perigosos. Não há nada além da pressão do terno do meu parceiro contra meu peito e sua boca exigente na minha.

Mas, uma vez que ele se afasta, tudo volta com força total.

O Equinócio. O leilão. Sybil.

Porra.

Porra, porra, porra.

— Acalme seus medos, *est amage* — ele diz. — Eles só vão te sabotar em batalha.

Respiro fundo e assinto. Memnon toca meu rosto.

— Trouxe uma coisa para você.

Antes que eu tenha chance de reagir, ele se retira para o closet. Quando retorna, carrega um vestido longo de seda carmesim e um par de saltos combinando. O vestido em si tem fendas nas laterais e gola tipo gargantilha. Detalhes dourados percorrem suas bordas. É lindo, e a cor e os detalhes são muito, muito sármatas.

— São mesmo — Memnon concorda, ouvindo o pensamento disperso. — É apropriado relembrar as nossas origens numa noite como esta. Derrubamos exércitos e massacramos inimigos uns pelos outros. Somos criaturas ousadas e perversas, *est amage*.

Há apenas algumas semanas, eu teria zombado desse sentimento, mas Memnon tem razão. Somos ousados. Somos perversos.

Hesitante, estendo a mão, esfregando o tecido do vestido de festa entre os dedos.

— Obrigada — digo baixinho. — São… perfeitos. — E o presente em si é atencioso. *Ele* é atencioso.

Pego o vestido e os saltos das mãos de Memnon, desapareço no banheiro e me visto. Depois de colocar a roupa, me inclino sobre a bancada, deixando a magia fluir para pentear meu cabelo antes de tocar na bolsa de maquiagem. Em geral, eu faria isso com Sybil. Ela era quem sempre insistia

em se arrumar. Fazer tudo agora sem ela só me faz lembrar que ela está numa situação ruim, que esteve o dia todo.

Passo batom vermelho e me obrigo a pensar que é uma pintura de guerra. *Vamos te tirar daí, Sybil.*

Quando saio do banheiro, Memnon está sentado na beira da cama, uma bolsa preta aberta a seus pés. Ele ergue o olhar e toda a sua expressão muda ao me ver.

— *Selene*. — Seus olhos sobem para os meus. — Você está tão linda, puta merda.

Uma pontada de nostalgia se infiltra em mim pelo vínculo, junto de uma emoção que parece a realização de um desejo. Passo a mão pela seda, constrangida.

Memnon se levanta da cama, vem até mim e me beija como se eu pudesse escorregar por entre seus dedos. Depois, se afasta.

— Trouxe outra coisa para você também.

Levanto as sobrancelhas.

— Tem *mais*?

Ele me lança um olhar conspiratório enquanto se afasta.

— Já esqueceu, imperatriz? Sempre tem mais quando se trata de você.

O feiticeiro se volta para aquela bolsa de viagem aberta, e eu o sigo, observando com curiosidade enquanto ele tira duas adagas embainhadas, com tiras de velcro enroladas nelas. Levanto as sobrancelhas ainda mais.

— Você me trouxe um par de adagas?

— Minha rainha vingativa precisa de um bom conjunto de lâminas para enfrentar os inimigos. — Memnon se volta para mim e se ajoelha aos meus pés. — Posso? — ele pergunta, apontando para minhas pernas.

Concordo com a cabeça e ele desfaz uma das tiras de velcro. Ele levanta um pé e desliza uma das bainhas pela minha perna, colocando-a bem no topo da minha coxa. Ele aperta e ajusta até que fique confortavelmente presa em mim e o punhal descanse de leve junto à minha pele.

Memnon pega a outra lâmina e bainha.

— Ainda estou me acostumando com a visão de vestidos modernos — ele diz enquanto trabalha. — E tenho que admitir que tem algo muito provocativo neles. — Ele levanta minha saia alto o suficiente para colocar a outra bainha. — Ainda mais quando escondem armas. — Depois que

prende a segunda lâmina, ele se agacha. — Agora, me mostre como é fácil para a minha linda e mortal esposa puxar uma adaga contra um inimigo.

Nunca usei uma bainha na coxa, nem brinquei com facas nesta vida, mas consigo enfiar a mão na fenda do vestido e sacar o punhal em questão de segundos. É leve e delicado, longo o suficiente para atingir órgãos internos, mas fino o suficiente para ser manejado com facilidade. Pressiono a lâmina contra a garganta de Memnon.

— *Bom*. — Seus olhos brilham. — E a outra?

Sem desviar o olhar dele, eu a desembainho e cruzo a segunda adaga sobre a primeira, de modo que o pescoço de Memnon fique preso entre as duas.

O sorriso que ele me dá é absolutamente maligno.

— *Muito* bom.

Tiro as lâminas de sua garganta, colocando-as de volta nas bainhas, e respiro para fazer o desconforto passar. Já faz muito tempo desde que toquei em uma arma pra valer. Meus músculos se lembram dos movimentos, mas minha mente tropeça com a ideia de usá-las.

A expressão do feiticeiro fica séria.

— Não se esqueça, essas são pessoas violentas e perigosas — ele diz, captando meu pensamento disperso. — Use as adagas assim que precisar delas. Se, é claro, precisar delas.

Os olhos de Memnon brilham e fragmentos de sua magia escapam de sua pele. Sei que ele está pensando em acabar com todas essas pessoas sozinho. Posso sentir o chamado à guerra rugindo em nosso vínculo. O senhor da guerra está finalmente de volta à batalha.

— Pronta? — ele pergunta.

Respiro fundo, com o peso reconfortante das adagas.

— Pronta.

Capítulo 46

O Equinócio é um arranha-céu verde-escuro enorme, com paredes externas brilhantes feitas de vidro reflexivo.

A família Fortuna é dona do prédio todo?, pergunto em nosso vínculo, perplexa com a visão da estrutura impressionante.

Cada centímetro, Memnon diz, apertando minha mão.

Olho para ele apenas para ver o espaço vazio. Uma fração de segundo depois, um homem de terno esbarra no que parece ser ar rarefeito, tropeçando um pouco na calçada movimentada. O homem olha em volta e depois encara a mulher à nossa frente antes de prosseguir.

Eu e Memnon colocamos encantamentos em nós mesmos que nos tornam invisíveis. É preciso muito poder, mas é um feitiço bastante simples, que distorce a luz para esconder o conjurador. Já usei isso antes, quando tive que levar Nero em alguns aeroportos, mas esta versão do feitiço é muito mais sofisticada.

Continuamos em frente, na direção do Edifício Equinócio, evitando outros pedestres sempre que possível. Deixamos o carro de Memnon num estacionamento um quarteirão atrás.

Cuidado, Memnon diz. *O prédio está cheio de guardas, câmeras de segurança e sentinelas.*

Não estou preocupada com as duas primeiras, especialmente por estar invisível no momento. É a terceira que pode ser complicada.

Que tipo de sentinelas?, pergunto. Existem proteções que podem confundir a mente, fazendo com que a pessoa fique vagando em círculos, proteções que formam paredes impenetráveis, proteções que deixam alguém irracionalmente assustado, proteções que atiram a pessoa três metros para trás se tocá-las.

Pelo que aprendi quando peguei os corpos aqui, Memnon diz, *os feitiços mudam com frequência, para que os inimigos dos Fortuna nunca saibam direito com o que estão lidando.*

Considerando que agora somos os inimigos em questão, não era bem isso que eu esperava ouvir.

Além das sentinelas, me lembre de novo o que mais a gente deve encontrar?, peço. Já repassamos isso várias vezes, mas agora que a adrenalina está correndo em minhas veias, meus pensamentos se dispersaram.

Deve haver guardas postados ao redor do perímetro do prédio, especialmente porque estão esperando você, Memnon diz. *Eu cuido de qualquer um que encontrarmos.*

Pela primeira vez, estou grata por Memnon não ter frescura com relação à violência. Tento não pensar no fato de que ainda tenho.

Chegamos ao semáforo em frente ao Equinócio e esperamos abrir para os pedestres.

Se esses encantamentos caírem, Memnon diz, *vai ser só questão de tempo até que nos vejam. E quando isso acontecer, as coisas vão se desenrolar bem rápido.*

Engulo em seco. Essa é a parte do plano que me assusta de verdade. Não estamos entrando pelo saguão como Sophia exigiu. Preciso afastar as preocupações sobre o que pode acontecer com Sybil por causa dessa violação do plano.

O semáforo muda para verde, e eu e Memnon atravessamos a rua, com o som de carros e buzinas tocando.

Se os assassinatos e leilões ilegais estiverem acontecendo dentro do edifício, então será uma fortaleza, segura para os Fortuna e os clientes deles, mas não para nós, Memnon diz.

O que significa que a única saída é deter os Fortuna primeiro, junto de qualquer pessoa que trabalhe com eles. Assim que pisamos no quarteirão onde fica o Edifício Equinócio, sinto o puxão da primeira sentinela contra minha pele. Olho para cima e vejo as bordas tênues do feitiço brilhante, de cor framboesa. Não parece nada além de uma teia de aranha cintilante, com fios fracos.

Ouço a mulher atrás de mim tomar um susto. Quando me viro para olhá-la, seus olhos estão arregalados.

Nossa ilusão caiu, Memnon diz em nosso vínculo.

Desgraça.

Parece que a primeira sentinela remove os encantamentos.

A mulher sai correndo e o fluxo de pedestres continua ao nosso redor, o resto da multidão está indiferente ao fato de duas pessoas terem aparecido do nada.

A gente refaz o feitiço?, pergunto a Memnon.

Meu parceiro tenta, sua magia espirala para fora dele, mas o encantamento só se forma por um instante antes de dissipar de novo. Parece que a sentinela não permite ilusões.

Então, não temos escolha.

Continuamos pelo quarteirão até a entrada do estacionamento do Equinócio, que se abre como uma boca. Minha pele arrepia; não vejo câmeras nem guardas, mas isso não quer dizer nada. Os Fortuna já devem saber que estou no território deles. Enfio a mão no decote do vestido e saco o celular para olhar a hora.

23h39.

Tenho onze minutos até ter que aparecer no saguão da frente e 21 minutos até o leilão — e provavelmente o assassinato de Sybil — começar.

Meu coração dispara quando coloco o celular de volta no vestido. Espio a entrada sombria da garagem, notando que na rampa de entrada, outra sentinela brilha. O feitiço semitransparente se estende do chão ao teto como uma parede improvisada. A cor desta é mais óbvia do que a maioria das proteções de alto nível e, neste caso, tem dois tons: laranja queimado em alguns lugares e azul-esverdeado em outros. Está na cara que duas pessoas criaram essa proteção juntas, e a magia não combinava bem.

Eu e Memnon nos aproximamos e procuro por alguma mancha preta que possa indicar uma maldição, mas não vejo nada. A intuição me diz que é só uma sentinela básica, do tipo que deixa algumas pessoas entrarem e mantém outras fora.

Hesitante, levanto a mão e liberto uma nuvenzinha de poder. Observo seu tom laranja-claro atravessar a sentinela sem impedimentos.

Acho que se deixa minha magia passar, também vai *me* deixar passar.

Acho que tá de boa, digo. O suficiente, pelo menos.

Depois de passarmos, Memnon adverte, *vai começar para valer*.

Eis o plano para resgatar Sybil: descer até o andar mais baixo do prédio, o mais próximo da terra. É lá que a magia das trevas vai ter a influência mais forte, então é o lugar mais provável de estarem detendo Sybil, se

pretendem matá-la. Enfrentar os bandidos, salvar minha amiga. É nisso que tudo se resume.

Toco os punhos de minhas novas adagas através da seda macia do vestido e olho para a garagem lá embaixo. *Tô pronta.*

A empolgação crescente de Memnon permeia nosso vínculo. *Depois de você, minha rainha.*

Com isso, passo pela sentinela. A magia desliza pela minha pele, mas não há resistência.

Tum.

Me viro com o som abafado de um corpo batendo na barreira. Memnon ainda está do outro lado da sentinela, com a mão espalmada sobre ela e seu poder se espalhando pela superfície da parede mágica.

Ô, desgraça. Um de nós pode entrar, mas o outro não. Não tínhamos previsto isso. Tento voltar para ele, mas desta vez a sentinela me impede de retornar. Puta merda, ela me prendeu lá dentro.

Memnon estuda o muro mágico que nos separa.

Posso destruir essa daqui, mas quando fizer isso, os Fortuna vão descobrir, e aí a batalha provavelmente vai começar.

Ele não parece chateado com essa perspectiva.

Corro os dentes ao longo do lábio. Acho que não temos tempo para brigar, não se eu quiser encontrar Sybil antes da meia-noite.

Pode me dar uma vantagem de três minutos?, pergunto.

O feiticeiro hesita. *O combinado não era você entrar sozinha. Não sabemos o que nos espera.*

Sinto suas emoções conflitantes em nosso vínculo. Ele acredita na minha força mais do que qualquer outra pessoa, mas também é obcecado com minha segurança.

Sinto as areias da ampulheta em contagem regressiva.

Vou ficar bem, são só três minutos, digo.

A morte pode chegar num instante, Memnon diz. *Já vi você quase morrer antes*, est amage, *depois que te levei à batalha.* Um músculo salta em sua mandíbula. *Você é poderosa e mais do que capaz, mas… essa lembrança está sempre lá, no fundo da minha mente. E está aqui agora.*

Coloco a mão contra a dele. *Você me ensinou a lutar há muito tempo. Suas lições ainda estão aqui. Vou ficar bem.*

As palavras eram para tranquilizar, mas, na verdade, Memnon só parece ter mais a perder agora.

Ele aperta a mandíbula e depois assente com a cabeça. *Dois minutos*, ele corrige. *É só o que eu vou te dar antes de quebrar esta barreira e ir atrás de você.*

Dois minutos.

Assinto e giro, examinando o espaço em busca dos elevadores.

Espere, est amage.

Eu paro, me voltando para ele.

O olhar de Memnon é feroz. *As cidades podem queimar e os séculos podem passar e nada disso significa nada para mim sem você. Então, tome cuidado, minha rainha. E lembre-se: ataque primeiro, pergunte depois.*

Um sentimento surge em mim. *Eu te…*

Seus olhos brilham.

O resto da frase fica preso na minha garganta.

Vou tomar cuidado, digo em vez disso.

Então, eu me viro e corro.

Capítulo 47

Nem trinta segundos depois, ouço um som semelhante ao de vidro se quebrando. Olho ao redor para os vários carros estacionados, quando uma onda de magia me joga para frente. Eu amparo a queda numa pilastra de concreto.

O que foi isso?, pergunto a Memnon.

Mudei de ideia.

Caralho, ele já derrubou a sentinela?

Era pra você me dar uma vantagem de dois minutos. Já era quase nada.

Sim, mas depois decidi que não vou deixar a minha rainha enfrentar os nossos inimigos sozinha.

Memnon. Tivemos todo um momento lá atrás e tudo.

Memnon corre para o meu lado, seus sapatos vão estalando no chão. *Foi um bom momento*, ele concorda.

O som de passos vindo em nossa direção interrompe a conversa.

Se esconda, Memnon me ordena, usando um tom de voz que ele só reserva para a batalha. Sem pensar, me abaixo atrás de um carro próximo.

Estreito o olhar para o feiticeiro, que ainda se destaca em campo aberto. *Você tinha que falar nesse tom comigo?*

Foi eficaz. O que aconteceria se tentássemos fazer isso no quarto…

Eu ia ficar puta, digo.

Bem, agora estou intrigado.

A magia de Memnon emana dele antes que eu tenha a chance de responder. Ouço dois corpos caírem.

Liberado, Selene.

Saio no momento em que ele está curvado sobre dois guardas caídos, sua magia flui sobre os rostos deles. É provável que ele esteja alterando suas memórias.

Memnon se endireita e depois projeta o queixo à nossa frente. *Os elevadores são por ali.*

Há um silêncio inquietante no estacionamento enquanto nós nos dirigimos até eles. Além desses dois guardas, ninguém mais veio ver por que uma das sentinelas externas foi quebrada. Não pode ser acidental, né?

Quando avisto os elevadores, fico tensa. Na frente deles há outra sentinela, esta de uma cor carmesim translúcida, preenchida por fileiras e mais fileiras de glifos cheios de firulas. A sentinela nem está tentando disfarçar. O objetivo é assustar os invasores.

O que você acha que ela faz?

Memnon inclina a cabeça para o lado. *Não sei, mas tem magia das trevas envolvida.* Ele aponta para uma mancha preta.

Eu me aproximo, estudando as linhas do que deve ser uma maldição.

Memnon estende a mão e a toca.

Filho de um porco, ele xinga em sármata, puxando a mão de volta. Observo com horror quando a pele das costas da mão dele se divide, da ponta do dedo até o pulso. A linha da ferida se espalha, ramificando-se ao longo do corte inicial à medida que sobe pelo seu antebraço.

Pego seu braço, a magia emana da palma da minha mão.

— *Vá embora, morte envenenada que corrompe meu espírito*. — O encantamento sai no meu idioma, não no mochica original, mas enuncio o feitiço com convicção. — *Com amor, eu te destruo*.

Observo a maldição se desintegrar, a magia viscosa vai queimando até que tudo o que resta é uma linha de fumaça. Minha magia permanece por mais alguns segundos, selando novamente o corte e curando a ferida aberta.

Quando levanto a cabeça, Memnon está olhando para meus lábios, maravilhado.

Você lembrou o feitiço para quebrar a maldição, ele diz.

Tenho uma memória decente agora.

De repente, ele se inclina e me beija. *Obrigado*. Só consigo provar seus lábios por um segundo quando ele se afasta. *Se prepare.*

Ele se afasta de mim, e eu só capto a centelha de poder em seus olhos antes de ele dar um soco na sentinela carmesim.

CREC.

A proteção se estilhaça, a energia me joga para trás. Memnon segura meu braço e me salva da queda.

Duas sentinelas quebradas. Se os Fortuna não estivessem cientes de um ataque hoje, agora com certeza estão.

É melhor agirmos rápido, o feiticeiro diz em nosso vínculo.

Corremos para os elevadores e eu aperto o botão para descer.

Reúno minha magia enquanto espero, certa de que assim que as portas se abrirem, seres sobrenaturais sairão dela. Mas quando se abrem, o elevador está vazio. Não há pessoas, nem sentinelas — nada além de paredes metálicas reluzentes e outro conjunto de portas na parte de trás do elevador.

Tá muito fácil, digo.

Hum, Memnon pondera.

Pela primeira vez hoje, sinto as dúvidas do feiticeiro.

Se prepare, imperatriz. Nossos inimigos sabem que estamos aqui e estão esperando por nós. Com isso, Memnon entra no elevador.

Hesito apenas mais uma fração de segundo, me preparando mentalmente para qualquer batalha que esteja além destas portas. Então reúno coragem e sigo Memnon.

O elevador é espaçoso e elegante, mas quando as portas se fecham, sinto como se estivesse presa num caixão.

Olho para os números dos andares, ansiosa para sair desta caixa. Há 62 andares numerados, além de alguns níveis marcados com L, G e P que, por uma questão de tempo, devo presumir que não são do nosso interesse. Depois, há os pisos subterrâneos. Naturalmente, o edifício não pode ter só um subsolo, tinha que ter *três*. Entro em pânico e aperto os botões de todos eles.

Memnon arqueia uma sobrancelha para mim.

Eu… tenho um plano.

O canto de seu lábio se contrai. *Não tenho dúvida.*

O elevador apita e as portas se abrem, revelando o andar B1, também conhecido como garagem. Pelo nosso vínculo, sinto a diversão de Memnon. *Ótimo plano.*

Se você tiver um melhor, sou toda ouvidos. Pego o celular enquanto as portas se fecham, verificando a hora.

23h44.

Faltam seis minutos para eu aparecer no saguão. Dezesseis para meia-noite. Minhas pernas começam a tremer quando guardo o celular e o elevador desce para o B2.

Calma, minha rainha. Vamos pegá-los.

Você acha que vai ter mais sentinelas? A gente não cruzou…

A escuridão rouba o final do pensamento e minha consciência junto. Nem sinto quando caio no chão.

Capítulo 48

— Que eu caia morto agora mesmo. Pegamos os dois.

Faço um barulho enquanto abro os olhos, piscando. Estou de cara no mármore frio, vendo a sala toda de lado, mas posso ver vários pares de pernas vestidas de terno.

Antes que eu possa me levantar, sinto a bota de alguém chutar minha nuca. Solto um grunhido quando a dor explode atrás dos meus olhos, embotando minha visão, e caio de volta no chão. Atrás de mim, ouço um grito.

— Fique no chão — uma voz masculina rosna para mim. — Ou vamos te obrigar.

Em algum lugar às minhas costas, posso ouvir soluços suaves.

O homem que me chutou agora se afasta, suas botas rangem no piso.

— Achei que você ficaria feliz por não ter que morrer hoje — ele provoca a mulher que chora.

Sybil.

Levanto a cabeça e a viro, sem me importar com a possibilidade de receber outra porrada na cabeça pela rebeldia.

O golpe não vem, e a primeira coisa que vejo é minha amiga, ladeada por vários homens corpulentos que conversam baixinho entre si. Pelo menos eu *acho* que é Sybil.

O horror desce pelo meu corpo com a visão. Seus dois olhos estão roxos e inchados, quase fechados, e seu corpo, ensanguentado. Ela ainda está soluçando, todo o seu corpo treme.

— Sybil… — sussurro, estendendo a mão para ela.

Sybil olha para mim e depois balança a cabeça freneticamente, indicando com o olhar um dos homens que montam guarda. O homem olha em sua direção e ela se encolhe, os ombros se curvando sobre si mesma.

Foi ele quem causou aqueles hematomas? É um homem morto.

Ignorando seu aviso, meu poder emana da palma da minha mão, visando aquele guarda. Mas a magia só avança cerca de trinta centímetros quando se

espalha por uma parede invisível.

O que…

Me sento um pouco mais, e é quando percebo o círculo de giz desenhado às pressas ao meu redor, claramente feito para conter a mim e ao meu poder.

Estico um dedo até a borda do giz, mas em vez de tocar o pó, sinto a base da parede transparente do círculo.

Estou presa.

Minha atenção passa da barreira invisível para o resto da sala. Tudo em mim fica imóvel quando vejo uma silhueta enorme e caída logo além dos meus pés, presa em seu próprio círculo de giz.

Solto um som baixo e aflito. Só consigo ver desse ângulo os seus cabelos pretos ondulados e suas costas largas. Ele está deitado, sem se mexer.

Memnon? Você tá bem?

Espero por algum tipo de resposta, mas o vínculo entre nós está mudo. Faço outro barulho, e o guarda que me chutou faz careta para mim, dando um passo em minha direção.

— Deixa quieto, Dain — um dos outros guardas diz. — Sophia já está a caminho e quer a menina apavorada, não espancada.

Memnon, acorde! Canalizo toda a magia que posso pelo nosso vínculo.

Nada.

Ainda posso sentir os olhos do guarda, Dain, em mim.

— Sophia quer que a garota fique apavorada?

Pelo amor dos seus deuses, est xsaya, *acorda!*, ordeno.

Do outro lado da nossa conexão, sinto sua consciência estremecer e seu corpo se agitar um pouco.

— Posso deixá-la apavorada — Dain diz, sombrio.

Sybil se encolhe quando ele passa por ela, e juro que vejo as unhas de minha amiga alongarem antes de retraírem depressa. Dain para na beira do círculo de giz que envolve meu parceiro. Ele avalia Memnon com curiosidade antes de levantar um sapato preto polido, como se estivesse se preparando para chutar a nuca do feiticeiro.

Memnon!

Meu poder avança e preenche o círculo mágico quando a perna de Dain se estica.

Mais rápido do que consigo acompanhar, Memnon rola de costas e agarra a bota de Dain. Com um movimento dos braços, ele torce a perna do

guarda.

Crec.

Dain grita ao quebrar a perna e tropeçar dentro no círculo.

Um dos outros guardas corre atrás de Dain, que Memnon agora segura pela cabeça. Meu parceiro vira com força para a direita…

Crec.

Sybil grita quando o corpo sem vida de Dain cai contra Memnon, meio dentro e meio fora do círculo mágico.

O feiticeiro já está arrastando o corpo para tentar fazer com que alguma parte dele borre o giz e quebre o círculo, quando um dos guardas agarra as pernas de Dain.

Ao longe, ouço o barulho de um elevador, seguido pelo clique de saltos, mas quase não presto atenção.

Eu me levanto, colocando a palma das mãos nas paredes translúcidas da minha jaula enquanto observo meu parceiro brincar de cabo de guerra com um cadáver.

Est amage, *você está bem?*, Memnon pergunta em nosso vínculo. Sua preocupação é tão contraditória à maneira impiedosa como ele está lidando com o que sobrou de Dain.

Agora que você acordou, sim.

Fico honrado, Memnon diz.

— Que porra está acontecendo aqui? — A voz de Sophia ecoa no corredor além de Memnon. Um momento depois, ela entra na sala, com mais dois guardas de terno flanqueando-a. Seus olhos caem sobre Memnon, Dain e o guarda. Ela levanta um braço na direção do meu parceiro.

— *Durma*. — O feitiço acerta Memnon bem no rosto, e eu grito quando ele cai de costas contra a parede invisível de sua jaula, de olhos fechados.

O outro guarda tropeça para trás com o corpo sem vida de Dain.

— Seu idiota do caralho. — Sophia cospe nele. — Não está vendo que é um *feiticeiro*? Se eu não tivesse aparecido agora, você estaria morto e a chance de vingança da minha família teria sido desperdiçada. — A magia está emanando dela com sua raiva. Ela gesticula para Sybil. — Levanta da merda desse chão e leve a garota lá para o leilão.

Sybil uiva com a ordem e eu choro junto dela.

O guarda larga Dain e corre até Sybil, agarra bruscamente minha amiga pelo braço e a separa dos dois guardas restantes postados um de cada lado

dela. Sybil começa a gritar e se debater. Vejo pelos brotarem de sua pele antes de voltarem para dentro.

— Você não vai se transformar — ordena a feiticeira. — Nem vai se debater.

Sybil solta um choro desesperado, um arrepio percorre seu corpo quando a ordem faz algo com ela. O fato de as palavras de Sophia terem funcionado significa que minha amiga deve estar enlaçada a ela novamente.

Uma espécie de fúria desesperada surge em mim. Sybil tinha feito tanto para escapar daquela mulher, e tudo isso para quê, um ou dois dias de liberdade?

Bato o punho contra a parede do círculo mágico enquanto observo o guarda arrastar minha amiga para longe.

O ato chama a atenção de Sophia, e ela se vira brevemente para mim.

— Ah, sim, Selene. Você veio. Bem na hora também. — Ela segue meu olhar até Sybil. — Ah, pode ficar tranquila. Sou uma mulher de palavra e prometi que se você viesse, a vida da sua amiga seria poupada. — Ela me lança um sorriso que é mais cruel do que doce. — Então, vou poupá-la.

Sophia chama o guarda em retirada.

— Certifique-se primeiro de garantir que a garota esteja curada, e depois leve-a para se vestir adequadamente para o leilão. Ela precisa parecer atraente, não como se tivesse sido atacada por lobos. — Sophia me lança um olhar conspiratório. — Embora eu tenha ouvido dizer que ela curte esse tipo de coisa.

Sybil começa a berrar de novo, e a feiticeira fica ali, ouvindo seus gritos, enquanto o elevador apita ao longe. Eles continuam até que as portas se fecham e minha amiga é levada embora.

Meu rosto está molhado quando Sophia volta a atenção para a forma adormecida de Memnon. Ela inclina a cabeça, estudando-o por um instante.

— Engraçado pensar que o homem que matou a minha… — a voz de Sophia falha — … tantos de nossos homens… — ela corrige — pode parecer tão vulnerável. Que desperdício — ela reflete, aparentemente para si mesma. Aos guardas que a flanqueiam, Sophia diz: — Levem o feiticeiro até meu irmão imediatamente. Mesmo que esteja em sono profundo, tenham extremo cuidado: ele pode acordar a qualquer momento. Não preciso lembrar a vocês de que ele matou dezenas de pessoas na última vez que ficou bravo.

Memnon!, chamo por ele. *Memnon, acorda!* Coloco toda a intenção de ordem que consigo nas palavras, na esperança de que o enlaço possa forçá-lo a acordar. Mas o feiticeiro não se mexe quando os guardas quebram o círculo de giz e o agarram. Um deles deve ser um mago, porque vejo sua magia vermelho-alaranjada se derramar em torno de Memnon enquanto os dois levantam meu parceiro pelos braços.

Por favor, Memnon, imploro, *acorda*.

Ele ainda não se mexe.

Os dois guardas levam o feiticeiro embora, a ponta dos sapatos do meu parceiro vai fazendo barulho ao arrastarem no chão de mármore.

— O que seu irmão vai fazer com ele? — Minha voz sai como um sussurro.

— A mesma coisa que o meu pai planeja fazer com você — Sophia diz. Ela inclina a cabeça. — Ouvi dizer que está tentando resolver os assassinatos. — Ela me dá outro sorriso cruel. — Parabéns. Está prestes a conseguir. — Ela levanta a mão. — *Durma*.

Capítulo 49

Quando acordo, estou caída entre dois guardas que me seguram pelos braços. Meus pés se arrastam inutilmente atrás de mim.

Levanto a cabeça e pisco para afastar o sono enfeitiçado enquanto nos aproximamos de duas portas marrons sinistras com elegantes puxadores dourados. Com a visão, uma onda de medo percorre minha espinha. Sei por instinto que além delas está o segredo por trás dos assassinatos, o mistério que nem mesmo Memnon foi capaz de desvendar. Posso sentir o mal de tudo o que está além.

Me debato contra o domínio dos guardas, com a magia surgindo. Eu a reúno nas mãos…

— *Durma*. — Agora, é uma magia púrpura que cobre meu rosto, e o mundo fica escuro novamente.

•

É a pontada aguda de dor bem no meu coração que me acorda. Posso sentir o sangue quente jorrando do ferimento, quando de repente, sou jogada para frente no concreto frio, meu corpo desliza sobre ele.

Solto um grunhido, piscando e tentando me concentrar.

Outro feitiço de sono.

Rolo de costas e o movimento faz a pele sobre meu coração arder. Distraída, eu a toco, e meus dedos ficam ensanguentados.

Uma voz rouca e masculina começa a falar em latim, em tom baixo.

— *Pela água e pelo fogo, pela terra e pelo céu, eu invoco os elementos.*

Atrás de mim, ouço o som de areia sendo despejada.

O que diabos está acontecendo?

Espalmo as mãos no chão de concreto e me sento. O lugar é mal iluminado por vários conjuntos de lustres de ferro forjado, e o brilho quente de suas luzes ilumina as paredes pretas da sala cavernosa. Além da luz em

si, não há muita coisa aqui, exceto os dois homens na minha frente e aquele que vem atrás de mim.

O mais velho dos dois usa um terno de tweed marrom, com o cabelo branco e crespo espetado aqui e ali ao redor da cabeça. Ele parece um acadêmico, com exceção dos olhos, que parecem dançar sombriamente na penumbra.

Ao lado dele…

Congelo ao ver o rosto para o qual olhei tantas vezes na última semana. Seu cabelo é um pouco mais branco nas têmporas do que na foto, e sua pele talvez não seja tão invejável, mas Luca Fortuna ainda é uma visão impressionante.

Em suas mãos, ele segura um grimório encadernado em couro, bastante maligno, a julgar pela fumaça preta e viscosa que emana dali.

Ele pausa o encantamento, com os olhos fixos no indivíduo que despeja a areia ao longo de um arco no sentido horário. Olho para o homem em questão. Ele veste um terno, e tem um saco enorme de areia nas mãos.

Não é areia, percebo, enquanto o homem completa o arco e esvazia o conteúdo do saco. É *sal*.

O horror desabrocha. É outra porra de círculo mágico. Que ele acabou de desenhar enquanto eu estava aqui sentada, me orientando.

Avanço para a linha curva de sal.

— *Prenda este círculo para que nada escape*. — Luca termina o encantamento.

O sangue em meus dedos chia ao tocar o sal, e as luzes lá em cima piscam enquanto as paredes físicas do círculo mágico se erguem, me prendendo lá dentro.

Caralho.

Meu coração está começando a bater forte nos ouvidos.

Eu recuo, com os olhos se movendo dos homens para o espaço dentro do círculo. Percebo que o chão de concreto está *manchado* e cheira a água sanitária e…

Sangue.

Minhas entranhas se contorcem quando me dou conta de que foi aqui que todas as outras bruxas morreram. E é aqui que *eu* vou morrer, a menos que consiga escapar deste maldito círculo.

Sinto três pares de olhos em mim. O guarda de terno me lança um olhar inexpressivo, como se tivesse visto coisa demais e não tivesse mais energia para se importar. O acadêmico idoso — ou quem quer que seja — me encara com atenção, com a cabeça inclinada.

Mas é Luca, Luca Fortuna, cuja atenção me prende. Há uma alegria amarga em sua expressão.

— Selene Bowers — ele diz, me olhando de cima a baixo. — É, eu sei o seu nome e sei que você foi uma das últimas pessoas a ver a minha Li… — Ele se interrompe, embora tenha certeza de que estava prestes a dizer o nome da filha.

O acadêmico nos observa com curiosidade, olhando de um para o outro, enquanto o guarda de terno sai em silêncio da sala.

— Não tenho o hábito de aprender os nomes das bruxas de que preciso — Luca continua, chamando minha atenção de volta para ele. — Mas você significa algo para aquele *defunto* desgraçado, o Memnon. Se alguma parte dele ainda sobreviver depois que Leonard terminar com ele, então vou garantir que ele saiba sobre seus últimos momentos e vou saborear a dor dele.

Meu coração quase para com suas palavras. *Memnon*. Não ouvi uma palavra dele desde que nos separamos.

Freneticamente, acesso nosso vínculo, mas além do calor de sua força vital, não há nenhuma centelha de consciência. Ele ainda deve estar dormindo.

Acorda, Memnon, ordeno, sem saber se seria melhor para ele, dadas as nossas circunstâncias.

Mas seja lá qual for o feitiço que pegou meu parceiro, é muito poderoso até mesmo para que minhas palavras penetrem.

O acadêmico olha entre mim e Luca, parecendo um pouco apreensivo com o tema da minha morte iminente e como Luca poderia saboreá-la. Mas não parece surpreso. O homem sabe muito bem que, o que quer que esteja para acontecer, eu não vou sobreviver. Ele sabe e não está tentando impedir de forma alguma. Como se não pudesse evitar, Luca se aproxima da borda do círculo, com o olhar fixo no meu.

— Não preciso ter esperanças de que sua morte seja lenta e dolorosa — Luca diz tão baixinho que só eu consigo ouvir. — Porque eu *sei* que será. Esse é o meu único consolo, saber que fiz justiça à minha Lia.

Meus olhos caem para o grimório nas mãos de Luca. Enquanto observo, mais magia das trevas densa emana como fumaça e se espalha a partir dele.

Respiro fundo com força ao me lembrar dos corpos ensanguentados, da magia das trevas que cobria os restos mortais das vítimas.

De repente, a ficha cai. *O livro não é um grimório.*

Embora a capa nos braços de Luca não tenha título, o livro tem um. Só existe um tomo assim, impregnado de tanta magia profana.

O Livro dos Condenados.

Olho para Luca com um horror crescente.

— Você está invocando demônios.

Capítulo 50

Santa deusa. Demônios.

Aqueles corpos estraçalhados na floresta foram obra de demônios.

Vai ser o meu destino e o de Memnon, a menos que eu consiga escapar desta porra de círculo mágico.

Memnon!, chamo por ele, mais desesperada do que nunca, quase chorando pelo vínculo. *Acorda!*

Mas a outra ponta permanece plácida. O feiticeiro ainda está dormindo.

Minha mente dispara. Só tenho alguns minutos até a meia-noite para pensar em algum tipo de plano de guerra.

Infelizmente, não sei muito sobre demônios. Eles sempre ficaram naquela categoria de "paradas relacionadas a magia das trevas com a qual as bruxas não devem brincar". Devo estar fodida por não ter lido sobre eles.

— Por que estão invocando demônios? — pergunto.

Luca inclina a cabeça.

— Não estamos só invocando — admite o feiticeiro. — Estamos *enlaçando*.

— *Enlaçando*? — repito. Assim que digo isso, toda a indústria dos Fortuna fica clara, e meu sangue gela.

Eles estão no negócio de traficar seres sobrenaturais. Presumi que isso se limitasse àqueles que pertencem a este plano, mas está na cara que não. Estão traficando demônios também.

Meus olhos caem brevemente sobre o acadêmico de aparência um tanto ansiosa. Ele… deve ser o cliente de Luca, que está comprando o laço do demônio.

— Se isso tem a ver com aprisionar demônios — digo devagar, voltando a atenção para Luca. —, então para que precisa de mim?

— Demônios são diferentes dos mortais — Luca responde, recuando. — Eles precisam se alimentar quando vêm para cá, se quiserem permanecer. — Seus olhos percorrem minha forma. — Eles *gostam* principalmente das mais jovens. Algo na sua inocência e vitalidade faz com que vocês tenham

um sabor mais rico e doce. Usamos isso para fazer com que os demônios aceitem o enlaço.

Eu me lembro vividamente do corpo de Charlotte Evensen. Ela foi gravemente mutilada, e todos os seus órgãos foram removidos…

Não, *devorados*.

A náusea me invade.

Olho para o corte em meu peito, e o ferimento faz muito mais sentido agora. É como jogar uma isca sangrenta ao mar na esperança de atrair um tubarão.

Forço o terror crescente a retroceder.

Foco.

Eu não vou morrer hoje. Não assim.

Num impulso, tiro os sapatos, jogando um e depois o outro de lado para conseguir me movimentar melhor. Tento não fazer careta quando o frio do chão penetra na minha pele.

Em seguida, me volto para as paredes da minha prisão. Círculos mágicos como este, que foi ativado com sangue, são notoriamente difíceis de desfazer, qualquer um teria essa dificuldade, exceto o conjurador.

No entanto, um círculo mágico nada mais é do que uma sentinela bastante forte, no fim das contas. As próprias sentinelas são, em essência, tapeçarias gigantes, e assim como elas, podem ser desfiadas se soubermos onde puxar.

Procuro a assinatura mágica reveladora, mas se estiver ali, é tão translúcida quanto o resto das paredes do círculo.

Luca olha para um elegante relógio de ouro em seu pulso.

— Já é hora de começarmos — ele diz ao homem mais velho. — Está pronto, Jacques?

— Estou — Jacques responde, com os olhos brilhando de animação.

— Ótimo. — Com um olhar final e pesado para mim, o feiticeiro começa a encantar em latim novamente: — *Dos fogos infernais, invoco Asmodeus, devorador dos condenados, predador dos angustiados. Tecelão de maldições e consumidor de almas. Eleve-se dentro do círculo que conjurei.*

O ar fumega e depois chia. Plumas nocivas sobem do chão. Em vez de se dissiparem no ar, começam a assumir a forma de um homem.

Puta merda, caralho, *desgraça*.

A fumaça preta e ondulante se acumula.

Do outro lado do meu vínculo, sinto uma centelha da consciência.

Selene! Memnon vocifera. É o primeiro pensamento dele.

Memnon, não perca tempo comigo. Eles estão invocando demônios, eu me apresso em explicar. *Estamos prestes a lutar pelas nossas vidas.*

Ele faz silêncio por um longo e pensativo momento. *Como você sabe?*, ele pergunta por fim.

Estou presa dentro de um círculo de invocação demoníaco. Depois de um momento, acrescento: *Você não está?*

Em vez de responder, o chão começa a tremer e posso sentir a raiva crescente de Memnon.

Memnon, não dê a eles outro motivo para te apagarem, imploro. *Vou ficar bem. Se cuida. Não posso falar agora.*

Eu me afasto da conexão antes que ele possa dizer mais alguma coisa e preparo minha magia. Para esta luta, vou precisar de toda a atenção no adversário.

O demônio agora é menos fumaça escura e mais carne e osso, a magia vai se solidificando nas partes do corpo. Estudo as características da criatura à medida que elas tomam forma.

Ouvi dizer que alguns demônios têm uma aparência realmente horrível, com línguas de serpente bifurcadas, dentes afiados e narizes de fenda, mas este parece um homem, e ainda por cima é bonito — se der para ignorar suas garras afiadas, as pupilas horizontais no centro dos olhos e os chifres sinistros e curvados saindo da testa. Ele também está nu como no dia em que veio ao mundo — ou foi formado, ou condenado, ou seja lá como caralhos os demônios são criados.

— Asmodeus — Luca diz —, ofereço a ti esta bruxa como um sinal de minha boa vontade. — O demônio dá um passo em minha direção, com as narinas dilatadas. — Mas esteja avisado. Há um preço. Com o primeiro gole do sangue dela, você enlaça seu corpo e sua vontade a Jacques Allard. Você há de vagar pela Terra, imortal e imutável, durante toda a vida deste mortal. Após a morte de Jacques, o laço será rompido e você há de retornar ao Submundo. Você tem até o nascer do sol para tomar sua decisão, ou então será banido de volta para o reino de fogo de onde veio.

Asmodeus se vira e lança um olhar para os homens parados ali.

— Eu quero uma *alma*. Só isso servirá.

— Só vai ganhar um corpo — Luca diz suavemente.

A risada de Asmodeus preenche o espaço, arrepiando os cabelos da minha nuca.

— Humano insolente. Você tem alguma ideia de quem eu sou?

Enquanto ele fala, sua cabeça continua vagando em minha direção e suas narinas continuam a dilatar, como se estivesse distraído com meu cheiro.

Porque ele quer me comer.

Porra, será que eu ataco? Será que deixo rolar? Será que eu e o demônio firmamos um pacto profano onde nos tornamos aliados relutantes?

Este último parece bom, tirando o fato de que *ele quer me comer*.

— É claro que sei quem você é — Luca diz. — Está tudo exposto neste livro. As legiões que comanda, os condenados que controla. Você pode voltar a tudo isso ao amanhecer, ou pode se enlaçar a este mago ao meu lado e ver seu primeiro nascer do sol de verdade em 107 anos.

Asmodeus encara Luca e Jacques por um longo momento.

Então, lentamente, o demônio se vira para mim.

Merda. Acho que ele tomou sua decisão.

Mudo o peso de uma perna para outra, reunindo minha magia. Os olhos do demônio mergulham no corte ao longo do meu peito e suas pupilas dilatam.

Asmodeus rosna e então se lança em minha direção. Mergulho para o lado, batendo com força na barreira invisível.

Mal tenho tempo de girar antes que o demônio ataque novamente. E mais uma vez, desvio, escapando por pouco do ataque.

É inútil. Não há para onde correr. O círculo não pode ter mais de seis metros de diâmetro. Posso continuar assim por mais alguns minutos, mas vou tropeçar em algum momento, e a besta vai me pegar. Ele está praticamente vibrando de necessidade.

Formo minha magia na mão.

— *Exploda* — sussurro, jogando o feitiço na direção dele.

BUM!

Ele detona antes mesmo de chegar a Asmodeus, lançando o demônio no ar. Ele bate contra as paredes curvas do círculo mágico e depois cai no chão. Seu ombro está cortado de leve, mas na maior parte, ele parece ileso.

Jacques se aproxima da borda do círculo, com os olhos extasiados enquanto observa a mim e a Asmodeus.

— Não se aproxime — Luca avisa. — Se você borrar o sal, o demônio pode escapar sem o laço, e se qualquer pedacinho seu cruzar a barreira, você pode ser arrastado para dentro, e o demônio ganha um almoço grátis.

Reúno meu poder enquanto, à minha frente, Asmodeus se ergue.

— *Aniquile*. — A maldição sai de mim com um silvo, atingindo-o bem no peito.

O demônio grunhe enquanto cambaleia para trás, mas o feitiço que deveria tê-lo feito em pedaços parece penetrar nele. Asmodeus ri.

— Eu sou feito de maldições, bruxa. Elas não me prejudicam, e sim me *alimentam*.

Essa informação teria sido útil uns segundos atrás.

Do outro lado do meu vínculo, sinto uma onda de dor.

Memnon!

Eu o ouço rir em nossa conexão. *Estou bem,* est amage. *Apenas lutando contra um oponente digno. Aguente firme e infernize essas criaturas.*

Enquanto estou meio distraída, o demônio me ataca, com as garras estendidas. Seu corpo colide contra o meu, nos levando ao chão.

Merda. Pego uma das minhas adagas, mas a arma está presa sob o vestido de seda, e o vestido preso sob o demônio.

Solto um grunhido quando Asmodeus pressiona o rosto no meu ferimento. Sua língua molhada lambe a fenda do corte, e aff, que nojento, caralho. Ele geme.

— Faz muito tempo que não sinto o gosto de carne.

Abaixo de nós, o chão treme.

— Pronto — Jacques diz com muita ansiedade. — O demônio a provou.

— Parabéns — Luca murmura. — Ele concordou com o laço. Agora simplesmente esperamos que ele termine.

Termine de *me* comer, no caso.

Os lábios de Asmodeus se curvam para trás, revelando duas fileiras de dentes afiados. A visão é assustadora, terrível.

Você também é uma coisa sombria e mortal, lembro a mim mesma. Eu me entreguei a esta terra por dois milênios, e agora posso extrair poder dela facilmente.

Aqui, nas entranhas da terra, à meia-noite da lua nova, a magia subterrânea é especialmente forte. Espalmo as mãos no chão frio, buscando o poder enterrado, sugando-o da terra. Minhas palmas pinicam quando a

magia penetra na carne e depois na corrente sanguínea. Ela se acumula como uma tempestade em minhas veias.

Senhora de antigamente, algo muito abaixo de mim sussurra, *já provamos seu sangue e ossos antes…*

O demônio faz uma pausa, inclinando a cabeça para o lado.

— Os Antigos falam com você? *E* já te provaram? — Seus olhos voam sobre meu corpo. — Que interessante. — Ele comenta casualmente, com as garras cortando meu vestido e a pele por baixo.

Estremeço, engolindo o grito enquanto meu sangue jorra.

— Não costumo encontrar mortais interessantes — ele diz. — É uma pena que você tenha que morrer. Mas vou gostar de me deliciar com você.

Asmodeus se inclina para frente, com os dentes e língua quentes em minha carne ferida.

Reúno meu poder e, de uma só vez, empurro na direção dele.

— Sai de cima de mim.

Nuvens da minha magia laranja fazem o demônio voar pelos ares no círculo mágico. Ouço um baque surdo quando seu corpo atinge o chão.

Eu me forço a ficar de pé, mas tão rápido quanto me levanto, Asmodeus também. Um rugido baixo e demoníaco surge em sua garganta, e quando ele olha para mim, seus olhos ficam vermelhos. Levanto a mão.

— *Pare* — ordeno em sármata, meu poder avançando.

O demônio congela no lugar, seu corpo imóvel sob meu feitiço. Ele se mantém por meros segundos antes de Asmodeus o perfurar, e então disparar em minha direção mais uma vez.

Extraio mais força sob a sola dos meus pés.

Imperatriz, as vozes abaixo sibilam, *amage… senhora… rainha… como temos fome…*

— *Exploda*. — Lanço o feitiço no demônio, ciente de que não deve adiantar muita coisa.

BUM!

Ele detona em seu ombro, jogando-o contra a parede do círculo mágico por um momento.

O sangue escorre pelo meu torso, mas estou focada demais em Asmodeus para conseguir me curar. Minha mão paira sobre minha coxa, onde a adaga está escondida.

Em batalha, você não pode confiar apenas na magia para se salvar. Memnon me disse isso há muito tempo.

Me forço a acreditar nisso enquanto Asmodeus se aproxima de mim. Respiro fundo, tentando ficar calma conforme o demônio vai chegando perto. Desta vez, não lanço um feitiço e não mergulho. Deixo Asmodeus colidir comigo, fazendo meu corpo bater contra as paredes do círculo.

Se o demônio fica surpreso com minha súbita falta de reação, não para para questionar. Apenas abre a boca e afasta os lábios, com o olhar fixo em minha garganta. De repente, ele se lança em minha direção.

Agora.

Empunho a adaga e, assim que aqueles caninos afiados se fecham em volta do meu pescoço, enfio a lâmina em sua garganta.

Asmodeus solta um grito profano, libertando meu pescoço ensanguentado. Arranco a adaga e sangue preto respinga em meu vestido e em minha pele. Mais uma vez, enfio a lâmina em sua garganta.

O demônio guincha e depois cai, minha adaga faz um barulho úmido ao sair do ferimento. Asmodeus desaba com força no chão e, deitado no concreto, coloca a mão fraca no pescoço. O sangue jorra depressa por entre seus dedos.

O prédio inteiro estremece, e alguém em algum lugar está borrando as calças agora que percebeu que subestimou meu parceiro.

Tento recuperar o fôlego enquanto olho para Asmodeus. Acredito que demônios não possam ser mortos, apenas enviados de volta ao Submundo.

Eu me aproximo do corpo do demônio. Embora cada fibra do meu ser esteja gritando para fugir dessa criatura, eu me posiciono e monto em cima dele, a adaga ainda segura em mãos.

Ele me ataca, débil, suas garras partem minha carne como uma faca na manteiga. A dor explode em meus braços e tronco, mas eu a ignoro, erguendo a adaga.

Depois, apunhalo com força, deixando a magia guiar meus movimentos. A lâmina fina desliza entre as costelas de Asmodeus e empala seu coração.

O grito do demônio ecoa pela sala, o som é aterrorizante e de outro mundo.

Uso meu próprio sangue e o do demônio, o líquido carmesim vai queimando conforme meu poder o devora. E então, invoco a magia abaixo da terra, puxando-a para dentro de mim.

Nós lhe damos poder. Dê-nos algo em troca.

Ignoro as vozes e preparo um feitiço.

— *De sangue e solo, a terra clama*. — Conforme encanto, coloco meu poder nas palavras. — *Estou te banindo de volta às chamas*.

Minha magia detona, preenchendo o espaço com uma enorme nuvem de plumas laranja-pálidas. Não consigo ver nada, mas não importa, posso sentir minha magia pressionando o demônio.

— Garanto que ela não pode mandar a criatura de volta — Luca diz em algum lugar além do círculo.

Rainha antiga, rainha esquecida… as vozes murmuram.

Cada vez mais forte, meu poder vai aumentando sobre o demônio. Vejo as plumas empurrando mais e mais o demônio ensanguentado.

Asmodeus tenta lutar contra a magia, mas perdeu muito sangue e meu poder o segura firme.

Meu corpo treme enquanto continuo a exercer força, pressionando cada vez mais. Grito com a energia necessária, meus membros começam a tremer enquanto meu poder se esforça.

De repente, há um estalo, e Asmodeus desaparece.

Respiro com dificuldade enquanto me ajoelho no chão, nenhum sinal do sangue preto que se acumulava agora há pouco. Posso ouvir o gotejar constante das minhas próprias feridas ensanguentadas. Além disso, a sala está mortalmente silenciosa. Por fim, Jacques diz:

— Você disse que ela não podia mandar o demônio de volta!

— Isso… nunca aconteceu antes. — Luca pigarreia. — Não importa. Podemos tentar convocar Asmodeus mais uma vez… embora ele possa estar fraco demais para fazer a viagem. Tenho outro demônio em mente que pode ser perfeito. — Ele começa a folhear as páginas do *Livro dos Condenados*.

Lanço um olhar mortal para os dois e reúno minha magia.

Estou irada e impaciente demais para estudar este círculo mágico em busca de alguma fraqueza. Quero sair agora.

Fico de pé e invoco minha magia sem remorso. Um dos aspectos mais básicos de um círculo mágico é que o poder se move em duas direções ao longo deles: no sentido horário para a criação, no anti-horário para a destruição.

Meu sangue continua pingando das feridas do peito, mas para o que pretendo, sei por instinto que preciso de mais. Passo a adaga que ainda seguro no pulso e deixo meu sangue fluir livremente.

Esse tempo todo, fingi ser uma criatura amável, quando ser amável significava negar esta *outra* parte de mim.

Deixo o sangue escorrer pela minha mão em punho até o chão, meus pés descalços pisam nas gotas enquanto começo a andar no sentido anti-horário.

— *Aos deuses que habitam sob meus pés* — exclamo em sármata —, *me deem poder, e eu lhe darei sangue.* — Minha voz soa mais grave, mais forte e mais segura enquanto falo.

Sinto algo abaixo se movendo em direção à minha oferenda. O sangue no chão evapora e uma fumaça espessa da minha magia laranja se ergue, listrada com veias pretas como tinta. Magia das trevas.

Vagamente, estou ciente de que meu poder está caindo no lado errado do bem e do mal. Mas fico emocionada demais com as grossas cordas de poder que extraio da terra. É muito mais magia do que o que o solo costuma oferecer.

Estamos famintos por mais, senhora… mais sangue. Sentimos falta do seu sabor…

Deixo o sangue continuar a cair enquanto ando pelo perímetro do círculo.

— *Do ar, hei de respirar. Com fogo, hei de queimar. Da água, hei de beber. Para a terra, todos hão de retornar.*

Magia de sangue é destrutiva, e eu arrasto essa destruição junto de cada passo que dou. Ela atinge a sentinela e sinto as paredes que me prendem enfraquecendo. O chão começa a tremer, mas desta vez Memnon não é responsável.

— *Céu acima, espíritos abaixo, meu sangue hão de tomar*. — O coven foi só um fósforo; isto é um inferno. — *Esta sentinela, hei de despedaçar*. — Meu olhar cai sobre Luca. — *Este feitiço, hei de quebrar.*

BUM!

O poder flui de mim, destruindo as paredes do círculo mágico. Ele varre a sala, soprando o sal e jogando os homens para trás.

Estou de pé no centro, ferida e ensanguentada, enquanto minha magia recua para dentro de mim, limpando o ar.

Temível alma gêmea, eu senti isso, Memnon diz em nosso vínculo. Juro que ouço a risada baixa do feiticeiro. *Os Fortuna cometeram um erro ao*

tentar capturar uma verdadeira rainha sármata. Espero que você os faça pagar por isso.

Pode deixar. Com isso, me afasto da nossa conexão. Agarro a adaga com força e avanço, a sola dos meus pés vão pisando em todas aquelas manchas de sangue antigas e quase esquecidas. Ainda há magia nessas manchas, rançosas e fétidas, mas ainda assim presentes. Eu as puxo para dentro de mim, e as manchas sibilam enquanto desaparecem.

Este poder veio do sangue das minhas irmãs de coven, dos meus irmãos magos e dos meus amigos licantropos — deles e talvez de outros seres sobrenaturais inocentes que foram forçados a abrir mão de suas vidas. É errado transformar a dor de outra pessoa em poder, mas esses indivíduos já sofreram. Não vou deixar que seja à toa.

Tanto Luca quanto Jacques estão se levantando.

Reúno minha magia…

Luca encanta baixinho e, uma fração de segundo depois, uma maldição me atinge no abdômen. A magia empala meu tronco como se fosse uma estaca.

Cambaleio, engasgando com a dor, e depois caio.

SELENE!, Memnon ruge. O prédio treme violentamente.

Luca se levanta do chão aos tropeços, com o braço ainda estendido. Escondido debaixo do outro braço está o terrível *Livro dos Condenados*. Ainda fumegante, aquele poder acre emana dele.

— Putinha de merda — ele cospe. — Acha que pode me vencer? Na minha própria casa? Eu não sobrevivi todos esses anos só porque quis… — Ele continua falando, mas paro de ouvir quando sinto aqueles seres no chão logo abaixo. Eles clamam perto, atraídos pelo meu sangue derramado.

Podem ficar com ele.

— *Tomem meu sangue, mas poupem minha vida* — sussurro. — *Luca Fortuna e Jacques Allard são a prenda oferecida.*

Meu sangue afunda no chão, sugado pelas criaturas abaixo.

Um momento depois, o chão estremece e uma rachadura se forma debaixo das minhas pernas. Ela desliza para frente, quebrando o concreto e indo direto para Luca. Outra rachadura se ramifica, movendo-se em direção a Jacques.

Assim que a rachadura o atinge, ela se alarga e se transforma em fissura. O prédio range sob a pressão.

— Caralho! — Jacques xinga quando uma de suas pernas cai pela abertura crescente. A terra continua a tremer enquanto ele tenta tirar a perna do buraco. Ele quase sai da fissura quando o chão cede sob suas mãos. Seu corpo é engolido pela terra, e a última coisa que ouço é seu grito ecoante.

— O que você fez, em nome de Deus? — Luca grita conforme a outra rachadura o segue pela sala.

Eu adoraria responder, mas a rachadura abaixo de mim agora aumenta. Eu me arrasto para longe, chorando um pouco enquanto a dor na minha barriga escurece minha visão.

A terra treme novamente e o chão sob o feiticeiro desmorona. Luca larga o *Livro dos Condenados* para se lançar em terra firme, mas ele também cede sob seu corpo. Suas mãos conseguem agarrar a borda do piso de concreto, com vergalhões expostos projetando-se dele.

Os olhos de Luca encontram os meus por um instante, e vejo verdadeiro terror ali. Então a borda de concreto que ele segura desaba, e o feiticeiro cai.

Ele mal desapareceu de vista quando o chão começa a se fechar novamente, o prédio grita e balança ao fazer isso.

Lá em cima, as luzes dos lustres piscam.

Junte-se a nós, imperatriz. Seu sangue é mais saboroso quando vem com sua carne.…

À medida que as vozes falam, o chão sob minhas pernas se desintegra.

Ô, *merda*.

Parece que um portal direto para o Submundo se abriu sob meus pés.

Luto para chegar a um terreno mais firme, gritando conforme o movimento repuxa meus ferimentos. A terra cede mais um pouco abaixo de mim, e engulo o medo enquanto minhas mãos ensanguentadas agarram o concreto liso e gelado. Eu me esforço para sair do buraco, mas meus músculos estão tremendo e minha força está acabando, e cada vez que me mexo, sinto como se estivesse rasgando um pouco mais de minhas entranhas.

Não sei por que estou lutando contra isso. Se esses deuses que habitam sob a terra me querem, terei que morar no céu para realmente detê-los.

Com esse pensamento, minhas mãos afrouxam, e deslizo um pouco mais fundo na fissura.

Não se atreva a parar de lutar. A voz de Memnon ressoa em nosso vínculo.

As portas duplas se abrem e minha alma gêmea irrompe, sua magia ondula ao seu redor como nuvens de tempestade agitadas. Seu cabelo está flutuando e seus olhos brilham de leve. Ele próprio parece completamente destruído. Seu smoking está em farrapos e marcas de garras percorrem seus antebraços, pernas e costas. Ele ainda tem uns cortes horríveis na parte inferior da mandíbula.

Solto um som baixinho diante do estado em que ele está, e o barulho atrai seus olhos para os meus. Assim que me vê, sua magia voa através da sala. Ela se molda ao redor do meu corpo e me arrasta para frente, para fora do abismo.

Grito conforme o movimento parece me rasgar por dentro.

— *Selene*! — Memnon ruge.

Não consigo mais vê-lo com sua magia me rodeando assim. Mas então, sinto suas mãos em mim.

Ele murmura um feitiço rápido e minha dor desaparece. Um instante depois, Memnon me puxa para seus braços, ficando de cócoras para me abraçar, sua mão paira sobre meu ferimento abdominal.

Antes que ele possa lançar um feitiço de cura, o chão estremece mais uma vez, arrancando a mão dele e nos jogando para frente. Parece que a própria terra está tentando nos lançar na enorme fenda da qual Memnon acabou de me tirar.

Senhora… junte-se a nós como fez uma vez…

Meus olhos se movem para a abertura escura nas profundezas da terra, e cerro os dentes.

— Não — digo.

Memnon me lança um olhar curioso antes de seguir meu olhar. Ele estuda a fissura por alguns segundos e depois volta sua atenção para mim.

Você tem falado com os Famintos, não é?, ele pergunta em nosso vínculo.

Eles não pareciam tão ruins quando eu estava enfrentando um demônio, admito com cansaço.

Parece que eles adquiriram um gosto por bruxas poderosas.

Memnon levanta os olhos dos meus. Para o abismo na terra, ele diz em sármata:

— Velhos deuses abaixo, vocês *não podem* ficar com Selene. Ela é minha. Honrem seus juramentos e aceitem meu sangue como oferta de paz.

O feiticeiro desembainha a adaga presa na lateral de seu corpo. Com um movimento brusco, ele corta o antebraço e deixa o sangue escorrer para o chão.

O tremor diminui e depois para por completo.

A sala fica muito, muito silenciosa, exceto pelo barulho das gotas do sangue de Memnon caindo no chão.

Meus olhos encontram os do meu parceiro, me sentindo exposta.

— Obrigada. — Seja lá o que forem essas vozes, são o bicho-papão.

O brilho em seus olhos volta a ficar castanho.

— *Est amage*, não precisa me agradecer por coisas que advêm de ser sua alma gêmea. Puxamos um ao outro da beira do abismo.

Ele limpa a lâmina e a devolve à bainha.

O olhar de Memnon cai para minha barriga e para minha ferida horrível. Ele solta um som agonizante.

— *Est amage*.

A mão de Memnon cobre o ferimento mais uma vez, seus dedos abertos sobre ele, e posso sentir o toque de sua magia enquanto ela penetra, o calor formigante vai se espalhando pela minha carne. Ele murmura o feitiço mochica para quebrar a maldição, e sinto uma escuridão interior sendo liberada e desaparecendo com ela.

— Por mais que eu ame sua ferocidade, não suporto essa parte — Memnon admite. Suas palavras são pontuadas pela sensação desconfortável do feitiço de cura que vai se enraizando e minhas entranhas vão se regenerando. — Cadê o demônio?

— Onde é o lugar dele — respondo.

Um sorriso curva seus lábios e ele inclina a cabeça para poder me ver melhor.

— Essa é a minha rainha. — Seus olhos varrem o caos que ficou a sala. — Percebi que o círculo mágico que você mencionou também desapareceu.

— Eu não gosto nada de ficar presa.

Memnon ri, o som é leve e alegre. Está em desacordo com a magia opressiva que satura as próprias paredes do lugar.

— Claro que não — ele diz animado. — Você é uma rainha sármata, feita para vagar pelas planícies abertas e ilimitadas da estepe. Sua alma é feita de

uma matéria mais vasta. — Ele afasta a mão da minha cintura, estudando a pele rosa recém-formada. Meu parceiro solta um suspiro trêmulo. — Como está sua barriga?

— De boa — digo com desdém, olhando para seu rosto. Não ligo para a minha barriga no momento.

Agarro as lapelas esfarrapadas de seu smoking e o puxo para mim. Seus lábios encontram os meus e nos beijamos como se o mundo estivesse acabando. É brusco, desesperador. Estamos em Roma, estamos em Bósforo, estamos nas estepes da Eurásia e estamos aqui.

Somos eternos.

Sinto meu coração… *ceder*.

Ofego em sua boca com a sensação.

No mesmo instante, Memnon se afasta, seus olhos se voltam para o meu ferimento. Ele coloca a mão de volta na pele e pressiona seu poder em mim. Agarro seu pulso.

— Tá tudo bem. *Eu* tô bem — digo suavemente.

Meu feiticeiro assustador e violento respira fundo.

— Bruxinha, sempre haverá uma parte de mim que teme sua mortalidade, e agora… eu só quero ficar abraçado com você um pouco mais.

Então, nós dois ficamos ali por mais um minuto, Memnon me segura junto a ele. Agarro de leve o antebraço de Memnon e pressiono um feitiço de cura sem palavras em sua pele. Quase de imediato, as marcas das garras começam a se fechar. Observo os ferimentos se recuperando, agora conhecendo a criatura que os infligiu.

— Como você se livrou do seu demônio? — pergunto.

— Arranquei a cabeça do primeiro e do segundo. Apunhalei direto no coração.

— Você enfrentou *três* demônios? — indago, baixinho. Um já foi bastante difícil.

— Leonard estava determinado a me matar.

Fico tensa.

— O que aconteceu com ele?

— Morto. Perda de sangue por uma artéria cortada. — A voz de Memnon fica fria. — Foi rápido e limpo demais para um monstro como ele.

Estremeço ao pensar naquelas velhas manchas de sangue no chão.

Ainda resta uma Fortuna e… caralho, *Sybil*.

Me levanto muito rápido e depois tropeço um pouco.

— Calma, imperatriz — Memnon diz, se levantando.

— A gente precisa salvar minha amiga.

Ele resmunga. *Resmunga*!

— Precisa me fazer agir com honra?

— Memnon!

Há um brilho em seus olhos.

— Estou brincando. — Ele pega minha mão. — Vamos lá salvar sua amiga.

Capítulo 51

Quando chegamos ao leilão, pandemônio.

O salão inteiro é uma massa fervilhante de magia, porrada e bomba.

Licantropos enchem o lugar — muitos deles na forma animal — junto dos convidados do leilão da meia-noite. Esses indivíduos ainda usam vestidos brilhantes e ternos justos. E onde quer que meus olhos caiam, tem gente lutando.

As únicas pessoas ausentes, ao que parece, são os agentes da Politia. Vai entender. Tenho certeza de que eles aparecerão em breve, dada a carnificina.

O sangue decora as paredes, o chão e até algumas das mesas circulares que preenchem a sala. A menos de seis metros de distância, vejo o corpo de um homem com a garganta rasgada, e vários outros corpos caídos sobre as mesas cobertas de linho ou no chão.

Examino a sala, procurando por Sybil e quaisquer outros seres sobrenaturais que possam ter sido cativos, mas é difícil entender o emaranhado de pessoas. Não vejo ninguém que pareça prisioneiro, e só posso esperar que os licantropos já tenham evacuado eles do prédio.

Memnon avança em meio ao caos, seu cabelo começa a flutuar. Seus olhos estão fixos numa mulher à nossa esquerda. O cabelo dela agora está solto e seu vestido, rasgado, mas é fácil reconhecer Sophia Fortuna pela postura altiva de seu queixo e pelo brilho de seus olhos. Um pequeno exército de guardas a cerca, e ela luta por trás deles, lançando feitiços nos licantropos que se aproximam dela. Ouço um lobo ganir quando uma maldição cai e seu pelo pega fogo.

Esta feiticeira tentou tirar você de mim, Memnon diz, desembainhando sua adaga. *Não posso permitir que ela viva*. Seus pensamentos são simples assim, agora que seu poder o consumiu.

Qualquer que tenha sido o plano que nós dois pudéssemos ter elaborado para localizar Sybil, ele simplesmente virou pó com esta batalha.

Memnon avança, e assim que chega perto o suficiente, ele *solta* a fera. O feiticeiro gira e ataca, cortando os adversários, esfaqueando e apunhalando

quando necessário. Ele faz com que pareça uma dança. Que coisa horrível, pensar em matar como uma dança, mas há uma qualidade hipnotizante nisso, mesmo com os esguichos de sangue. O tempo todo, sua atenção permanece voltada para Sophia, que ainda não o notou.

Dou um passo para trás, ansiosa para vasculhar todos os sessenta e tantos andares do prédio, se for preciso, para encontrar minha amiga. Estou prestes a me virar quando uma cascata de cabelos loiros-claros chama minha atenção. Isso desencadeia uma emoção antiga e desagradável e, por reflexo, meu olhar se move para as orelhas da pessoa, orelhas *pontudas*, depois seus olhos, que são da cor da grama doce do prado, um tom muito rico para íris humanas.

Não é possível…

Estou olhando para um fantasma que assombra minhas antigas memórias.

É a fada que quase raptou minha alma gêmea *dois mil* anos atrás.

Eislyn.

Minha magia cresce na hora. Ela deveria estar morta há muito tempo. Até as fadas têm data de validade. Como ela está viva? E que porra ela está fazendo aqui, em São Francisco, *bem neste prédio*?

Mais poder emana de mim quanto mais olho para ela.

Sinto seus olhos encontrarem os meus e a vejo vacilar. E agora, é ela quem olha para mim como se *eu* fosse o fantasma. Ela não sabia que eu estava aqui, viva?

Então seu olhar volta como um ímã para Memnon. Só então me dou conta de que ela estava olhando para ele antes de me ver.

Sua expressão é um misto de medo e cobiça quando ela percebe minha alma gêmea. A possessividade cresce em mim com o olhar, junto da necessidade urgente de acabar com a raça dessa fada antes que ela possa ser uma ameaça para ele mais uma vez.

Sinto o momento em que Memnon a vê. Ele está quase em cima de Sophia quando para. Por vários segundos, ele fica ali parado, completamente imóvel, a cabeça voltada na direção de Eislyn.

Então, de repente, o poder de Memnon o *consome*. Seu cabelo se levanta quase violentamente e faíscas estalam nas plumas de sua magia.

Essa é a mulher que matou a irmã dele, a mãe, os leais irmãos de armas. Foi ela quem sussurrou no ouvido do amigo traidor e negociou um acordo sinistro com Roma. Foi ela quem amaldiçoou Memnon a cem anos de sono

para que pudesse prendê-lo. E foi ela quem enviou uma legião romana contra mim e quase me matou naquela noite fatídica.

Memnon *detona*.

Seu poder se espalha pelo salão, jogando mesas, cadeiras e pessoas pelo espaço. Apenas eu e minha alma gêmea permanecemos de pé.

Memnon marcha em direção à silhueta caída de Eislyn, mais raios de seu poder craquelam em torno de seu corpo. A magia dele parece uma tempestade que desceu sobre o salão. A fumaça de poder captura seres sobrenaturais e os levanta no ar.

Eles gritam e se debatem, mas apenas por alguns momentos. Então algo varre a turva massa de magia, e os sobrenaturais presos nela tornam-se dóceis.

Olho para seus olhos vidrados, pendurados no poder esfumaçado de Memnon.

— Eislyn, o que você está fazendo aqui? — ele grita, sua magia envolvendo o tronco dela. — Era perversa demais para ser aceita no inferno?

Posso sentir seu ódio e raiva o preenchendo como veneno. Isso é mais do que o uso regular de poder. Esse é do tipo que corrói a consciência, e Memnon já tem tão pouca.

— Nem você nem eu acreditamos no inferno, velho rei. — A voz de Eislyn é suave como o vento e melódica como o canto dos pássaros.

Meu parceiro vai se esgueirando devagar na direção da fada, que está presa na matriz da magia de Memnon. Ao contrário dos outros, os olhos de Eislyn estão arregalados e um pouco assustados, mas não vidrados. Na verdade, estão nítidos e bem focados. Ela olha para ele como se estivesse prestando atenção em cada palavra dele.

— Durante dois mil anos, fui forçado a dormir, para escapar da sua maldição — Memnon continua. — Eu não esperava ver você *viva*. Como eu fervo só de saber que você caminhou sob o sol e *viveu* enquanto eu apodrecia. Mas, pensando bem, se você não tivesse vivido, não estaria aqui nas minhas garras.

Crec.

Um osso se quebra em algum lugar do salão, então o corpo sem vida de Sophia Fortuna cai no chão, seu cadáver bate numa mesa ao desabar, seu

pescoço virado em um ângulo impossível. Horas atrás, ela era quase intocável. Agora, está morta, assassinada num piscar de olhos.

— Você sabia que eu estaria aqui ou foi apenas uma feliz coincidência? —Memnon exige.

Os lábios de Eislyn se abrem.

— Achei que tivesse imaginado você — ela diz suavemente.

Crec.

Crec. *Crec*. *Crec*. Um por um, homens e mulheres de terno e vestido caem no chão, mortos.

O que foi que ele me contou sobre o poder de um feiticeiro, na noite do Baile de Samhain?

Quanto mais forte for a magia que lançamos, menos somos capazes de controlar quem essa magia toca.

Memnon não consegue controlar o próprio poder. Não quando está consumido desse jeito.

Eislyn o observa, maravilhada.

— Você é tão cruel quanto eu me lembro — ela diz.

Ela pisca e, depois de um momento, levanta a mão para a magia de Memnon, que a prende como um torno. Ela murmura algo para a magia índigo e, para minha surpresa, a magia afrouxa o abraço sobre ela. Um par de asas se abre em suas costas.

— Acho que não, Eislyn — Memnon diz, usando seu poder para bloquear as saídas.

Ela se vira em pleno ar.

— Voltaremos a conversar, senhor da guerra. Mas não hoje.

Ela balança o pulso, abaixando o braço, e é como se arrastasse a luz consigo. O salão é tomado pela escuridão.

— *Eislyn!* — Memnon grita.

Crec, *crec*, *crec*.

Desgraça. Com certeza, há inimigos nas garras de Memnon, mas também há muitos metamorfos presos nas plumas de seu poder. Quando os corpos caem no chão, forço meu poder, afastando a escuridão.

Pouco a pouco, ela se esvai, revelando um salão cheio de seres sobrenaturais enfeitiçados e um feiticeiro furioso, mas nada de Eislyn.

Memnon ruge com sua ausência e, pelo nosso vínculo, posso sentir mais do poder sanguinário do feiticeiro se libertar.

Agora, está girando em torno dos sobrenaturais lá em cima. Para meu horror, vejo Kane, com o rosto inexpressivo, pendurado na magia de Memnon. Meus olhos correm sobre as pessoas presas até ver Irene, a beta da Alcateia Marin, flutuando no ar. Vejo até mesmo Cara, a fofa da Cara, que deve ter se sentido compelida a vir e salvar outros metamorfos de um destino do qual ela mesma escapou.

Neste momento, além do próprio Memnon, sou a única que não foi dominada pelo seu poder. E dada a quantidade de magia que o feiticeiro utiliza, isso pode mudar a qualquer momento.

— Memnon! — grito. — Por favor, liberte os prisioneiros!

Ele não os liberta. Nem percebe que me ouviu. *Crec*, *crec*.

Mais dois corpos caem, estes dois velhos de terno.

— Memnon! — exclamo, desesperada.

Quando ele se vira para mim, seus olhos queimam como brasas, e seu cabelo está esvoaçando ao redor de seu rosto. Ele me observa, embora seus olhos pareçam vazios.

Para você, minha parceira, ele diz. *Tudo isso é para você.*

Não é para mim. Você está machucando nossos aliados, meus amigos!

Ele olha para mim.

Crec.

Outro corpo cai, uma mulher de meia-idade com um vestido magenta. Até agora, todas as mortes foram de convidados, mas é apenas uma questão de tempo até que meu parceiro mate alguém verdadeiramente inocente.

Você queria impedir essas pessoas terríveis, ele diz. *Nós estamos impedindo.*

Memnon, por favor. Uma lágrima escorre pela minha bochecha quando vou na direção dele. *Estou te implorando!*

Eles não podem te machucar, minha rainha. Eu não vou deixar. Mais ninguém vai te machucar, nunca mais. Nossos destinos não serão repetidos. Ele se afasta de mim.

Crec, crec, crec, crec…

— *Est xsaya!* — As palavras antigas saem da minha garganta num grito agudo. — *Pare!* Por mim. Por nós. Pare antes que eu precise usar minha magia e eu mesma te impedir.

Minha alma gêmea vacila. Lentamente, ele gira para me encarar.

Seus olhos ainda estão brilhando e ainda parecem cegos.

Ele me estuda por um longo momento.

— Não funcionou — ele diz por fim, me observando. — Seu comando não funcionou.

Paro no meio do caminho e nós dois nos encaramos, um de cada lado do salão. Lá em cima, sua magia começa a baixar os reféns ao chão.

— Você me *ama* — Memnon arqueja.

Pisco e outra lágrima rola pelo meu rosto. Seus olhos brilhantes piscam ao observar aquela lágrima. Seu olhar retorna para o meu, e ele começa a atravessar o salão, com a expressão cada vez mais decidida. A magia do feiticeiro vai afastando cadeiras e mesas conforme ele avança.

O poder de Memnon finalmente liberta os sobrenaturais, e a magia índigo os deixa e gira ao nosso redor como um vórtice, escondendo a mim e ao feiticeiro do resto do salão.

— Você me ama — Memnon repete, como se me desafiasse a negar.

Seu olhar ainda queima com seu poder.

Outra lágrima escorre.

— Amo. — Dou a ele um sorriso trêmulo. — Eu te amo. Sempre amei. Só consegui enterrar este sentimento por um tempo. Ele é meu amigo, meu monstro, meu antigo inimigo e amante.

Acabaram-se as defesas. Estou em queda livre.

Memnon se aproxima, com os olhos escurecendo para o âmbar castanho normal e seu cabelo caindo até a nuca. Embora a sua magia tenha diminuído, a intensidade da sua expressão não diminuiu. Ele passa os nós dos dedos no meu rosto.

— *Te amo in aeternum* — ele diz suavemente em latim. Seus olhos examinam meu rosto como se tentassem guardar este momento na memória.

Memnon se inclina e me beija, o toque de seus lábios desesperado. Coloco as mãos em concha em seu rosto. Sinto uma lágrima escorrer pela minha mão e percebo que ele está tremendo, todo o corpo dele está tremendo.

— Um amor como o nosso desafia qualquer coisa — ele sussurra junto aos meus lábios. — Eu sou seu para sempre.

A Politia acaba chegando em algum momento, embora a esta altura, a luta em si já tenha acabado.

Num primeiro momento, espero que os sobrenaturais presentes apontem o dedo para Memnon, que os enfeitiçou por um tempo. Em vez disso, os metamorfos parecem concentrar sua ira nos convidados do leilão, e aqueles indivíduos em trajes de gala parecem estar argumentando na defensiva. Não creio que nenhum deles se lembre de ter sido mantido refém por um feiticeiro furioso.

Assim que fica claro que os policiais querem deter todos por mais algumas horas, minha alma gêmea altera algumas mentes para que nós dois possamos escapar e encontrar Sybil.

Eu e Memnon a encontramos sentada na calçada em frente ao Edifício Equinócio, perto de uma fila de ambulâncias com luzes piscando. Sybil está aninhada entre as coxas de Sawyer, coberta por uma mantinha, e seu novo parceiro está murmurando algo para ela e a abraçando. É surpreendentemente terno.

— Sybil — sussurro, me afastando de Memnon. Aperto mais o paletó que ele colocou em mim, tentando me proteger do frio da noite.

Minha amiga ergue o olhar e um barulhinho escapa de seus lábios quando ela me vê. Ela tira o cobertor, se levanta e então corremos em direção à outra.

Nos encontramos em algum lugar no meio do caminho, e eu jogo os braços ao redor dela. Minha melhor amiga imediatamente começa a chorar em meus braços.

— Eu achei… achei que você ti-tinha morrido — ela se engasga.

Dou uma risadinha enquanto algumas lágrimas escorrem dos meus próprios olhos.

— Não dá pra me matar assim tão fácil.

Eu me afasto, tirando o cabelo dela do rosto para poder vê-la melhor. Suas feridas desapareceram, mas há sombras em seus olhos, coisas que nem mesmo a magia pode curar.

— A gente sobreviveu — sussurro.

Seu rosto se contrai e ela faz que sim com a cabeça, me abraçando com mais força. Aperto os braços dela.

— Obrigada — digo baixinho —, por tentar me proteger por tanto tempo. Você é a melhor amiga do mundo.

Os soluços de Sybil ficam cada vez mais altos e eu a puxo de volta para outro abraço. Ficamos grudadas assim por vários minutos.

— Sybil. — A voz de Sawyer é baixa e rouca quando ele se aproxima de nós. — O carro chegou. — Ele coloca a mão no ombro da minha amiga e passa o polegar sobre um pedaço de pele que causa um arrepio em todo o corpo de Sybil. — A gente precisa te levar de volta. Não é seguro para você estar aqui antes de dominar a transformação.

Como é?

Sybil parece horrorizada quando se afasta de mim.

— Eu nunca… — Mas enquanto ela fala, seu corpo sofre um pequeno espasmo.

Sawyer se aproxima um pouco mais e emite um som suave e vibrante que faz minha amiga relaxar.

— Claro que não. Eu iria garantir que você e a sua melhor amiga ficassem bem.

Meus olhos alternam entre os dois, e só agora percebo que o doce abraço que eu e Memnon vimos entre Sybil e Sawyer há pouco pode ter sido mais do que um simples contato físico. Sawyer podia estar contendo Sybil, caso ela se transformasse sem querer.

O queixo da minha melhor amiga treme, e odeio quão frágil ela parece.

— Selene. — Sua voz está rouca de emoção. — A matilha vai me manter isolada até a próxima Semana Sagrada. Pelo visto, este primeiro mês para as bruxas pode ser… difícil. — Lágrimas brotam de seus olhos e ela parece assustada. Tudo o que ela suportou hoje não deve ter ajudado.

Mas a matilha de Sawyer é boa, e sei que eles cuidarão da minha amiga até que eu possa vê-la novamente. As semanas passarão num piscar de olhos, eu me tranquilizo.

Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha dela.

— Você é fodona. Vai se sair super bem. Tenho certeza disso.

Os olhos de Sybil passam pelo meu vestido esfarrapado e pela pele enrugada dos meus antebraços.

— Você tá bem? — ela pergunta, hesitante.

Assinto e dou a ela um sorriso tenso.

— Tô de boa.

Ela franze a testa, mas depois força o próprio sorriso.

— Fico tão aliviada. — Ela engole em seco e seus olhos estão marejados novamente. — Vai pra casa, Selene — ela diz, com a voz rouca de emoção. — Está congelando aqui fora. A gente se fala mais tarde.

Enquanto ela fala, Sawyer começa a conduzi-la gentilmente para longe de mim e em direção a um carro estacionado atrás das ambulâncias.

— Vou cobrar, hein? — grito para ela.

Fico ali parada, observando Sybil e Sawyer seguirem na direção do carro que os espera. Então Memnon vem para o meu lado, um dos braços envolve meus ombros confortavelmente.

— Ei, Selene — Sybil grita por cima do ombro. Ela faz uma pausa para se virar para mim. — Sete pessoas foram salvas de laços hoje. *Você* fez isso. Não foi a Politia, nem mesmo os metamorfos. *Você*. Espero que saiba o quanto tenho orgulho de ser sua amiga. — Ela me dá um sorriso trêmulo e outra lágrima escorre do meu rosto. — Agora dá o fora daqui, sua doida — ela diz com carinho —, antes que a morte te pegue.

Capítulo 52

Na manhã seguinte, acordo sentindo mãos nas minhas coxas. Os dedos se enterram na pele.

Bom dia, noiva.

Memnon pontua as palavras com um beijo ardente em meu clitóris, e eu acordo ofegando. Quase me levanto da cama.

Memnon sorri junto à minha carne sensível.

— Eu decidi, *est amage*, que como seu marido, vou fazer você gozar na minha língua pelo menos uma vez, talvez duas, todos os dias.

— Como é? — pergunto, atordoada. A noite passada volta à minha mente, mas o toque de Memnon vai logo eclipsando as lembranças.

Começo a me sentar, mas o feiticeiro empurra meu tronco para baixo, puxando meus quadris para mais perto dele.

— E já que você não pode mais mandar em mim — ele continua —, eu controlo o ritmo dos seus orgasmos a partir de agora.

Antes que eu possa responder ou mesmo entender que Memnon está agarrando minhas pernas e bunda, o feiticeiro beija meu clitóris novamente.

Solto um grito, minhas mãos se enroscam em seu cabelo.

Memnon chupa meu clitóris obstinadamente, sua língua acariciando aquele ponto extremamente sensível repetidas vezes.

A sensação é avassaladora.

Meu prazer só aumenta, fazendo meu íntimo se contrair inutilmente.

— *Memnon!* — quase choro.

Est xsaya, ele corrige. *Diga, e eu te dou uma coisa além da minha boca no seu clitóris.*

— *Est xsaya* — suspiro, esperando por um breve respiro do excesso quase insuportável de estímulo vindo daquele feixe de nervos entre minhas coxas.

— Muito bem.

Mais uma vez, sinto-o sorrir e sua boca desce do meu clitóris. Se eu pensei, no entanto, que teria uma pausa da sensação intensa, pensei errado.

A magia de Memnon apenas substitui sua língua, e é igualmente astuta, o poder azul vai circulando aquele centro de prazer repetidas vezes.

A língua do feiticeiro circula minha entrada antes de mergulhar dentro dela.

Ele geme.

— Senti falta do gosto da sua boceta.

Estou me contorcendo embaixo dele. Jogo a cabeça para trás.

— Preciso de você dentro de mim. — É menos uma exigência e mais uma súplica.

— Não — ele sussurra junto à minha pele. — Da próxima vez que eu gozar, você vai estar de branco e eu serei seu marido.

Minha respiração falha. Nosso juramento inquebrável de casamento. Agora que me apaixonei por Memnon, está valendo mais uma vez.

— Mas agora — ele continua —, você vai gozar na minha cara como a boa bruxinha que você é.

Talvez seja a confiança de Memnon, ou talvez eu esteja bastante sugestionável, ou talvez finalmente esteja dominada pela sensação, mas basta outro beijo abrasador dele e meu orgasmo me destrói.

Grito ao gozar, meus dedos puxam o cabelo de Memnon. Sinto seu sorriso enquanto ele continua a me chupar avidamente durante os tremores do meu clímax… e além disso.

— Por que você não parou? — Quase choro quando fica claro que ele não vai parar.

Tem mais uma coisa que vamos fazer todos os dias, ele diz em nosso vínculo enquanto se delicia comigo. *Vou te dizer que te amo mais do que a própria vida, e você também vai me falar essas três palavras mágicas, a partir de hoje. E se você não falar, simplesmente vou te chupar até que fale.*

Você é um escroto.

Ele ri junto à minha boceta, me fazendo gritar.

Sim, ele concorda de todo o coração. *Sou mesmo.*

Olho em direção à cabeça curvada de Memnon.

— Olhe para mim — ordeno.

Não há poder por trás da ordem, mas ainda assim, meu parceiro levanta a cabeça e seus olhos encontram os meus.

— Eu te amo, Memnon. Eu te amo muito. E você não precisa manter nenhuma parte de mim como refém para que eu diga isso. *Eu te amo*.

Seus olhos cor de uísque brilham enquanto ele se banha em minhas palavras. Finalmente, ele solta meus quadris, e eles caem frouxos na cama.

Ao olhar para ele, sinto um aperto no peito. Esfrego a pele entre os seios, mas a pressão não desaparece.

Memnon percebe.

— A magia do nosso juramento inquebrável está se assentando de novo — ele diz baixinho. O feiticeiro sobe pelo meu corpo. — Também sinto. — Ele abaixa a cabeça e dá um beijo no meu esterno. — Sabe o que isso quer dizer?

Parece que meu coração se alojou na garganta.

— Quer dizer — eu falo, com a voz suave — que vamos nos casar hoje mesmo.

Capítulo 53

Memnon sai do quarto para nos preparar café, chá e — a julgar pelo som do fogão acendendo — um café da manhã surpresa. Sinto que as emoções em mim são leves e expansivas demais para serem contidas sob a minha pele.

Então isto é amor.

Solto uma risadinha feliz, e deve parecer que eu perdi a cabeça, assim que Nero entra no quarto e pula na cama sem cerimônia alguma.

Seguro seu rosto peludo nas mãos.

— Você acredita que vou casar? — Meu estômago vibra com o pensamento. *Vibra!*

Nero me lança um olhar que diz *Pois é, não me diga, chocando um total de zero pessoas.*

Mas fui pega de surpresa da melhor maneira possível. Esse juramento foi repugnante para mim quando o fiz pela primeira vez, mas agora… agora me sinto estranhamente emocionada. Fui casada com Memnon uma vez. Ele era um marido incrível naquela época.

Ele vai ser um marido incrível novamente.

Meu celular vibra na mesa de cabeceira, me tirando dos meus pensamentos. Solto Nero, que vai logo limpando o rosto onde o toquei, e pego o celular. Na tela há uma mensagem de Kane.

De repente, toda a noite passada volta com tudo. O demônio, o leilão, a luta, Eislyn.

Selene, a gente precisa conversar pessoalmente.

Outra mensagem segue a primeira.

Agora.

Eu me sento na cama, me cobrindo com os lençóis.

É sobre o Memnon.

Meu coração desaba.

Por quê?, mando de volta, começando a ficar ansiosa.

Espero impacientemente a resposta dele.

Você me pediu para arriscar o pescoço por você há uma semana. Estou pedindo que me dê cinco minutos.

Tá bom, respondo. *Aparece lá na minha casa em meia hora.*

Olho além de Nero para o corredor, por onde Memnon saiu. Posso ouvir o feiticeiro cantarolando baixinho uma velha canção sármata.

Memnon, acesso o nosso vínculo. *Tenho que ir lá no dormitório pegar umas coisas para… mais tarde.*

Em vez de responder, Memnon volta pelo corredor e encosta no batente da porta do quarto. Ele veste apenas uma calça *jogger* de cintura baixa, e a visão de seu tronco musculoso e tatuado faz meus joelhos fraquejarem. Um canto de sua boca está curvado num sorriso suave.

Seus olhos âmbar brilham quando ele me observa. Ele está me olhando com tanto desejo que meu peito dói.

— Não demore muito, bruxinha — ele diz. — Tenho uma surpresa para você antes de fazermos nossos votos.

Meu coração bate um pouco mais forte.

É melhor que isso seja bom pra caralho, Kane.

Capítulo 54

Embora eu não tenha vindo na residência há uma semana, é como se nada tivesse mudado — com exceção, talvez, da solidão. A casa está muito mais silenciosa e vazia do que antes. A princípio, apenas presumo que seja porque os dois seres que faziam este lugar parecer vivo — Sybil e Nero — não estão aqui no momento, mas então percebo que não há sons estridentes e grasnados dos vários familiares que vivem aqui, nem gargalhadas altas das irmãs do coven. As conversas murmuradas que ouço são moderadas. Porém, a casa ainda tem cheiro de comida gostosa. Hoje são rolinhos de canela.

Deixo minhas coisas no quarto e desço para pegar um rolinho quando alguém esmurra nossa porta da frente com toda a brutalidade.

Adivinhem quem pode ser.

Refaço meus passos até o hall de entrada e abro a porta. Do outro lado, está Kane.

— Por que você tá tentando derrubar minha porta como se fosse o Lobo Mau? — pergunto.

Ele me dá olhar severo.

— Não tem graça.

Tem um *pouquinho* de graça, mas guardo para mim. A noite passada obviamente fez todo mundo perder o senso de humor.

Apesar do frio no ar, Kane usa apenas uma regata, short de corrida e tênis. Seu cabelo loiro cor de areia parece despenteado pelo vento.

— Você veio *correndo*? — pergunto, segurando a porta aberta para ele.

O licantropo entra, seu corpo é como um lobo à espreita.

— Você sabia? — ele exige.

Meu coração bate forte. Sei de muitas coisas que provavelmente não deveria.

— Sabia o quê? — pergunto inocentemente. Um momento depois, levanto a mão. — Peraí. Não estou pronta para ter essa conversa até tomar café da manhã. — Ênfase no café.

— *Selene* — Kane protesta, um rosnado impaciente retumba em sua garganta.

Lanço a ele um olhar divertido.

— Esse rosnado podia ter funcionado antes de eu conhecer um demônio. — Agarro sua mão. — Bora.

Sinto sua surpresa com o toque, então a mão dele aperta a minha. Não consigo ver seu rosto, mas o alfa que se irrita com as ordens dos outros agora me permite levá-lo até o refeitório de minha casa.

— Você conheceu um demônio? — Kane repete.

— Só por um tempinho — digo, evasiva. Essa é uma conversa totalmente separada, que vai acabar com meu apetite.

No refeitório da residência, há frutas frescas ao lado de uma bandeja de rolinhos de canela reluzentes, com a cobertura ainda escorrendo.

Solto a mão do metamorfo para pegar dois pratos. Ignorando completamente as frutas, sirvo um pãozinho de canela para cada um de nós e entrego os pratos a Kane.

— Senta lá — digo, apontando para uma das mesas na sala vazia atrás de nós. — Aliás, você gosta de café ou chá?

— Meu Deus, Selene, eu só quero conversar.

Meu esterno lateja, contraindo um pouco mais. O juramento inquebrável que fiz a Memnon está começando a ficar desconfortável.

— Olha, Kane, a noite passada foi difícil, e eu preciso de alguma coisa que pareça normal no momento, então, por favor, senta lá e deixa eu preparar alguma coisa pra você, caralho.

Ele rosna com a ordem.

— *Vai*. — Dou um empurrão nele.

Ele rosna de novo, mas, com relutância, vai até uma das mesas de madeira.

Pego duas canecas coloridas empilhadas ao lado de uma cafeteira e encho cada uma delas de café fumegante. Por capricho, coloco leite em ambas. Não faço ideia se Kane gosta de café com leite, mas já nem ligo.

Com as canecas em mãos, vou até a mesa onde Kane espera, parecendo muito com um lobo enjaulado. Sua perna salta com impaciência.

— Deusa, você faz tanto *barulho* com suas emoções — digo. Entrego uma caneca para ele e me acomodo. — Agora, o que era tão importante que você teve que vir aqui para me contar?

Kane me encara por um longo tempo, como se estivesse me avaliando.

— Que foi? — pergunto, me remexendo um pouco na cadeira.

— Você sabia? — ele repete.

— Sabia *o quê*? — pergunto, tomando um gole de café.

— Sobre o patrimônio de Luca Fortuna?

Minha garganta fica apertada ao ouvir o nome do feiticeiro.

— Do que você tá falando? — pergunto, perscrutando seus olhos. — Por que eu saberia alguma coisa do patrimônio daquele filho da puta?

Mais uma vez, aquele olhar longo e avaliador. Suas narinas dilatam.

— Você tá me cheirando? — pergunto, levantando as sobrancelhas. — O que tá rolando?

— Ele nomeou um sucessor comercial.

— E…? — digo, incerta.

Kane se inclina para frente.

— Luca Fortuna era o único proprietário da Ensanguine Empreendimentos, o conglomerado multimilionário. Além dos três filhos já falecidos, ele tinha uma esposa e duas amantes. E isso sem levar em consideração sua família mais distante ou a meia dúzia de confidentes próximos que ele estava preparando para futuros cargos na empresa.

É evidente que Kane fez o dever de casa sobre a família desde que nos separamos.

O metamorfo lança um olhar para mim, um que me faz querer desesperadamente desviar os olhos.

— Adivinha quem Luca nomeou para herdar o império?

Alguma emoção doentia surge em mim.

— Você me disse que isso tinha a ver com Memnon.

— E tem.

Kane enfia a mão no bolso do short de corrida e tira o celular. Ele toca na tela e desliza o dispositivo para mim. Olho para a imagem de um documento intitulado “Atas da reunião do conselho de administração da Ensanguine Empreendimentos”.

— Olha bem ali — Kane diz, estendendo a mão sobre a mesa para apontar para uma seção da página intitulada “Plano de Sucessão”. — Leia o que diz.

Meus olhos examinam o texto.

No caso da morte de Luca Fortuna, a liderança da Ensanguine Empreendimentos passa para Leonard Fortuna, Sophia Fortuna, Juliana Fortuna e Memnon Uvagukis.

Não consigo respirar por um instante.

— Luca Fortuna nomeou seu parceiro como herdeiro da empresa — Kane diz. — Junto, é claro, dos três filhos legítimos, que agora estão convenientemente mortos.

O horror escorre pela minha espinha.

Kane me estuda, com as narinas dilatadas.

— Você não sabia mesmo — ele diz por fim, como se só agora acreditasse nisso.

— Onde você conseguiu isso? — pergunto.

— A Ensanguine Empreendimentos é uma empresa de capital aberto. O plano de sucessão foi publicado há algumas horas, e um dos meus companheiros de matilha chamou a atenção do nosso alfa.

Pressiono a mão no aperto em meu peito e balanço a cabeça.

— Eu… não estou entendendo.

Só que estou, sim. Estou entendendo a matança, a *reivindicação*. Tudo isso fazia parte do ethos sármata dois mil anos atrás. Um rei não apenas derrotava um inimigo; ele se mudava e adquiria suas terras e riquezas.

Kane suspira, todo o seu corpo relaxa. Ele passa as mãos pelos cabelos despenteados.

— Memnon não destruiu o império dos Fortuna na noite passada. *Ele o assumiu*.

A magia do juramento inquebrável aperta minha traqueia com mais firmeza. Agora parece desconfortável como uma forca.

Est amage, Memnon chama em nosso vínculo, rompendo meus pensamentos. *Espero que esteja pronta. É hora de nos casarmos.*

AGRADECIMENTOS

Se eu pudesse descrever meus sentimentos sobre *Enfeitiçada* numa única frase de efeito, diria que este livro foi pura indulgência. Está cheio de cenas que me deixaram emocionada, furiosa, tensa, suspirando. Embora o livro tenha um fluxo satisfatório, não foi necessariamente fácil de escrever. Tantas falas e cenas foram removidas, pedaços de *Enfeitiçada* que não estavam certos, então tive que deixá-los de lado.

A única pessoa que me ouviu durante toda a vida de *Enfeitiçada* — desde o início até a conclusão — foi meu marido, Daniel. É estranho agradecer por algo que se tornou uma parte tão fundamental do nosso relacionamento, como agradecer a um amigo por ter os mesmos interesses que a gente. Mas quero agradecer mesmo assim, porque sou eternamente grata pelos bate-papos semanais — se não diários — sobre histórias, escrita e todos os belos lugares que elas nos levam. Sou grata por sempre, sempre ter seu apoio, por este livro e por todos os outros, e pelo fato de você comemorar minhas vitórias como se fossem suas. Eu te amo — que seja para sempre.

Para minha agente Kimberly, não sei que boa ação fiz para ter o privilégio de trabalhar com você, mas sou muito afortunada e muito grata por todo o amor e apoio que você dedica aos meus livros. Um agradecimento a Aimee, que perdeu o sono por causa deste livro para poder me dar um feedback.

Christa Désir, você é incrível no que faz e é uma delícia trabalhar com você. Obrigada pelo feedback maravilhoso. Seu entusiasmo e crença nas minhas histórias são tão, tão generosos.

Sabrina Baskey, obrigada por fazer este livro cantar! Apreciei cada um de seus comentários e revisões. Você realmente deu polimento a *Enfeitiçada*.

Um grande agradecimento à minha mãe, que ficou comigo durante o final das minhas edições só para que eu pudesse concluí-las a tempo. Vou tentar não ser melosa, mas a verdade é que significou muito para mim. Eu te amo, mamãe. Obrigada.

Um grande e sincero agradecimento ao meu pai, que interroguei sobre planos de sucessão. E um agradecimento secundário vai mais uma vez para meu marido, que me garantiu que um arranha-céu em São Francisco ficaria de pé mesmo depois que um portal para o inferno rasgasse parte do alicerce. Tenho certeza de que seus professores de arquitetura em Berkerley estão muito orgulhosos de você poder usar seu conhecimento para assuntos tão importantes e preocupantes.

Quero agradecer à minha família como um todo por me apoiar de tantas maneiras durante a jornada deste livro. Foram tantas postagens compartilhadas e tanto amor derramado sobre mim que, honestamente, eu ainda estou comovida com isso.

Para meus filhos adoráveis, embora vocês dois, no sentido mais literal, não tenham ajudado com o livro, ajudaram a acalmar a bagunça da minha mente e me deram suas risadas, sua curiosidade e suas doces travessuras.

Para Naomi, Janett, Kel, Patricia, Lacey e tantas outras — obrigada por amarem esta série, por acreditarem em mim e por entrarem em contato comigo, embora eu seja uma gremlin escritora que é péssima em comunicação. Agradeço de coração todo o amor e entusiasmo que vocês demonstraram.

Por fim, obrigada, caro leitor, por se aventurar nos meus livros e nos meus personagens. Serei eternamente grata pela oportunidade de compartilhar minhas histórias com você.

DA AUTORA SENSAÇÃO DO TIKTOK,
CHEGA UMA NOVA FANTASIA ARREBATADORA!

Selene Bowers sempre sonhou com o dia em que encontraria sua alma gêmea. Em seus devaneios mais profundos, sua vida seria como a de uma princesa num reino encantado. No entanto, tudo a sua volta toma um rumo inesperado quando **Memnon, o Amaldiçoado**, a acusa de assassinato e a força a lembrar de uma vida que ele crê que ela viveu.

Selene se vê presa, não apenas na cadeia, mas em uma teia de memórias e pactos que não pode quebrar.

Memnon despertara, determinado a descobrir por que Selene o traiu, de um sono amaldiçoado e descobriu, no entanto, que estava enganado. Com a memória de Bowers de volta e a verdade revelada, conseguiria o feiticeiro se redimir?

Desesperado por perdão, Memnon oferece um **vínculo mágico** que concede à Selene controle sobre suas vontades, criando uma aliança que se torna, porém, uma dança perigosa entre amor e poder.

Em meio a tantas ameaças, desafios e traições, Selena conseguirá blindar seu coração e proteger o Coven Meimendro?

+18 ANOS

INSIDE BOOKS